



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA



EUNICE DE OLIVEIRA RIOS

**GEOGRAFIA HISTÓRICA, GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E CARTOGRAFIA DE
FLUXOS DA MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA (1911 a 1932)**

GOIÂNIA-GO

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Eunice de Oliveira Rios

3. Título do trabalho

GEOGRAFIA HISTÓRICA, GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E CARTOGRAFIA DE FLUXOS DA MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA (1911 a 1932)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **EUNICE DE OLIVEIRA RIOS, Discente**, em 14/10/2022, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabrizia Gioppo Nunes, Professora do Magistério Superior**, em 14/10/2022, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3235350** e o código CRC **93839E0D**.

EUNICE DE OLIVEIRA RIOS

**GEOGRAFIA HISTÓRICA, GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E CARTOGRAFIA DE
FLUXOS DA MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA (1911 a 1932)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabrizia Gioppo Nunes

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço

Linha de Pesquisa: Análise Ambiental e Tratamento da Informação Geográfica

Goiânia-GO

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

RIOS, Eunice de Oliveira
GEOGRAFIA HISTÓRICA, GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E
CARTOGRAFIA DE FLUXOS DA MATRIZ PENTECOSTAL
BRASILEIRA (1911 a 1932) [manuscrito] / Eunice de Oliveira RIOS. -
2022.
CXCII, 192 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Fabrizia Gioppo NUNES.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de
Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em
Geografia, Goiânia, 2022.

Bibliografia. Anexos.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas,
lista de figuras, lista de tabelas.

1. Sociedade. 2. Religião. 3. Migração. 4. Pentecostalismo. I.
NUNES, Fabrizia Gioppo, orient. II. Título.

CDU 911.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 82 da sessão de Defesa de Tese de Eunice de Oliveira Rios que confere o título de Doutora em **Geografia**, na área de concentração em **Natureza e produção do Espaço**.

Aos dois dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois, a partir das 14:00 horas, por meio de videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **“GEOGRAFIA HISTÓRICA, GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E CARTOGRAFIA DE FLUXOS DA MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Fabrizia Gioppo Nunes (IESA/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Donizete Aparecido Rodrigues (UBI/Portugal), membro titular externo; Professora Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça (U.PORTO/Portugal), membro titular externo; Professor Doutor Eguimar Felício Chaveiro (IESA/UFG), membro titular interno; Professor Doutor Ivanilton José de Oliveira (IESA/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título da tese para a inclusão do recorte temporal da pesquisa, ficando o mesmo **“GEOGRAFIA HISTÓRICA, GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E CARTOGRAFIA DE FLUXOS DA MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA (1911 a 1932)”**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Fabrizia Gioppo Nunes, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dois dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Fabrizia Gioppo Nunes, Professora do Magistério Superior**, em 02/09/2022, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eguimar Felício Chaveiro, Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2022, às 10:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivanilton José De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 05/09/2022, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Donizete Aparecido Rodrigues, Usuário Externo**, em 05/09/2022, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de](#)

eletrônica

[novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Denis Richter, Coordenador de Pós-graduação**, em 13/09/2022, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3138672** e o código CRC **879A9BCB**.

Referência: Processo nº 23070.038697/2022-87

SEI nº 3138672

AGRADECIMENTOS

Gratidão é o sentimento que prevalece neste momento, ao finalizar mais uma etapa de minha vida. Fazendo um retrospecto, reconheço o valor das amizades, do apoio nas horas de dificuldades e de conquistas.

Caminhar em busca de respostas às indagações sobre fatos do passado, que influenciam o presente da sociedade, se tornou um desafio, cuja base é a Geografia Histórica, que me mostrou caminhos a serem trilhados.

Muitas pessoas, de diversas maneiras, contribuíram para que eu chegasse ao final desta caminhada. Minha família, meus amigos e amigas que se multiplicaram ao longo dos anos, aos quais buscarei nominar com muito respeito e carinho.

Em uma linha cronológica, esperando que minha memória não vacile, procurarei agradecer a todos e a todas que, nesta longa jornada, estiveram comigo nas horas felizes e, também, nas não tão felizes. A eles e elas então...

Professor Dr. Gedeon Freire Alencar, “mano amigo”, a quem recorri no início de tudo. Eu o “descobri” através de uma citação bibliográfica, busquei informações pela internet, entrei em contato e aguardei. Pensei... “não vai me responder, uma estranha!” Mas me respondeu, me ouviu e me orientou. Desde então, é um “porto seguro” sempre que preciso.

Dr. Maxwell Fajardo e Dra. Marina Correa, amigos e parceiros na trilha dos estudos sobre Pentecostaisismos.

Projeto concretizado, parti para a seleção de doutorado no Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Classificada, disciplinas cursadas, chegara a hora da busca pelos dados. Viajei para “Belém do Pará”, berço do pentecostalismo assembleiano. Em Belém, recebi valioso apoio da Pastora Rebekah Câmera, liderança da “Igreja-Mãe”, assim denominada por ser o primeiro templo, no Brasil, das Assembleias de Deus. Através da Pastora Rebekah, conheci a Vanessa e a minha estória em Belém caminhou... Clara, que tão gentilmente me hospedou em sua casa; Ana Célia, que me orientou na cidade; Bett, Jorge, Andrey, Ronaldo (*in memoriam*) e pastor Campelo, que me auxiliaram na pesquisa no Museu Nacional das Assembleias de Deus, na cidade de Belém (PA).

Registro, também, a relevante contribuição da Profa. Dra. Ana de Nazaré Martins, da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Senhor Samuel Nelson, pesquisador da história das Assembleias de Deus, meus sinceros agradecimentos pelos materiais e esclarecimentos sobre os pioneiros pentecostais no Brasil, dentre eles seu pai, o missionário sueco Nels Nelson.

Prof. Dr. Donizete Rodrigues, da Universidade Beira Interior (IBI), em Covilhã, Portugal, que, naquela altura (2018), me orientou no estágio desenvolvido no Centro de Ciências Sociais e da Educação (CCSE) da Universidade Estadual do Pará (UEPA).

Trabalho em andamento... vieram as viagens para participação em eventos nacionais e internacionais e juntos estavam os companheiros e companheiras cujo apoio foi inestimável: Ruth Djanice, Débora Rosaboni, Gedeon, Maxwell, Bispo Paulo Ayres, Moab, Marina e Victor Breno, angústias, conquistas e alegrias compartilhadas.

Em pesquisas no Rio de Janeiro, contei com o apoio de meu irmão, Eliel, e minha cunhada, Ruth, que me hospedaram e me acompanharam nas investigações junto ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (Cemp) da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

Ainda no Rio de Janeiro, destaco a contribuição dos historiadores Isael de Araújo e Flavianne Vaz, ambos integrantes do Cemp/CPAD.

Retrocedendo no tempo, Profa. Dra. Sílvia Figuerôa, da Universidade Estadual de Campinas, minha orientadora no primeiro doutoramento, interrompido por uma tragédia pessoal. Ela me ensinou a caminhar pelos meandros da pesquisa acadêmica e a compreender a História das Ciências.

Em Goiás, apoios valiosos...

Custódio, solicitado nas horas de desespero por conta dos meus computadores, sempre encontrou um jeitinho de colocar as máquinas a funcionar.

Elza, minha professora de inglês e amiga, contabilizamos muitas horas na trilha de pesquisas internacionais remotas, principalmente sobre a Suécia. Vislumbro continuar as buscas após a defesa desta tese. O futuro nos espera! Quantas descobertas ainda virão?!

Professores Manoel Bueno Brito e Kedna de Faria Bueno, carinhosamente, “Prof. Nequito e Profa. Kedna”. Compartilhamos momentos de discussão no apartamento em Goiânia e na fazenda deles, em Cristalina-GO. Belas e proveitosas horas de convívio, do café “de matar o guarda” (café bem forte). Eles, cientistas, me proporcionaram uma oportunidade valiosa, a liberdade de compartilhar a investigação sobre o fenômeno pentecostal; quando me senti insegura sobre a temática no meio acadêmico, eles me ouviram e me incentivaram.

Ao mano Eber e cunhada Arlete, pelas palavras sábias e orações.

No âmbito do Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa) da Universidade Federal de Goiás (UFG), meus professores no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo): Prof. Dr. Denis Castilho, Profa. Dra. Eliana Morais, Prof. Dr. Guilherme Bueno, Profa. Dra. Lana de

Souza, Prof. Dr. Denis Richter, Profa. Dra. Rosângela Spironello. Profa. Dra. Fabrízia Gioppo Nunes e Prof. Dr. Alex Mota dos Santos.

Com grande carinho, meus amigos de todas as horas, Luana de Castro Amorim e Onésio Filho, servidores no Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Professor Dr. Carlos Maia (PPG/Iesa/UFG), que me apresentou a Geografia Histórica, me encontrei nela e pretendo caminhar nessa trilha do tempo-espaço.

Professora Dra. Fabrízia Gioppo Nunes, minha orientadora, profissional que admiro e na qual me espelho, guerreira e corajosa, me “abraçou” num momento difícil e me conduziu de forma competente e séria. Nela encontrei uma grande amiga e companheira ao construirmos, juntas, a presente tese.

Membros da banca de defesa do PPGGeo/Iesa/UFG: Prof.^a Dr.^a Fabrízia Gioppo Nunes, Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, Prof. Dr. Ivanilton José de Oliveira e Prof. Dr. Denis Castilho; Prof. Dr. Donizete Aparecido Rodrigues (Departamento de Sociologia/Universidade Beira Interior), Prof.^a Dr.^a Helena Carlota Ribeiro Vilaça (Departamento de Sociologia/Faculdade de Letras e LUP/Universidade do Porto) e Prof.^a Dr.^a Loçandra Borges de Moraes (Unidade Universitária de Anápolis Ciências Socioeconômicas e Humanas Nelson de Abreu Filho – UnUCSEH/Universidade Estadual de Goiás – UEG), meus agradecimentos a todos(as) pelas relevantes contribuições científicas.

Helci e Rodrigo, “irmãos orientados”, ambos me apoiaram nas fases de ansiedade e busca por elucidações acadêmicas e burocráticas. Ademais, compartilhamos, com total respeito e carinho, a nossa orientadora.

Prof. Dr. Alex Mota, com quem descobri a possibilidade de transformar ideias em mapas, de forma científica. Quanta sabedoria e competência!

Grupo gestor da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (Relep) – Núcleo Brasil, pelas sugestões e pelo apoio sempre que necessitei.

Prof. Dr. Sullyvan Garcia, eu testemunhei sua luta para a defesa no doutoramento e pensava: “quando e como será minha hora?”. Ele venceu e eu estou quase lá... Grata pelas orientações, pelo auxílio na elaboração dos gráficos e pelas palavras de incentivo nesse processo repleto de ansiedade.

Aos docentes, discentes e servidores administrativos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), dos quais recebi apoio, em especial, às amigas Prof.^a Dr.^a Loçandra Borges, Prof.^a Dr.^a Flávia de Assis e o amigo Prof. Dr. Vandervilson Alves (UnUCSEH Nelson de Abreu Filho/UEG).

Juliana Souza, analista de geoprocessamento, que contribuiu de forma notável ao me ajudar a colocar no “papel” as reflexões sobre a temática investigada e comigo tecer muitas discussões e trocas de ideias, sempre espelhadas na semiologia gráfica. Finalmente, os mapas estão prontos, documentos cartográficos que representam uma pequena parte do movimento pentecostal no Brasil e no exterior ao longo do período 1910-1932.

Luigi Bonaita, pesquisador do pentecostalismo nórdico e brasileiro, pelas traduções dos artigos do jornal *Evangelii Härold*, conteúdo precioso para a elaboração da presente tese e para as informações sobre a Igreja Filadélfia de Estocolmo.

Marlon, amigo sempre presente e mestre nas soluções dos problemas advindos do ambiente digital, com competência e seriedade.

Capitão PM Álvaro e Coronel PM Sanches, do Comando da Academia da PMGO (CAPM), e 1º Tenente PM Patrícia, do Comando de Apoio Logístico e Tecnologia da Informação (Calti), por terem compreendido minha situação de pesquisadora com baixa mobilidade física, flexibilizando férias e jornadas de trabalho para que minha filha, 3º Sargento PM Ruth, pudesse me acompanhar em viagens de pesquisa e apresentação de trabalhos em eventos científicos.

“Irmãos” e “irmãs” da igreja Assembleia de Deus do Setor Colina Azul, em Aparecida de Goiânia-GO, pelas orações e pelo apoio. Lá “nasceu” o tema da investigação que culminou na presente tese.

Vanessa e seu esposo, pastor Valmir, pelas intercessões e incentivo na busca pela história da denominação.

Sueli Rozaboni, minha prima, distante no espaço, mas perto no coração, grata pelas palavras de sabedoria e de força.

Raquel de Oliveira, prima cujo exemplo de fé e de estudos me marcou no conhecimento das Assembleias de Deus.

Minha família querida... belo presente de Deus, todos e todas, de maneiras diversas, me ajudaram noite e dia. Orações, palavras de carinho, compreensão, incentivo e até, “mão-na-massa”, sem eles não teria chegado ao momento presente.

Com imenso carinho, meus filhos, Eunice Rosaboni, Djalma Júnior, Alexander Gustavo e Ruth Djanice, hábeis pesquisadores em suas áreas de atuação profissional e também na minha temática, me ajudaram na busca por dados sobre o movimento pentecostal.

Minhas noras, Aldenice e Graceli, e meus netos, Débora, Anna, Neto, Davi e Daniel, por terem compreendido minha ausência para me dedicar aos estudos.

Aldenice, obrigada por ter me auxiliando na leitura dos documentos históricos da denominação.

Djalma, esposo, amigo, companheiro, compartilho a conquista desta tese, que é sua também, pois seu apoio incondicional tornou possível a concretização do meu projeto de doutoramento.

Vergílio e Adelaide (*in memoriam*), meus pais, por terem me criado com zelo e dedicação, sempre incentivando meus estudos, mesmo eles próprios não tendo tido a oportunidade de estudar e, principalmente, por terem me ensinado a trilhar o “caminho do Senhor”, onde aprendi a crer, a amar e a respeitar a Deus. Lembranças da mais tenra idade, ainda bebê e nos primeiros anos de vida, por incrível que pareça, fluem neste momento... me vejo no colo de mamãe em momentos de adoração, ela cantando em um coral, tocando violino, e papai, clarinete. Na hora da execução das músicas, mamãe me colocava no chão, para evitar quedas, bem próxima a ela, envolta em mantas. O local era a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na Vila Industrial em Campinas-SP, meados de 1950. Os sons da orquestra, do coral, dos cânticos dos congregados (canções do hinário *Harpa Cristã*) e das orações ainda ressoam em minha mente, assim como vislumbro as luzes dos lustres da igreja, templo que não existe mais, os abraços e cumprimentos na porta da igreja... Sem dúvida, era um ambiente acolhedor, pentecostal, “crentes” dos tempos antigos... imensas saudades deles e desse contexto. Após os cultos, o trajeto de retorno para casa, em bondes elétricos, trilhos de ferro incrustados em ruas calçadas por paralelepípedos. Os anos se passaram e eu não me aparto dos ensinamentos recebidos dos meus pais, fervorosos pentecostais, saberes caros para mim, como a justiça e o respeito às pessoas, mesmo que elas pensem diferente de mim e, também, a intercessão por elas, sempre que se fizer necessário, crendo no Deus Poderoso.

Aos meus familiares, aos amigos e amigas, aos professores e servidores do PPGeo/Iesa/UFG, aos “irmãos e irmãs de fé”, às pessoas que, de forma direta e indireta, contribuíram nesta jornada (das quais não esqueci as feições, mas não consegui me lembrar dos nomes), meus sinceros agradecimentos. Deus vos abençoe ricamente.

Ao Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o meu Deus também, em quem confio, me fortaleço e persisto na jornada, sei que nunca me abandonará. A Ele, toda a honra e toda a glória!

RESUMO

Na presente tese, abordou-se o movimento pentecostal relacionado ao contexto socioeconômico no Brasil, nos anos de 1910 a 1932, período marcado por mudanças sociais, econômicas e políticas, cujos resultados influenciaram sobremaneira a implantação e a expansão do Pentecostalismo no País. A Matriz Pentecostal Brasileira surgiu e se expandiu de forma ativa e abrangente. Seu berço foi a cidade de “Belém do Pará”, de onde o “fogo” pentecostal se espalhou pelo Norte e Nordeste, subindo rios e alcançando florestas e o sertão, a cidade e o campo. Na década de 1920, alcançou o Sudeste, tendo como centro irradiador a cidade do Rio de Janeiro, novas realidades, a força do urbano. A expansão se acelera e chega ao sul do País. Os adeptos se multiplicam, assim como a liderança se diversifica e surgem novas formas de pensar, multiplicam-se os embates, que levam às mudanças significativas dentro do movimento, caracterizando o lento fim de uma época, a dos missionários pentecostais suecos, em especial de um casal que deixou um legado à denominação, Gunnar Vingren e Frida Vingren. Nesse cenário, o objetivo desta tese centrou-se no arcabouço teórico da Geografia Histórica, da Geografia da Religião e da Cartografia Dinâmica. Buscou-se criar mapas que representassem a origem e a expansão da matriz pentecostal brasileira, inserida no processo de urbanização e migração, nas primeiras décadas do século XX. Assim, realizou-se uma vasta revisão bibliográfica sobre a temática Pentecostalismo, sociedade e religião através dos conceitos da Geografia, bem como pesquisas derivadas de documentos, diários e jornais. Como produto final, obteve-se um resgate histórico sobre as Assembleias de Deus, nos seus primórdios, considerando-se as características sociais e econômicas do Brasil, no período analisado, bem como a representação dos fluxos transnacionais e nacionais da implantação e expansão da matriz pentecostal assembleiana brasileira.

Palavras-chave: sociedade; religião; migração e Pentecostalismo.

ABSTRACT

In this thesis, we will approach the Pentecostal movement related to the context in Brazil from 1910 to 1932, a period marked by social, economic, and political changes which results greatly influenced the implantation and expansion of Pentecostalism in the country. The Brazilian Pentecostal Matrix emerged and expanded actively and comprehensively. Its birthplace was the city Belém of Pará. From where the Pentecostal “fire” spread through the North and Northeast, up rivers and reaching forests and hinterland, the city, and countryside. In the 1920s, it reached the Southeast, in the city of Rio de Janeiro, as the radiating center. New realities, the urban strength. The expansion accelerated and reached the south of the country. The supporters multiply as leadership diversifies, and new ways of thinking emerge, clashes multiply, which lead to significant changes within the movement, characterizing the slow end of an era, that of the Swedish Pentecostal missionaries, in particular a couple that left a legacy to the denomination Gunnar Vingren and Frida Vingren. In this scenario, the objective of this thesis focused on the theoretical framework of Historical Geography, Geography of Religion, and Dynamic Cartography. It was sought to create maps that could represent the origin and expansion of the Brazilian Pentecostal Matrix, inserted in the process of urbanization and migration in the first decades of the 20th century. Thus, a vast bibliographic review was carried out on the Pentecostalism theme, society, and religion through the concepts of Geography, as well as research derived from documents, diaries and newspapers. As a final product, a historical rescue was obtained, about the Assemblies of God, in its beginnings, considering the social and economic characteristics of Brazil, in the analyzed period, as well as the representation of transnational and national flows, implementation and expansion of Brazilian Assembly Pentecostal Matrix.

Keywords: society, religion, migration, and Pentecostalism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADs	Assembleias de Deus
CCB	Congregação Cristã no Brasil
Cibi	Convenção das Igrejas Batistas Independentes
Ciebib	Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil
EBD	Escola Bíblica Dominical
EUA	Estados Unidos da América
MPAB	Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira
PIB	Primeira Igreja Batista
Relep	Rede Latino-Americana de Estudos do Pentecostalismo
SIGs	Sistemas de Informação Geográfica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diáspora Judaica (30 d.C.).....	42
Figura 2 – Nações mencionadas no dia de Pentecoste	43
Figura 3 – Expansão do Cristianismo na Era Apostólica – século I (33 a 100 d.C.)	46
Figura 4 – Expansão do Cristianismo no século II.....	49
Figura 5 – Heresias na Europa Medieval (1160-1260).....	51
Figura 6 – Movimento dos Morávios: locais das missões.....	53
Figura 7 – Pentecostalismo: mapa histórico	66
Figura 8 – Brasil: imigração (1884 a 1933).....	78
Figura 9 – Proto-pentecostalismo brasileiro (1846-1890).....	82
Figura 10 – Fluxo da implantação do Pentecostalismo no Brasil (1910 a 1912).....	87
Figura 11 – Variáveis visuais da linguagem cartográfica.....	92
Figura 12 – Mapa de Ravenstein: primeiro mapa de fluxo representados por setas	95
Figura 13 – Belém (PA): sede da <i>Port of Pará</i>	99
Figura 14 – Porto de Belém, Pará (1910).....	101
Figura 15 – Dinâmica dos jovens missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren ao chegarem em Belém-PA.....	106
Figura 16 – Residência de Celina e Henrique Albuquerque	109
Figura 17 – Belém – Missão da Fé Apostólica (1911-1914).....	111
Figura 18 – Belém: primeiro templo das Assembleias de Deus (1914).....	112
Figura 19 – Belém: Assembleia de Deus (1911 a 1926).....	113
Figura 20 – Mapa: Viagens de Daniel Berg às ilhas de Marajó-PA, 1911-1914	115
Figura 21 – Brasil: Missão da Fé Apostólica (1913-1917)	119
Figura 22 – Expansão das Assembleias de Deus no Brasil (1911 a 1956).....	130
Figura 23 – Brasil: População total e assembleianos (1910 a 2010).....	131
Figura 24 – Frida Maria Strandberg Vingren	135
Figura 25 – Casal Vingren (1917).....	137
Figura 26 – Gunnar e Frinda Vingren no Pará	140
Figura 27 – Assembleia de Deus: Rio de Janeiro – locais de reunião (1924-1932).....	146
Figura 28 – Fluxo de missionários na Convenção Internacional da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, em 1926	148
Figura 29 – Retorno da família Vingren à Suécia	162
Figura 30 – Gunvor Vingren a caçula do casal Vingren	163

Figura 31 – Circuito de Frida Vingren como missionária enviada ao Brasil (1917-1932)	164
Figura 32 – Rio de Janeiro: expansão das Assembleias de Deus (1924 a 1932).....	165
Figura 33 – Expansão das Assembleias de Deus: do Rio de Janeiro para Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina (1927 a 1931).....	166

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Expansão do movimento Pentecostal na Era Apostólica (33 a 100 d.C.)	45
Quadro 2 – Proto-pentecostalismo brasileiro (1846-1890)	81
Quadro 3 – Missionários suecos no Brasil (1910-1930).....	127
Quadro 4 – Brasil: implantação e expansão da Matriz Pentecostal Brasileira (1911-1956)..	128
Quadro 5 – Rio de Janeiro: convenção internacional da Assembleia de Deus (1926).....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Belém – Missão de Fé Apostólica (1911-1914)	110
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Nota metodológica	21
CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA HISTÓRICA E GEOGRAFIA DA RELIGIÃO	24
1.1 Geografia Histórica	24
1.2 Geografia da Religião	31
<i>1.2.1 A religião no espaço e no tempo</i>	31
<i>1.2.2 Espaço sagrado: poder, religião e representação</i>	35
CAPÍTULO 2 – ORIGEM E PRECURSORES DO MOVIMENTO PENTECOSTAL: ATRAVÉS DOS SÉCULOS E DOS CONTINENTES	37
2.1 O Pentecostalismo Histórico Tradicional – Igreja Primitiva	37
2.2 A pentecostalidade no Cristianismo	39
2.3 Pré-Pentecostalismo: precursores do pentecostalismo moderno	41
2.4 Movimentos pentecostais anteriores à Reforma	49
2.5 Movimentos pentecostais posteriores à Reforma	55
2.6 Avivamentos na Europa e na América do Norte (séculos XVIII e XIX)	57
<i>2.6.1 Avivamento Pentecostal – Primórdios do Pentecostalismo na América</i>	59
<i>2.6.2 Estados Unidos: sociedade e religiosidade (século XIX-XX)</i>	62
<i>2.6.3 William J. Seymour e a explosão pentecostal na América – Rua Azusa</i>	64
CAPÍTULO 3 – BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO E PENTECOSTALISMO (1910 A 1932)	68
3.1 O contexto econômico brasileiro em fins do século XIX e início do século XX	68
3.2 Origem das denominações pentecostais no Brasil	81
<i>3.2.1 Congregação Cristã no Brasil</i>	83
<i>3.2.2 Igreja Evangélica Assembleia de Deus</i>	83
<i>3.2.3 Igreja Batista Sueca</i>	85
CAPÍTULO 4 – CARTOGRAFIA DE FLUXO: ORIGEM E DESTINO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL ASSEMBLEIANO NO BRASIL BELÉM, PARÁ (1911 A 1924)	88
4.1 Cartografia de Fluxo para representação da dinâmica da Matriz Pentecostal Brasileira	90

4.2 Belém-PA: o “Norte” – origem do movimento pentecostal assembleiano (1911).....	96
4.3 Para além de Belém do Pará: Nordeste e Portugal – o movimento pentecostal se expande (1913-1917).....	118
4.4 Belém do Pará: Base da Missão Livre Sueca no Brasil.....	123
CAPÍTULO 5 – CARTOGRAFIA DE FLUXO: ORIGEM E DESTINO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL ASSEMBLEIANO NO BRASIL, RIO DE JANEIRO (1924 A 1932).....	
5.1 De Belém (PA) para o Rio de Janeiro: a “Chama Pentecostal” alcança o “Sul” (1924)	132
5.2 Frida Vingren, a missionária sueca pioneira do movimento pentecostal no Brasil .	135
5.3 A Assembleia de Deus no Rio de Janeiro e a fase Vingren-Vingren.....	143
5.4 Gunnar Vingren e Frida Vingren – dedicação à missão pentecostal no Brasil	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS.....	173
ANEXOS.....	186
Anexo A – Relato do Pastor Paulo Leivas Macalão	187
Anexo B – Carta do Missionário Gunnar Vingren (1929).....	190

INTRODUÇÃO

A tese “Geografia Histórica, Geografia da Religião e Cartografia de Fluxos da Matriz Pentecostal Brasileira” aborda a implantação e a expansão do Pentecostalismo no Brasil em meados do século XX.

O Pentecostalismo é um movimento cristão, fundamentado na ação do Espírito Santo na vida de uma pessoa ou de uma comunidade. Seus sinais são manifestos em fenômenos conhecidos como dons ou carismas. A origem do Cristianismo está relacionada à manifestação do Espírito Santo em Jerusalém, entre os apóstolos de Jesus, por volta do ano 33 d.C., em plena festa judaica do Pentecostes.

Os cristãos primitivos criam que, imbuídos pelo poder do Espírito Santo, deveriam exercitar os dons ou carismas, levando a sua crença por todo o mundo, alcançando diferentes culturas, povos e nações. Através dessa ação, os seguidores de Cristo expandiram o Cristianismo de diversas formas, em diferentes épocas e contextos, concretizado numa dinâmica espacial e temporal passível de representação cartográfica.

O movimento pentecostal, desde os primórdios do Cristianismo, tem vivenciado momentos de plena aceitação, outros de rejeição e perseguição, assumindo diversas faces em conformidade com a sociedade em que está inserido, mas mantendo alguns elos entre si, como a crença na ação do Espírito Santo na vida de seus seguidores.

O Pentecostalismo chegou ao Brasil no princípio do século XX. Notadamente, as capitais e as grandes cidades vivenciaram uma metamorfose política, social, econômica e religiosa, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Tecnologias modernas como automóveis, trens, telégrafo, elevadores, telefones e a energia elétrica, no início do século XX, eram os novos instrumentos que indicavam a modernidade urbana. Belém, a *Paris Tropical*, e o Rio de Janeiro, a *Cidade Maravilhosa*, eram cidades portuárias, cosmopolitas, marcadas pelo tráfego marítimo, o principal meio de transporte e comércio da época, além de serem consideradas centros de migração e de novas tecnologias. Essas cidades tinham também, em comum, o movimento religioso conhecido como Pentecostalismo.

Em São Paulo e Paraná (1910), Pará (1911) e Rio Grande do Sul (1912) aportaram missionários suecos, que implantaram e divulgaram o movimento pentecostal no Brasil, dando origem à denominação conhecida como Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Assim, em sua versão sueca, a Matriz Pentecostal Brasileira – Assembleias de Deus – expandiu-se de forma lenta até meados de 1950, passando, desde então, por um processo intenso de ampliação, **esgarçamento** e diversificação.

Dentre os vários missionários suecos que chegaram ao Brasil, Frida Vingren (assim conhecida) destacou-se pelo seu trabalho, fato que provocou questionamentos por parte da liderança da denominação por vários anos, culminando com o seu retorno ao país de origem.

Frida Maria Strandberg (1891-1940) chegou ao Brasil numa época em que as mulheres não votavam, não trabalhavam fora de casa e não viajavam desacompanhadas. Ela saiu, sozinha, de Estocolmo (1917), passou pelos Estados Unidos da América (EUA) e veio morar no Brasil. Nesse cenário, surgem alguns questionamentos norteadores desta pesquisa, como: i) Qual foi a dinâmica espacial vivenciada pelos missionários suecos no território brasileiro, bem como os modeladores de fluxos da espacialidade dos movimentos pentecostais? ii) Quais foram os missionários suecos enviados ao Brasil? iii) De que forma eles influenciaram a expansão da matriz pentecostal brasileira? iv) Quem foi Frida Vingren? e v) Como se dava o processo de urbanização e de migração populacional no Brasil do período em estudo?

Responder a essas perguntas-**chaves** é uma forma de entender o contexto de uma das mais marcantes configurações religiosas brasileiras em seus primórdios. Para tanto, acredita-se que a linguagem cartográfica será um bom elemento representativo dos polos de deslocamento da origem e do destino, bem como dos fluxos de expansão da “Matriz Pentecostal Brasileira – Assembleias de Deus”.

Como hipótese desta pesquisa admite-se que as mudanças sociais e econômicas, a intensificação da imigração e da migração interna, o aumento populacional e o comércio internacional foram os elementos indutores dos movimentos pentecostais brasileiros, no período de 1910 a 1932. Tais fatos foram comprovados através dos produtos cartográficos, produzidos a partir de documentos históricos, dados bibliográficos e da aplicação da metodologia da Cartografia Temática.

Assim, acredita-se que a implantação e a expansão da Matriz Pentecostal Brasileira – Assembleias de Deus (ADs) no Brasil se devem às questões socioeconômicas, suecas e brasileiras e à liberdade religiosa do País, podendo-se, assim, destacar dois conjuntos de fatores estimuladores e dois complementares, ou seja: i) as características sociais, econômicas, políticas e religiosas do contexto brasileiro nas primeiras décadas do século XX e os movimentos migratórios nacional e internacional; e ii) o contexto da modernidade presente nas cidades de Belém e Rio de Janeiro, no princípio do século XX, além de serem cidades portuárias com características comuns de urbanização, dinâmica migratória, crescimento populacional e comércio internacional relevante.

Frida Vingren desenvolveu um trabalho sociorreligioso relevante por ser uma mulher que se preparou intelectualmente. Sua produção literária e artística tem influenciado o

imaginário assembleiano brasileiro, principalmente pelos cânticos compostos por ela e utilizados ainda na atualidade.

Com o intuito de se conhecer e compreender a expansão pentecostal brasileira, na vertente Assembleias de Deus (ADs), a presente tese tem por fundamento a Geografia Histórica e a Geografia da Religião, bem como suas categorias de análise: **espaço sagrado** e sua representação, **o espaço e o tempo**, respectivamente. Os documentos cartográficos produzidos a partir dos dados da pesquisa bibliográfica e da aplicação das metodologias da Cartografia Temática permitirão compreender os fluxos da espacialidade do movimento pentecostal assembleiano no Brasil, no período de 1911 a 1932, fase classificada pelos pesquisadores sobre a temática, como a da implantação da matriz pentecostal no País.

Dessa forma, esta tese é composta por cinco capítulos, que buscam compreender a história do Pentecostalismo ao longo dos tempos, se detendo com mais ênfase na implantação e expansão da “Matriz Pentecostal Brasileira – Assembleias de Deus” (ADs).

No **Capítulo 1 – Geografia Histórica e Geografia da Religião** executa-se uma reflexão sobre os fundamentos da Geografia Histórica e da Geografia da Religião, considerando-se as categorias de análise: **espaço, tempo, religião, sagrado, profano e espaço sagrado**.

O **Capítulo 2 – Origem e precursores do movimento pentecostal: através dos séculos e dos continentes** – apresenta uma abordagem de cunho histórico e mundial sobre o movimento pentecostal ao longo dos séculos, dividindo-se em subitens como o Pré-Pentecostalismo (precursores do pentecostalismo moderno), os movimentos pentecostais anteriores e posteriores à Reforma e os avivamentos na Europa e na América do Norte (séculos XVIII e XIX). Enquanto que no **Capítulo 3 – Brasil: contexto histórico e pentecostalismo (1910-1912)** – é realizada uma reflexão teórica “espaço e tempo”, destacando-se o contexto histórico, econômico, religioso, político e social brasileiro (séculos XIX-XX) e a implantação do pentecostalismo no Brasil: Congregação Cristã no Brasil (1910), Igreja Evangélica Assembleia de Deus (1911) e Igreja Batista Sueca (1912), com ênfase na fundação e expansão da Matriz Pentecostal Brasileira (hegemonia e história das Assembleias de Deus no Brasil, a missão sueca e o perfil das ADs).

Já o **Capítulo 4 – Cartografia de fluxo: origem e destino do movimento pentecostal assembleiano no Brasil, Belém, Pará (1911-1924)** – tendo como referência uma abordagem metodológica da Cartografia Temática, pauta-se na elaboração e interpretação cartográfica dos fluxos transnacionais (Europa – Estados Unidos – Brasil), os fluxos nacionais (implantação e expansão da Matriz Pentecostal Brasileira) e, em específico, a dinâmica espacial do movimento

pentecostal no estado do Pará, além do processo da implantação e expansão nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, tendo como polo irradiador a cidade de Belém, entre o período 1911-1924.

Quanto ao **Capítulo 5 – Cartografia de fluxo: origem e destino do movimento pentecostal assembleiano no Brasil, Rio de Janeiro, (1924-1932)** – trata do levantamento de dados, análise, elaboração e interpretação cartográfica dos fluxos nacionais (implantação e expansão da Matriz Pentecostal Brasileira) e, em específico, a dinâmica espacial nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, tendo como polo irradiador a cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1924 e 1932.

Na concretização do presente trabalho, buscou-se atingir objetivos, tais como: analisar, através do arcabouço teórico da Geografia Histórica, Geografia da Religião e de representações cartográficas, a origem e a expansão da matriz pentecostal brasileira, inserida no processo de urbanização e migração, nas primeiras décadas do século XX. Buscou-se também, desenvolver estudos sobre conceitos geográficos considerando-se: a Geografia da Religião e a Geografia Histórica, aplicadas a um fenômeno sócio religioso – o Pentecostalismo; levantar dados sobre os principais missionários que aportaram no Brasil; relacionar os missionários e sua dinâmica espacial no território brasileiro; estudar as origens da “matriz pentecostal assembleiana brasileira” e sua dinâmica temporo-espacial no Brasil (1911 a 1932), no âmbito do conceito Geográfico de Espacialidade e, elaborar produtos cartográficos temáticos, considerando-se os dados levantados na pesquisa para a representação e a assimilação dos movimentos pentecostais brasileiros.

Nota metodológica

Quanto ao método, aplicou-se a abordagem qualitativa, definida, conforme Martins (2004, p. 1), “[...] como aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”.

Segundo Godoy (1995, p. 21) na abordagem qualitativa existem três diferentes possibilidades para o desenvolvimento de uma pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. No presente trabalho priorizou-se a pesquisa documental, entendida como o “exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico,

ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares. Prossegue a autora (1995, p. 22) afirmando que os documentos se

[...] constituem numa rica fonte de dados, incluem os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes etc.).

O método qualitativo é o mais apropriado para o estudo de movimentos migratórios “de pessoas e grupos religiosos em contextos diásporos, de caráter transcontinental, que envolve uma dimensão geográfica de escala mundial [...] numa perspectiva macro etnográfica” (RODRIGUES, 2017, p. 6-7).

Dessa forma, a ênfase recai sobre a “mobilidade geográfica seguindo as dinâmicas, trajetórias e conexões de grupos de imigrantes, movimentos religiosos e agências missionárias” (RODRIGUES, 2017, p. 6-7). Nesse processo destacam-se dois momentos:

- i) O do “etnógrafo-viajante”, que mapeia e coleta dados sobre “imigrantes, agências e grupos religiosos, em vários contextos geográficos” (RODRIGUES, 2017, p. 6-7), numa abordagem macro-etnográfica e geográfica, que, no presente estudo, refere-se ao Brasil, Estados Unidos e Suécia; e
- ii) O trabalho de campo dentro das denominações religiosas, as *localized situations* (RODRIGUES, 2017, p. 6-7), que, na presente pesquisa, é o estudo da Matriz Pentecostal Brasileira – Assembleias de Deus, buscando documentos e dados sobre a denominação referentes ao período em estudo (1911-1932).

As etapas metodológicas consideradas no desenvolvimento do trabalho são:

- a) revisão bibliográfica considerando-se a fundamentação teórica da Geografia História e da Geografia da Religião, tendo por base obras de cunho científico e técnico (livros, artigos e dados estatísticos de órgãos oficiais);
- b) pesquisa bibliográfica sobre a temática Pentecostalismo, sociedade e religião sob a perspectiva geográfica, nas vertentes religiosa e histórica;
- c) leitura crítica de documentos, diários e jornais (*Boa Semente, O Som Alegre, Mensageiro da Paz*), buscando um “diálogo” através de sua obra, considerando sua importância para a difusão e a estruturação do imaginário pentecostal;

- d) pesquisa documental em arquivos e bibliotecas (livros, documentos, diários e jornais) sobre o Pentecostalismo, analisando materiais relacionados às Assembleias de Deus (ADs) e aos missionários suecos;
- e) intercâmbio com pesquisadores e instituições que realizem estudos sobre o Pentecostalismo, entre eles a Rede Latino-Americana de Estudos do Pentecostalismo – Relep);
- f) Análise e aplicação dos dados levantados, elaborando-se quadros, tabelas e produtos cartográficos capazes de contribuir para a elucidação do tema investigado.

Com o intuito de representar a dinâmica da expansão da matriz pentecostal brasileira, utilizou-se da Cartografia Temática e de ferramentais de apoio das geotecnologias. Um de seus instrumentos são os Sistemas de Informação Geográfica (SIGs), que, para Silva (2003, p. 27), são as tecnologias que possuem o “ferramental necessário para realizar análises com dados espaciais, permitindo o entendimento da ocupação e utilização do meio físico”.

Assim, percebe-se que a Cartografia Temática e a Semiologia Gráfica são elementos importantes para as análises e compreensão dos fenômenos geográficos, tais como a implantação, a concentração e a expansão de um movimento de cunho religioso no território brasileiro. Dessa forma, aplicou-se a semiologia gráfica para a representação do espaço de fluxo do cotidiano, associando conectividade e mobilidade, porém, com mais ênfase na mobilidade e fluidez dos movimentos migratórios pentecostais brasileiros.

Por fim, com o tratamento gráfico das informações, foram identificados: o deslocamento (origem e destino) ao longo de uma trajetória; onde estão os maiores fluxos; a intensidade do fluxo em determinado trecho e como se agrupam e se articulam no espaço. Com isso, constatou-se se há existência de centralidades, seus relacionamentos e as barreiras físicas, políticas, econômicas e ideológicas de diferentes graus de fluidez.

CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA HISTÓRICA E GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

Neste capítulo, objetivando a compreensão sobre a dinâmica da Matriz Pentecostal Brasileira – ADs, será abordada a fundamentação teórica relacionada à Geografia Histórica e à Geografia da Religião, norte da presente tese.

1.1 Geografia Histórica

O século XIX marcou as origens das pesquisas ligadas à Geografia Histórica, mas sua consolidação se deu em 1941, data em que Carl Sauer publicou o artigo intitulado “Introdução à Geografia Histórica”. Os pesquisadores anglo-americanos são referência nos estudos dessa ciência e entre eles destacam-se Henry Clifford Darby, Andrew Hill Clark e Donald Meinig (RODRIGUES, 2019). No Brasil, os professores Maurício de Almeida Abreu, Antonio Carlos Robert Moraes e Pedro de Almeida Vasconcelos são considerados os precursores de uma Geografia Histórica brasileira (SILVA, 2019).

Com o processo de renovação crítica da Geografia, em 1970, a Geografia Histórica se transformou, “apresentando uma diversidade teórica e temática” (RODRIGUES, 2019, p. 2). Assim, é considerada como um ramo da Geografia Humana, sendo esta referida por Gould como a ciência que “*trata de los seres humanos moviéndose (entre otras cosas) en el espacio geográfico*” (GOULD apud MENDIZÁBAL, 2013, p. 32).

A Geografia foi primeiramente descritiva e a Geografia Histórica favoreceu esse processo. Além disso, até a década de 1940, a Geografia Histórica era vista como uma história da Geografia, um registro de seus métodos e técnicas, levando em conta as narrativas dos exploradores e a enumeração de novas descobertas, a história e o mapeamento das mudanças nas fronteiras políticas, dentre outros (GENDREAU-ZUBRZYCKI, 1974).

Mendizábal (2013) introduz seu artigo indagando se existe alguma geografia humana que não seja geografia histórica. No referido texto, ele se propõe a discutir como o tempo e a história são elementos implícitos e não excessivamente explícitos na pesquisa geográfica. A seu turno, Lluís Casassas, citado por Mendizábal, escreve que “*la geografía es la ciencia que estudia los movimientos de los hombres sobre la Tierra a lo largo del tiempo*” (LLUÍS CASASSAS apud MENDIZÁBAL, 2013, p. 32).

A seguir indaga, qual ou quais são a(s) causa(s) desses movimentos e questiona a razão do tempo ser uma variável indispensável ao se fazer Geografia (LLUÍS CASASSAS apud MENDIZÁBAL, 2013, p. 32).

Ao tecer as respostas a essas indagações, Mendizábal (2013) faz alusão à “maldição” de Schaefer quando o autor considera que

[h]á um aspecto importante no qual a geografia diverge das outras ciências sociais. Estas, na medida em que amadurecem, concentram-se cada vez mais na descoberta de leis referentes a processos, isto é, para repetir, leis que sejam em um aspecto importante como as leis da astronomia newtoniana. Dado o estado de um sistema em determinado momento, as leis que se referem a processos permitem a previsão das alterações que se realizarão. A geografia é essencialmente morfológica. As leis puramente geográficas não fazem referência ao tempo nem às mudanças. Isto não implica em negar que as estruturas espaciais que exploramos sejam, como toda e qualquer estrutura, o resultado de processos. Mas o geógrafo, na maioria dos casos, lida com as mesmas na forma em que as encontra, já feitas. (SCHAEFER, 1977, p. 29).

Mendizábal (2013, p. 33, tradução nossa) afirma que o “tempo, como indicador de mudança, evolução, transformação ou processo”, se encontra “presente em todas as ciências humanas”, mesmo não sendo explicitado e que “o tempo tem sido um elemento básico para a análise geográfica”. Dessa forma, a partir de 1960 começa-se a “refletir conscientemente sobre o tempo como algo que afeta as atividades dos indivíduos”, reafirmando a importância do estudo do tempo na Geografia (MENDIZÁBAL, 2013, p. 35, tradução nossa).

No entender de Pires (2008, p. 10), a Geografia Histórica “estuda as características e evolução dos espaços históricos, sua morfologia, paisagem e organização territorial, assim como sua formação social”, e conclui que a “grande contribuição da Geografia História foi procurar estabelecer a relação concreta e coerente entre o tempo e o espaço na formação do território, no passado e no presente”.

O referido ramo científico “engendra, a partir de modelos, a observação da relação espaço-temporal das sociedades” e analisa a influência ou a determinação do espaço como “meio e sujeito” na organização e no desenvolvimento das sociedades (PIRES, 2008, p. 14).

Assim como a Etnologia, a Geografia Histórica estuda os “tipos e modos de organização do espaço no tempo, mas a partir de fatos ou situações contemporâneas” (TROCHET; BOULANGER, s/d, p. 1). Na atualidade, conforme Gendreau-Zubrzycki (1974, p. 354-355), a Geografia Histórica apresenta três linhas temáticas, a saber: a reconstrução das geografias do passado, o estudo da paisagem cultural e a explicação dos fenômenos atuais por meio de uma interpretação genética.¹

¹ O papel desta Geografia Histórica tem sido enfatizado nos seguintes termos: “Métodos de pesquisa históricos e arqueológicos adaptados ao estudo dos fenômenos de distribuição podem ajudar a explicar a gênese das relações históricas que produzem os processos culturais contemporâneos” (MITCHELL, 1960, p. 14 apud GENDREAU-ZUBRZYCKI (1974, p. 354-355).

A Geografia Histórica também se relaciona às diferentes sociedades no mundo contemporâneo e questiona os cientistas sociais sobre temas como patrimônio e patrimonialização, na medida em que essas noções muitas vezes significam uma interpretação e reificação (entre outros) de edifícios, lugares, espaços e práticas nascidas em um contexto diferente daquele em que estão integrados ou buscam integrá-los na atualidade. Questiona-se, também, como as representações do espaço e do tempo podem ser extraídas do estudo de certas instituições, cujo papel é, precisamente, ‘investir’ no espaço para fins específicos.

Apesar de nem sempre reivindicar, explicitamente, uma abordagem da Geografia Histórica, alguns pesquisadores realizam pesquisas sobre os grandes “fenômenos de população e civilização, que estão presentes desde o início da escola da geografia francesa” (TROCHET; BOULANGER, s/d, p. 1).

Segundo Grataloup (1985, p. 62), a Geografia necessita de estruturas teóricas “que, como as de outras ciências, abrirão as portas da frente”, devendo também eliminar as relações entre uma Geografia muito lenta, para se renovar em uma História que defende veementemente o seu monopólio empirista do passado.

Para Silva (2019), a Geografia Histórica fundamenta-se na concepção da Geografia quanto aos conceitos tempo e espaço. Tecendo suas considerações, fundamentadas em Milton Santos, afirma que a incorporação da Geografia Crítica e do materialismo histórico dialético, ao discurso geográfico permitiu incluir conceitos como tempo, formas espaciais, processualidade e transformação através dos tempos.

Os **sistemas** temporais se constituem a partir do tempo, reconhecido como relativo e dividido em seções, cujas características determinam as periodizações. A análise dos períodos históricos e da organização espacial remete à compreensão dos **sistemas espaciais**, em que os lugares se transformam ao longo de sua história.

O **tempo espacial** relaciona-se às periodizações que expõem o **tempo externo** de cada subespaço, enquanto as técnicas fixadas no espaço determinam o **tempo interno**. Considerando-se, então, que “o espaço é concreto”, o tempo também será concreto, determinando a “empiricização do tempo”, o que, por sua vez, determina a “idade do lugar”, levando-se em conta a “idade das variáveis (técnicas)” presentes em cada lugar. Em sequência, para Silva (2019, p. 2-3) tem-se a “ligação entre o tempo externo (do mundo) e o tempo interno (do lugar)”. As considerações sobre o tempo remetem às periodizações que demonstram uma “ação humana sobre o tempo”, sabendo-se que o “recorte não é neutro” (LE GOFF, 2015, apud SILVA, 2019, p. 5).

A periodização agrega dois eixos, a saber, o das “sucessões (diacronia) e o das coexistências (sincronia). Na diacronia observa-se a sucessão, a passagem, o tempo histórico; a sincronia relaciona-se ao tempo de cada lugar, marcado pelas “ações dos atores e pela forma como fazem uso do **tempo social**, eixo das coexistências” (SILVA, 2019, p. 5).

Nas periodizações deve-se considerar os eventos, entendidos como veículos de uma ou algumas das possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial, na região em que se depositam, isto é, se geografizam no lugar. Do exposto, depreende-se que, ao longo do tempo, os eventos constroem situações geográficas passíveis de serem demarcadas em períodos e analisadas na sua coerência. Os eventos não ocorrem isoladamente, mas em “conjuntos sistêmicos”, nos quais uma “situação geográfica supõe uma localização material e relacional (sítio e situação)”, abrangendo a dinâmica de sua “construção e seu movimento histórico” (SILVA, 2019, p. 6).

Nesse raciocínio, segundo Rodrigues (2019), a Geografia Histórica assenta-se na densa articulação **tempo-espaco**, que requer um aprofundamento metodológico quanto às pesquisas. Para tanto, deve-se considerar com atenção os processos de periodização e os recortes históricos, bem como a seleção, a organização, a sistematização e a apresentação das fontes de pesquisa.

Abreu (2010 apud RODRIGUES, 2019, p. 3), referindo-se à temática, escreveu que os trabalhos de Geografia Histórica discorrem sobre as geografias do passado e, por isso, são direcionados por “objetivos e métodos de pesquisa próprios”. Sua fundamentação teórica considera os seguintes quesitos: (a) como empiricizar o tempo; (b) como estabelecer períodos; e (c) como estabelecer recortes espaciais e análises multiescalares. Empiricizar o tempo é torná-lo “material, concreto”, objetivando “geografizá-lo” a fim de analisar as “espacialidades pretéritas, o presente de então” ou a “materialidade do passado”. Tais afirmações articulam-se com as “relações sociais e de poder que dão conteúdo às formas” (RODRIGUES, 2019, p. 3).

Para além dos sistemas técnicos, na pesquisa das espacialidades pretéritas, existem outros elementos que direcionam a análise do passado, a saber: os conflitos, as práticas culturais e as múltiplas dinâmicas políticas. A investigação sobre determinado problema desencadeia uma ação intelectual, a reflexão, gerando uma dinâmica de construção de um objeto concreto e a espessura histórica do lugar e da questão, definidos como recortes espacial e temporal, respectivamente. Assim estabelecidos, infere-se que o **recorte espacial** e o **recorte temporal** (periodização) não são independentes, e sim articulados de tal forma que a “periodização histórica requer a sua espacialização” (RODRIGUES, 2019, p. 3).

Assim, é importante estabelecer que o processo de periodização se constitui num exercício intelectual de construção do pesquisador a partir de uma reflexão, que Rodrigues (2019, p. 4) afirma ser

[o] problema a ser investigado. Este irá orientar a construção dos períodos e não o contrário, ou seja, a escolha *a priori* de um determinado recorte temporal em si não coloca, de forma clara e explícita, uma questão ou um problema. Daí a importância de se delimitar explicitamente uma questão de pesquisa e, a partir dessa delimitação, construir um objeto que permita ao geógrafo analisar e refletir sobre uma determinada problemática.

As periodizações são recortes históricos relativos a fenômenos e processos que não são objeto de pesquisa em si, porém, são fundamentais para o entendimento do tema central da investigação. Uma pesquisa apresenta processos e fenômenos “com temporalidades (ritmos) e historicidades (processos)” diferentes, mas que se influenciam ou se complementam, advindo daí a necessidade de se estabelecer as periodizações auxiliares, cujos objetivos são a organização do levantamento de dados e o estabelecimento das “prioridades nas análises e na articulação entre fenômenos distintos” (RODRIGUES, 2019, p. 5).

Dando continuidade à discussão sobre a temática, Eastville (1991 apud RODRIGUES, 2019, p. 12) afirma que “a mais famosa e difundida proposta metodológica no campo da Geografia Histórica diz respeito à periodização e organização dos recortes temporais, atentando à sincronia e diacronia”. Assim sendo, e segundo o referido autor, o recorte temporal é a definição de determinado período de tempo no qual se prioriza a análise da sincronia, ou seja, da coexistência dos eventos e processos. Para Eastville (1991) a sincronia refere-se ao recorte de diversos períodos históricos e tem como meta identificar e analisar, de forma comparativa, as transformações e permanências da estrutura socioespacial; ademais, ainda de acordo com esse autor, a diacronia enfatiza a análise de um processo contínuo ao longo do tempo, sem interrupções significativas do processo ou do fenômeno.

Além da abordagem sobre as periodizações, Rodrigues (2019, p. 9) disserta sobre as análises multiescalares, relacionadas à escala geográfica, cujos tipos são descritos a seguir:

- a) **Escala do fenômeno ou processo:** refere-se à extensão do fenômeno no espaço geográfico, “sua existência e abrangência”;
- b) **Escala de análise:** definida pelo pesquisador, determina a “mediação entre o seu objeto de pesquisa e o processo de produção do conhecimento”, fruto de sua pesquisa e análise;

- c) **Escala de ação:** relaciona-se a certos “fenômenos sociais, concernentes a ações (em geral coletivas) e ao papel de agentes/sujeitos”.

Do exposto, percebe-se que a definição das escalas e das periodizações é posterior ao delineamento do tema e à estruturação do objeto. Dessa forma, em continuidade à discussão sobre as escalas, Rodrigues (2019, p. 5) afirma que “o passo inicial, concreto, da pesquisa é estabelecer a escala do fenômeno”. Outra consideração refere-se às escalas de análise, relacionadas à complexidade da produção social do espaço, uma vez que os processos se articulam em escalas distintas, em historicidade e em temporalidades.

O conhecimento das diferentes escalas e suas aplicações permite uma melhor operacionalização da pesquisa, visto que:

- permite a superação do “formalismo rígido”, que condiciona “os processos e sujeitos em escalas pré-concebidas e dissociadas” dos protagonistas;
- as escalas tradicionais (local, regional, nacional e global) devem ser contextualizadas aos processos; e
- a análise da articulação das escalas deve ser organizada de forma relacional mais do que hierárquica.

Conhecidos os critérios de periodização do tempo, do recorte espacial e das escalas, Rodrigues (2019, p. 11) propõe, a princípio, espacializar as periodizações, ou seja, que os “critérios de definição dos períodos históricos e seus conteúdos” esclareçam os “recortes espaciais” ou em quais “formas de articulações espaciais esses conteúdos são válidos”.

Sendo assim, o segundo momento é marcado pela constituição das escalas espaço-temporais ou complexos espaço-tempo, que remetem ao recorte espacial do objeto e do período histórico de análise. Isso posto, nota-se que o objeto é composto por elementos complexos, caracterizados por espacialidades, historicidades e temporalidades distintas. O autor finaliza afirmando que cada elemento ou processo capaz de constituir, influenciar ou condicionar o objeto de estudo deve ser identificado e ter explicitadas suas escalas, tanto de abrangência como de análise, além de delimitada sua historicidade.

Após as reflexões sobre o tempo, o espaço, as escalas e as periodizações, passa-se a discorrer sobre o uso das fontes, questão de suma importância para os autores de obras consagradas no campo da Geografia Histórica. Desse modo, e de acordo com Rodrigues (2019, p. 12), da aproximação da Geografia com a História surgem elementos “que contribuem e

enriquecem a pesquisa geográfica”, sendo o primeiro elemento “o conceito de fonte histórica e sua historicidade”.

A concepção (conceito) de História, no século XIX, tinha por fundamento a **verdade factual**, caracterizada pela identificação, seleção e classificação dos documentos escritos, cuja veracidade deveria ser confirmada, processo conhecido como “método criativo”, amplamente criticado por diversas correntes historiográficas.

Entretanto, a concepção de História e de fonte histórica alterou-se nos primórdios do século XX, momento em que a História se tornou o **estudo do homem no tempo**, tendo por objetivo analisar uma questão definida pelo historiador, e não mais a busca pela verdade absoluta dos fatos. Como consequência, têm-se a ampliação do campo temático das pesquisas e a diversificação das fontes. Para além dos documentos oficiais com veracidade comprovada, outras fontes são incorporadas, como diários, fotografias, mapas, jornais, memórias etc. Nesse novo contexto, destaca-se a análise da **experiência histórica do homem**, cuja relevância é a análise de documentos, fundamentada nas “questões formuladas pelo pesquisador”, bem como na “contextualização dessas fontes, no complexo espaço-tempo” (RODRIGUES, 2019, p. 12-13).

As fontes são múltiplas e encontram-se listadas no artigo “Geografia Histórica – notas sobre a metodologia”, de Rodrigues (2019). Essa diversidade de fontes remete a dois questionamentos:

- a) Uma pesquisa pode fazer uso de várias fontes, tantas quanto forem necessárias para garantir sua consistência analítica. O pesquisador ao definir sua questão central, também define suas fontes, hipóteses, objeto, bem como as “condições concretas de trabalho”, em que a “precaução fundamental” seja a de articular, coerentemente, as diversas fontes utilizadas, informando ao leitor suas fontes, condições de uso, organização, sistematização, complementaridade e limites analíticos;
- b) Cada tipo de fonte apresenta uma metodologia específica (localização, organização, sistematização e análise). Dada a magnitude do tema, Rodrigues ao discorrer sobre ele, ressalta que é crucial “explicitar os procedimentos de análise das fontes”, fundamento da consistência e credibilidade do trabalho final. (RODRIGUES, 2019, p. 14).

Após os citados questionamentos, o referido autor (2019), discorre sobre os cuidados que se deve ter ao longo de uma pesquisa, notadamente no campo da Geografia Histórica. Primeiramente deve-se definir a questão central e o recorte do objeto. A seguir, determina-se a natureza (tipo) das fontes. Ato contínuo, fixa-se sua localização, o que requer planejamento, definindo prioridades e alternativas para possíveis lacunas ou dificuldades futuras. Quanto à

coleta de dados, o destaque é dado à amostragem, que deverá comprovar a consistência da pesquisa. Finalmente, tem-se a preocupação com a linguagem, em que as palavras, expressões, sentidos e significados podem ser desconhecidos para o pesquisador, tais como a toponímia e as medidas (peso, comprimento e volume), dentre outros. Assim, existe a necessidade de se “dominar minimamente tais conteúdos” em que se preze a consistência e a coerência da análise e contextualização dos dados (RODRIGUES, 2019).

A pesquisa em Geografia Histórica, pautada nos procedimentos metodológicos expostos, certamente se concretizará na compreensão de um passado anteriormente desconhecido, no entendimento do presente e na percepção do futuro.

No próximo tópico se aborda a temática da Geografia da Religião dentro da perspectiva espaço e tempo, já discutida anteriormente, bem como as categorias de análise: espaço sagrado; sagrado e profano; fé e religião, religião, território e territorialidade.

1.2 Geografia da Religião

Na presente tese, a temática investigada é o Pentecostalismo no Brasil, tendo como base as premissas da Geografia da Religião, objetivando compreender o processo de implantação e expansão pentecostal no território brasileiro, nos contextos social, cultural e econômico do período delimitado entre 1911 e 1932.

1.2.1 A religião no espaço e no tempo

O entendimento do fenômeno religião, neste trabalho, inicia-se com uma afirmação: “não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia” (MALINOWSKI, 1988, apud RODRIGUES, 2013, p. 13). Dessa assertiva apreende-se, então, que a religião é parte integrante da vivência humana, independentemente do tempo e do espaço em que esteja inserida.

Apesar de comprovada a existência da religião entre os diversos povos, não existe um consenso entre os teóricos sobre a definição de religião, do mesmo modo que nem todas as religiões creem em Deus ou deuses e/ou mantêm relações com o sobrenatural e apresentam mitos ou preceitos (RODRIGUES, 2013).

Inúmeras discussões sobre a temática religião² aconteceram desde meados do século XIX, ora apresentando conceitos análogos, ora divergentes. Rodrigues (2013, p. 15) argumenta que a definição de religião está relacionada ao “contexto sociocultural e histórico” em que o conceito é elaborado, bem como da perspectiva que o fundamenta. Entre os vários pensadores clássicos, cita-se: Saint-Simon (1760-1825), Augusto Comte (1798-1857), Ludwig Feuerbach (1804-1872), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Karl Marx (1818-1883), Herbert Spencer (1820-1903), Edward Tylor (1832-1917), James Frazer (1854-1941), Émile Durkheim (1858-1917), Georg Simmel (1858-1918), Max Weber (1864-1920), Mircea Eliade (1907-1986), Pierre Bourdieu (1930-2002), dentre outros. Percebe-se, pelas datas citadas, a abrangência do tempo na discussão pela definição de religião, principalmente no âmbito da Sociologia e da Antropologia.

Durkheim (1996 apud RODRIGUES, 2013, p. 22), dentre suas várias proposições sobre a questão em pauta, defendia que a religião, enquanto manifestação coletiva, é um sistema constituído por “um todo formado de partes”, um sistema complexo que envolve mitos, dogmas, ritos e cerimônias.

Do exposto, constata-se que a busca por uma efetiva conceituação de religião abrangeu diversas épocas e pensadores de diferentes nacionalidades (alemães, franceses, ingleses, escoceses e norte-americanos), ora realçando o indivíduo, ora o coletivo. Pode-se, também, ultimar que ninguém ainda foi capaz de “definir religião de uma forma que seja, ao mesmo tempo, precisa e compreensiva” (RODRIGUES, 2013, p. 13).

Religião e cultura encontram-se intrinsecamente ligadas. Na Geografia Cultural, diversos temas são abordados, tais como cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural. Acrescentam-se a eles o estudo da sociedade no tempo e no espaço, religião e cultura popular, bem como o conceito de cultura “como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada”. Cultura também pode ser considerada como um “conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores” presente no cotidiano, “cunhado no seio das relações sociais de uma sociedade de classes” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 13). Desse entendimento surgem diversos caminhos a serem trilhados pelo geógrafo, para o entendimento da ação antrópica sobre a superfície terrestre, nessa dinâmica considera-se

² Rodrigues (2013, p. 13-36) traça uma discussão interessante no Capítulo I do livro *O que é religião*, de sua autoria.

[t]anto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 13-14).

A década de 1960 é um marco para os estudos de Geografia da Religião sob a influência da Geografia Cultural Saueriana. Destaca-se, nesse período, o geógrafo David Sopher, com a análise dos “fenômenos religiosos, abordando a interação espacial destes com uma dada cultura e seu ambiente terrestre complexo entre diferentes culturas”.

No Brasil, Maria Cecília França é a pioneira nos estudos sobre as relações entre o espaço e o sagrado (1972). Posteriormente, Rosendahl apresentou, em diversos momentos (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003), reflexões a respeito do sagrado sob a perspectiva geográfica.

O estudo de um grupo religioso fundamenta-se em critérios como a percepção, a compreensão e a representação do espaço por ele ocupado, evidenciando, assim, a dinâmica social e, por conseguinte, a estrutura do espaço geográfico. Esse processo torna-se possível considerando-se a categoria espaço sagrado, a dinâmica das espacialidades religiosas e a estrutura (espaço/ação) do grupo religioso analisado.

O espaço sagrado é constituído através de “processos simbólicos que refletem as características emocionais associadas às qualidades físicas do lugar”. Nesse sentido, na análise geográfica da religião sob a perspectiva cultural, Corrêa e Rosendahl (2003, p. 16), utilizando-se dos conceitos de sagrado e profano, identificam as “dimensões econômica, política e de lugar, cada uma delas com seus temas específicos, bens simbólicos e redes, territorialidade e religião cívica, hierópolis, vivência e percepção, paisagem religiosa e região cultural, entre outros”.

Para Corrêa e Rosendahl (2003, p. 18), então, “há necessidade, em nível teórico, de explorar a experiência da fé no lugar em que ela ocorre”. Nessa perspectiva, a religião pode ser vista, na atualidade, como uma “visão de mundo”, em que o lugar simbólico é “reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa”. Esse processo pode gerar diversos conflitos, entre eles a difusão da fé e a manutenção dos lugares sagrados.

Assim, diante desse universo de ideias complexas e multidimensionais, nossa reflexão direciona-se para o entendimento da religião no campo da Geografia, iniciando-se com o estudo realizado por Gil Filho (2008, p. xi), voltado à “investigação do fenômeno religioso por meio

da interpretação das suas espacialidades”, objetivando compreender o fenômeno em suas diversas expressões pelo mundo.

Nesse sentido, o autor apresenta duas abordagens de cunho geográfico – a religiosa e a da religião. A geografia religiosa relaciona-se à “influência da religião na percepção do homem sobre o mundo e a humanidade, que essencialmente concerne ao âmbito teológico e cosmológico”, enquanto a geografia da religião versa sobre os “efeitos das múltiplas relações da religião com a sociedade, a cultura e o ambiente” (GIL FILHO, 2008, p. xii).

Segundo ainda Gil Filho (2008, p. vii-viii), a categoria de análise na Geografia da Religião é o espaço sagrado, cujos conceitos subjacentes são o “poder, as representações e o sagrado como forma simbólica”, transmutados em conceitos geográficos – “o espaço de representação e a territorialidade do sagrado”.

Consoante ao pensamento *durkheimiano*, todas as crenças religiosas, simples ou complexas, têm em comum a classificação das coisas reais ou ideias, em duas classes opostas, a do sagrado e a do profano, que não coexistem em um mesmo espaço e tempo, ou seja, um exclui o outro. Para Mircea Eliade (1999), citado por Rodrigues (2013, p. 55), o sagrado é “algo absolutamente diferente do profano” e sua manifestação denomina-se **hierofania**.

Para Gil Filho (2008, p. 15), o estudo da religião relaciona-se à “análise das representações religiosas”, sendo a religião uma “forma simbólica”. Para tanto, o referido autor inicia suas reflexões citando Mircea Eliade quanto à oposição qualitativa, entre o sagrado e o profano, em que o sagrado é percebido como um “ato de manifestação simbólica do transcendente”, a transformação de qualquer coisa ou ser em outra coisa ou outro ser – a **hierofania** que, de conformidade com o contexto histórico, apresenta diferentes “escalas de abrangência do local ao universal”.

Acrescenta, ainda, que a articulação entre as diferentes **hierofanias** permite a compreensão da história das religiões. Nesse processo destaca-se o **arquétipo**, entendido como “uma representação não adquirida pela nossa consciência, mas uma tendência instintiva”³ – na verdade, “criações do espírito do homem” transmitidas através da tradição e herança (GIL FILHO, 2008, p. 17).

Gil Filho (2008, p. cl) esclarece ainda que, na perspectiva de Mircea Eliade, a **hierofania** diz respeito à “manifestação do sagrado, que revela uma experiência religiosa primária”, por meio da revelação de uma realidade de caráter absoluto”. Nesse contexto, Rubem Alves (1996), citado por Rodrigues (2013, p. 56), argumenta que,

³ Arquétipo: conceito trabalhado por Jung e citado por Gil Filho (2008, p. 17).

[...] quando entramos no mundo sagrado [...] descobrimos que uma transformação se processou. Porque agora a linguagem se refere a coisas invisíveis, coisas para além dos nossos sentidos comuns que, segundo a explicação, somente os olhos da fé podem contemplar.

Adicionalmente, Gil Filho (2008, p. 16-19) argumenta que existem semelhanças entre as sociedades arcaicas (repetição de atos mitológicos) e as complexas, no que diz respeito à “ideia da intervenção da divindade”, concluindo que as tradições religiosas relacionam-se mais ao seu “caráter histórico contextualizado” do que mesmo ao sentido do arquétipo, afirmando que se deve resgatar uma “teoria das representações” na instituição da Geografia da Religião, sem se esquecer de que ela é também uma geografia do poder em sua espacialidade.

1.2.2 Espaço sagrado: poder, religião e representação

Dando continuidade à reflexão sobre a categoria espaço sagrado, aborda-se, agora, de forma sucinta, os temas poder, representação e sagrado.

O conceito de poder na religião remete à noção de força coercitiva, domínio ou potência que, ao se revestir de comando e ao exigir um cumprimento por parte do comandado, concretiza-se na dominação. Para Gil Filho (2008, p. 20-23), a dominação é o próprio poder, cuja intencionalidade é revelada na autoridade, que significa a “disposição reconhecida de uma posição dentro de um grupo social para o exercício do poder”. Esse exercício, no contexto religioso, é realizado pelos sacerdotes e pelos especialistas da religião, que evocam e conservam os significados para a sociedade, detendo o “capital simbólico e o controle dos fundamentos do poder religioso”.

Ainda sobre a temática poder e religião, Rodrigues (2013, p. 83) esclarece que a sociedade se encontra “por detrás de toda manifestação religiosa (rito, culto, credo, adoração etc.)”, na verdade, ela é sua arquiteta. Entre suas ações, destaca-se a religião como **sanção transcendente**. Para o referido autor (2008), a religião desempenha uma função “poderosa de controle social”, principalmente frente aos movimentos desestabilizadores, controlando o comportamento humano por meio das sanções religiosas, constituindo-se, assim, num evidente exercício do poder.

As representações sociais caracterizam-se pelas relações entre os indivíduos ou entre os grupos sociais, que constituem as representações coletivas ou sociais, entendidas como o modo pelo qual os grupos pensam nas suas relações com os objetos que os afetam. Desse modo, percebe-se que uma das teorias da religião é a do pensamento mítico, fundamentada no

“conceito de representação social”, levando a análise a integrar a teoria das representações sociais com a do fenômeno religioso, ponderando que a “dinâmica relacional dos processos de representação” vincula-se aos contextos que lhe dão origem (GIL FILHO, 2008, p. 24-25).

O sagrado é percebido a partir da escala religiosa, constituindo-se como fundamento do fenômeno religioso. Dessa forma, as religiões são entendidas como “modalidades do sagrado que se revelam em tramas históricas e geográficas”. As considerações sobre o conceito sagrado tecidas por Gil Filho (2008, p. 31) permitem a inferência de que o sagrado é reconhecido tanto nas perspectivas das formas e dos conteúdos como nos atos que originam a consciência, ou seja, a expressão do sagrado no âmbito do pensamento.

Em sequência às ponderações sobre sociedade, religião e espaço sagrado, aborda-se a Geografia da Religião, um dos pilares da presente tese.

Para Gil Filho (2008, p. 32), a mudança de marco teórico é um desafio, em que se busca explicações dialogando sobre a mesma temática com outras ciências, que também discutem a mesma temática. Esse processo de “refundação da geografia da religião” diz respeito à construção do saber sobre “outra base e trilhar outro caminho”, sem desprezar o conhecimento científico já solidificado, decidindo-se por um caminho novo e diferente.

Pereira (2014, p. 30) inicia suas reflexões afirmando que a Geografia e a Religião são “saberes humanos distintos, mas com muitas relações” entre elas, a exemplo dos espaços de ação: sociais, econômicos, culturais, políticos, dentre outros. Nessa perspectiva, a “religião normatiza alguns procedimentos dos homens em relação ao espaço”, enquanto a “Geografia direciona as ações humanas no espaço”, visando compreendê-lo. Desse modo, tanto a religião como a Geografia demonstram um modo de pensar o espaço em busca do “sentido para este mundo”. Semelhantemente, as intervenções religiosas atuam no espaço geográfico, comprovadas pelas “estratégias de dispersão de sua fé ou as territorialidades” efetivadas por algumas Instituições (PEREIRA, 2014, p. 31).

Comprovada a relação entre Geografia e religião, percebe-se que as ações humanas ressignificam o espaço, levando ao entendimento de que a Geografia Humana, através da Geografia da Religião, busca compreender o “fenômeno religioso”, considerando os “processos religiosos na dinâmica espacial humana” (PEREIRA, 2014, p. 31).

Após uma breve discussão sobre a Geografia Histórica e a Geografia da Religião, no próximo capítulo se aborda o processo histórico da origem, da implantação e da expansão do pentecostalismo, através dos séculos e dos continentes.

CAPÍTULO 2 – ORIGEM E PRECURSORES DO MOVIMENTO PENTECOSTAL: ATRAVÉS DOS SÉCULOS E DOS CONTINENTES

Neste capítulo se realiza uma abordagem histórica do processo de implantação e expansão do pentecostalismo, anterior e posterior à Reforma Protestante, considerando-se seus fundamentos teológicos, principais missionários e movimentos através dos séculos e dos continentes.

2.1 O Pentecostalismo Histórico Tradicional – Igreja Primitiva

O pentecostalismo resulta de uma série de movimentos religiosos e cristãos, considerados, por alguns autores, como um ramo do protestantismo. Sua história é marcada por diversos movimentos e dentre eles destaca-se o da Reforma Protestante ocorrida a partir da publicação das “95 teses contra alguns aspectos doutrinários da Igreja Católica”, de autoria do monge e teólogo Martinho Lutero (1483-1546), dando origem a um novo movimento religioso, o Protestantismo.

Lutero tinha por princípios teológicos a “justificação pela fé, através da graça (*Sola Gratia*), a Escritura Sagrada como única autoridade doutrinária (*Sola Scriptura*), que deveria ser interpretada individualmente (livre exame)”, e que a “salvação é obtida pela fé individual em Cristo (SWATOS, 1998 apud RODRIGUES; GUERREIRO, 2015, p. 112). Em suas perspectivas teológicas e eclesiológicas, esse movimento, denominado de protestantismo tradicional, é formado pelas igrejas luterana, presbiteriana, metodista, congregacional e batista (MENDONÇA, 2005).

Os fundamentos teológicos do pentecostalismo são também semelhantes aos da Reforma Protestante, acrescidos de princípios oriundos da experiência dos discípulos de Jesus e de seus seguidores, registrada no livro de Atos dos Apóstolos. Tem por fundamento o Espírito Santo (terceira pessoa da Santíssima Trindade) e os carismas ou dons, entendidos como uma “graça divina recebida a fim de ajudar as pessoas a se unir com Deus”,⁴ o “dom da graça”⁵ ou “um poder humano excepcional que vem de Deus” (RODRIGUES, 2013, p. 61).

Os carismas ou dons são reconhecidos através de fenômenos como “línguas estranhas”, “outras línguas” ou “dom de línguas”, bem como outras manifestações, como “profecias,

⁴ Tomás de Aquino, *Summa Teológica* (1267-1273), citado por Rodrigues (2013, p. 61).

⁵ Rudolf Otto (1970), citado por Rodrigues (2013, p. 61).

interpretação de línguas, discernimento de espíritos, operação de milagres, sabedoria, ciência” (CAMPOS JR., 1995, p. 70-71).

Seus difusores, de natureza cristã, relacionam o Pentecostes com a descida do Espírito Santo sobre os discípulos e os seguidores de Jesus. Esse fato deu origem ao nome pentecostalismo, sem, no entanto, ter ligação com as festas judaicas. Entretanto, o termo pentecostalismo se refere ao episódio do Pentecoste, localizado no Livro dos *Atos dos Apóstolos*, no final do novo Testamento:

Enquanto os apóstolos estavam reunidos em Jerusalém, eles recebiam o Espírito Santo na forma de língua de fogo e começavam a falar em outras línguas. Este relato bíblico é apresentado como um compêndio da teologia pentecostal, particularmente na ênfase colocada nos dons do Espírito, “milagres, maravilhas e sinais”. (DEJEAN, 2011, p. 88-89, tradução nossa).

Essa glossolalia, presente nas manifestações pentecostais, é definida como a capacidade de se falar em outros idiomas, em momentos de oração, “*Aptitude soudaine à parler à ce qui s’apparente à différentes langues em priant*”, conforme Fath (2005, p. 370), citado por Dejean (2011, p. 366). O referido fenômeno é descrito por Burgess et al. (2001) como uma consequência do batismo no Espírito Santo – “*dans certains milieux pentecôtistes et charismatiques, la glossolalie est considérée comme la conséquence du baptême dans l’Esprit Saint*” (apud DEJEAN, 2011, p. 366).

Conforme Ricci (2007, p. 55), a glossolalia “encarna um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas e, portanto, culturais”, percebido no “pentecostalismo como uma forma de oração extática reconhecida pelas Igrejas Pentecostais como o dom de línguas”.

Desde as suas origens na cidade de Jerusalém (33 a.D.), os movimentos pentecostais, em suas diferentes formas, se alastraram por diversas partes do mundo, tanto no Ocidente como no Oriente. Na atualidade, o movimento pentecostal encontra-se integrado às diversas culturas e tradições cristãs, reconhecido como resultado dos avivamentos anteriores ao século XX e como um receptáculo onde todas as tradições podem se reunir e celebrar sua fé:

The Pentecostal movement in its various forms constitutes the fastest growing group within Christianity in the contemporary world. It is not only found in almost every country but also in every Christian tradition. The re-emergence of Pentecostalism did not come out of the blue, but through various revivals within Christian traditions that eventually gave birth to Pentecostalism in the 20th century. If Pentecostalism is found in all Christian traditions, it serves as a receptacle where all traditions can meet to celebrate our Lord. (ONYINAH, 2013, p. 273).

Seu vasto crescimento e impactos causados nas igrejas e na sociedade justificam um reexame de sua história e características. Dessa forma, as abordagens inerentes às diferentes formas do pentecostalismo, origem e expansão, serão foco de destaque nos próximos itens deste capítulo e, em pormenores, nos capítulos subsequentes desta tese.

2.2 A pentecostalidade no Cristianismo

Ao longo da história do Cristianismo ocorreram vários movimentos carismáticos análogos, marcando épocas, lugares e pessoas. A esse processo dá-se o nome de pentecostalidade, retratada no relato da história das manifestações pentecostais (POMMERENING, 2011).

Para Pommerening (2011, p. 2), a pentecostalidade diz respeito ao registro histórico das manifestações carismáticas durante a expansão do Cristianismo, afirmando que,

[...] embora o pentecostalismo, no formato como hoje se conhece, surgiu no início do século XX, documentos históricos da igreja cristã atestam a presença de movimentos carismáticos análogos, verificados quase ao longo de toda sua história. Neste sentido, deve-se falar em pentecostalidade na história da igreja cristã.

Entretanto, a história do Cristianismo é descrita de diferentes formas, de acordo com as abordagens de cada autor que trata do tema. Dessa forma, e em complemento a tais análises, busca-se compreender, a seguir, o movimento pentecostal desde as suas origens e expansão ao longo dos séculos e continentes, considerando-se as diversas obras consultadas, mas em uma narrativa direcionada à periodização e às localidades geográficas. A igreja cristã, ao longo de sua história, tem

[t]estemunhado muitas vezes em suas fileiras a ocorrência de manifestações de entusiasmo religioso, em especial os movimentos chamados carismáticos. O termo “entusiasmo” (do grego en = “em” e theós = “Deus”) assinala situações em que as pessoas afirmam receber revelações diretas de Deus, muitas vezes acompanhadas de êxtases místicos, visões e outros fenômenos associados a uma experiência religiosa de grande fervor e intensidade. Por sua vez, a palavra “carismático” lembra os carismas ou dons espirituais mencionados no Novo Testamento, particularmente aqueles extraordinários ou espetaculares, tais como profecias, línguas estranhas, curas e milagres diversos. (MATOS, 2006, p. 23).

Os primeiros registros sobre a história da Igreja Primitiva e do Espírito Santo encontram-se em *Atos dos Apóstolos*, quinto livro do Novo Testamento (Bíblia Sagrada), cuja autoria é controversa. Para alguns historiadores, Lucas, provavelmente, era um gentio

convertido através dos primeiros discípulos de Jesus. Era um homem culto, médico, versado em história e escrita. Reza a tradição que Lucas é também o autor de um dos quatro evangelhos.

No artigo intitulado “O evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão”, Artuso (2013) trata, em detalhes, sobre a referida obra. Rabuske (2012), porém, discordando sobre essa autoria, desenvolve estudos analíticos sobre quem de fato deve ter escrito o *Atos dos Apóstolos*. Outros autores que comungam essa mesma indagação são Ehrman (2013) e Silva (2007). Os referidos autores escreveram a respeito dos personagens dos livros que compõem a Bíblia, bem como sobre a autoria de *Atos*.

Nesta tese, discutir a autoria dos Atos não é o objetivo maior, mas analisar a dinâmica social e espacial da Igreja Primitiva e sua influência aos povos com os quais teve contato, descritas ao longo do texto dos *Atos*, torna-se importante.

A classificação de *Atos dos Apóstolos*, na estrutura da Bíblia, é a de um livro histórico. Sua autoria é questionada, discutida, e resulta em várias controvérsias. Ou seja, quem de fato escreveu essa obra? Essa dúvida ainda permanece, no entanto, o que se pode concluir da análise do texto é que o autor era um historiador:

Atos dos Apóstolos é o mais antigo relato preservado que temos da disseminação do cristianismo nos anos imediatamente posteriores à morte de Jesus. É uma narrativa histórica que tenta explicar como o cristianismo se deslocou geograficamente da cidade de Jerusalém, por toda a Judeia, até Samaria, e, a seguir, outras regiões do Império Romano, enfim chegando à própria cidade de Roma. Contudo, Atos está preocupado não somente com a disseminação geográfica da religião, mas também com o que poderia ser chamado de disseminação “étnica”. O autor se interessa pela questão de como a religião judaica de Jesus e seus seguidores se tornou uma religião adotada por gentios e, não por judeus. (EHRMAN, 2013, p. 155).

Apesar das diferentes posturas diante do processo da origem e da expansão do Cristianismo, o movimento pentecostal, ou movimento carismático, marca presença em todas as épocas, em vários lugares e entre povos e culturas diversas. Para Araújo (2015), na “cronologia do pentecostalismo mundial”, verbete do Dicionário do Movimento Pentecostal, estão relacionados diversos eventos ocorridos mundialmente desde o século I d.C. até o século XX.

A seguir, são abordados, de forma abreviada, os contextos em que se discutem o Espírito Santo e os carismas, objetivando compreender como a pentecostalidade se deu através dos séculos e seus precursores.

2.3 Pré-Pentecostalismo: precursores do pentecostalismo moderno

O período da igreja primitiva está inserido entre a ascensão de Cristo (30 d.C.) até a pregação de Estêvão (35 d.C.). Foi nesse contexto que se presenciou a primeira manifestação do movimento pentecostal, em Jerusalém, quando os discípulos de Jesus se encontravam reunidos, conforme as orientações recebidas, anteriormente, do próprio Jesus, no Monte das Oliveiras, descritas no livro de *Atos dos Apóstolos* (1.12).

Jerusalém, na época da reunião dos seguidores de Jesus, estava tomada por peregrinos, judeus e prosélitos de várias partes do mundo. Eles encontravam-se ali para as comemorações dos Pentecostes, “uma celebração histórica e simbolicamente ligada ao festival judaico da colheita”. Sua realização se dá “cinquenta dias após a Páscoa Judaica” (celebração da libertação do cativeiro egípcio).

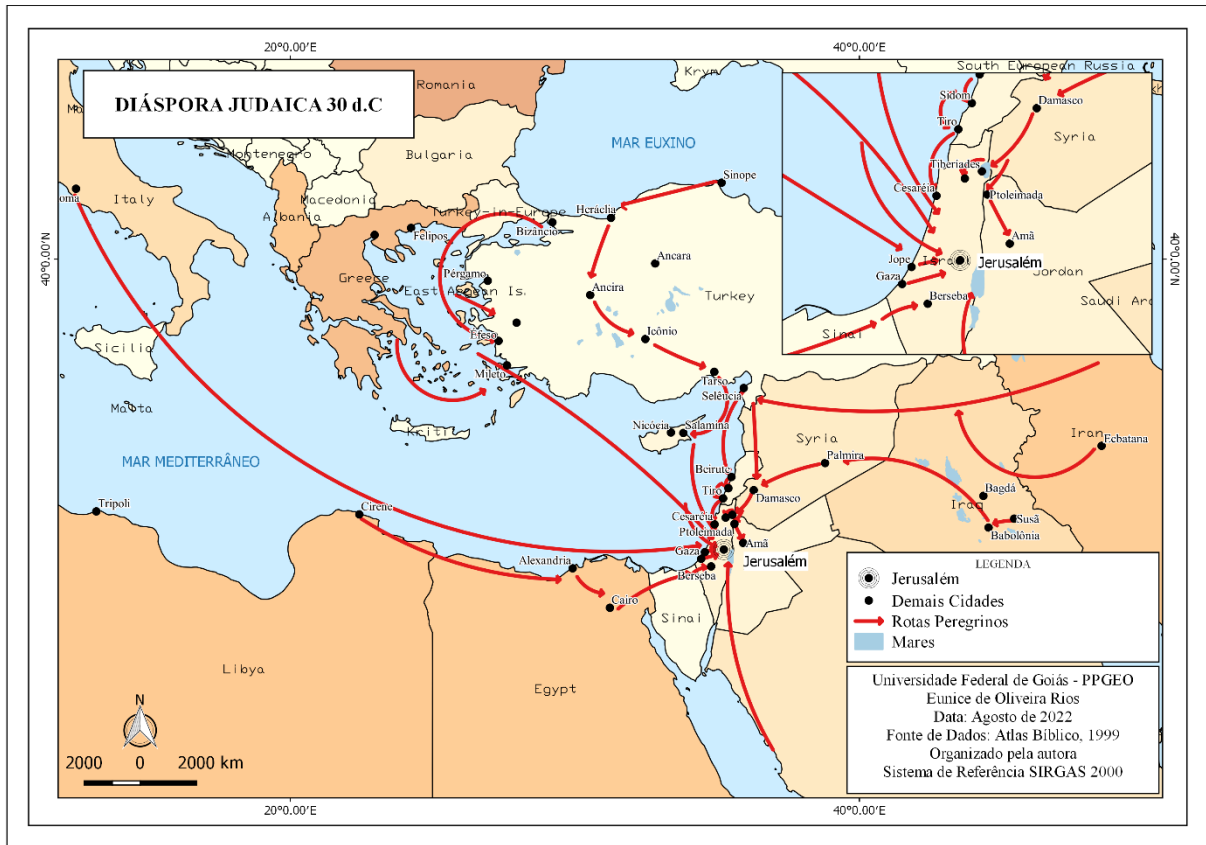
A Festa de Pentecostes é também conhecida como Festa da Colheita ou Segá, Festa das Semanas e Dia das Primícias dos Frutos. Os peregrinos, segundo o escritor do livro *Atos dos Apóstolos*, eram oriundos de diversas partes do mundo. Assim, Jerusalém era o centro de peregrinação dos judeus da diáspora.

Todos os anos, em um dos períodos das festas de Pentecostes, membros das comunidades judaicas, distantes de Israel, visitavam o Templo de Salomão, em cumprimento ao dever de “subir a montanha do Senhor”. Nesses períodos, Jerusalém se tornava cosmopolita, “peregrinos do Ocidente e do Oriente circulavam nas ruas, falando em uma grande variedade de línguas” (AHARONI et al., 1999). Para o referido autor:

A diáspora judaica estava ligada a Jerusalém por fortes laços religiosos. Enquanto o templo permaneceu em pé, milhares de peregrinos vinham todos os anos de comunidades distantes para cumprir o dever de subir a montanha do Senhor, em uma das três festas principais. Jerusalém assumia às vezes um ar estranhamente cosmopolita, pessoas do Ocidente e do Oriente acotovelando-se nas ruas, falando uma grande variedade de línguas [...] e ficaram espantados quando eles falavam em suas línguas maternas. (AHARONI et al., 1999, p. 180).

Jerusalém era o centro de peregrinação dos judeus da diáspora. A dinâmica dos peregrinos, em direção ao centro da fé, encontra-se representada na Figura 1. A referida figura demonstra as localidades de origem dos judeus dispersos e a sua trajetória até Jerusalém, ou seja, a rota das peregrinações da diáspora Judaica.

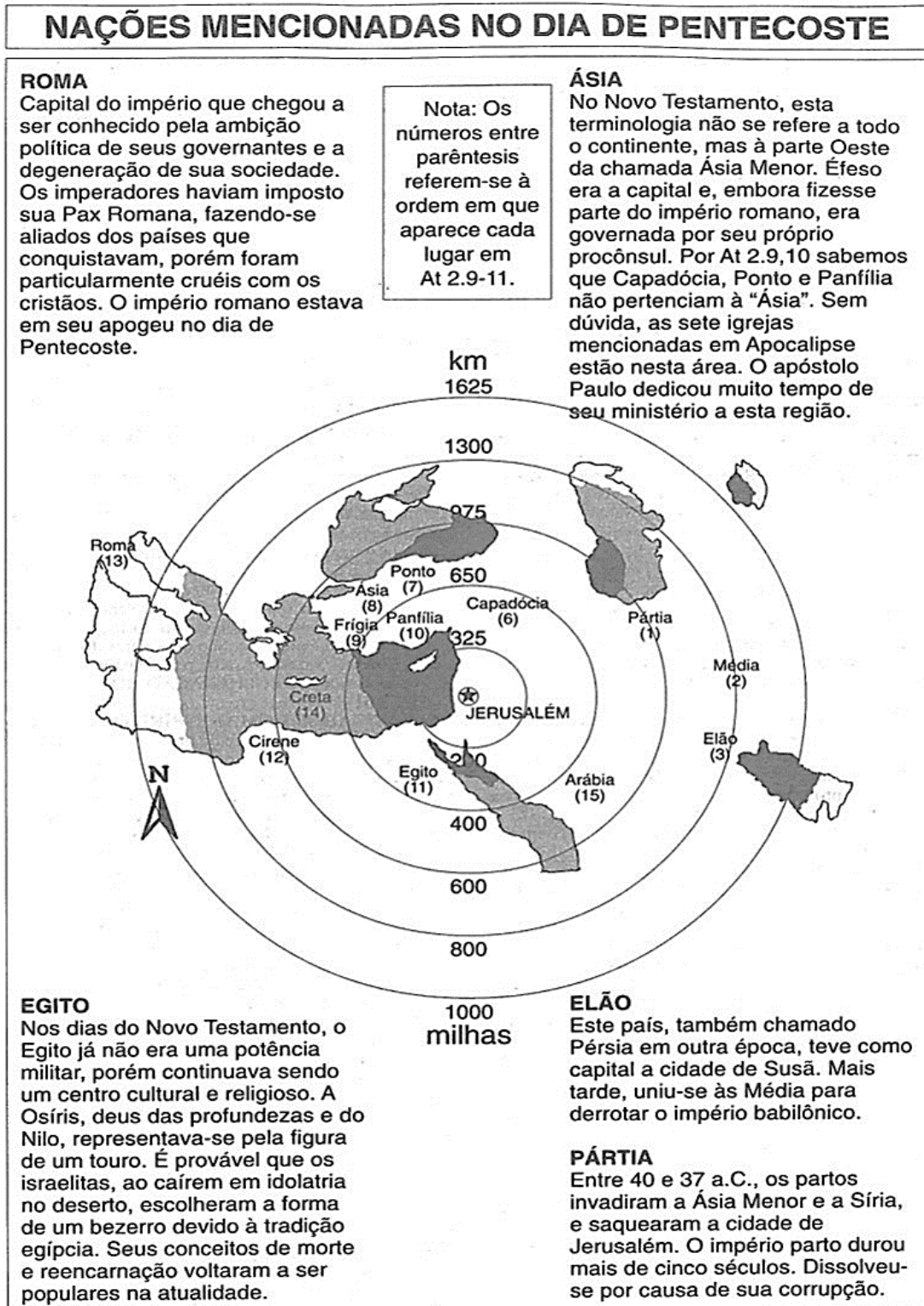
Figura 1 – Diáspora Judaica (30 d.C)



Fonte: reelaborada pela autora (2019) e adaptada de Aharoni *et al.* (1999).

Vindos de distintas localidades, as distâncias entre Jerusalém e os locais de origem dos peregrinos podem ser comprovadas na Figura 2, que ilustra as nações mencionadas no dia de Pentecoste:

Figura 2 – Nações mencionadas no dia de Pentecoste



Fonte: Bíblia (1995, p. 1.625).

A comunidade cristã primitiva ficou conhecida como Igreja Apostólica, por ser constituída por apóstolos e, também, como Igreja Pentecostal, em referência à sua origem durante as festas judaicas denominadas Pentecostes, no final da primavera do ano 30 d.C

(HURLBUT, 1979, p. 20). A origem da igreja se deu na cidade de Jerusalém, que, entre os anos 30-44 d.C, manteve uma posição de liderança na comunidade cristã primitiva (CAIRNS, 1995). Nos primeiros anos, as suas atividades se estendiam aos limites de Jerusalém e aos seus arredores. Sabe-se que, em Israel, nesse período,

[...] especialmente, na província setentrional da Galiléia, havia grupos de pessoas que criam em Jesus como o Rei-Messias, porém não chegaram até nós dados ou informações de nenhuma natureza que indiquem a organização, nem o reconhecimento de tais grupos como igreja. As sedes gerais da igreja daquela época eram o Cenáculo, no Monte de Sião, e o Pórtico de Salomão, no Templo. (HURLBUT, 1979, p. 22).

A Igreja Primitiva era quase toda composta por pessoas de origem judaica. Os judeus dessa época dividiam-se em três classes, estando todas elas representadas na comunidade cristã. Eram os povos hebreus, os judeus gregos ou helenistas e os prosélitos, assim caracterizados:

- Os **hebreus** descendiam de judeus que habitavam a Palestina há várias gerações e se consideram a “verdadeira raça israelita”. Seu idioma era conhecido como a “língua hebraica”, que, ao longo dos séculos, havia mudado de “hebraico clássico do Antigo Testamento para o dialeto” aramaico ou siro-caldaico;
- Os **judeus gregos ou helenistas** descendiam dos judeus da dispersão (que moravam em outras terras ou os seus antepassados eram de terras estrangeiras) e eram tidos “como povo, fora da Palestina”. Muitos desses judeus haviam se estabelecido em Jerusalém ou na Judeia, criando sinagogas e assistindo às suas várias nacionalidades. Se constituíam no ramo judaico “mais rico e mais liberal”;
- Os **prosélitos**⁶ não descendiam de judeus, eram pessoas que havia renunciado ao paganismo, aceitaram a lei judaica, passaram pelo “rito da circuncisão”, tornando-se um membro da igreja judaica. Constituíam-se, na minoria, entre os judeus do Império Romano e “gozavam de todos os privilégios do povo judeu” (HURLBUT, 1979, p. 22-24).

Nesse cenário, a igreja primitiva cresceu em número de seguidores, como também se avolumaram os problemas na comunidade. Dentre eles destaca-se o que diz respeito à

⁶ Os prosélitos são os “devotos” ou “tementes a Deus”, eram gentios, que não adoravam os ídolos e frequentavam as sinagogas, mas “não participavam da circuncisão, nem se propunham observar as minuciosas exigências das leis judaicas”, por isso não eram considerados judeus, apesar de nutrirem amizade com os judeus (HURLBUT, 1979, p. 23-24).

assistência às viúvas. “Naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega, entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento” (*Atos* 6.1).

Ao se analisar a atuação da Igreja Pentecostal, percebe-se que ela era uma comunidade “poderosa na fé e no testemunho, pura em seu caráter, e abundante no amor”, mas havia uma falha, a ausência do “zelo missionário”. Acomodou-se em seu “território, quando devia ter saído para outras terras e outros povos” (HURLBUT, 1979, p. 28).

No entanto, com o estabelecimento das perseguições aos judeus cristãos (helenistas) a partir da condenação de Estevão, muitos se dispersaram e passaram a evangelizar outros povos, em outras regiões. As perseguições aos cristãos, a princípio, eram eclesiásticas e políticas, sendo os judeus não cristãos seus perseguidores. A partir do governo de Nero (54-68 d.C.), as perseguições partiram do Estado romano, “com ocorrências locais e esporádicas até 250 d.C, quando se tornaram gerais e violentas” (CAIRNS, 2008, p. 73).

Devido às intolerâncias religiosas e às diversas perseguições, o fenômeno pentecostal estendeu-se para outros lugares, levado pelos cristãos primitivos, dispersos de Jerusalém. Esse fato marcou o início da expansão do movimento dos carismas do Espírito, também conhecidos como os “sinais” (Marcos 16.14-20). Nesse contexto, período conhecido como Era Apostólica (33 a 100 d.C.), as manifestações carismáticas se multiplicaram e se expandiram pelo mundo antigo.

De acordo com Oliveira (2018), o livro de *Atos dos Apóstolos* registra algumas das principais ocorrências que deram início à história do movimento pentecostal, suas localidades de origens e divulgadores no antigo território da Palestina, as quais estão destacadas no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Expansão do movimento Pentecostal na Era Apostólica (33 a 100 d.C.)

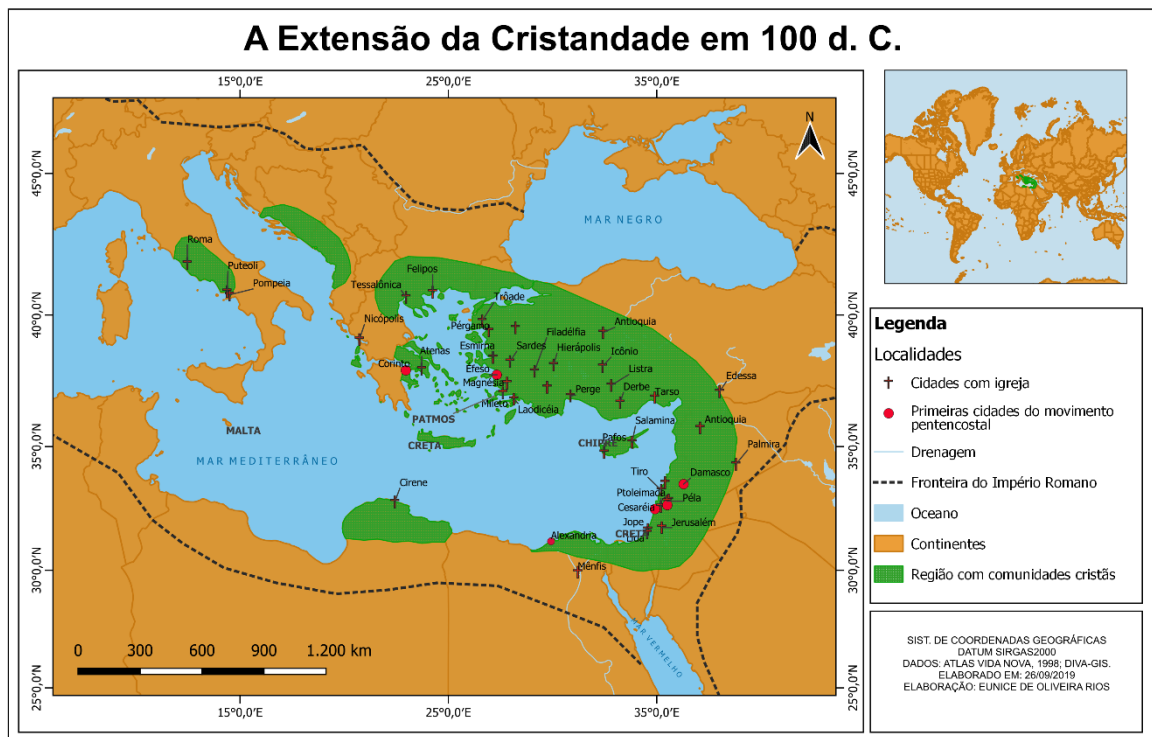
Cidades	Divulgadores	Referência – Livro <i>Atos</i>	Observações
Samaria	Felipe, Pedro e João	Atos 8.14, 15 e 17	Pentecostais Judeus
Cesaréia	Pedro	Atos 10.44-46	Pentecostais gentios
Damasco	Ananias	Atos 9.17	Conversão de Saulo de Tarso
Éfeso	Paulo	Atos 19.1-6	Discípulos de João Batista
Corinto	Paulo	I Coríntios 14.26	Anos 52-56 d.C.

Fonte: Concebido a partir das leituras de Oliveira (2018).

Para um melhor entendimento da difusão do movimento pentecostal na Era Apostólica, a expansão da Igreja Primitiva ao longo do século I (33 a 100 d.C.) encontra-se representada no mapa da Figura 3. Em destaque estão as localidades referidas no livro de *Atos dos Apóstolos*:

Samaria, Cesareia, Damasco, Éfeso e Corinto, primeiras cidades alcançadas pelo movimento pentecostal.

Figura 3 – Expansão do Cristianismo na Era Apostólica – século I (33 a 100 d.C.)



Fonte: reelaborada pela autora (2019) e adaptada de Aharoni *et al.* (1999).

A Igreja Apostólica, ou Igreja Pentecostal, além de divulgar o Cristianismo, promoveu grandes mudanças sociais em certas regiões. Tal fato ocorreu porque a igreja de Jerusalém apregou a “igualdade espiritual dos sexos” e a valorização da mulher na igreja. Dorcas é um exemplo de seguidora de Jesus que se dedicava às obras de caridade (Atos, 9.36).

Dorcas ou Tabita, que em aramaico significa **gazela**, era uma mulher cristã, moradora de Jope e conhecida como “discípula de Jesus”. Era viúva, costureira e se dedicava a ajudar as pessoas de sua comunidade, principalmente as viúvas, que, na cultura judaica, viviam uma situação de desprezo por parte da sociedade. Ela morreu e seus amigos buscaram o apóstolo Pedro, cuja oração resultou na ressurreição de Dorcas (At 9.36-42). Esse fato foi digno de nota por “ter sido a primeira ressurreição realizada por um apóstolo” (PFEIFER, 2007, p. 584 e 1.876).

A constituição de uma equipe formada por homens, responsável por administrar as questões de cunho assistencial juntos aos membros da igreja primitiva, se tornou outro marco importante, tendo sido eles os precursores dos atuais diáconos. Com tais medidas, ficavam

[...] livres para o exercício de sua liderança espiritual. A necessidade, devido ao rápido crescimento e possivelmente à imitação das práticas da sinagoga judaica, levou à multiplicação de ofícios e oficiais bem cedo na história da Igreja. Algum tempo depois, os presbíteros (anciãos) passaram a integrar o corpo de oficiais, finalmente formado de apóstolos, presbíteros e diáconos, que dividiam a responsabilidade de liderar a Igreja de Jerusalém. (CAIRNS, 1995, p. 47).

As manifestações carismáticas foram registradas por pessoas influentes da época, tais como:

- Irineu (130-200 d.C.): bispo de Lyon, na Gália e discípulo de Policarpo, bispo de Esmirna: Irineu declarou que, no seu tempo, muitos cristãos falavam línguas estranhas pelo Espírito e tinham dons, inclusive o de profecia;
- Justino Mártir (100-165 d.C): nasceu na Palestina, converteu-se em Éfeso e morreu em Roma. Em seus escritos, deixou registrado que os dons espirituais estavam em evidência nos seus dias, entre eles o dom de línguas estranhas;
- Orígenes (185-254dC): teólogo, afirmou que os dons espirituais, entre eles o de línguas, existiam em seu tempo;
- Crisóstomo (347-407dC): patriarca⁷ de Constantinopla, relatou que três membros da sua igreja falaram pelo Espírito Santo em persa, latim e hindu; e
- Agostinho (354-430dC): bispo de Hipona, Norte da África. Deu testemunho de que as línguas estranhas eram ouvidas em tempo. (GILBERTO, 2007).

Durante o século II, os movimentos espirituais se sucederam de forma dispersa e com menos intensidade. A secularização da “**igreja dominante**” e as influências dos povos pagãos contribuíram para que a prática dos dons do Espírito fosse lentamente esquecida.

Montano, natural de Arbadau, na antiga Frígia (Ásia Menor), liderou um movimento reformador chamado montanismo (década de 150 d.C), ou “**nova profecia**”, que se opunha ao mundanismo e à decadência da Igreja, expressos pelas inovações introduzidas na Igreja Cristã pelos gnósticos e pagãos.

⁷ No sentido eclesiástico oriental, o termo “patriarca” designa um bispo investido de prerrogativas e precedências especiais.

O movimento montanista expandiu-se pela Ásia Menor, Norte da África, e se estendeu até Roma (OLIVEIRA, 2018). Montano apregoava a “recarismatização da cristandade” e, para ele, os cristãos,

[...] haviam abandonado certos carismas, por exemplo: “falar em línguas”, “receber revelações divinas” ou esperar pelo poder da divindade “sinais”, “curas” e “maravilhas”. Ora, as consequências da pregação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de igrejas pentecostais modernas. (CAMPOS, 2005, p. 103).

Entre as razões para o desencadeamento de um processo de perseguição contra os montanistas, desenvolvido pela igreja dominante nesse período, destacam-se que

[a] liderança da igreja sentiu-se ameaçada pela autodenominada “nova profecia” e os montanistas acabaram sendo excomungados. Alguns grupos sobreviveram até o século quinto no norte da África e por mais tempo na Frígia. Apesar de alguns excessos, esses antigos cristãos chamaram a atenção da igreja para a pessoa do Espírito Santo e a importância de uma vida disciplinada. Esses fatores atraíram o grande intelectual cristão Tertuliano de Cartago, que se tornou montanista no final da sua vida. A partir dessa época, todas as reivindicações de inspiração direta foram firmemente desencorajadas pela igreja ocidental. (MATOS, 2003).

Para Gonzalez, citado por Moreno Filho (2009, p. 17), a oposição da igreja ortodoxa ao movimento montanista fundamentava-se em duas razões:

Sob o ponto de vista prático, o montanismo enfraquecia a estrutura emergente da igreja, que muitos consideravam necessária para se opor às várias heresias; teologicamente, o fato de os montanistas declararem ter recebido uma nova revelação, colocava em risco o dogma de fé dos cristãos segundo o qual a revelação dada por Cristo era cabal.

Apesar de sua expressão, os montanistas não foram reconhecidos em sua época, sendo condenados pela Igreja. No entanto, suas ideias sobreviveram, sendo assimiladas, a partir do século IV, por outros movimentos reformadores (OLIVEIRA, 2018, p. 23-24). Ao se considerar a história da igreja cristã primitiva, o destaque são as perseguições⁸ movidas pelos judeus e pelos governos romanos:

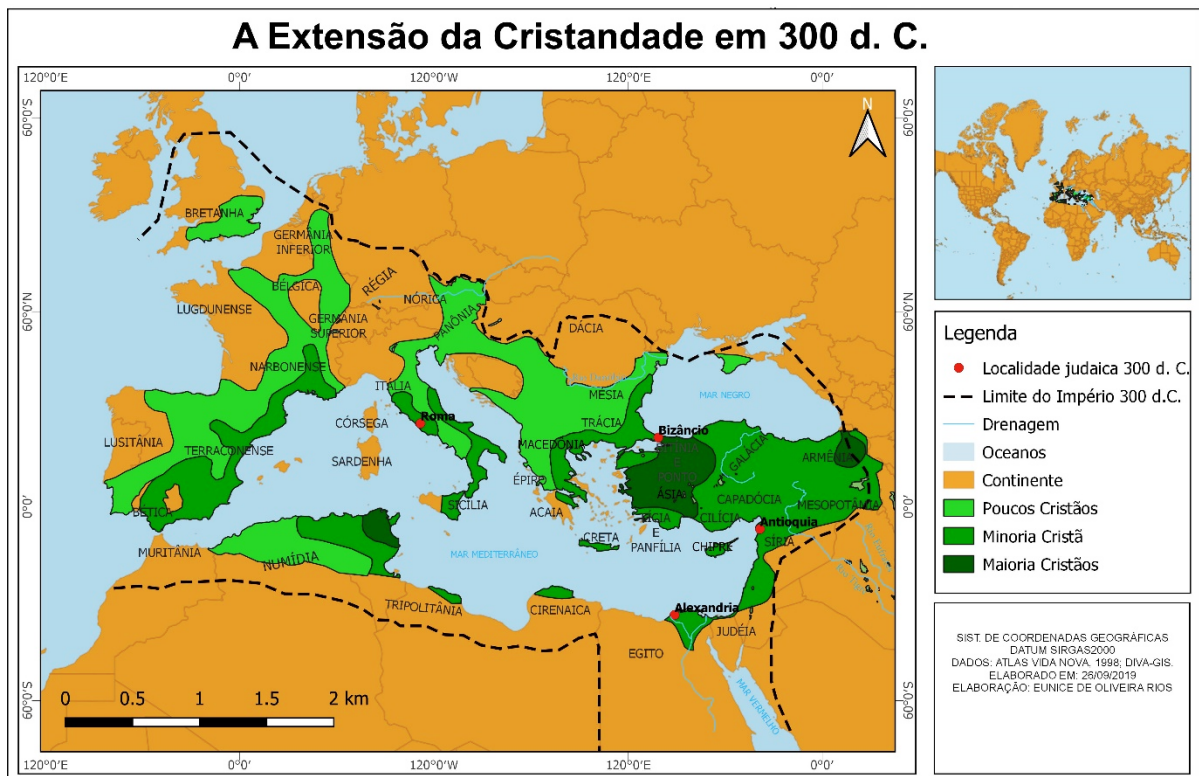
Antes de 250, as perseguições foram predominantemente locais, esporádicas e geralmente mais um produto da ação popular do que resultado de uma política definida. Após esta data, porém, a perseguição se tornou, às vezes, uma estratégia consciente do governo imperial romano e, por isso, ampla e violenta. E neste tempo, a ideia de Tertuliano de que o sangue dos mártires é a semente da Igreja se transformou numa terrível realidade para muitos cristãos. A igreja continuou a se desenvolver por

⁸ Uma referência às perseguições aos cristãos é encontrada na obra *O cristianismo através dos séculos uma história da igreja cristã*, na qual o autor trata das causas, das perseguições e de suas consequências (CAIRNS, 1995, p. 70-77).

isso, ou talvez parcialmente por isso, até o período em que conseguiu a liberdade de culto no governo de Constantino. (CAIRNS, 1995, p. 70).

Apesar de sofrerem perseguições e condenações, os defensores da fé pentecostal deixaram um legado à humanidade, uma crença que sobreviveu e se expandiu pelo Mundo Antigo. A Igreja dos Apóstolos continuou a sua marcha, divulgando suas convicções, ocupando novos territórios, expandindo suas crenças, como se constata no mapa a seguir (Figura 4).

Figura 4 – Expansão do Cristianismo no século II



Fonte: reelaborada pela autora (2019) e adaptada de Dowley (1997).

A história registra o avanço do Cristianismo para além dos limites de sua implantação original, bem como as transformações ocorridas em conformidade com os contextos sociais a que estiveram expostos, como se pode comprovar a seguir.

2.4 Movimentos pentecostais anteriores à Reforma

O fenômeno pentecostal ou carismático originou-se em Jerusalém (33 d.C.) e perdurou até hoje. Sua história é intercalada por momentos de liberdade religiosa ou por perseguições, realizadas por outros segmentos cristãos.

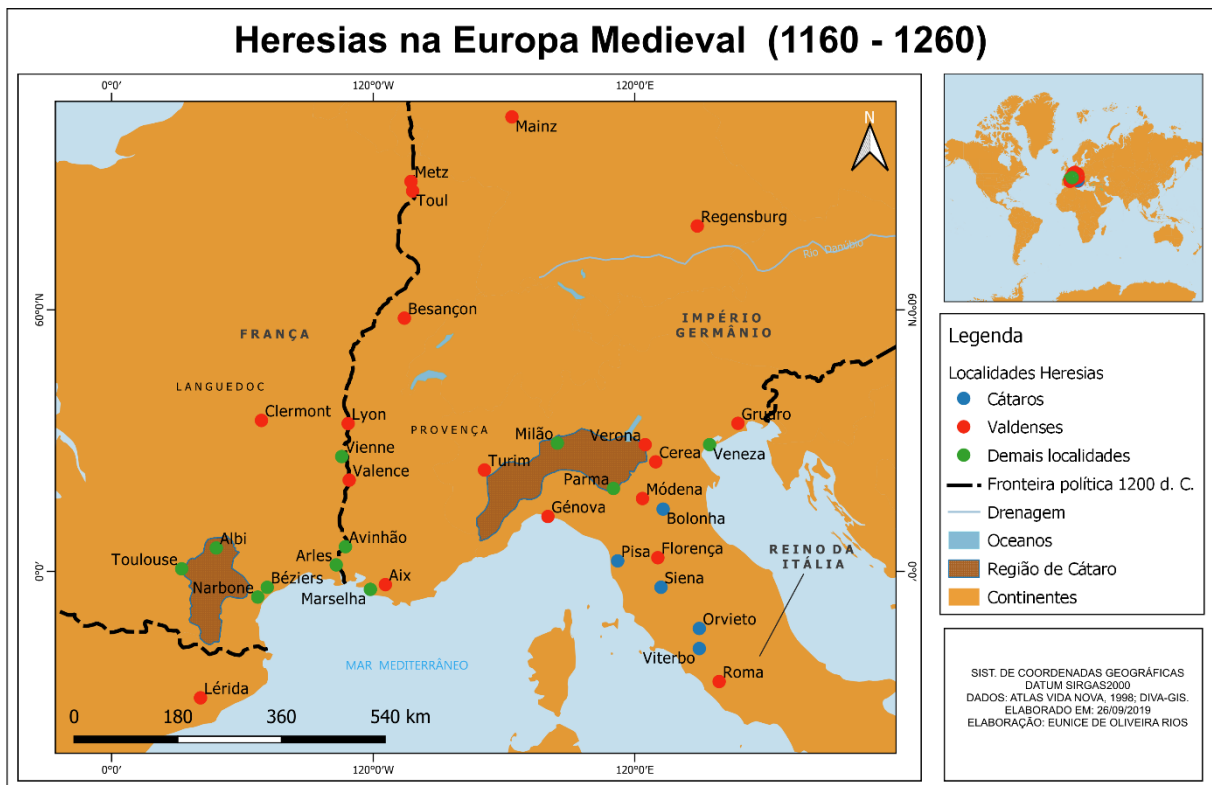
Hurlbut, na obra *História da Igreja Cristã* (1979), estabelece que, antes da Reforma Luterana, existiram cinco grandes movimentos reformistas da Igreja Cristã, porém, o mundo da época não estava preparado para recebê-los, de modo que foram reprimidos com sangrentas perseguições. De acordo com o referido autor, esses movimentos, caracterizados pelos seus membros, personagens e seguidores, foram: os cátaros ou albigenses, valdenses, João Wyclif, morávios e Jerônimo Savonarola, comentados adiante.

- **Cátaros ou Albigenses:** foi um movimento que ocorreu no sul da França, despertando forte oposição da Igreja Católica. A denominação “cátaros”, do grego, significa “puros” e albigenses, por serem da cidade de Albi. Os cátaros (cathari) ou albigenses, ou, ainda, “puritanos”, se sobressaíram no sul da França por volta de 1170. Suas posições eram de rejeição à “autoridade da tradição. Distribuíam o Novo Testamento e opunham-se às doutrinas romanas” como a do purgatório, a adoração de imagens e recusavam o Antigo Testamento. No ano de 1208, uma cruzada foi mobilizada pelo papa Inocência III, resultando na dissolução da referida seita. Na ocasião, ocorreu o massacre de “quase toda a população da região, tanto a católica como a herege” (HURLBUT, 1979).
- **Valdenses:** as origens dos valdenses remontam a meados de 1175. Consistia em um movimento reformista liderado por Pedro Valdo ou Valdes, comerciante de Lyon, França. Valdo, além de ler e explicar as Escrituras para os seus seguidores, também as distribuía, atitude que contrariava os costumes e as doutrinas dos católicos romanos. Dentre outras práticas valdensianas destacavam-se: o estilo de vida comunitário, ensinamento das Escrituras no vernáculo (ênfase no Sermão do Monte), incentivo à pregação de leigos e de mulheres e negação ao purgatório. Condenados pelo Concílio de Verona (1184), os valdenses foram expulsos da Igreja Católica e perseguidos por séculos. Refugiaram-se, principalmente, nos vales alpinos do norte da Itália, na região denominada Piemonte, em Turim. Posteriormente, alinharam-se à Reforma Protestante. Apesar dos séculos de perseguições, eles permaneceram firmes, e atualmente constituem uma parte do pequeno grupo de protestantes na Itália (HURLBUT, 1979).

A distribuição dos movimentos cátaros e valdenses pela Europa, ou seja, dos hereges da Europa Medieval aos “olhos” da Igreja Católica Romana da época, pode ser visualizada no mapa da Figura 5. De Albi, Toulouse e Narbonne (cidades ao sul da França), os cátaros se disseminaram para o norte da Itália (Milão e Parma), atingindo

posteriormente outras cidades das regiões da Emilia-Romagna (Bolonha), Toscana (Pisa e Siena) e da região da Úmbria (Orvieto e Viterbo). Já os valdenses originários de Lyon e Bourg-lès-Valence (parte central do leste da França) refugiaram-se, principalmente, nos vales alpinos do norte da Itália, na região denominada Piemonte, em Turim. Posteriormente, atingiram as cidades de Génova, Florença e Roma.

Figura 5 – Heresias na Europa Medieval (1160-1260)



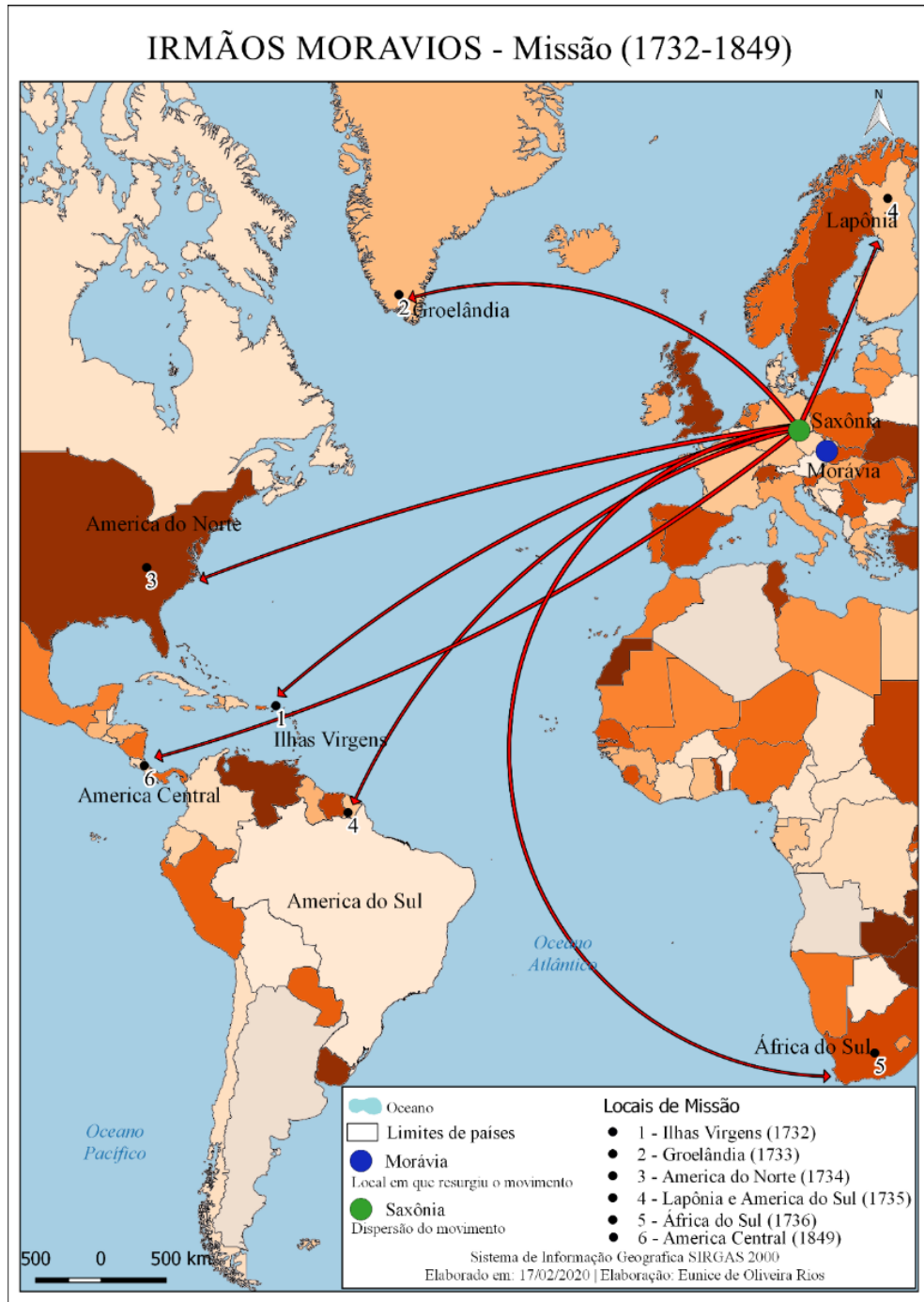
Fonte: reelaborada pela autora (2019) e adaptada de Dowley (1997).

- **João Wyclif (1324-1384):** foi responsável por um movimento, na Inglaterra, que pregava a “libertação do domínio do poder romano e da reforma da igreja”. Sua educação se deu na Universidade de Oxford, era doutor em teologia e “chefe dos conselhos” que dirigiam a universidade. Seus seguidores eram numerosos e acunhados de *lolardos*. Defendiam a Bíblia como norma de fé, que deveria ser lida e interpretada. No reinado de Henrique IV e Henrique V, foram perseguidos e exterminados (HURLBUT, 1979, p. 165-166). Entretanto, as ideias de Wyclif influenciaram outros reformadores em várias partes da Europa e, posteriormente, foram trazidas para a América pelos imigrantes europeus.

- **Morávios:** movimento que aconteceu na Boêmia (Tchecoslováquia), disseminado pelo acadêmico João Huss (1369-1415), que estudou na Universidade de Oxford. Huss foi um dos leitores dos trabalhos de Wyclif. Após esse conhecimento, passou a pregar as mesmas doutrinas e a necessidade de libertação da autoridade papal. Para ele, a igreja não deveria ser definida pelos sacramentos, mas sim “por uma vida semelhante à de Cristo” (MATOS, 2004). Devido às suas convicções, Huss acabou sendo excomungado, condenado pela Igreja Católica e queimado vivo na fogueira, morreu entoando uma música sacra. Seus seguidores, Irmãos Boêmios ou Hussitas, foram igualmente perseguidos.

A espacialização dos morávios, reconhecidos como um movimento que priorizava a missão evangelizadora, encontra-se representada na Figura 6.

Figura 6 – Movimento dos Morávios: locais das missões



Fonte: elaborada pela autora (2021).

- **Jerônimo Savonarola:** movimento iniciado por Jerônimo Savonarola, monge da Ordem dos Dominicanos, em Florença (Itália), e prior do Mosteiro de S. Marcos. Ele “pregava, tal qual um dos profetas antigos, contra os males sociais, eclesiásticos e políticos de seu tempo [...] a grande catedral enchia-se até transbordar de multidões ansiosas, não só de ouvi-lo, mas também para obedecer aos seus ensinamentos”

(HURLBUT, 1979, p. 167). Em 1498, foi considerado herege, excomungado, preso, condenado à forca e teve seu corpo queimado na praça pública de Florença.

Ambos os movimentos supracitados retratam as várias manifestações pentecostais que ocorreram em diferentes lugares, dos séculos XII ao XIX. Além dos movimentos e personagens citados, a história dos pentecostais ficou marcada, também, pelos “movimentos populares”, que, segundo Maciel (2016, p. 24), eram menos memorizados nesse período:

Os **movimentos populares** não receberam a devida atenção pois as informações “são muito escassas, e pouco confiáveis” e, ainda, seus seguidores eram formados por pessoas “sem instrução”, e por parte deles não havia o desejo de “deixar registros para a posteridade”. Esses movimentos populares eram na grande maioria de “caráter apocalíptico”, por crerem que o fim estava próximo, e, como consequência, deixavam de lado a questão de narrativa histórica. Dentre os movimentos populares, destacam-se: Beguinias e Begardos; os Flagelantes; os Taboritas; e outros. (Grifo nosso).

Fica evidente, porém, que a Reforma se constituiu a partir de uma **gama** de movimentos de protestos contra os ensinamentos e as práticas da Igreja Medieval. Desenvolveu-se na Europa setentrional e tinha por fundamento a revitalização do Cristianismo (século XVII). Entretanto, salientamos que as divergências sobre o sentido da Reforma dependem do entendimento de seu narrador. Se for um religioso católico romano, irá considerá-la “uma revolta de protestantes contra a Igreja universal”; se protestante, acreditará em um movimento que tinha por objetivo “uma vida religiosa de conformidade com os padrões do Novo Testamento”, e, se for um historiador secular, irá entendê-la “como um movimento revolucionário”.

Na opinião de Cairns (1995, p. 224-225), o referido evento é um “movimento de reforma religiosa que resultou na formação de igrejas nacionais entre 1517 e 1545”, imprimindo à “religião o lugar de primazia, mas não ignora os fatores políticos, econômicos, morais e intelectuais, embora secundários”.

A opinião de Cairns é compartilhada por Azevedo (2007, p. 87), destacando que o principal sentido da Reforma Protestante “é o da liberdade”. Para Azevedo (2007), a Reforma é consequência da crise espiritual da Igreja, afirmando que o “povo, de modo geral, não encontrava satisfação e realização em suas práxis religiosas. Reinava um ‘vazio espiritual’”. Nesse contexto, o desejo dos cristãos era o de “um movimento interior, nascido dentro da própria Igreja em crise, com forte desejo de transformar a Igreja, e não, necessariamente, criar uma nova Igreja”. Daí a afirmação de que a Reforma foi um movimento “fundamentalmente religioso, mas com profundas consequências sociais, institucionais, políticas, econômicas e

culturais (AZEVEDO, 2007, p. 87-88), bem como o redesenho da Europa no que diz respeito às filiações religiosas.

Entre as consequências advindas da Reforma, cita-se o ressurgimento de eventos entusiastas devido aos seus pressupostos, como o “livre exame das Escrituras, o sacerdócio de todos os cristãos e a liberdade de expressão e associação”:

Desde então, o entusiasmo religioso se tornou um fenômeno relativamente frequente nas hostes protestantes. Alguns exemplos mais conhecidos foram os *quacres* ingleses (século 17), com sua ênfase na “luz interior”, os avivamentos dos séculos 18 e 19, tanto na Europa quanto na América do Norte, e o ministério de Edward Irving (século 19), um pastor presbiteriano escocês que trabalhou em Londres e é considerado o precursor do moderno movimento carismático. Apesar dos seus problemas, esses movimentos com frequência revelavam insatisfações legítimas com a igreja oficial e o desejo de uma espiritualidade mais profunda. (MATOS, 2006, p. 26).

Assim, por influência da Reforma, os “entusiastas” puderam continuar a divulgação da crença no “**revestimento de fogo**” e “**poder do alto**” dos primitivos pentecostais, que permanecem ao longo da história, com características próprias no tempo e no espaço.

2.5 Movimentos pentecostais posteriores à Reforma

Após a Reforma, novos grupos com características pentecostais surgiram na Europa e dentre eles destacam-se os quacres ingleses e os anabatistas:

- **Quacres ingleses:** surgiram na Inglaterra, em 1546. Foram denominados “Amigos” ou “Tremedores” (*Quakers*). Esse segmento religioso tinha como princípios a “consagração completa à vontade de Deus”, as manifestações dos dons do Espírito Santo, o zelo missionário, a “inspiração no trabalho e luz interior”. Por serem rígidos, sofreram oposição e perseguição, sendo considerados “fanáticos e extravagantes” (OLIVEIRA, 2018, p. 28). As mensagens pregadas por Jorge Fox, Inglaterra (1647) influenciaram os *Quakers*, pois, em seus discursos, se opunha a todas as formas exteriores da igreja, do ritual e de organização eclesiástica. Ensinava que o batismo e a comunhão deviam ser espirituais, e não formais. Que o corpo de crentes não devia ter sacerdote, nem ministros assalariados, mas que qualquer um dos crentes poderia falar, segundo a inspiração do Espírito de Deus, que é a “luz interior” e guia de todos os verdadeiros crentes. Doutrinava, também, que tanto homens como mulheres tinham os mesmos privilégios concernentes aos dons do Espírito e no governo da

Sociedade (HURLBUT, 1979, p. 235). Nos primórdios do movimento, seus membros se autodenominavam “Filhos da Luz” e, posteriormente, passaram a se chamar “Sociedade dos Amigos” e “Quacres”. O pensamento de Fox influenciou milhares de pessoas que “não simpatizavam com o espírito dogmático e intolerante manifestado nesse tempo pela Igreja da Inglaterra”. Prova disso é que cerca de “quinze mil seguidores foram encarcerados, duzentos exilados e vendidos como escravos”. Muitos foram os que “morreram como mártires por causa de sua fé, nas prisões ou vítimas da violência de multidões fanáticas”. Na fuga das perseguições, alguns buscaram refúgio na Nova Inglaterra, “porém ali encontraram os puritanos não menos perseguidores do que os anglicanos. Pelo menos quatro membros dos quacres, inclusive uma mulher, foram executados em Boston” (HURLBUT, 1979, p. 236).

- **Anabatistas:** para uma melhor compreensão do movimento anabatista, analisa-se, primeiramente, o contexto da reforma na Suíça. Três tipos da teologia da Reforma se desenvolveram nos territórios suíços. Os cantões do Norte, de fala alemã, que seguiram Zwínglio; os do Sul, liderados por Genebra, seguiram Calvino; e os radicais da Reforma, conhecidos como anabatistas, formaram uma facção extrema daqueles que, antes, tinham trabalhado com Zwínglio. De Zurich, o movimento anabatista alcançou toda a Suíça, a Alemanha e a Holanda, onde, sob a liderança de Menno Simmons, solidificou-se (CAIRNS, p. 1995, p. 244). Os anabatistas também foram conhecidos como “reformadores radicais” e se constituíram no terceiro movimento, a **Reforma Radical** (1525-1580) da Reforma Protestante. Esse movimento surgiu em Zurique, sob a liderança de Grebel, Mantz, Baurock e Hubmaier,⁹ que reuniram um grupo de amigos com o objetivo de estudar a Bíblia. A Suíça, por preservar a liberdade religiosa em seu território, tornou possível o nascimento do movimento anabatista. Cairns (1995, p. 248) escreveu que nem o “feudalismo nem o papado tinham sido capazes de preservar o apoio desta terra de intrépidos soldados mercenários”; acrescenta também que a “insistência de Zwínglio na Bíblia como fundamento da ação dos pregadores encorajou a formação de conceitos anabatistas baseados na Bíblia”. Devido ao batismo de adultos, foram apelidados de “anabatistas” (rebatizadores) e de “radicais, fanáticos, entusiastas e outras designações”. A princípio, os anabatistas apoiavam Zwínglio, posteriormente (1524),

⁹ Informações sobre Grebel, Mantz, Baurock e outros são encontradas em Cairns (1995, p. 248-249).

passaram a questioná-lo, assim como às autoridades municipais, com a alegação de que a reforma não era “profunda o suficiente”. Diante do protesto, os anabatistas foram perseguidos, marginalizados, condenados à prisão, executados, queimados em praças públicas ou afogados nos rios por ordens do reformador Zwinglio e da Igreja Católica. A perseguição aos **rebatizadores** promovida pelas lideranças religiosas da Suíça resultou na expansão do movimento pela Morávia, Alemanha e Países Baixos. Suas ideias reapareceram, posteriormente, influenciando batistas, quacres e congregacionais (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 11-12).

2.6 Avivamentos na Europa e na América do Norte (séculos XVIII e XIX)

O avivamento na acepção literária significa “ato ou efeito de avivar(-se), de dar ou ganhar vida ou ânimo; realce; destaque”,¹⁰ mas existem sinônimos como **reavivamento**, **despertamento** e **renovação** (ARAÚJO, 2015, p. 107).

Em artigo da Ultimato (2003), o reavivamento

[m]esmo tendo um teor místico muito acentuado, é muito mais que isso. É o motor de coisas novas, de realizações extraordinárias e de certa duração, na área da educação religiosa, na área de evangelização e missões, na área de socorro ao sofrimento humano. Forçosamente, o reavivamento sempre gera preocupação com os não-salvos pela graça de Deus e com os moralmente marginalizados. A história dos reavivamentos mostra que este sopro do Espírito induz os crentes a fazerem obras de caridade e a levantar a sua voz contra a injustiça social, seja ela qual for e custe o preço que custar.

Os eventos conhecidos como **avivamentos**, **reavivamento**, **despertamento** e **renovação** espiritual, ocorreram em diversos lugares e em tempos diferentes, porém, nesta tese serão abordados os mais significativos para a história do Cristianismo. Em vista disso, e mesmo dispersos pela Europa em épocas, culturas e lugares distintos, os movimentos pentecostais tinham em comum o fato de demonstrar “insatisfações legítimas com a igreja oficial e o desejo de uma espiritualidade mais profunda” (MATOS, 2006, p. 26).

Na busca por mudanças sociorreligiosas, surgiram diversos movimentos reformados e perseguidos, entre eles os pentecostais, que se disseminaram pela Europa.

[a] perseguição ativa foi outra arma poderosa usada para impedir o crescente espírito da Reforma. É certo que os protestantes também perseguiram, e até mataram, porém geralmente isso aconteceu por sentimentos políticos e não religiosos. Na Inglaterra da

¹⁰ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/avivamento>. Acesso em: 24 mar. 2019.

época, aqueles que morreram eram principalmente católicos que conspiraram contra a rainha Elisabete. Entretanto, no continente europeu, todos os governos católicos preocupavam-se em extirpar a fé protestante, usando para isso a espada. Na Espanha estabeleceu-se a Inquisição, por meio da qual inumerável multidão sofreu torturas e muitas pessoas foram queimadas vivas. Nos Países-Baixos o governo espanhol ordenou matar todos aqueles que fossem suspeitos de heresias. Na França o espírito de perseguição alcançou o clímax, na matança da noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572, e que se prolongou por várias semanas. Segundo o cálculo de alguns historiadores, morreram de vinte a setenta mil pessoas. Essas perseguições nos países em que o governo não era protestante não só retardavam a marcha da Reforma, mas, em alguns países, principalmente na Boêmia¹¹ e na Espanha, a extinguiram. (HURLBUT, 1995, p. 192).

Na Inglaterra, em meados do século XVIII, as igrejas estavam em decadência. Os cultos eram formalistas, dominados por uma crença intelectual, mas sem poder moral sobre o povo. A Inglaterra foi despertada dessa condição “através dos pregadores avivados, liderados pelos irmãos João e Carlos Wesley e por Jorge Whitefield” (HURLBUT, 1995, p. 203).

Suas primeiras manifestações aparecem durante a Revolução Industrial, período caracterizado por promover o rápido crescimento das cidades e a formação do operariado inglês. Como consequência da condição de vida a que eram submetidos (pobreza e exploração) surgiu um “**avivalismo religioso**” no país, cujo líder era John Wesley, clérigo da Igreja Anglicana, com formação em Oxford. Em uma viagem empreendida aos Estados Unidos (1728), conheceu grupos morávios e desenvolveu a ideia de “**santificação**”. Em 24 de maio de 1774, passou pela “**experiência do coração aquecido**”, mudando seu comportamento em relação à Igreja Anglicana, com atitudes como pregações fora dos templos, permitindo aos trabalhadores e mineiros ingleses conhecerem suas mensagens avivalistas.

Apesar de permanecer fiel ao anglicanismo, acabou por criar condições para o desenvolvimento do “**metodismo**”. Entre os metodistas, diferentemente do “**clericalismo**” da Igreja Anglicana, era permitida a atuação de pregadores leigos, tendo se destacado, entre eles, um trabalhador (pedreiro) cujo nome era Nelson (CAMPOS JR., 1995, p. 13).

Outro evento importante de avivalismo da Igreja Cristã foi o Movimento Restauracionista, liderado por Edward Irving, natural da Escócia, em Annan, em 1792. Estudou na Universidade de Edimburgo, foi ordenado em 1821, tornando-se ministro da Igreja da Escócia, em Londres. Em 1831, alguns membros da igreja que Irving liderava começaram a falar em línguas, profetizar e exercitar dons de cura nos cultos, o que gerou conflitos entre os membros e a oposição do Conselho da igreja. Estes exigiram que ele “proibisse essas manifestações durante os cultos” e, mediante a recusa, o Conselho “apelou para o Presbitério de Londres, que determinou que Irving deixasse o pastorado da igreja”. Irving, cumprindo a

¹¹ Boêmia, atualmente, República Checa.

determinação do Presbitério, deixou a igreja e “fundou uma igreja independente em Newman Street”, Londres (LOPES, 2014, p. 42-44).

Como orador eloquente, Irving atraía multidões para os seus discursos. Em 1849, fundou a Igreja Católica Apostólica ou Irvingitas, sendo considerado pai do movimento restauracionista. Suas principais características eram “seu zelo ardente pelo evangelho de Cristo, sua denúncia intransigente do materialismo e da fria respeitabilidade da sociedade contemporânea”. Ele acreditava que a unção do Espírito capacitaria a igreja, que, no contexto em que vivia, estava cronicamente debilitada (MATOS, 1996, p. 2-4).

2.6.1 Avivamento Pentecostal – Primórdios do Pentecostalismo na América

Da Europa partiram muitos migrantes para a América do Norte, fugidos das perseguições políticas e religiosas, levando consigo o espírito aventureiro e a experiência religiosa, entre elas a nova crença no Espírito Santo. Foi nas colônias inglesas da América do Norte, entre os anos de 1730 e 1740, que ocorreu o “**Primeiro Grande Despertamento**”, influenciado pelo pietismo alemão, pelo puritanismo e pelo metodismo.

Como consequência, houve uma revitalização das igrejas protestantes e o surgimento de um cristianismo diferenciado, ou seja, “mais emocional, mais independente das antigas estruturas e tradições e mais desejoso de novas formas de experimentar o sagrado”. Essas características foram, posteriormente, reeditadas no “**Segundo Grande Despertamento**” (1790 a 1840), acrescentando-se questionamentos sobre a Teologia Reformada Tradicional, enfoque na soberania de Deus e ênfase na “liberdade, iniciativa, capacidade de decisão e experiência pessoal”, alinhada à nova cultura americana em consolidação (MATOS, 2006, p. 27).

Nesse contexto de revitalização das igrejas protestantes, o movimento pentecostal se estabelece, dando origem ao Pentecostalismo Moderno¹², considerando-se as manifestações

os seus cultos. Estava localizada na Rua Azusa 312, e chamava-se Missão Evangélica da Fé Apostólica (Apostolic Faith Gospel Mission). Er

¹² O Arminianismo é o sistema teológico, elaborado pelo teólogo holandês Jacobus Arminius (1560-1609). Ver DANIEL (2017) e ELIAS (2020).
a liderada por um negro (que tinha só um olho) por nome William Seymour. Ele era um antigo pregador do Movimento de Santidade, que tinha sido influenciado por Parham. Numa reunião pública em 1906, o Pentecostalismo como uma religião nacional e mesmo internacional começou. O grupo que adorava na Rua Azusa experimentou um derramamento do Espírito que foi uma repetição, assim foi alegado, de Pentecoste. As pessoas sobre quem o Espírito veio começaram a falar em línguas. A igreja ministrava a toda classe e raça de pessoas, e logo se tornou uma Meca para pessoas de todo o país. Essas pessoas, participando do derramamento especial do Espírito na casa de reunião da Rua Azusa, foram para as suas casas espalhando a palavra de que outro Pentecoste tinha finalmente chegado. O movimento espalhou-se rapidamente, e cresceu em grandes passos. Era o princípio do Pentecostalismo” (HANKO, 2006, p. 1).

ocorridas na rua Azusa, Los Angeles, em 1906. Os precursores do Pentecostalismo Moderno foram John Wesley, fundador do Metodismo, e os revivalistas Jonathan Edwards, Charles Finney, Dwight Moody e Reuben Torrey.

Wesley apregoava o movimento Santidade e o “batismo com o Espírito” ou “segunda bênção”. Posteriormente, tais ideias foram aprimoradas, dando origem à “terceira bênção”, a do “batismo com fogo” ou “revestimento com poder”. Esses eventos foram fundamentais para a eclosão do Pentecostalismo Moderno:

Modern Pentecostalism is a worldwide movement that is traceable to the events marking the outpouring of the Holy Spirit in the Azusa Street revival led by William J. Seymour (1870–1922) in April 1906. Serving as a precursor to the Pentecostal movement was the Holiness movement, which was itself based on a particular interpretation of the teaching of the founder of Methodism, John Wesley (1703–1791) and that of Wesley’s theologian John Fletcher. Revivalists who contributed along Wesley’s position from varied angles included Jonathan Edwards, Charles Finney, Dwight Moody and Reuben Torrey. The Wesleyan position was that ‘entire sanctification’ or ‘perfect love’ was the ‘second blessing’ or ‘baptism with the Spirit’. The position was sharpened by Keswick Convention which began in 1875, with yearly meetings in the English Lake District. The Keswick position was that the baptism with the Spirit was an endowment with power for service. By the end of the 19th century, the baptism of the Spirit as an endowment for service was prominent in most of the ministry of the North American revival preachers. Consequently, a third position emerged, this is the ‘third blessing’; this held both the ‘second blessing of sanctification’ and a ‘third blessing of baptism with fire’, also as an endowment with power. It was these preparations that set the ground for the birth of Pentecostalism. (ONYINAH, 2013, p. 274).

Assim, nos Estados Unidos o movimento pentecostal, apesar das várias influências, teve por fundamento o metodismo *wesleyano* e a sua doutrina de “santificação”,¹³ dando origem às cruzadas ou avivamentos conhecidos como movimentos de “*holiness*” ou de “santidade”. As principais características dos referidos eventos eram a “pregação extemporânea com forte conteúdo emocional”, ênfase no Arminianismo,¹⁴ “**apelos**” e a “assistência espiritual aos convertidos ao término das reuniões” (MATOS, 2006, p. 29). Às mulheres era permitido, também, falar e orar em reuniões.

Muitas das crenças que faziam parte da identidade pentecostal coexistiam separadamente, em diversas camadas do protestantismo norte-americano, todas, porém, ligadas aos movimentos de santidade ou de reavivamento espiritual. Nesses meios, enfatizavam-se a necessidade de conversão/novo nascimento, a santificação, a cura divina, a volta de Jesus à

¹³ Para John Wesley, a vida cristã deveria considerar a “inteira santificação”, a “perfeição cristã”, a “mente de Cristo”, a “plena devoção a Deus” ou o “amor de Deus ao próximo” (MATOS, 2006, p. 28).

¹⁴ O Arminianismo é o sistema teológico, elaborado pelo teólogo holandês Jacobus Arminius (1560-1609). Ver Daniel (2017) e Elias (2020).

Terra para inaugurar o milênio, o retorno do Espírito Santo na forma de um “**batismo de fogo**”, os rituais religiosos que provocariam sinais físicos e, particularmente, o falar em línguas estranhas (CAMPOS, 2005, p. 106).

A busca pela “**santificação**” intensificou-se com a formação de instituições como a *National Holiness Association* (1867), possibilitando a organização de eventos como *camp meeting*,¹⁵ onde ocorriam experiências extáticas que, posteriormente, se transformaram em parte integrante da identidade pentecostal. Nesse contexto surgiram vários confrontos dentro da Igreja Metodista, resolvidos a partir de 1885, com o estabelecimento de igrejas autônomas ou “igrejas *holiness*”, sendo que uma parte delas se transformariam em

[i]grejas tipicamente pré-pentecostais, quando então já se prenunciava no horizonte um salto de qualidade que se concretizaria com a chegada da “era pentecostal”: Church of God (Cleveland, 1886); United Holy Church of América Inc. (1886); Fire Baptized Holiness Church (1898); Pentecostal Holiness Church (1899); Pentecostal Union (1901). Algumas dessas igrejas iriam aderir oficialmente ao movimento pentecostal nos anos seguintes, seguindo os modelos implantados por William Seymour, em Azuza Street, a partir de 1906. (CAMPOS, 2005, p. 106).

A discussão sobre o “batismo do Espírito Santo” envolveu vários religiosos e denominações. Dentre os líderes religiosos destacou-se Parham,¹⁶ o primeiro pregador a relacionar as “experiências extáticas, com manifestações de transes e glossolalias”¹⁷ e a teoria do “batismo com o Espírito Santo”. A divulgação das ideias de Parham se dava através do jornal *The Apostolic Faith*. Em suas publicações, ele apregoava sobre a uma “terceira bênção” na vida dos fiéis, que segundo tradição metodista, existiam apenas duas bênçãos: “conversão” e “santificação” (CAMPOS, 2005).

Em 1900, Parham fundou o Instituto Bíblico *Betel College*,¹⁸ na cidade de Topeka (Kansas). Parham questionava se haveria realmente uma evidência bíblica para o batismo do Espírito Santo e, para esclarecer a questão, ele e os seus quarenta alunos do *Betel College* realizaram uma pesquisa bíblica e chegaram à conclusão de que a glossolalia era a resposta ao questionamento, passando, então, a buscar o sinal, a “**experiência sobrenatural**”. Reuniram-se em oração, numa vigília, com o objetivo de buscarem pelo “batismo com o Espírito Santo e

¹⁵ Centros de reavivamento religioso, organizados em contextos rurais.

¹⁶ Charles Fox Parham (1873-1929), expoente do pentecostalismo, era um “obreiro leigo, pregador metodista itinerante e eloquente, de personalidade carismática”. Em 1900, fundou o “Movimento da Fé Apostólica”, buscando a restauração da “fé da igreja primitiva”. Parham observara que a igreja contemporânea era diferente da igreja primitiva (POMMERENING, 2011, p. 3).

¹⁷ Refere-se ao fenômeno de se “falar em línguas desconhecidas” (CAMPOS, 2005, p. 108).

¹⁸ *Bethel Bible College*, “organização onde se misturavam a prática da cura divina, assistência espiritual e material a pessoas pobres com o treinamento para jovens que desejavam ingressar nas atividades missionárias” (CAMPOS, 2005, p. 108).

fogo”, como diziam, bem como pelo seu sinal físico/concreto: o “falar em línguas”. Agnes N. Laberge Ozman (1870-1937), após uma oração com imposição de mãos,¹⁹ falou em uma língua estranha, confirmando a tese de Parham. Era o primeiro dia do ano de 1901, fato este que marcou o início do Pentecostalismo nos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2018).

Manifestações relacionadas ao Pentecostalismo continuaram a se reproduzir na América do Norte e na Europa. Oliveira (2018, p. 54-57) relata fatos, baseado na obra *The Act of Pentecost*, citando pessoas e locais, como:

- experiência extática de J. R. Flower e um grupo de pessoas em Indianápolis;
- o reavivamento de Galena, no Kansas (1903), cujas reuniões foram, primeiramente, em tendas e, depois, em um armazém que comportava 2.000 pessoas sentadas; e
- batismo espiritual de Thomas Ball Barrat, em Nova Iorque, em 08/10/1906.

Barrat era pastor metodista inglês, radicado na cidade de Cristiânia (atualmente Oslo), Noruega. Ele estava nos EUA em busca de fundos para o seu trabalho na Noruega e, então, teve contato com o avivamento pentecostal e levou a nova crença para a sua igreja. Devido à nova pregação, foi expulso de sua denominação, mas, ao final de 1907, o avivamento já tinha se espalhado pela Dinamarca, Inglaterra, Alemanha e Índia (OLIVEIRA, 2018).

Charles Parham, em 1906, fundou a escola bíblica de Houston (Texas). Entre os alunos estava William J. Seymour, pregador afro-americano, ex-aluno de Parham, membro do movimento Holiness, que se tornou um ícone na história do Pentecostalismo.

2.6.2 Estados Unidos: sociedade e religiosidade (século XIX-XX)

Na busca pela compreensão das origens e expansão do movimento pentecostal, um dado relevante deve ser levado em consideração: a sociedade e o seu contexto.

Campos (2005), em seu trabalho “As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada”, faz uma interessante análise sobre a sociedade norte-americana e os movimentos religiosos, do século XIX e parte do século XX, palco do “nascimento” do Pentecostalismo Moderno. Para o referido autor (2005, p. 104), “a visão do contexto social, cultural e econômico dos eventos ocorridos no campo religioso

¹⁹ Imposição de mãos, ato em que o pastor coloca suas mãos sobre a “cabeça do fiel” no momento em que ora por ele (CAMPOS JR., 1995, p. 22).

norte-americano, no final do século XIX e início do século XX”, corrobora para a “descrição e compreensão das formas assumidas pelo pentecostalismo em suas origens e expansão”. Esse contexto refletia

[...] as agitações dos últimos 35 anos do século XIX, que ficaram marcados pelo trauma da Guerra Civil; libertação dos escravos negros; tensões raciais; crise prolongada do mundo da agricultura no sul do país; mobilidade populacional em direção às cidades do norte em processo de industrialização; chegada de milhões de imigrantes brancos,²⁰ que vinham refazer na América laços rompidos pela pobreza e miséria na Europa. (CAMPOS, 2005, p. 105).

A industrialização acelerou o processo de urbanização e, conseqüentemente, a zona rural e as pequenas cidades e vilas foram esvaziadas quando elas eram, reconhecidamente, os “lôcus de um intenso reavivamento espiritual do *camp meeting*”.

Os movimentos de santificação contribuía para o sentido de segurança e certeza às “pessoas traumatizadas por uma guerra civil terrível, pela falta de um norte seguro, ou então deslocado pela mobilidade populacional”. Dessa forma, o “**cinturão da Bíblia**” e as “comunidades emocionais” possibilitavam aos necessitados regras seguras, inflexíveis e indiscutíveis para a vida cotidiana. Nesse cenário,

[...] enquanto a demanda por vida espiritual crescia, a população buscava reconstruir a nação, e o caminho da religião seria um dos mais criativos para isso. Foi assim que as propostas avivalistas de John Wesley, que fizeram tanto sucesso na Inglaterra nos difíceis dias iniciais da Revolução Industrial, também foram retomadas pelo povo, nas colônias inglesas da América do Norte, nos anos anteriores e posteriores à Independência, durante o deslocamento das fronteiras em direção ao meio e ao distante oeste e nas décadas posteriores à Guerra da Secessão. (CAMPOS, 2005, p. 105-106).

Ao expor suas reflexões sobre a temática, Campos (2005, p. 106) afirma que “o período de industrialização, mobilidade populacional, urbanização, aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento concreto dos pobres” contribuiu para a expansão da “tradição **reavivalista**”, abrindo caminho para a eclosão do pentecostalismo, mas com um diferencial: enquanto “os grandes avivamentos se espalharam por uma América ainda rural, os movimentos de santidade e o pentecostalismo” se expandiram num contexto urbano e industrial.

²⁰ “Os especialistas em demografia norte-americana observam que, de 1777 a 1884, entraram nos EUA 1,6 milhão de imigrantes. Entre 1901-10, entraram cerca de 8,8 milhões. Essa chegada maciça de migrantes fez com que a porcentagem de ingleses e irlandeses, que era de 45% da população em 1861-70, caísse para 18% entre 1891 e 1900, enquanto a porcentagem de russos e europeus do sul da Europa nesse mesmo decênio subiu de 11% para 50% da população” (CAMPOS, 2005, p. 105).

Logo, o “protestantismo avivalista e puritano” deu origem à “pentecostalização de igrejas protestantes norte-americanas” e a “fertilidade do terreno social” promoveu o “crescimento da semente pentecostal”. Dessa forma, a “vitalidade da semente, na perspectiva sociológica, transcende a si mesma e se aloja nas estruturas da sociedade que a acolhe e lhe dá a germinação no tempo certo” (CAMPOS, 2005, p. 106).

Assim, o Pentecostalismo Moderno tem suas origens e desenvolvimento paralelo ao fundamentalismo protestante. “Ambos vingaram em terreno semelhante, um ao lado do outro sem, contudo, se misturarem”. Enquanto o aspecto “irracional” da mística religiosa era uma atração, no Pentecostalismo Moderno, no fundamentalismo protestante, o atrativo consistia na “sua capacidade de oferecer certezas”. E, assim, décadas se passaram e “em todas as partes do mundo, entre protestantes ou católicos, o estilo pentecostal na prática religiosa continua atraindo milhões de pessoas”. Esse quantitativo é uma prova de que o dinamismo do pentecostalismo “não se arrefeceu e que as fórmulas de crescimento continuam funcionando, mobilizando multidões, adaptando-se a novos contextos e estimulando analistas que buscam explicar a causa de seu sucesso” (CAMPOS, 2005, p. 106-107).

2.6.3 William J. Seymour e a explosão pentecostal na América – Rua Azusa

William Seymour nasceu em 1870, em Louisiana, filho de ex-escravos; era obreiro leigo. Por intermédio de jornais, tomou conhecimento do despertamento do *Bible College*, em Topeka (Kansas – EUA), e, assim como muitos outros negros, se interessou pela mensagem do “Movimento da Fé Apostólica”, de Parham.

Em Los Angeles (Califórnia), para onde se transferiu, Seymour pregou em uma Igreja dos Nazarenos, onde foi proibido de apresentar a nova doutrina, que era, aos olhos dos protestantes conservadores, um escândalo (CAMPOS JR., 1995). Seymour passou então a se reunir e a propagar a nova fé em casas de famílias do movimento *holiness* e em sua própria casa, situada na 216 *Bonie Brae Street* (OLIVEIRA, 2018).

Como ato de fé, no dia 9 de abril de 1906, Seymour e mais sete pessoas (entre elas um menino de 8 anos) foram batizadas com o Espírito Santo, fenômeno que atraiu curiosos e interessados na nova crença e levou Seymour a buscar um novo espaço, maior e de fácil acesso. Encontrou um velho templo abandonado da Igreja Metodista Episcopal Africana, sito na 312 *Azuza Street*, Los Angeles, onde se deu o início do movimento intitulado *The Apostolic Faith Gospel Mission* (OLIVEIRA, 2018).

Seymour tinha por fundamento as doutrinas de John Wesley e o movimento de santificação ou *holiness*, considerando “sua experiência baseada nos dons do Espírito Santo”. Ele falava em línguas estranhas, cria no Batismo no Espírito Santo e na atualidade dos dons espirituais (cura, profecias, operação de milagres). Afirmava que o “batismo pentecostal revestia o crente como o poder do alto, capacitando-o para exercer seu ministério no mundo”.

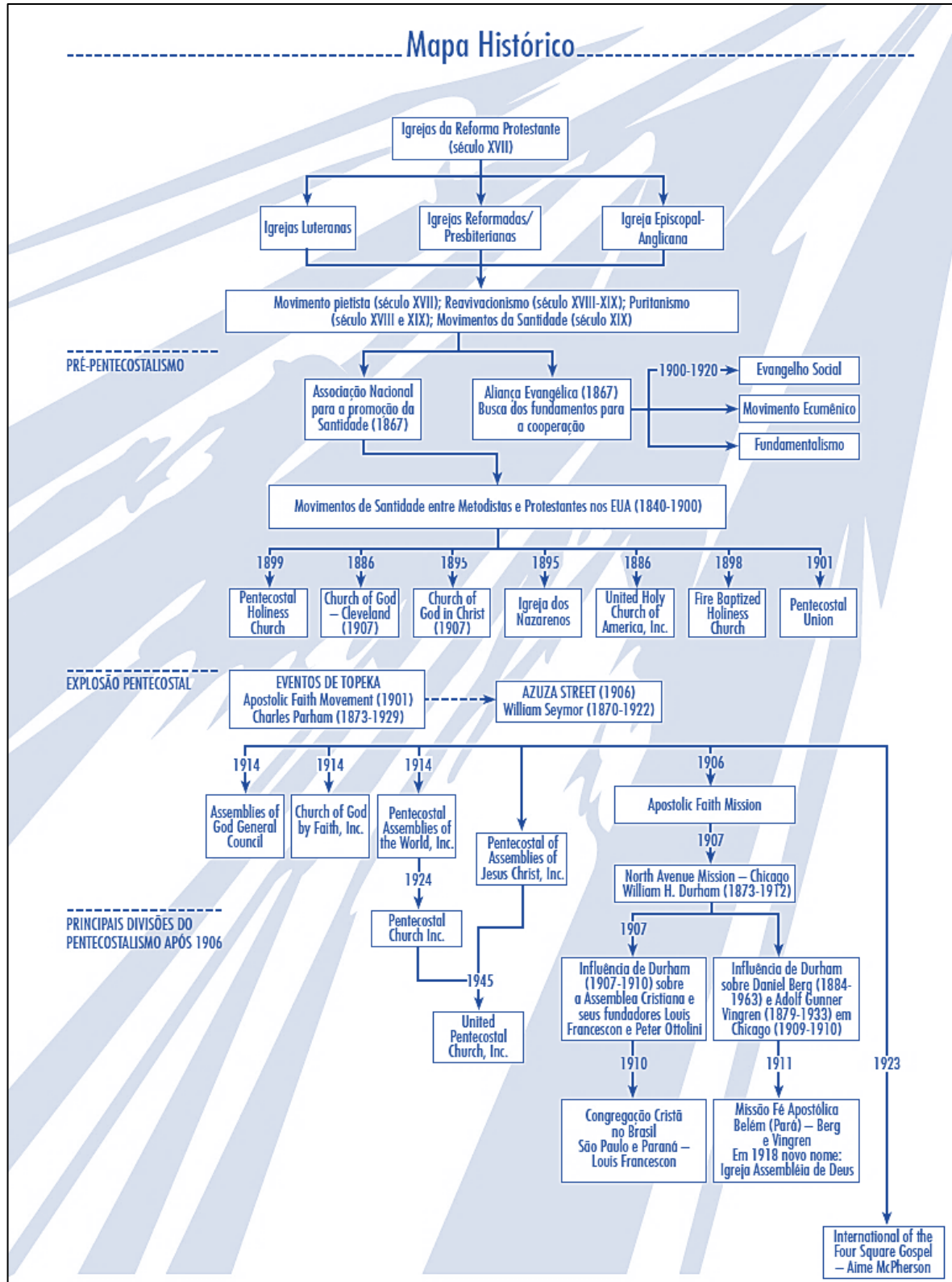
As crenças de Seymour atraíram muitos seguidores e grupos carismáticos foram se formando em vários lugares dos EUA. Esse crescimento vertiginoso levou à organização do movimento, passando a denominar-se Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa. Entre as várias explicações sobre a expansão do pentecostalismo nos EUA está o fato de ser “um movimento de inclusão, pois muitos de seus membros vinham de grupos tradicionalmente marginalizados como negros, mulheres e imigrantes latinos” (CARVALHO, 2013, p. 356).

De Los Angeles, precisamente da Rua Azusa, o Pentecostalismo se propagou por diversos países, fundado por Parham, mas seu fenomenal crescimento se deu pelas ações de Seymour, que atraía pessoas de várias partes do mundo em busca do “batismo no Espírito Santo” (DEJEAN, 2011, p. 88).

Dos EUA, a “mensagem e a experiência pentecostal foram levadas para as nações”. Em sua expansão, “novas missões e igrejas pentecostais foram estabelecidas” e algumas denominações *holiness* se tornaram também pentecostais. O pentecostalismo, no prazo de apenas dois anos, expandiu-se por “50 nações e em todas as cidades nos Estados Unidos com mais de três mil habitantes” (BEKEDORF, 2014, p. 7).

Campos (2005), ao discutir as origens norte-americanas do pentecostalismo, apresenta uma interessante análise, representada em um “Mapa Histórico” dividido em: pré-pentecostalismo, explosão pentecostal e pentecostalismo após 1906 (Figura 7).

Figura 7 – Pentecostalismo: mapa histórico



Fonte: Campos (2005, p. 113).

Neste capítulo, discorreu-se sobre as manifestações conhecidas como influenciadoras das origens do Pentecostalismo Moderno e, nele, pessoas, datas e lugares foram citados para

uma melhor compreensão da dinâmica espacial e temporal do fenômeno religioso em estudo. O próximo capítulo trata do movimento pentecostal no Brasil, sua implantação e expansão, com destaque para o período de 1910 a 1932, época contida na fase referida por alguns pesquisadores como a do Pentecostalismo Clássico ou Pentecostalismo Moderno.

CAPÍTULO 3 – BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO E PENTECOSTALISMO (1910 a 1932)

O Brasil do século XIX era um País economicamente agroexportador, alicerçado no trabalho escravo. Nesse período ocorreram fatos relevantes para a sociedade brasileira, como a chegada da Família Real Portuguesa (1808), a Independência (1822), a Abolição da escravatura (1888), a Proclamação da República (1889), as guerras com países vizinhos, dentre outros. Internacionalmente, ocorriam mudanças tecnológicas e científicas decorrentes da Revolução Industrial, influenciando, sobretudo, o Brasil durante a transição do século XIX ao século XX. Nesse cenário marcado por mudanças, o campo religioso brasileiro presenciou mais um fenômeno, que tomaria dimensões significativas nas décadas vindouras – a implantação de mais uma vertente cristã, o pentecostalismo.

Tendo em vista esse contexto histórico em que foi introduzido o pentecostalismo no Brasil, neste capítulo se discutem os contextos econômico e social na passagem do século XIX ao século XX.

3.1 O contexto econômico brasileiro em fins do século XIX e início do século XX

O mundo presenciou uma dinâmica histórica a partir do alvorecer do século XIX e o Brasil não se furtou desse contexto, como bem pontua Barbosa (2014, p. 60):

O século XIX inaugurou-se sob o signo do progresso. O Antigo Regime ruíra, os pensamentos iluministas faziam-se cada vez mais presentes na mente de cidadãos e governantes, e o mercantilismo não mais se mostrava adequado à nova realidade industrial europeia. Avanços tecnológicos desde a Revolução Científica criaram a perspectiva de que a prosperidade estaria ligada à industrialização, sendo a Inglaterra o exemplo de sucesso a ser seguido por muitas nações ainda submetidas ao jugo colonial, mas que enxergavam nesse processo industrial o complemento econômico necessário da aspiração à independência política.²¹

Valla (1970, p. 149-151) descreve o processo histórico do capitalismo industrial classificando sua análise em “antes de 1860” e “depois de 1860”. Aborda também as características da dinâmica econômica mundial, a ascensão da Inglaterra e sua influência na Europa e na América do Sul:

²¹ Barbosa (2014, p. 60, nota de rodapé) registrou um alerta quanto à utilização do “termo industrialização”, pois, segundo o autor, esse termo não é adequado com relação ao século XIX, portanto, no referido artigo, a palavra industrialização deve ser entendida “como sinônimo de formação de fábricas e manufaturas”.

[...] a independência política conseguida pelos países da América do Sul, durante a primeira metade do século XIX, ajudou muito a causa do capitalismo industrial. Países desenvolvidos nesse particular, como a Grã-Bretanha, necessitando de expansão de mercados e lucros, participavam da implantação dos meios de transporte e comunicação na América do Sul, manobra que iria contribuir, para que o comércio com esses países fosse feito de maneira mais eficiente. (VALLA, 1970, p. 149-151).

Portugal, como intermediário na relação “Grã-Bretanha-Portugal-Brasil”, detentor do monopólio comercial, despachava mercadorias de origem inglesa para o Brasil e, em contrapartida, remetia matérias-primas do Brasil para a Grã-Bretanha, via Portugal, “como pagamento dos bens manufaturados”. O livre comércio entre a Grã-Bretanha e o Brasil ocorreu em 1807, resultado de circunstâncias mundiais advindas da dominação napoleônica. O Brasil, então transformado em sede do governo português, acumulou dívidas junto à Grã-Bretanha e, como Império, essas dívidas se multiplicaram, ocasionando forte influência inglesa sobre a economia brasileira, através dos empréstimos e da importação de produtos manufaturados (VALLA, 1970).

Com o objetivo de equilibrar sua economia e desenvolvimento tecnológico, o Brasil vivenciava uma situação crítica e recorrente, pois

as muitas inovações consequentes da segunda revolução industrial [...] eventualmente chegaram ao Brasil e foram implantadas, muitas vezes, com o auxílio do capital estrangeiro, particularmente o inglês. A construção ou melhoramento de estradas, as primeiras ferrovias no Brasil, linhas telegráficas e a ampliação de portos foram fatores que modificaram o aspecto das partes mais desenvolvidas do Brasil e, simultaneamente, ajudava os ingleses a firmar seu controle sobre a produção e a exportação dos gêneros tropicais. (VALLA, 1970, p. 153).

O Brasil, na primeira metade do século XIX, apresentava uma economia deficitária, consequência do modelo agroexportador, da implantação do Império e da guerra Cisplatina, situação que requeria mudanças. Cunha e D’Azevedo (2013, p. 23-24) esclarecem que

[...] a estagnação estava na forma de inserção do Brasil no comércio internacional. Naquele momento, as principais culturas de exportação brasileiras de açúcar, algodão, fumo, arroz, couros e peles enfrentavam forte concorrência internacional e apresentavam uma tendência de baixa nos seus preços. Com esse cenário desfavorável, as exportações nacionais haviam crescido em ritmo insuficiente para contrabalançar o aumento no valor das importações.

A problemática produção-exportação sobrepunha-se à questão do sistema financeiro “extremamente dependente do capital inglês, e os sucessivos déficits comerciais do país eram financiados com novos empréstimos, cujos pagamentos geravam déficits orçamentários permanentes” (CUNHA; D’AZEVEDO, 2013, p. 24).

Croce (2015) apresenta uma perspectiva diferenciada, quanto à economia brasileira, no século em questão. Segundo os clássicos da história econômica do Brasil, seu desenvolvimento se deu a partir de “ciclos”. Croce, fundamentado em novas perspectivas, afirma que no Brasil ocorreu uma evolução econômica

[...] baseada na agroexportação, porém, com suas peculiaridades regionais, ou seja, uma economia que se desenvolveu diferentemente em cada região brasileira, não elegendo apenas um produto, como referência para a economia de todo o conjunto brasileiro, como acompanhamos em autores que descrevem a economia brasileira no século XIX amarrada em ciclos sazonais. (CROCE, 2015, p. 1).

Mediante a perspectiva de desenvolvimento econômico regional, Croce (2015, p. 1-2) prossegue afirmando que, “apesar da economia fundamentar-se na agroexportação e na mão de obra escrava”, fomentou-se “bases para que se dinamizassem, em seu interior, as condições de fortalecimento do mercado interno, possibilitando uma visão das peculiaridades regionais”. Como exemplo, o café em Minas Gerais, que “diversificou sua produção voltada para a agroexportação”, criando “condições para que atividades como as agropastoris, mineratórias, têxteis, entre outras, exercessem um papel fundamental na sua economia”. O objetivo subjacente era atender ao seu mercado interno e abastecer as unidades adjacentes. O autor acrescenta ainda, citando Steven Topik (1987), que o Brasil foi responsável por 80% da produção cafeeira mundial, mais de 50% da borracha, o maior produtor de mate do mundo e o segundo maior exportador de cacau. As bases econômicas supracitadas criaram também condições para que o “algodão e o açúcar tivessem mais de 2/3 de sua produção vendida no mercado interno, a partir de 1889”. Dessa forma, pode-se afirmar que, no Brasil, ao longo do século XIX, ocorreu um desenvolvimento socioeconômico regional diversificado (CROCE, 2015, p. 3).

O algodão do Nordeste, a borracha do Norte e o café do Sudeste se constituíram em uma “referência econômica”. Dessa forma, as “produções regionais e suas especificidades, sejam elas nas regiões Sudeste, Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul”, foram significadas para a economia brasileira no século XIX (CROCE, 2015, p. 4).

Segundo Barbosa (2014, p. 60-61), o Brasil,

desde a sua elevação à categoria de Reino Unido ao de Portugal, a princípio, e a de Estado independente, a seguir, o país debatia-se, por um lado, entre os interesses agrícolas, cada vez mais preponderantes, e por outro, a vontade de industrializar-se. Entretanto, em função dos condicionantes históricos, o debate restringiu-se, grosso modo, ao campo intelectual.

Na década de 1840, com o encerramento dos tratados comerciais, “antigos anseios da elite política imperial ressurgiram”, dentre eles o desenvolvimento das manufaturas no País e o aumento das receitas do Estado. “Após extensos debates, diversas medidas protecionistas foram lançadas”, entre elas destacaram-se as “Tarifas Alves Branco”,²² denominadas “Regulamento para execução da tarifa das alfandegas [*sic*] do Império do Brasil”, entendidas por alguns pesquisadores como um marco para o processo industrial brasileiro.

A indústria têxtil recebeu do governo, em 1844, incentivos por meio das Tarifas Alves Branco, outorgando “vários privilégios à indústria nacional, entre eles a isenção, por dez anos, dos direitos de entrada sobre máquinas, ou peças de máquinas, importados para uso nas fábricas de tecidos de algodão” (BARBOSA, 2014, p. 60).

A aplicação das “Tarifas Alves Branco” promoveu o “protecionismo da indústria nacional”, na medida em que fixava tarifas de “importação de 30% para a maior parte dos produtos importados e até 60% como no caso do algodão”, com produção em grande escala naquele momento (CROCE, 2015, p. 10).

O período entre 1843 e 1855 caracteriza-se como o “auge do pensamento protecionista no Parlamento e no Conselho de Estado”, uma vez que os “Conselheiros favoreciam o intervencionismo governamental na economia, o estímulo à indústria local e uma política tarifária protecionista” (BARBOSA, 2014, p. 67).

Barbosa (2014, p. 70) complementa que, “além das tarifas e isenções, outros tipos de auxílios foram concedidos ao longo dos anos de 1840 a determinadas indústrias, sob a forma de empréstimos ou de concessão de loterias”, modelo conhecido como “auxílio governamental”, muito comum na época em questão.

Em 1850, novas e importantes mudanças econômicas e sociais ocorreram no Brasil, dessa vez ocasionadas pelas leis decretadas nesse mesmo ano, a saber:

- a) **Lei de Terras:**²³ regulamentou a posse da terra, através da compra, oficializando o latifúndio (WESTIN, 2020);

²² BRASIL. **Decreto n. 376, de 12 de agosto de 1844.** Manda executar o Regulamento e Tarifa para as Alfandegas do Império. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/387319/publicacao/15741473>. Acesso em: 12 jun. 2022.

²³ BRASIL. **Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850.** Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim601.htm. Acesso em: 12 jun. 2022.

- b) **Lei Eusébio de Queiroz:**²⁴ estabeleceu medidas objetivando a repressão ao tráfico negreiro (GLABER, 2016); e
- c) **Lei do Código Comercial:**²⁵ normatizou as “atividades comerciais e a profissão de comerciante”; ademais, estabeleceu “garantias para a realização das operações comerciais e instituiu um aparato burocrático exclusivo para as causas mercantis, os tribunais e juízos comerciais”.

As leis regulamentadas na década de 1850 (Lei Eusébio de Queiroz, Lei de Terras e Código Comercial) tinham por objetivo “implantar o sistema capitalista no Brasil, ao criarem os mercados de trabalho, terra e capital”, no entanto, naquele momento “as elites brasileiras se mostraram incapazes de introduzir o processo capitalista pela falta de hegemonia” (CROCE, 2015, p. 8).

O Brasil, na última década do século XIX, segundo Valla (1970), apresentava graves “problemas financeiros”. Na recém-criada República (1889), não “somente o governo central procurava empréstimos no estrangeiro, mas também os Estados, individualmente. A dívida externa do Brasil alcançou noventa milhões de libras em 1910” (VALLA, 1970, p. 153).

Para Croce (2015), as leis supracitadas, somadas ao conflito entre o Brasil e o Paraguai (1865-1870), influenciaram a economia brasileira do Segundo Reinado. Nesse contexto, ocorreu o desequilíbrio das finanças do governo, motivado pelos gastos militares e pelas dificuldades para a importação. Esses e outros fatores determinaram a instalação de uma indústria “**insipiente**”, motivada pela substituição de importação de artigos como tecidos, produtos químicos, instrumentos óticos e náuticos, couros, vidros, chapéu, papel, dentre outros.

Sobre a substituição de importação e suas consequências, Guimarães (2016, p. 17) reitera que

[...] é fato conhecido que a industrialização brasileira aconteceu sob a forma de substituição de importações e que, em um arco de tempo que vai da Abolição da Escravatura à Revolução de 1930, impulsionou no Brasil importantes modificações e variadas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. O processo de desenvolvimento foi iniciado mediante as práticas substitutivas de importações, consolidando-se também o mercado interno. A partir daquele momento (século XIX), um importante e relevante parque industrial foi se construindo, baseado inicialmente na produção de bens de consumo não duráveis (tecidos e vestuário, alimentos), tendo como nexos espaciais principais as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Como

²⁴ BRASIL. **Lei n. 581, de 4 de setembro de 1850.** Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm. Acesso em: 12 jun. 2022

²⁵ BRASIL. **Lei n. 556, de 25 de junho de 1850.** Código Comercial. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM556compilado.htm. Acesso em: 12 jun. 2022.

retaguarda desse processo de desenvolvimento industrial, constituía-se também uma potente agricultura comercial que objetivava abastecer o mercado interno em franca expansão.

Dessa forma, o período de 1850-1860 caracterizou-se pelo surto industrial no Brasil, quando, então, foram inauguradas “70 fábricas que produziam chapéus, sabão, tecidos de algodão e cerveja”, artigos estes que anteriormente eram importados. Acompanhando o processo industrial, o setor financeiro também sofreu mudanças, tais como a fundação de “14 bancos, três caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguro, oito estradas de ferro”. Paralelamente a essa dinâmica industrial e financeira, surgiram outros investimentos, como a implantação de empresas de mineração, de transporte urbano e de gás, entre outros (UNICAMP, 2001).

No novo contexto, pautado na modernização do País, objetivando o desenvolvimento tecnológico e econômico, eclodiu um conflito entre as classes dominantes, de um lado, os representantes agrários e, do outro, os defensores industriais. Em 1880, houve um agravamento da crise, mediante a fundação da Associação Industrial, no Rio de Janeiro. À frente da recém-criada associação estava o “empresário do setor têxtil Antônio Felício dos Santos”. O primeiro Manifesto da corporação foi marcado por premissas como a “independência econômica para o Brasil, atração de mão de obra e capitais estrangeiros, mais emprego, a ideia de livrar o Brasil da dependência da economia agrícola e equilíbrio da balança comercial entre exportação e importação” (CROCE, 2015, p. 11).

Em 1888, como consequência da promulgação dos decretos “Lei Bancária”,²⁶ “Abolição da Escravatura” e “Auxílio à Lavoura”²⁷ adveio uma aproximação entre os setores agrário e industrial, dando origem à “conjuntura do **Encilhamento**”,²⁸ marcando o início da “distribuição de crédito envolvendo os setores agrários, comerciais e industriais”, bem como a relevante importação de maquinários, período este reconhecido como “a gênese da indústria no Brasil”:

²⁶ BRASIL. Decreto n. 3.403, de 24 de novembro de 1888. Permite ás companhias anonymas, que se propuzerem a fazer operações bancarias, emitir, mediante certas condições, bilhetes ao portador e á vista, convertiveis em moeda corrente, e dá outras providencias. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3403-24-novembro-1888-542102-publicacaooriginal-49437-pl.html>. Acesso em 12.06.2022.

²⁷ Conforme Silva Júnior (1888).

²⁸ “A palavra Encilhamento passou a designar tanto a política econômica como a crise financeira do período. Embora três ministros tenham sido responsáveis pelo comando da economia no período – Visconde de Ouro Preto, Rui Barbosa e Barão de Lucena –, o estigma da crise ficou associado à gestão de Rui. Sua política monetária expansionista é comumente apontada como responsável pelos descalabros financeiros do período.” (IPEA, 2011).

[...] assim no final do século XIX para o início do século XX a economia brasileira se preparava para se inserir no sistema capitalista de fato, com a transição da escravidão para o trabalho livre e assalariado, uma entrada maciça de imigrantes no setor de mão-de-obra e nas novas tendências modernizantes que preparariam o Brasil para a entrada da industrialização pesada que ocorreu a partir de 1930 na “Era Vargas”. (CROCE, 2015, p. 11-12).

O capital estrangeiro, sobretudo o inglês, foi essencial como fonte de recursos para as “inovações tecnológicas nas áreas das comunicações”, notadamente na expansão da malha ferroviária e das linhas telegráficas. Outros setores também receberam recursos advindos do capital estrangeiro, voltados à exportação e aos serviços urbanos, a saber: “operação de linhas de transporte urbano, fornecimento de água e esgoto nas principais cidades, fornecimento de gás, na operação de fábricas de tecido, assoalhos e cervejas, no funcionamento de bancos comerciais e em firmas de seguros” (CUNHA; D’AZEVEDO, 2013, p. 35).

A dinâmica econômica brasileira pontuada demonstra que, dentre as transformações abordadas, a urbanização é mais uma de suas consequências. Suzuki e Costa (2012, p. 3) apresentam, resumidamente, o processo da urbanização brasileira:

O período colonial (1500-1822) é o momento de expansão da área ocupada pela sociedade luso-brasileira, gênese da formação da rede urbana; quando os aglomerados passam a reunir condições substantivas para a realização das atividades agrárias, possibilitando uma transformação da relação hierárquica entre campo e aglomerados urbanos, o que se intensifica durante o período imperial (1822-1889) e do início da República (1889). Não são mais apenas estes que dependem do campo, mas o campo passa a depender dos aglomerados urbanos, pois estes passam a materializar condições para a realização da atividade agrária, tais como as beneficiadoras de cereais, revendedoras de instrumentos de trabalho, bancos, transportadoras, dentre outras.

Guimarães (2016, p. 15), ao refletir sobre a mesma temática, afirma que a “urbanização brasileira é fruto de um movimento intenso e desestruturante”, descrito como um “processo amplo e violento de migração das populações rurais e do espaço do campo como um todo”. Esse encadeamento, cujo alicerce era o capitalismo em franco desenvolvimento internacional, no Brasil se concretizava através da “consolidação do modelo econômico centrado na atividade industrial como vetor principal da dinâmica acumulativa”. Campo e cidade, paradoxalmente, se distanciam e se aproximam:

[...] o capitalismo no Brasil nasce destruindo e reconstruindo as antigas relações estabelecidas, petrificadas e congeladas pelo tempo. Quebrou-se o antigo laço orgânico que unia a produção agrícola e a atividade manufatureira a um único *locus* espacial, e iniciou-se a separação cidade-campo. As cidades transformavam-se no lugar por excelência da produção fabril e das relações de produção capitalistas modernas, e o campo conservava-se como um passado cristalizado no tempo presente, quando as antigas estruturas de poder e de controle político ainda se mantinham puras

e intocadas. No processo de evolução do capitalismo brasileiro, as antigas relações sociais de produção convivem e se coadunam com novas formas relacionais do capitalismo mais desenvolvido. Isso quer dizer que o passado e o presente convivem juntos, formam uma unidade dialética que possibilita seu avanço e seu desenvolvimento. (GUIMARÃES, 2016, p. 15).

Momento de transição, fim do século XIX e início do XX, um Brasil marcado por intensas mudanças sociais, econômicas e políticas, além da modernização da agricultura, a imigração e a expansão da urbanização e da industrialização. Esses fatos são corroborados pelo órgão oficial do Senado Brasileiro:

Após a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, houve mudanças significativas no sistema político e econômico do país, com a abolição do trabalho escravo, a ampliação da indústria, o deslocamento de pessoas do meio rural para centros urbanos e também o surgimento da inflação. Outra mudança foi o abandono do modelo do parlamentarismo franco-britânico, em proveito do presidencialismo norte-americano. (AGÊNCIA SENADO, 2021).

As mudanças engendradas pelo capitalismo no Brasil, separando os “produtores dos meios de produção”, transformando-os em “trabalhadores ditos livres”, ao mesmo tempo em que limitava as suas “escolhas de onde” poderiam “exercer essa liberdade”, ocasionou um “grande fluxo migratório de populações desterritorializadas em direção a locais”, que poderiam “comercializar sua força de trabalho, geralmente em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo” (GUIMARÃES, 2016, p. 16).

Diante desse quadro de mudanças “**radicais**” no Brasil, a religião, conseqüentemente, foi também afetada. Na esfera religiosa, a secular ligação entre Estado e Igreja se rompeu, fato assim registrado: “nas principais inovações da nova Constituição, datada de 24 de fevereiro de 1891, são a: [...] separação entre a Igreja e o Estado, não sendo mais assegurado à religião católica o *status* de religião oficial [...]” (AGÊNCIA SENADO, 2021).

Assim, um novo quadro religioso se delineou no Brasil: de um lado, a Igreja Católica Romana, marcada pela perda de sua hegemonia secular, do outro, “seu maior adversário, o bloco religioso da Reforma Protestante”:

O início do período republicano já trará consigo todas as denominações protestantes chamadas históricas, ou tradicionais, algumas em franco desenvolvimento. O protestantismo, com sua tradição liberal, democrática e republicana, apoiado pelas elites liberais e por uma monarquia esclarecida, foi paulatinamente rompendo, através da obtenção de leis progressistas num ambiente de tolerância religiosa garantida pela Constituição Imperial de 1824, com os obstáculos impeditivos de práticas religiosas acatólicas. (MENDONÇA, 2003, p. 145).

Nesse contexto, outras religiões passam a ter liberdade na divulgação de seus princípios, como explica Mendonça (2003). De uma pretensão monolítica da religião no Império, o Brasil passará a ser cenário de experiência para múltiplas religiões durante todo o século XX: o Positivismo, o Espiritismo e os cultos étnicos (indígenas e africanos). Prossegue Mendonça (2003, p. 146-147) esclarecendo que

[...] o Brasil independente não poderia manter o velho sistema colonial de interdição absoluta de outras religiões que não a católica em seu território. Relações com outras nações e a inevitável imigração necessária à povoação do território não se ajustariam à intolerância. Além disso, com a chegada da Corte portuguesa, compromissos com a Inglaterra já foram suficientes para abrir as portas do Brasil para protestantes. O Tratado de Aliança e Amizade, e de Comércio e Navegação, firmados com a Inglaterra, em 1810, garantiam que os súditos ingleses não seriam molestados por causa de sua religião e teriam liberdade para realizarem seus cultos em suas casas ou capelas, que não poderiam ter aparência exterior de templo. A abertura de portos para nações amigas abriu de todo a entrada de protestantes em geral como, por exemplo, para os suécos que vieram trabalhar na fundição de ferro de Ipanema, próxima a Sorocaba, São Paulo. (MENDONÇA, 2003, p. 146-147).

A liberdade religiosa foi solidificada através da Constituição Republicana (1891), que ampliou os direitos civis dos acatólicos, como afirma Mendonça (2003, p. 151), destacando:

[...] o caso do casamento civil, da secularização dos cemitérios e do ensino leigo nos estabelecimentos públicos. Quanto ao ensino leigo, há vários registros de que os filhos de protestantes sofriam constrangimentos nas escolas, o que justificou, como no caso da fundação da Escola Americana em São Paulo, a criação de escolas paroquiais ao lado das igrejas. É certo que havia outras razões para isso, como a necessidade de alfabetizar para que as crianças comessem logo a ler a Bíblia, mas num espaço em que imperavam direitos religiosos que se sobrepunham aos civis, como na família, na educação, na doença e na morte, os constrangimentos por parte dos que professavam outra religião eram inevitáveis. (MENDONÇA, 2003, p. 151).

A sociedade brasileira vivenciou, com a República, o estabelecimento do pluralismo religioso. Novos cenários são redesenhados, além das religiões tradicionalmente antagônicas, católicos e protestantes, outras se estabeleceram, e, ao longo dos anos, se desdobraram. Há uma cronologia nesse processo, pois os tradicionais (protestantes) implantam-se até o fim do Império, os pentecostais clássicos a partir de 1910 e os neopentecostais têm seu ponto de partida na explosão pentecostal ocorrida nos anos 1950. O pentecostalismo, “com suas variantes”, caracteriza-se, então, “como um fenômeno religioso do período republicano” (MENDONÇA, 2003, p. 154).

A par da dinâmica religiosa plural, a economia brasileira também experienciava transformações significativas, influenciando sobremaneira outros setores da sociedade, com destaque para a migração e a urbanização.

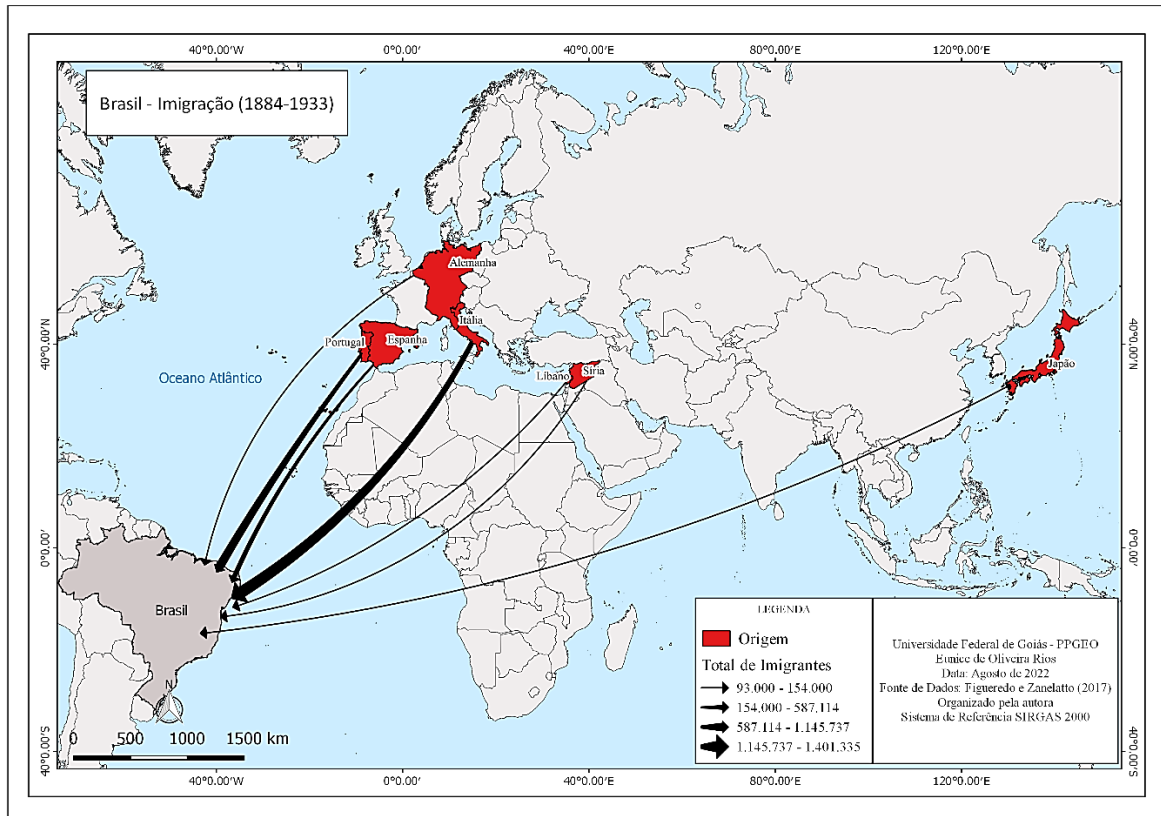
No Brasil Colônia, Império e República, a migração foi uma constante e esteve presente em todas as fases do processo de desenvolvimento econômico/social e ocupação territorial no País. Paralelamente à dinâmica interna, ocorreu também a entrada de estrangeiros, como o tráfico de escravos africanos, a imigração de italianos, alemães, espanhóis, dentre outros.

Ao longo do século XIX, a imigração africana e europeia, bem como o êxodo rural e a expansão urbana no período entre 1950 e 1970, demonstraram que a “mobilidade intermunicipal de mais curta distância”, que as “dinâmicas locais” e os “deslocamentos espaciais da população”, são aspectos determinantes na redistribuição demográfica no território nacional”, assim como as “desigualdades regionais e sociais” presentes na sociedade brasileira (CUNHA, 2012, p. 30).

Assim, os primórdios do século XX também registraram uma dinâmica populacional advinda das diversas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais já pontuadas. O setor agrícola e rural do Brasil, no século XIX, era sustentado pela imigração europeia (russos, alemães, italianos e portugueses), que se estabeleceram nas regiões Sul e Sudeste, projeto do governo imperial visando a colonização dos platôs meridionais do Brasil e o bloqueio ao avanço da população dos países limítrofes. Coube, porém, à abolição da escravatura a determinação da “evolução da natureza, do volume e da direção do fluxo migratório europeu” (SOUCHAUD; FUSCO, 1996, p. 6-7).

Figueredo e Zanelatto (2017), ao abordarem a dinâmica da migração e imigração no Brasil, apresentaram dados sobre a imigração europeia e asiática no período em questão, final do século XIX e início do século XX, representados no mapa a seguir.

Figura 8 – Brasil: imigração (1884 a 1933)



Fonte: Figueredo e Zanelatto (2017), elaborado pela autora.

Na ocasião, os fazendeiros envolvidos no plantio do café pressionaram o governo imperial, no sentido de favorecer os colonos que se dedicassem à lavoura cafeeira, fato este que promoveu a expansão da imigração, no final de 1880 até 1891.

Na região Norte do Brasil, a extração da borracha gerou um movimento migratório intenso, provocando significativas mudanças nos âmbitos econômico, social e demográficos nessa região, caracterizada pela imigração internacional e interna, notadamente de nordestinos.

O denominado “ciclo da borracha”, em conformidade com Trindade e Oliveira (2019), apresentou dois momentos relevantes, o primeiro entre os anos 1880 e 1910, considerado o apogeu da produção, e o segundo, após 1940, tendo como motivação a Segunda Guerra Mundial. Com a decadência da atividade gomífera, um novo processo de migração se estabeleceu, configurado no retorno dos nordestinos para os seus estados de origem:

A economia amazônica teve seu momento de auge na virada do século XIX para o XX. A atividade gomífera foi a força motriz da economia regional e proporcionou a conformação de elites com elevado padrão de vida, tão expressivo que lhes davam condições a tentar reproduzir o estilo de vida europeu. Este momento de apogeu ficou conhecido como *belle époque* e marcou a sociedade da região. Findo este período – o primeiro ciclo da borracha –, em meados dos anos 1910, só nos anos 40 que voltaria a tentativa por parte do governo nacional de ressurgir a atividade gomífera, resultando

no segundo ciclo da borracha, sob condições e pressões internacionais distintas do primeiro “boom da borracha”. (TRINDADE; OLIVEIRA, 2019, p. 2).

No Brasil, a migração interna se tornou-se visível, principalmente pelas transformações econômicas do rural, ou seja, o antigo Brasil de natureza rural se transformou em urbano. Esse processo se intensificou a partir de 1930, com o advento da industrialização intensiva e multissetorial, das infraestruturas em transporte e da energia elétrica. Consequentemente, a migração interna se intensificou, direcionando-se, preferencialmente, à região Sudeste, devido à industrialização crescente e à urbanização acelerada, “no eixo São Paulo/Rio de Janeiro” (MATOS, 2012).

Essa temática da relação migração/religião é reconhecida pelos pesquisadores sobre a perspectiva da migração. Segundo Dreher (1991), citado por Gomes e Catalão (2006, p. 4), a “grande parte da expansão do cristianismo está relacionada ao acompanhamento de populações migrantes”. Prosseguem os autores (2006, p. 4), ainda, referindo-se à religião e à migração, fenômenos “intrinsecamente atrelados”, uma vez que o migrante, ao se deslocar, leva consigo suas crenças e seus costumes, podendo, eventualmente, abandoná-los.

A dinâmica populacional era evidente no território brasileiro nos primórdios do século XX. Na agricultura, a borracha marcou o 1º ciclo econômico do referido século, promovendo intensa migração na Amazônia. Na região Sul, o cultivo da soja e do trigo “com seu pacote tecnológico de modernização, deslocou meeiros, parceiros e pequenos proprietários, trabalhadores braçais, em busca de nova fronteira agrícola”. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, a dinâmica migratória seguia em direção às “grandes cidades (êxodo rural), abdicando definitivamente de uma Reforma Agrária”. Na região Nordeste, os “retirantes” foram expulsos pela seca, dirigindo-se aos grandes “centros urbanos industrializados do Sudeste” (ZAMBERLAM, 2004, p. 68).

Fajardo (2017, p. 191-192), discorrendo sobre o processo da industrialização e a consequente urbanização, enfatiza que,

mais do que a adoção de um modelo econômico que deixava de priorizar a atividade agroexportadora, a industrialização transformou o perfil da sociedade brasileira, já que no bojo da multiplicação das indústrias estava o deslocamento de mão-de-obra de migrantes oriundos das regiões rurais do país para as cidades, compondo um quadro de acentuada urbanização com as consequentes transformações culturais.

Das breves considerações percebe-se que, nos contextos referenciados, a migração era uma constante, além de terem em comum, a instauração do pentecostalismo. Os locais onde

ocorreram as fundações originais acabaram por se tornar polos de expansão do movimento pentecostal no território brasileiro e no exterior.

Ao longo das décadas, a sociedade brasileira continuou em mobilidade: mudaram-se as motivações e as direções, mas o movimento migratório não cessou. Gomes e Catalão (2006, p. 4), referindo-se ao espaço urbano, afirmam que não se pode “falar de religião sem nos remetermos ao conceito de migração, pois ambos os fenômenos estão intrinsecamente atrelados”, reportando à espacialidade, uma vez que o migrante, ao se deslocar, “apropria-se de diferentes espaços entre seus lugares de partida e de chegada” e, conseqüentemente, instauram “novas relações e novas formas a cada momento da apropriação espacial”.

Palhares (2019, p. 23), ao estudar o “rearranjo espacial do movimento pentecostal”, destaca que o crescimento dos pentecostais no Brasil tem uma relação direta com os padrões migratórios, gerando uma configuração diferenciada das anteriores no que diz respeito ao cenário religioso brasileiro. Segundo o autor, existe uma relação direta entre a religião e a migração, motivando a busca pela compreensão do “ritmo demográfico religioso, especialmente o de origem pentecostal”, justificando o “estudo da evolução e expansão das migrações, sua configuração espacial e seus principais condicionantes.

No processo de difusão do pentecostalismo no Brasil, algumas considerações são interessantes, tanto de cunho social como teológico, merecendo destaque as relações sociais do migrante com a sua nova comunidade, o acesso aos templos,²⁹ às redes sociais³⁰ e à liberdade de expressão do texto sagrado.³¹ Nesse contexto, a doutrina da fé cristã-pentecostal envolveu, “ainda que de forma passível de modificações e cisões, um grande número de adeptos de origem humilde” (GOMES; CATALÃO, 2006, p. 5).

Das breves considerações percebe-se que, nos contextos referenciados, a mobilidade populacional era uma constante, além de terem, em comum, a instauração do pentecostalismo, transformando os lugares de fundação originais em polo de expansão do movimento em território brasileiro, como em outros países.

²⁹ “[...] nas metrópoles o acesso aos templos católicos de celebração ficou cada vez mais restrito – visto se localizarem em sua maioria nos centros urbanos e nos bairros mais próximos a estes – a possibilidade de frequentar o culto num local próximo de casa e, mais que isso, de pertencer a uma comunidade de pessoas que viviam realidades semelhantes, parecia mais atrativa” (GOMES; CATALÃO, 2006, p. 5).

³⁰ “[...] nas favelas paulistanas as igrejas evangélicas abrigam redes sociais que atraem aqueles que se encontram em estado de vida mais vulnerável, pois trabalham pela valorização do indivíduo, pelo aumento da autoestima e pelo estabelecimento de relações de confiança e fidelidade.” (GOMES; CATALÃO, 2006, p. 5).

³¹ “[...] a fé expressa pelas igrejas pentecostais mostra-se muito mais acessível aos fiéis que a fé católica romana. Nelas, quem se ocupava de ensinar são os próprios fiéis, não especialistas, mas os crentes, na maioria absoluta das vezes pessoas muito humildes, pobres. Povo prega para povo” (DREHER, citado por GOMES; CATALÃO, 2006, p. 5).

A compreensão desse contexto econômico, social, político e cultural permite entender as condições que se tornaram favoráveis à implantação e à expansão do movimento pentecostal no Brasil, abordados a seguir.

3.2 Origem das denominações pentecostais no Brasil

Sobre as manifestações carismáticas no Brasil, Alencar (2013, p. 50) afirma que o Brasil era um “campo fértil” para o pentecostalismo. A religiosidade indígena e africana, até mesmo a cristã católica, possibilitou uma “abertura” para as expressões de “êxtase e suas variantes”.

Pommerening (2015), discorrendo sobre o proto-pentecostalismo no Brasil, informa que, antes de 1910, já haviam ocorrido manifestações que as aproximam das do pentecostalismo, apregoando uma aproximação com Deus, a iluminação interior e “novas revelações de Deus”.

Para Alencar (2013, p. 51), no contexto protestante do Brasil (século XIX) já se evidenciavam “resíduos pentecostais”. Grupos *holiness* haviam adentrado ao território brasileiro como os letos, os metodistas livres e os batistas.

Nesse cenário, entre os brasileiros ocorreram alguns movimentos, com curas e revelações, e dentre eles destacam-se: i) o movimento messiânico de Antônio Conselheiro, em Canudos-BA; ii) os *Muckers* (1873-1874), em São Leopoldo, atual Sapiranga-RS); iii) o do ex-padre José Manoel da Conceição, caracterizado como “protestantismo indígena”; iv) o movimento liderado por Agostinho José Pereira, conhecido também como “Lutero Negro”,³² fundador da Igreja Divino Mestre (1841), em Recife-PE, e v) o da Igreja Evangélica Brasileira, tendo por fundador Manuel Vieira Ferreira (ALENCAR, 2013, p. 51). O referido proto-pentecostalismo manifestou-se em várias partes do País, como observado no Quadro 2.

Quadro 2 – Proto-pentecostalismo brasileiro (1846-1890)

Ano	Comunidade	Local
1846	Agostinhos	Recife-PE
1865	José Manuel da Conceição	Brotas-SP
1873	Muckers	Sapiranga-RS
1879	Igreja Evangélica Brasileira	Rio de Janeiro-RJ
1890	Batistas letos	Rio Novo-SC
1893	Messianismo de Conselheiro	Canudos-BA

Fonte: Alencar (2013, p. 50-52), organizado pela autora.

³² Ver Galvão (2017).

O mapa “Proto-pentecostalismo brasileiro (1846-1890)” (Figura 9) representa a distribuição dos diversos movimentos que apresentaram manifestações de cura e revelações, no Brasil, entre os anos de 1845 e 1890. É possível verificar os seis movimentos eminentes nos estados do Sul, Sudeste e Nordeste do País.

Figura 9 – Proto-pentecostalismo brasileiro (1846-1890)



No Brasil, a implantação do Pentecostalismo ocorreu nos primórdios do século XX, nos estados do Paraná, São Paulo, Pará e Rio Grande do Sul, tendo como fundadores quatro

imigrantes europeus, que iniciaram a Congregação Cristã no Brasil (1910), a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (1911) e a Igreja Batista Sueca (1912).

3.2.1 Congregação Cristã no Brasil

A Congregação Cristã no Brasil (CCB) foi fundada em junho de 1910, pelo italiano Luigi Francescon, um imigrante dos Estados Unidos que, de forma independente, sem apoio de qualquer instituição missionária,³³ se instalou no território brasileiro. Monteiro (2010, p. 125) afirma que,

[...] durante toda a sua trajetória nunca teve ajuda econômica externa e nem sofreu influências de institutos bíblicos, *boards* missionários ou literatura de qualquer espécie. Seu modelo organizacional foi sendo criado a partir das próprias especificidades do movimento e tem sido implantado em todas as regiões aonde a CCB tem chegado. Não possui educação teológica formal; para a constituição de seu corpo sacerdotal as condições acadêmicas não são relevantes e, sim, a trajetória de fé.

O crescimento da CCB se deu, inicialmente, entre os imigrantes italianos no bairro do Brás, São Paulo-SP, e em Santo Antônio da Platina-PR e, posteriormente, se expandiu pelo território nacional, pelos países da América Latina, pelos Estados Unidos, pela Europa, Ásia e África, não havendo, “por parte da instituição, planejamento e nem estratégias de expansão, sendo esta resultante unicamente de atividades missionárias exercidas por fiéis de forma individual, voluntária e sem remuneração” (MONTEIRO, 2010, p. 124).

3.2.2 Igreja Evangélica Assembleia de Deus

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, originalmente “Missão da Fé Apostólica”, foi fundada em Belém do Pará, no ano de 1912. Seus fundadores são os suecos Adolf Gunnar Vingren e Daniel Gustav Högberg, ambos emigrados para os Estados Unidos em busca de melhores condições de trabalho.

Daniel Berg e Gunnar Vingren se conheceram em Chicago, durante uma conferência missionária, em 1910. Na ocasião, as pregações de William H. Durham sobre o batismo no Espírito Santo os influenciaram sobremaneira. A partir dessa época, começaram a planejar a implantação de uma base missionária no norte do Brasil. A cidade selecionada foi Belém-PA,

³³ A trajetória da CCB é descrita por Monteiro na publicação “Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira”.

Brasil. Nesse tempo, Gunnar Vingren era pastor batista, formado pelo Seminário Batista Sueco de Chicago, e Daniel Berg era operário siderúrgico (BONAITA, 2012, p. 42).

Em novembro de 1910, Daniel Berg e Gunnar Vingren aportaram em Belém e, por um tempo, congregaram na Primeira Igreja Batista (PIB). O movimento pentecostal, da Matriz Pentecostal Brasileira, se originou da cisão dos membros da PIB de Belém, advindo do fato de os jovens suecos, durante as reuniões de oração, terem divulgado a fé pentecostal. Por esse motivo, foram censurados e, conseqüentemente, excluídos da denominação no dia 13 de junho de 1911. Alguns membros da PIB acompanharam os jovens missionários e passaram a se reunir na residência da senhora Celina Albuquerque, dando início ao movimento pentecostal, denominado “Missão da Fé Apostólica” (FARJADO, 2017, p. 69-73). Anos mais tarde, o movimento recebeu a denominação “Assembleia de Deus”:

[...] a adoção do nome Assembleia de Deus permanece uma incógnita. O grupo expulso da Igreja Batista adotou o nome de Missão de Fé Apostólica e esta igreja, em seus primeiros sete anos, não tem nenhuma definição institucional – apenas cresce assustadoramente. (ALENCAR, 2010, p. 62).

Fajardo (2017) discorre sobre as origens da denominação Assembleia de Deus, cuja provável inspiração seja o movimento pentecostal nos Estados Unidos da América, denominação oficializada em 1914. O movimento carismático brasileiro assembleiano se expandiu, principalmente, pelo esforço e empenho dos jovens missionários, conforme relatado por Ivar Vingren (2000, p. 14):

Gunnar Vingren foi um grande dirigente. Daniel Berg tinha importantes qualidades individuais como trabalhador e homem de fé, qualidades que foram de suma importância para a colaboração mútua no trabalho pioneiro. Mas Vingren era o dirigente principal. E como dirigente tinha muitas qualidades e capacidades, que foram de grande ajuda para o novo movimento que crescia rapidamente.

O campo de ação de Gunnar Vingren era, preferencialmente, na cidade e seus arredores, enquanto Daniel Berg percorria longas distâncias, a pé, navegando rios, ocupando trens, evangelizando ao longo dos rios da bacia amazônica e no interior do estado do Pará (BONAITA, 2012, p. 47).

Ao longo dos anos ocorreram “esgarçamentos” e a denominação, na atualidade, é conhecida como Assembleias de Deus (ADs), fenômeno explanado por Fajardo (2017, p. 322).

Ao observar o desenvolvimento das ADs ao longo do século XX notamos que a premissa de uma relação entre fragmentação e crescimento se revelou verdadeira. No entanto, percebemos também que o termo ‘fragmentação’ não conseguia expressar de

modo nítido este fenômeno, já que pressupõe a ideia de quebra em vários pedaços que acabam por se desconectar do todo. Não é o que verificamos nas ADs. Enquanto novos Ministérios surgiam foi possível notar elementos comuns aos “pedaços” resultantes da quebra. As facções do campo, embora independentes, conectavam-se a partir de uma série de elementos. Assim, na maior parte da história da denominação o termo que melhor consegue expressar a ideia é “esgarçamento”, figura que imediatamente nos remete à imagem de um tecido colocado sob pressão, mas que mesmo diante das inúmeras fissuras que possam surgir, consegue manter um mínimo de integridade. Evidentemente as pressões em algum momento podem levar ao rompimento do tecido, mas a força dos fios conseguirá postergar o corte definitivo.

3.2.3 Igreja Batista Sueca

O terceiro movimento pentecostal implantado em solo brasileiro foi a Igreja Batista Sueca, atual Igreja Batista Independente. Em 1912, chegou ao Brasil, mais precisamente ao estado do Rio Grande do Sul, o missionário sueco Erick Janssen, enviado pela Missão Batista Sueca, em resposta à solicitação de imigrantes conterrâneos, que viviam uma “lacuna espiritual” nas colônias estabelecidas no referido estado. Segundo Valério (2020, p. 122), Jassen:

[c]hegou a Guarani, após uma longa viagem e havia traçado o caminho que desejava trilhar: encontrar-se com os colonos suecos e compartilhar com eles a fé Batista, com o intuito de consolidá-los religiosamente. Seu primeiro culto para os suecos em Guarani, foi realizado à sombra de uma árvore de mate no quintal de A. G. Andersson. Jansson chegou em Guarani em 12 de setembro e, no dia 15, realizou o primeiro culto Batista na colônia. Não houve problemas de aculturação, pois conhecia a cultura e a língua. O que poderia ter dificultado sua adaptação seriam somente o clima e as doenças presentes na época.

O trabalho desenvolvido por Janssen no Brasil, a partir da cidade de Guarani-RS, deu origem à Igreja Batista Sueca, caracterizada pela fé pentecostal e *ethos* sueco-brasileiro, que perdurou por quarenta anos. Segundo Valério (2020), em 1952, os pastores brasileiros assumiram a direção da denominação, sendo então instituída a Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil (Ciebib). Em 1955, tornou-se a Convenção das Igrejas Batistas Independentes (Cibi). A Igreja Batista Sueca, conforme Valério (2020, p. 312),

[...] surgiu discretamente no sul do Brasil, em 1912, tornando-se um Pentecostalismo marginal ou à margem dos movimentos mais conhecidos dentro do campo Pentecostal brasileiro, comparando-a à CCB e as ADs. Sua história, ligada principalmente à etnicidade, não trouxe visibilidade ao movimento, antes, esteve restrita regionalmente, não avançando como as demais. Seus traços étnicos, estruturais e sua consolidação em nosso território nos apresentam um pentecostalismo singular.

A Igreja Batista Sueca tornou-se a Igreja Batista Independente e sua história é marcada por conflitos entre a liderança, Erik Jansson, Carl Svensson e os pastores brasileiros. Tal fato ocasionou um crescimento lento, tímido, no entanto, distinto, caracterizado por uma

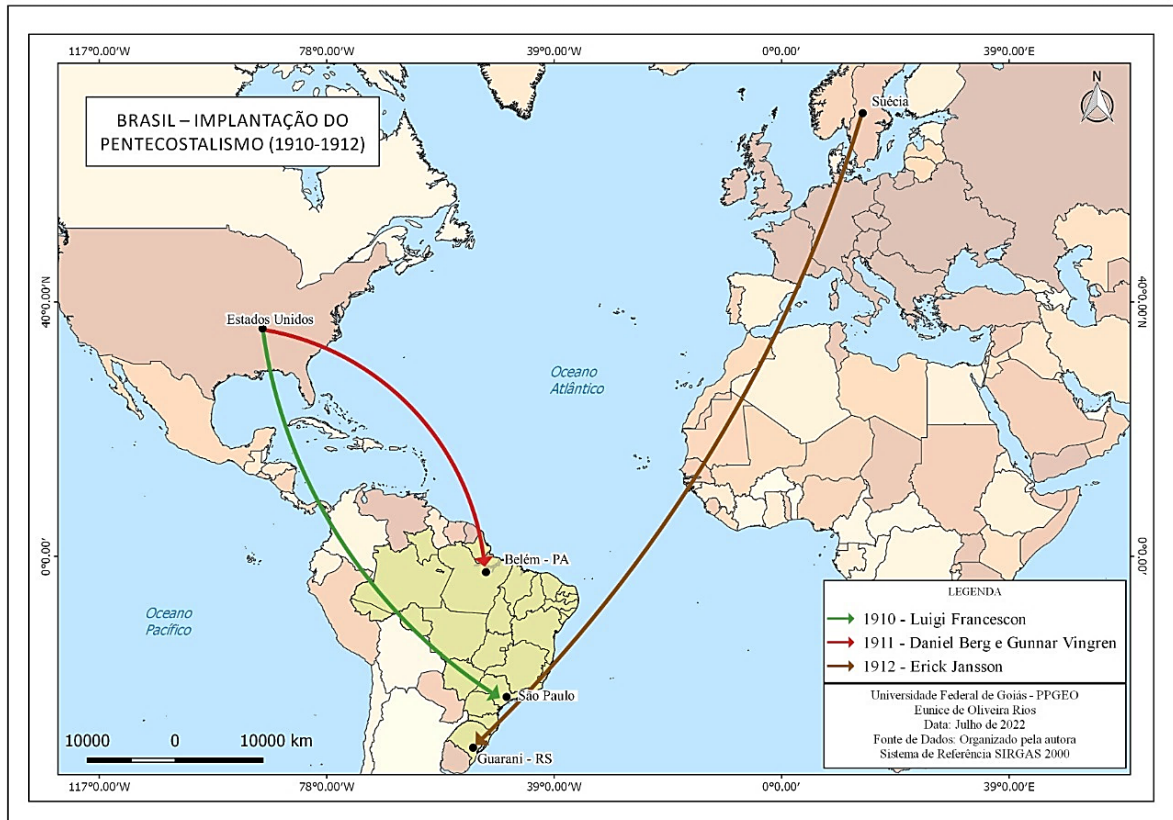
[...] dinâmica muito singular, enfatizando sua evangelização entre os colonos suecos no extremo Sul do país. As estratégias missionárias sempre se voltavam aos colonos em um primeiro momento, contudo, aos poucos, a IBS foi se abrindo para outras etnias, rompendo assim laços patrióticos que haviam sido preservados por cerca de quarenta anos. (VALÉRIO, 2020, p. 122).

Do exposto pode-se afirmar, com base no trabalho de Valério (2013), que a Igreja Batista Independente, seguramente é a terceira vertente do movimento pentecostal no território brasileiro, reconhecida como “pentecostalismo de migração”.

As três instituições referidas se constituem no marco do moderno movimento carismático no Brasil. Inseridos no território brasileiro, notadamente nas regiões Sudeste, Norte e Sul, essas instituições religiosas se desenvolveram, apresentando características distintas, influenciadas pelo contexto econômico, político e social, pela cultura regional e pela formação cultural dos seus fundadores. Apesar das diferenças, há um laço comum entre elas, a crença na atuação do Espírito Santo na vida das pessoas que professam a fé carismática.

A Figura 10 representa a trajetória dos fundadores de cada denominação referida, no processo de implantação do Pentecostalismo no Brasil. No mapa é possível acompanhar a trajetória transnacional de Luigi Francescon, dos Estados Unidos para a capital São Paulo, de Adolf Gunnar Vingren e Daniel Gustav Högberg, dos Estados Unidos para Belém, no Pará, e de Erick Janssen, da Suécia para Guarani, no Rio Grande do Sul. É importante destacar que os referidos missionários se aventuraram em terras brasileira e deixaram seus traços étnicos, estruturais e religiosos nas bases progenitoras de sustentação do Pentecostalismo no Brasil.

Figura 10 – Fluxo da implantação do Pentecostalismo no Brasil (1910 a 1912)



Fonte: elaborada pela autora (2022).

No próximo capítulo, as reflexões a respeito da denominada “Matriz Pentecostal Brasileira” (ALENCAR, 2013) continuam de modo mais aprofundado, abordando as circunstâncias geográficas de sua instauração, o grupo missionário que atuou em sua expansão, a dinâmica social e religiosa de sua membresia e a representação cartográfica da dinâmica do movimento sociorreligioso no território brasileiro, com enfoque para a cidade de Belém, capital do estado do Pará.

CAPÍTULO 4 – CARTOGRAFIA DE FLUXO: ORIGEM E DESTINO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL ASSEMBLEIANO NO BRASIL BELÉM, PARÁ (1911 a 1924)

Para representar a expansão das Assembleias de Deus utilizamos a Cartografia, essencial na representação da dinâmica da Matriz Pentecostal Brasileira, iniciada pelos jovens Gunnar Vingren e Daniel Berg e, posteriormente, implantada em outras partes do Brasil e até além mar. Duas importantes cidades, do início do século XX, são as bases dessa expansão, Belém-PA, em 1911, e Rio de Janeiro-RJ, em 1924. Na literatura dos primórdios do movimento, é comum a referência entre o Norte e o Sul do Brasil, entretanto, neste capítulo o foco é a cidade de Belém-PA.

Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira (MPAB) é a designação utilizada por Alencar (2013, p. 27) ao referir-se às atuais Assembleias de Deus. Para o autor, elas são brasileiras não apenas por se localizarem no Brasil, mas sim pela “forma como nasceram e se consolidaram, transformando-se em algo com especificidade brasileira”. Prosseguindo em sua reflexão, o autor afirma que, “pelo tempo e espaço” conquistados, elas são o “fundamento da matriz pentecostal brasileira”.

Alencar (2010, p. 17), ao reportar-se ao contexto religioso brasileiro da primeira década do século XX, apresenta a seguinte caracterização: a “Igreja Católica celebrava missas em latim; a Igreja Luterana, cultos em alemão; a Igreja Anglicana, em inglês”; a recém-fundada igreja pentecostal, Congregação Cristã do Brasil, em italiano; e as religiões de matriz africana e o espiritismo não eram ainda reconhecidos. Não existia, então, nenhum “espaço para expressão de religiosidade popular” no Brasil.

O pentecostalismo brasileiro é um movimento híbrido, uma vez que suas origens remetem aos EUA. Chegou ao Brasil por intermédio de dois imigrantes suecos, cuja mensagem conquistou muitos brasileiros, expandiu-se e abasileirou-se, tornando-se referência para outros movimentos pentecostais no território nacional. Alguns nominam esse período como “pentecostalismo clássico” e marginal, uma fé divulgada por imigrantes pobres, desprezada pelas instituições religiosas “estabelecidas” e aceita, sobretudo, pelos brasileiros pobres e negros. Seu crescimento se deu, nomeadamente, entre migrantes nordestinos e, de “forma periférica”, chegou aos mais distantes rincões do território nacional. As principais características do movimento, nessa fase, são o “batismo com o Espírito Santo”, reconhecido pelo “falar em outras línguas” (*glossolalia*), a cura divina, a forte escatologia, a hermenêutica bíblica fundamentalista e a moral puritana (ALENCAR, 2010, p. 20-21).

Abumanssur, no prefácio da obra de Alencar (2013), refere-se às Assembleias de Deus como uma denominação pouco conhecida entre os acadêmicos, apesar do seu crescimento vertiginoso (2,4 milhões de brasileiros em 1990 e mais de dez milhões em 2010). Afirma ainda que os poucos trabalhos sobre a temática reiteram, de forma quase litúrgica, a experiência dos jovens suecos Berg e Vingren sobre a sua “chamada divina” nos EUA, a saga angustiante vivenciada por eles antes e durante a viagem, a chegada ao Brasil e os conflitos nos primeiros tempos. Inexistem abordagens sobre as “lutas e as disputas pelo poder na igreja nascente”. Sobre a “figura emblemática de Frida Vingren”, há uma nítida preferência pelo silêncio ou pela ignorância sobre os fatos reais, como a “guerra fratricida” entre missionários suecos e missionários americanos pelo controle do movimento no Brasil (ALENCAR, 2013). Pode-se acrescentar, ainda, as abordagens sobre as divergências entre a liderança sueca e os primeiros pastores brasileiros, culminando em um novo tempo para a denominação, a partir de 1930, ano da Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Nesse evento ficou evidente a perda da liderança pelos suecos e a ascensão dos pastores nordestinos. É importante também pontuar que, entre diversas deliberações da referida convenção, oficializou-se a subordinação do trabalho feminino na denominação.

Alencar (2010) divide a história da Matriz Pentecostal Brasileira em três fases, assim especificadas: i) a implantação da seita pentecostista (1911-1930); ii) a institucionalização da Igreja (1930-1946) e iii) a oficialização da denominação (1946 em diante).

Fajardo (2017), ao referir-se às transformações e às estratégias do “campo religioso assembleiano”, apresenta a seguinte periodização: i) a Era Vingren (1911-1932); ii) a Era Nyström (1932-1946); iii) a Era Canuto/Macalão (1946-1980); e iv) a Era Wellington (1980 em diante).

A partir das análises dos pesquisadores citados, no presente trabalho adotou-se como período de estudo os anos de 1911 a 1932, considerando-se, assim, i) o ano da implantação da Matriz Pentecostal Brasileira; ii) o trabalho desenvolvido pelos Vingren; e iii) o afastamento definitivo dos missionários Gunnar Vingren e Frida Vingren, culminando em seu retorno à Suécia. Essa periodização foi adotada levando em consideração a relevância do trabalho missionário desenvolvido pelo casal em terras brasileiras, no âmbito da igreja e também no da sociedade.

Em 1911, o recém-criado movimento pentecostal brasileiro chamava-se “Missão de Fé Apostólica”. A partir de 1918, passou a ser identificado como “Igreja Evangélica Assembleia

de Deus”, registrado oficialmente como “Sociedade Evangélica Assembleia de Deus”,³⁴ no dia 11 de janeiro de 1918, em Belém, no estado do Pará.

4.1 Cartografia de Fluxo para representação da dinâmica da Matriz Pentecostal Brasileira

A Cartografia envolve ciência, arte e técnica. Para Nogueira (2008, p. 33) a Cartografia é a ciência que se ocupa da representação dos fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, cujo produto final é o mapa, definido como “representações gráficas de determinado espaço geográfico, concebidos para transmitir a visão subjetiva ou o conhecimento de alguém ou de poucos para muitos”.

Os mapas são considerados representações da superfície terrestre (parcial ou total); “legado cultural de um povo acerca de seus conhecimentos sobre a geografia”, “simplificações da realidade” e, concomitantemente, indicadores das “relações muitas vezes invisíveis”, contidas nas “geografias ocultas de lugares e fenômenos” (OLIVERA; ROMÃO, 2021, p. 16).

Os mapas sempre estiverem presentes na história da humanidade, seja pela necessidade de fixar limites, de registrar itinerários (terrestre, fluvial ou marítimo), de marcar rotas de caça, fontes de água, áreas de segurança ou de perigo, de ser um instrumento de guerra, planejamento ou administração. Dessa forma, os mapas são meios de transmissão de conhecimento (NOGUEIRA, 2008).

Segundo Martinelli (2003), ao longo dos séculos XVIII e XIX surgiram mapas de aspectos particulares sobre determinada parte da Terra, ocorrendo, com isso, uma especialização a partir da então conhecida Cartografia Topográfica, dando origem à Cartografia Temática. Esta foi definida por Duarte (1991, p. 138) como um “ramo da Cartografia que diz respeito ao planejamento, execução e impressão de mapas sobre um Fundo Básico”, que recebe as “informações através de simbologia adequada, visando atender as necessidades de um público específico”.

Para Archela e Théry (2008), os mapas possuem características específicas que permitem classificar e representar, de forma reduzida, os elementos escolhidos de um

³⁴ “Em 11 janeiro de janeiro de 1918, Gunnar Vingren registrou o Estatuto da igreja no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º ofício, em Belém, no Livro A, Nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome Estatuto da Sociedade Evangélica Assembléa de Deus, número de ordem 21.320, do Protocolo Nº 2 [...] Os extratos do Estatuto foram publicados no *Diário Oficial* do Estado do Pará, sob nº 7665. Com esse registro, a igreja começou a existir legalmente como pessoa jurídica adequando-se aos Artigos 16 e 18 do primeiro Código Civil Brasileiro que acabara de entrar em vigor em 1º de janeiro de 1917” (ARAÚJO, 2015, p. 41).

determinado espaço geográfico, através de uma simbologia própria e de uma adequada projeção cartográfica.

O processo para a elaboração de mapas temáticos obedece a etapas como “coleta de dados, análise, interpretação e representação das informações sobre um mapa base que geralmente é extraído da carta topográfica”. Na elaboração dos mapas temáticos são utilizadas técnicas que buscam “melhor visualização e comunicação” para a representação de “fenômenos de qualquer natureza, geograficamente distribuídos sobre a superfície terrestre”. Os referidos fenômenos podem ser de natureza física, abstrata, humana ou outras.

Segundo Archela e Théry (2008, p. 3), a função do mapa temático é responder às indagações o quê, onde e como ocorre determinado fenômeno geográfico, através de símbolos gráficos (signos) “especialmente planejados para facilitar a compreensão de diferenças, semelhanças e possibilitar a visualização de correlações pelo usuário”, daí a necessidade da aplicação da Semiologia Gráfica, desenvolvida por Bertin (1967 apud ARCHELA; THÉRY, 2008), vinculada às teorias das formas e sua representação e às teorias da informação.

A Semiologia Gráfica, como linguagem cartográfica, fundamenta-se em uma ciência denominada semiótica, que tem por objeto de investigação todas as linguagens, em especial a dos signos. Os signos são componentes linguísticos do sistema de informação cartográfica. Os signos são compostos por significante (expressão) e significado (conteúdo). Essa linguagem, hoje considerada a gramática da cartografia temática, foi sistematizada por Jacques Bertin durante os anos 1960, a partir do sistema gráfico de signos, e desempenhou um papel significativo no desenvolvimento teórico da Cartografia (ARCHELA, 2001).

A linguagem cartográfica é composta pelas variáveis visuais (forma, tamanho, orientação, cor, valor e orientação) e pelos modos de implantação (pontual, linear e zonal), conforme a Figura 11, elaborada por Bertin (apud ARCHELA; THÉRY, 2008).

Figura 11 – Variáveis visuais da linguagem cartográfica

Implantation	Pontual	Linear	Zonal
Forma ≡			
Tamanho ≡ O			
Orientação ≠ ≡			
Cor ≠ ≡	<p>Uso das cores puras do espectro ou de suas combinações. Combinação das três cores primárias cian, amarelo, magenta (tricomia).</p>		
Valor ≠ O			
Granulação ≠ ≡ O			

Valor da percepção

≡ associativa ≠ seletiva O ordenada Q quantitativa

Fonte: Archela e Théry (2008).

De conformidade com Archela e Théry (2008), a observância da tabela, na elaboração de mapas, permite uma comunicação eficiente entre o remetente (mapeador) e o destinatário (leitor). Outro critério a ser observado é a legenda, que deve ser coerente com a simbologia utilizada.

Na composição do mapa, deve-se também considerar o nível de organização dos dados (qualitativo, ordenado e quantitativo), que remeterá aos métodos a serem observados, definindo, então, os tipos de mapas temáticos: “mapas de símbolos pontuais; mapas de isolinhas e mapas

de fluxos; mapas zonais ou coropléticos, mapas de símbolos proporcionais ou círculos proporcionais; mapas de pontos ou de nuvem de pontos” (ARCHELA; THÉRY, 2008, p. 6).

Martinelli (2005, p. 53), ao referir-se ao mapa como representação da realidade espacial, afirma que, ao se construir um mapa, deve-se levar em conta a “dimensão temporal”, pois a representação do espaço social “considerará uma vida no tempo, no presente e no passado”. A dinâmica da sociedade “altera-se no tempo, imprimindo mudanças no espaço”, conseqüentemente, a “representação do espaço registrará combinadamente, marcas do passado e transformações do presente” (MARTINELLI, 2005, p. 53).

Com relação à representação do movimento de fatos geográficos, o primeiro mapa data de 1665, no qual se configurava a “circulação das águas oceânicas num planisfério”, um fenômeno natural (MARTINELLI, 2005, p. 53).

A Revolução Industrial engendrou a necessidade de se representar a dinâmica econômica, relacionada, principalmente, ao transporte de pessoas e de mercadorias. Esse contexto influenciou a criação de mapas temáticos voltados à representação das “dinâmicas espaciais e temporais” como instrumento de análise para a economia política e a geografia econômica, estabelecendo-se, assim, a cartografia dinâmica.

Ao discutir a relação tempo e espaço, Martinelli (2005) conclui que a apreensão do presente se dá mediante a avaliação do passado, “que pode conter as raízes do presente no seu desenrolar histórico mediante o suceder e a transição dos momentos dos modos de produção”.

Ao longo do tempo, os aspectos espaciais se transformam. Essa alteração é relevante, na Cartografia, sob dois prismas, “os estados dos espaços” e a “posição espacial”, que se transmutam, seja por si próprios, seja por forças externas. Martinelli (2005, p. 56) acrescenta ainda que o “resultado da difusão de objetos, ideias, técnicas, informações no espaço está na mudança contínua da configuração deste” e que as transformações “tanto no estado como na posição possuem dois componentes: a velocidade da mudança e a forma como essa mudança se dá no tempo”. Martinelli (2005, p. 56), citando Gomes, reitera que,

[t]empo e espaço são vistos também como duas dimensões de uma mesma realidade, estando uma em conexão com a outra, manifestando permanente interdependência e interação, dependendo outrossim de todo o conjunto da materialidade do mundo que nos cerca. Não há, assim, espaço sem tempo, nem tempo sem espaço. São manifestações da matéria em movimento.

O tempo, expresso no espaço, é tipificado por “uma determinada relação social”, já que “é no espaço produzido que se opera a materialização de tempo mediante o trabalho dos homens” (RIBEIRO, 1988 apud MARTINELLI, 2005, p. 56).

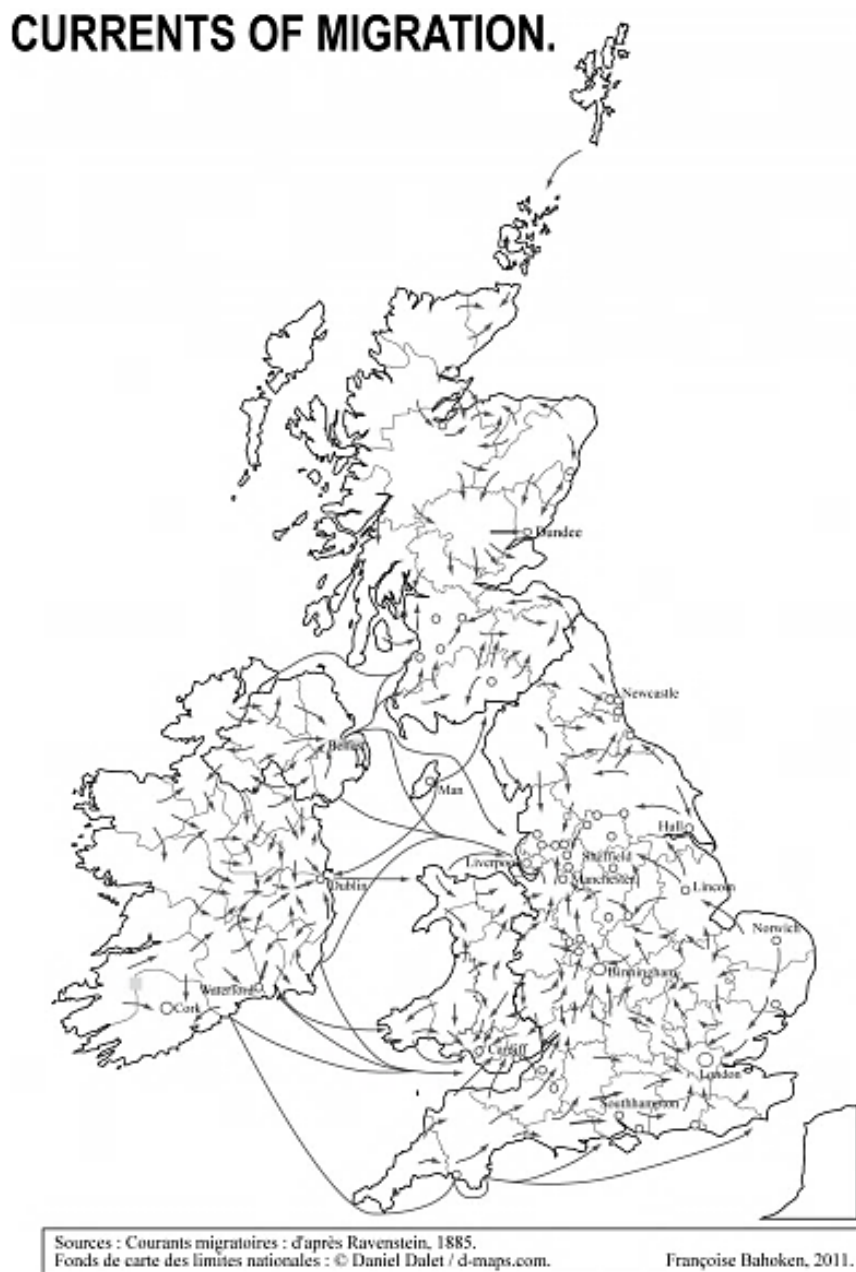
Os mapas temáticos que incorporam o tempo no conteúdo temático e na simbologia utilizada se constituem em representações da cartografia dinâmica, tipificadas em: i) mapas com diagramas localizados; ii) mapas das mudanças espaciais; iii) mapas das mudanças vistas através da sucessão de intervalos de tempo numa única representação; iv) mapas das variações; v) anamorfoses temporais; vi) mapas de fluxos; e vii) mapas animados (MARTINELLI, 2005).

De acordo com Archela e Théry (2008, p. 13) os mapas de fluxos se constituem em “representações lineares que tentam simular movimentos entre dois pontos ou duas áreas”. Acrescentam também que tais “movimentos podem ser medidos em certos pontos ao longo das vias de comunicação ou entre duas áreas, na origem e no destino sem necessariamente especificar a via de comunicação”, demonstrado “em que direção os valores ou intensidades de um fenômeno crescem ou decrescem” (ARCHELA; THÉRY, 2008, p. 13).

Para Bahoken (2013, p. 1), o primeiro mapa de fluxos (Figura 12), representado por meio de setas, é o mapa de Ravenstein, *Correntes de Migração*,³⁵ integrado ao texto *Leis de Migração* (1885), possivelmente elaborado a “partir de dados censitários Origem-Destino sobre mobilidade no Reino Unido (1871-1881)”.

³⁵ “A carta *Migration Currents* é a número cinco de um conjunto de doze cartas que ilustram as Leis de Migração de Ravenstein” (BAHOKEN, 2013, p. 4).

Figura 12 – Mapa de Ravenstein: primeiro mapa de fluxo representados por setas



Fonte: Bahoken (2013, p. 4).

Ao finalizar sua análise sobre o mapa de Ravenstein, Bahoken (2013) assegura que o “mapeamento de fluxo é tradicionalmente feito usando o modelo de gráfico de seta” e os “fluxos selecionados para a representação relacionam os centros geográficos”, origem-destino, sendo o formato adotado “reto ou curvilíneo”, evitando-se, assim, as sobreposições. Lembra também que os princípios da Semiologia Gráfica definem regras de representação, particularmente “a figuração de um efeito de convergência ou divergência de fluxos de ou para os centros de

zonas”. O objetivo dos *links*, a despeito de sua forma, é “representar o movimento – definido por um cruzamento de zonas – conectando os centros das zonas” (BAHOKEN, 2013, p. 12).

A vantagem de usar métodos físicos para representar fluxos está na visualização da dinâmica de um processo observado empiricamente de forma discreta. Para Martinelli (2005, p. 61), os mapas de fluxos são particularmente relevantes, uma vez que “compõem a representação dinâmica do movimento” e respondem visualmente, como conjunto, a indagações como “onde estão os maiores fluxos?”, “como se agrupam?” ou, ainda, “como se articulam no espaço?”.

Os mapas de fluxos permitem reconhecer a formação de polos, a estrutura de redes de interligações e relacionamentos; se existe um sistema único ou vários independentes, divididos por entraves físicos, econômicos, políticos e/ou ideológicos, além de tais mapas possibilitarem verificar se ocorrem “eixos preferenciais e se estes se definem mediante fluxos de maior intensidade”. Outrossim, os mapas de fluxos, no âmbito analítico, podem apontar uma interação entre lugares, um relacionamento em maior ou menor grau entre as partes, indicando os níveis de acessibilidade (MARTINELLI, 2005, p. 61-62).

Mediante as considerações tecidas a respeito da Cartografia Dinâmica, nos próximos tópicos são apresentados, na medida do possível, mapas temáticos de fluxos, objetivando reconhecer e compreender o movimento da Matriz Pentecostal Assembleia Brasileira, no território brasileiro, no período que se estende de 1911 a 1932.

4.2 Belém-PA: o “Norte” – origem do movimento pentecostal assembleiano (1911)

A cidade de Belém, desde meados do século XIX, esteve sob a mira de uma reestruturação urbana, mas foi somente em fins do século XIX e princípios do século XX que o processo se intensificou. A modernidade, nesse período, era traduzida em ações como desenvolvimento urbano, construção de ferrovias, incremento comercial e multinacionalização de mercados (SARGES, 2010).

As transformações urbanísticas e culturais de Belém, no governo de Antônio Lemos (1897-1910), se pautavam no “bem-estar social”, implicando saneamento, saúde pública, limpeza, beleza, disciplina dos hábitos da população e reorganização dos serviços públicos. Tais objetivos eram inspirados na capital francesa, Paris e, para tanto, Lemos reformou o centro da cidade, considerado o “*locus* econômico e cultural”, espaço de circulação do capital, das rendas e de seus detentores (SARGES, 2010).

A reforma e o embelezamento urbanos, para Antônio Lemos, se traduziam na construção de *boulevards*, na arborização e implantação de bosques, construção de praças e monumentos, calçamento e iluminação das ruas, instalação de bondes, venda de alimentos em mercados, além da retirada de mendigos dos espaços públicos (SARGES, 2010).

Importa destacar que, paralelamente ao progresso, à modernidade, ao luxo da burguesia, conviviam a miséria, a prostituição, a fome, as doenças e outras “desgraças sociais” (SARGES, 2010, p. 157), dentre as quais relacionavam-se as epidemias, a ausência de esgoto sanitário, a precariedade do abastecimento de água, as condições miseráveis das habitações, os hábitos de higiene inapropriados e os problemas com a alimentação infantil. Tais condições acarretavam um número elevado de óbito de crianças, ainda na primeira infância, cujas origens eram enfermidades como “infecção intestinal, gastroenterite, febre intermitente, infecção pulmonar, dentição, diarreia, verminoses etc.” (ALVES, p. 40-41).

A base de toda a transformação da cidade de Belém era a riqueza advinda da extração da borracha, que impactou a sociedade tanto no aspecto da paisagem urbana quanto no da população.

Segundo Sarges (2010, p. 114), ao espaço urbano belenense agregaram-se construções como o “Theatro da Paz, o Mercado Municipal do Ver-o-Peso, o Palacete Pinho”, a instalação de linhas de bondes, de bancos e as companhias seguradoras.

As mudanças econômicas influenciaram a sociedade: de um lado, a elite dominante, composta pelos políticos e burocratas (nacionais), pelos comerciantes (portugueses) e pelos profissionais liberais (de famílias ricas e estudos em universidades da Europa); do outro, a população pobre, composta pelos operários das obras públicas e dos ofícios urbanos, tais como “alfaiates, sapateiros, relojoeiros, marceneiros e outros” (SARGES, 2010, p. 125).

A sociedade belenense era também composta por estrangeiros e migrantes brasileiros, notadamente os nordestinos.

Staeve (2018), ao relacionar a imigração, a economia e o mercado de trabalho na Amazônia brasileira (no final do século XIX e princípio do século XX) destaca as seguintes nacionalidades presentes na sociedade nortista: portugueses, italianos, espanhóis, judeus, sírio-libaneses, alemães, ingleses, dentre outras, relacionadas às diversas atividades exercidas pelos imigrantes, desde o espaço rural ao espaço urbano, tanto no Pará como no Amazonas.

Um importante empreendimento, na região Norte, foi a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, sob a responsabilidade da *Madeira-Mamoré Railway Company*³⁶ e de sua associada,

³⁶ “A construção da estrada fazia parte do tratado de Petrópolis selado com a Bolívia em 17 de novembro de 1903, após compra de território boliviano pelo Brasil que corresponde ao estado do Acre, em que teve que se

Port of Pará, sediada em Belém (Figura 13). A construção da referida ferrovia atraiu trabalhadores de várias nacionalidades,³⁷ assim como brasileiros de diferentes estados. Muitos trabalhadores sucumbiram durante a construção da ferrovia, vitimados pelas graves condições de “insalubridade, fome, doenças como malária e disenteria, falta de medicamentos, aliadas as condições de trabalho precárias”. A ferrovia em tela foi inaugurada em 1912, apresentando lucros apenas durante os dois primeiros anos, sendo então decretada falência devido à queda na comercialização da borracha (FBN, 2020).

A *Port of Pará*³⁸ foi responsável por outro empreendimento de porte e expressão regional, a construção do Porto de Belém, expressa de forma concisa pelo pesquisador:

No final do século XIX e início do XX, o processo de urbanização da cidade é impulsionado por significativas renovações nos vários aspectos da vida da sociedade e da presença do Estado, pela “alavanca econômica” que o Ciclo da Borracha (1870 a 1920) traz no seu bojo, a “Belle-Époque”, com os ventos da modernidade e a importância da participação do Intendente (prefeito) e Senador Antonio José de Lemos, nas obras do entorno do Porto e a relação com o Plano Urbano de 1905. (ARRUDA, 2003, p. 14).

comprometer a construir a ferrovia Madeira Mamoré num prazo de quatro anos. A ideia desse empreendimento havia surgido no ano de 1861 por conta da necessidade de aumentar produção da colheita do látex devido ao alto preço da borracha no mercado mundial e a ocupação do Vale do Guaporé pelos portugueses” (FBN, 2020).

³⁷ Portugueses, espanhóis, hispano-americanos, franceses, ingleses, alemães, austríacos, romenos, sírios, italianos, russos, poloneses, chineses, dinamarqueses, norte-americanos, gregos, russos, suecos, canadenses, chilenos e escoceses (FRAIHA NETO, 2012, p. 40).

³⁸ O *Port of Pará Co.* começou a funcionar a partir de 1906, autorizada pelo Decreto n. 6.283. O projeto de construção do porto de Belém foi elaborado no começo do ano de 1897, prevendo novas instalações de atracação e armazenagem em substituição às precárias docas de Ver-o-Peso. As obras tiveram início com a edição do Decreto n. 5.978, de 18 de abril de 1906, que autorizou a implantação do projeto, e do Decreto n. 6.283, de 20 de dezembro de 1906, que definiu o funcionamento da *Port of Pará Co.*, de capital privado, como concessionária do porto. O primeiro trecho de cais, com 120 metros, e um armazém para carga geral, com 2.000 metros quadrados, foram inaugurados em 2 de outubro de 1909 (IBGE, 2022).

Figura 13 – Belém (PA): sede da *Port of Pará*

Fonte: IBGE – Catálogo, ID 2413³⁹.

A Ferrovia Madeira-Mamoré e o Porto de Belém influenciaram a estrutura populacional e econômica da região nortista, em fins do século XIX e início do XX, atraindo profissionais e trabalhadores, que, de um modo geral, se ocuparam de várias atividades econômicas, a saber: os ingleses se dedicaram à “construção de portos, produção de energia, telefonia, telegrafia, saneamento básico”, também ao comércio e ao setor de concessão de crédito; os judeus, os africanos do norte e os espanhóis se concentraram nas atividades de escritório e contabilidade e os portugueses, nas atividades comerciais (STAEVIE, 2018).

Com relação à migração brasileira na região, ela foi significativa. O Nordeste brasileiro, no período de 1877 a 1880, foi assolado por uma seca, forçando a migração da sua população, que se dirigiu, em sua maioria, para os estados do Pará e Amazonas, recompondo a força de trabalho nos seringais. Parte desses migrantes permaneceu nas cidades, provocando o aumento de subempregados e desempregados. Lacerda (2006), ao tratar da migração de nordestinos para a Amazônia, descreve o período de desenvolvimento econômico promovido pela extração do látex, as mudanças no espaço urbano, os conflitos e o cotidiano da população belenense, entre eles os migrantes nordestinos, destacando as difíceis condições de sobrevivência da camada menos favorecida da sociedade no referido contexto.

³⁹ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=42413&view=detalhes>. Acesso em: 1º jul. 2022.

Arruda (2003) afirma que a maioria da mão de obra não qualificada era de Belém, enquanto a especializada era contratada no exterior (Londres, Paris e Nova Iorque), pelos escritórios locais da *Port of Pará Co.*

A propriedade denominada Miramar, luxuosa casa de madeira com dois andares, era a residência dos diretores da Companhia, que se mantinham isolados devido à febre amarela. Além de residência, Miramar era utilizada também como ancoradouro, fundição e depósito de carvão e água (ARRUDA, 2003).

Para além desse contexto socioeconômico divergente, Belém padecia com a epidemia da febre amarela. Fraiha Neto (2012) descreve a “memorável campanha” chefiada por Oswaldo Cruz (1910/1911) contra o “terrível mal”.

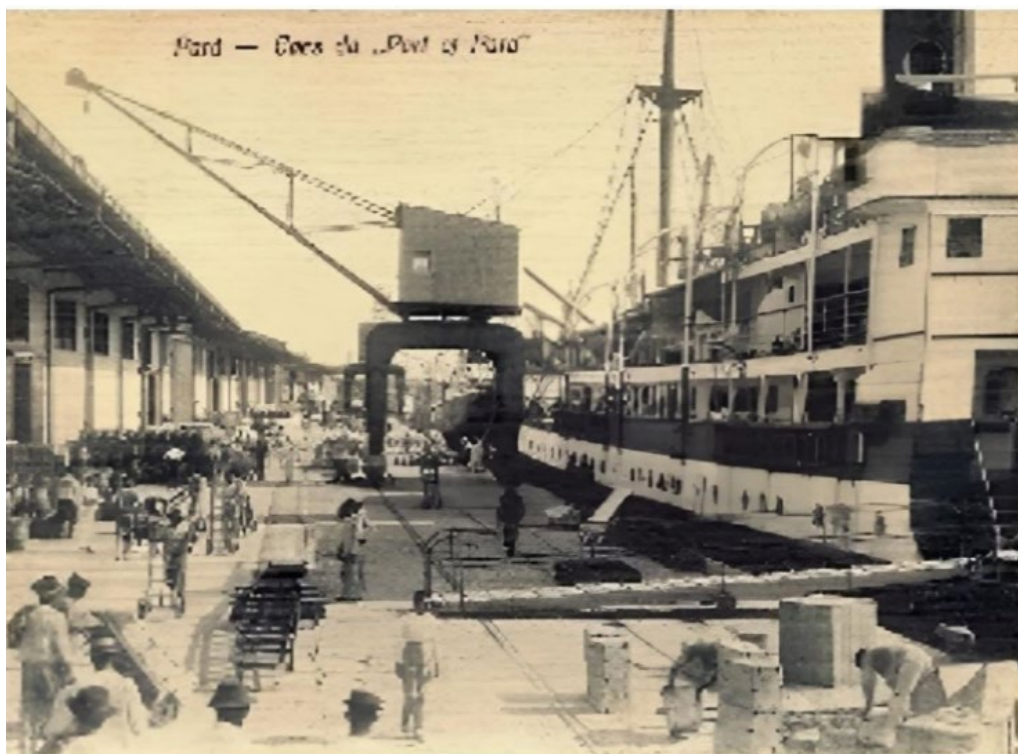
Os dirigentes da *Ferrovias Madeira-Mamoré* e da *Port of Pará*, frente aos problemas decorrentes das doenças tropicais, em abril de 1910, enviaram mensagem a Oswaldo Cruz, solicitando um estudo e definições de medidas para o saneamento, tanto para a região em que se inseria a ferrovia como para a cidade de Belém. Entre 25 e 29 de junho de 1910, Oswaldo Cruz visitou Belém, Manaus e Porto Velho e, das suas observações e atuação (autópsias, assistência a doentes e moribundos), elaborou um relatório de fundamental importância para a compreensão dos problemas.

Dentre os “tópicos interessantes” selecionados por Fraiha Neto (2012, p. 39), constata-se uma relação de doenças como “malária, pneumonia, sarampo, ancilostomíase, berebéri, disenteria, febre hemoglobinúrica, febre amarela, maduromicose, miíases, pinta, espúndia”, o calazar e o mais temido de todas as enfermidades, o impaludismo.

Oswaldo Cruz desembarcou do vapor *Bahia* às 11 horas de um domingo (6 de novembro de 1910) no Porto de Belém (Figura 14), que, parcialmente construído, “dotado de extenso cais acostável, armazéns e guindastes”, recebeu a numerosa comitiva que acompanhava o eminente cientista, bem como uma volumosa equipagem. A missão era a erradicação da febre amarela da cidade de Belém, através de uma intensa campanha de profilaxia (FRAIHA NETO, 2012).

O intenso processo de saneamento ocorreu ao longo do período de 12 de novembro de 1910 a 16 de outubro de 1911, data em que o governador João Coelho recebeu, de Oswaldo Cruz, a informação oficial sobre a erradicação da febre amarela que assolara a cidade de Belém, bem como um alerta para uma constante vigilância, impedindo, assim, a reintrodução da doença (FRAIHA NETO, 2012).

Figura 14 – Porto de Belém, Pará (1910)



Fonte: Fraiha Neto (2012, p. 61).

Do exposto, observa-se que a extração do látex e a sua comercialização, bem como as consequências dessa atividade, transformaram sobremaneira o espaço e a sociedade do estado do Pará, em especial de Belém, no período compreendido entre meados do século XIX e princípio do século XX. A paisagem refletia essa dinâmica: de um lado, a ostentação e o luxo decorrentes do desenvolvimento econômico, para uma minoria, do outro, uma maioria marcada pela pobreza e suas consequências. É nesse contexto de época, pautado na desigualdade social e em uma paisagem, em que elementos antigos se entrelaçam aos modernos, que os suecos Daniel Gustav Högberge e Adolph Gunnar Vingren se aventuraram, construíram seu espaço de vivência e experiências, a partir do dia 19 de novembro de 1910. Como se pode notar, a chegada dos referidos jovens ocorreu em plena campanha de saneamento da cidade de Belém.

A seguir, informações sobre as experiências dos jovens suecos, com vistas a compreender como suas vidas influenciaram suas decisões. Mesmo sendo conterrâneos, não se conheceram na Suécia; ambos imigraram para os EUA, impelidos pelos mesmos problemas, as questões econômicas. Saíram em busca de sonhos e realizações profissionais, deixando suas famílias em sua terra natal, se aventurando por terras estranhas e vivenciando as angústias e incertezas quanto ao futuro. Paralelamente, cada um presenciou uma vivência religiosa singular. Ambos são contemporâneos do moderno movimento pentecostal, denominado, a partir

dessa época, Pentecostalismo. Essas experiências marcaram a forma de pensar e de agir de cada um deles. Diferentes em várias formas, principalmente ao nível de instrução acadêmica e de estrutura física, se complementavam perfeitamente, notadamente na missão evangelística em terras brasileiras.

O Senhor tinha dado a Daniel e Gunnar dons diferentes. Daniel era aquele que o Senhor escolhera para distribuir a sua palavra, a mensagem do seu grande amor. Ele era o colportor abençoado, e sua força física era bem aproveitada, quando, com as duas malas superlotadas de Bíblias, Novos Testamentos, evangelhos e folhetos, ia à frente abrindo novas frentes de trabalho pelas cidades e vilas. Gunnar, por seu lado, era um pregador bem sucedido. (BERG, 1995, p. 89).

Os livros escritos por David Berg (1995) e Ivar Vingren (2000), filhos de Daniel Berg e Gunnar Vingren, respectivamente, permitem conhecer os primeiros tempos da implantação da Matriz Pentecostal Brasileira. São ricos em detalhes sobre os sentimentos de seus pais, as alegrias, as angústias e as esperanças, diante da missão que tinham sob a sua responsabilidade. Berg descreve, de forma acurada, a paisagem amazônica, os rios, as ilhas, a vegetação, a fauna, o clima, a população e sua cultura. São descritas, também, as mazelas vivenciadas pelos brasileiros menos favorecidos e o exercício da fé em busca do auxílio divino para o povo a quem dedicaram as suas vidas.

Daniel Gustav Högberg ou Daniel Berg (para os brasileiros) nasceu na Suécia, em 1884. Devido à grave crise econômica que seu país atravessava, foi forçado a migrar para os EUA, em 1902. A princípio trabalhou em uma fazenda em Providense, Rhode Island. Posteriormente, transferiu-se para “Pensilvânia – o reduto dos quacres, às margens do rio Delaware, centro de petróleo e manipulação de ferro e aço”. Nesse contexto, procurou especializar-se em alguma profissão. “Ao final de alguns anos, ele recebia em mãos a prova concreta de sua habilitação profissional – um diploma, que o legitimava como fundidor especializado” (BERG, 1995, p. 39).

Tallbacka (1920), referindo-se a Daniel Berg, escreveu que

[o] irmão nasceu no contado de Västra Tunhem, no Västergötland, no dia 19 de abril de 1884. Ambos seus pais eram filhos do Deus vivo, e desde a infância ensinaram suas crianças no verdadeiro temor do Senhor. Eles estão ambos com o Senhor, na casa celestial. Já nos anos da infância, o Senhor trabalhou no coração do menino, tanto no lar como na escola dominical, e ele entregou seu coração a Jesus com quinze anos, sendo salvo. Logo depois, ele foi sepultado com Cristo pelo batismo nas águas e começou a congregar na igreja batista de sua região natal. Logo partiu para a América, onde ele morou quase sete anos. Depois desse período, resolveu voltar para casa para visitar seus pais. Chegado da América, entrou em contato pela primeira vez com o movimento pentecostal, por meio de amigos batizados no Espírito. Durante uma visita em Lidköping, à casa do irmão Lewi Pethrus, que era seu amigo de infância, escutou

pela primeira vez o dom de línguas. Então, surgiu um desejo em seu coração, de receber mais de Jesus e começou a orar, pedindo mais poder. Ao retorno à América, encontrou-se em Chicago com amigos batizados no Espírito. Um desejo ainda maior do batismo no Espírito nasceu em sua alma. Junto com os amigos pentecostais, ele orava fervorosamente pelo batismo no Espírito. No dia 15 de setembro, Jesus o batizou e ele falou em novas línguas e louvou a Deus. Contemporaneamente com essa experiência, o Senhor despertou na alma dele um ardente desejo de fazer algo para o Senhor. Ficou mais claro para ele que o Senhor o tinha chamado para viajar ao Brasil. (EH, 1920/47 s. 188-189).

Em uma conferência na cidade de Chicago (1909), Berg conheceu o pastor batista sueco Gunnar Vingren, que igualmente havia recebido o batismo no Espírito Santo, tornaram-se amigos, descobriram a “chamada” para a missão evangelística e, em oração, se prepararam para o momento de partir para o campo missionário.

Ao visitar a Suécia em 1920, depois de dez anos de trabalho ininterrupto no Brasil, Berg conheceu a jovem Sara, se casaram em 31 de julho desse mesmo ano e logo após viajaram para o Brasil e, juntos, evangelizaram diversas regiões do Brasil. Em 1962, Berg retornou à Suécia, falecendo em 27 de maio de 1963.

Adolph Gunnar Vingren, pastor batista sueco, juntamente com Berg, introduziram o Pentecostalismo no Brasil. Deixemos que Gunnar Vingren se apresente...

Nasci em Ostra Husby, Ostergötland. Suécia, em 8 de agosto de 1879. Meu pai era jardineiro. Por serem crentes, meus pais procuraram desde a minha infância ensinar-me os caminhos e preceitos do Senhor [...]. Aos 11 anos de idade concluí o curso primário e comecei a ajudar meu pai no ofício de jardineiro [...]. Aos 18 anos fui batizado nas águas. Isto aconteceu numa igreja batista em Wraka, Smaland, Suécia, no mês de março ou abril de 1897. Neste mesmo ano tornei-me sucessor de meu pai no trabalho da Escola Dominical [...]. Continuei à frente da Escola Dominical até o fim de outubro de 1898 [...] depois fui para uma escola bíblica em Götabro, Närke. Os dirigentes daquela escola eram os pastores Emílio Gustavsson e C. J. A. Kihlstedt [...]. Nunca mais na minha vida recebi uma instrução bíblica tão profunda como aquela [...] a escola bíblica durou somente um mês, porém me foi de grande bênção espiritual. Éramos 55 participantes, homens e mulheres. A escola fazia parte de uma Federação Evangélica que tinha o objetivo de ganhar almas para Cristo. Uns 15 alunos foram enviados como evangelistas. Saímos dois a dois, juntos, e nos deram somente o dinheiro para a passagem até o lugar de destino. O meu companheiro tinha quatro anos de experiência como evangelista. Chamava-se Soderlund. Tínhamos de confiar no Senhor quanto ao suprimento de nossas necessidades materiais [...]. Enviaram-nos à província de Skane, que foi o nosso primeiro campo de trabalho. Na primavera seguinte, voltei a casa de meus pais e trabalhei por um tempo no jardim do palácio real de Drottningholm [...]. No mês de fevereiro fui convocado ao serviço militar e me apresentei em Soderkoping [...]. Ao concluir o serviço militar, voltei para a casa de meus pais. Trabalhei então como jardineiro em diversos lugares perto de Estocolmo [...]. Mais ou menos em junho de 1903 fui atingido pela “febre dos Estados Unidos”. O grande país do Norte me atraía tremendamente. No fim de outubro viajei [...]. (VINGREN, 2000, p. 19-23).

Gunnar Vingren chegou a Boston em 19 de novembro de 1903. Mesmo sem conhecer o idioma inglês, conseguiu localizar a casa de seu tio, Carl Vingren. Dias depois, começou a

trabalhar como foguista, à noite, em Greenhouse. A seguir, foi “porteiro de uma grande casa comercial”, depois jardineiro. Mudou-se para St. Louis (fevereiro de 1904), trabalhou no Jardim Botânico. Em Chicago, fins de setembro de 1904, iniciou o curso teológico no Seminário Batista Sueco, sendo recomendado para a Universidade da denominação. Concluiu seus estudos em maio de 1909 e, em junho do mesmo ano, assumiu o pastorado da Primeira Igreja Batista em Menominee, Michigan. A trajetória do pastor Gunnar Vingren prossegue, na busca pelo conhecimento do poder pentecostal, para tanto, em novembro de 1909, solicitou licença à igreja que estava sob sua responsabilidade para comparecer a uma conferência que ocorreria na Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago (VINGREN, 2000, p. 23-24). Gunnar Vingren (2000, p. 25) descreveu sua experiência nessa viagem:

Fui à Conferência com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, depois de cinco dias de busca, o Senhor Jesus me batizou como Espírito Santo e com fogo! Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecoste, em Atos 2. É impossível descrever a alegria que encheu o meu coração.

Ao retornar à sua igreja de Menominee, Michigan, Vingren testemunhou sobre a fé pentecostal, motivando a divisão do grupo entre os que aceitaram a nova doutrina e os que a recusaram. Estes então pressionaram a saída de Vingren, o que ocorreu em fevereiro de 1910. Logo a seguir, Vingren assumiu outra igreja, em South Bend, Indiana, cujos membros receberam de bom grado a doutrina pentecostal, conforme afirmação do próprio Vingren. “Todos ali receberam a verdade e creram nela [...]”, e concluiu dizendo que, “assim Deus transformou a igreja batista em South Bend, Indiana, em uma igreja pentecostal”. Gunnar deixou a referida igreja em 12 de outubro do mesmo ano (VINGREN, 2000, p. 26).

Nesse ínterim, Daniel Berg se mudou de Chicago para South Bend. Agora juntos, os amigos então se prepararam para a viagem ao Brasil. Depois de diversas experiências, dentre elas algumas de cunho espiritual, embarcaram no navio *Clement*, no dia 5 de novembro de 1910, em Nova Iorque, conforme relatado no *Diário do pioneiro Gunnar Vingren* (VINGREN, 2000).

Gunnar Vingren e Daniel Berg aportaram em Belém (PA) no dia 19 de novembro de 1910. Adentraram à cidade, observando-a ao redor, com curiosidade e atenção, não conheciam ninguém e nem mesmo falavam o idioma português. Haviam deixado os EUA com recursos financeiros limitados, sem amparo de nenhuma missão evangelística, apenas seguindo suas convicções e somente com isso chegaram a terras brasileiras.

Lá estavam eles. Era a tarde do dia 19 de novembro de 1910. Os quentes ventos tropicais “de mar aberto” até provocavam certa sensação de frescor, à medida que penetravam suas roupas de inverno americanas. Havia chegado aonde Deus os havia enviado. À sua volta aglomerava-se pessoas morenas de todas as idades, falantes e sorridentes, oferecendo-se para carregar as bagagens. Pela primeira vez, os dois amigos puderam contemplá-los verdadeiramente de perto. Assim eram as pessoas para as quais o Senhor lhes mandara testemunhar. E não pareciam pessoas nem um pouco perigosas. Tampouco haviam avistado algum indígena munido de flechas ou lanças, segundo eles próprios haviam sido advertidos. Só o que queriam era ganhar para si alguns vinténs. Os dois amigos seguraram firme nas malas e, algo hesitante, conduziram-se exaustos em meio à multidão. Pararam por um instante, a fim de sentir um pouco os arredores. Todos os demais passageiros pareciam ter alguém à sua espera e um destino certo. Eles, porém, não conheciam absolutamente ninguém, nem sequer algum endereço onde pudessem passar a noite. Não obstante, guardavam consigo a promessa que Deus havia feito de guiá-los, e nela se alicerçavam. Começaram então a seguir sem destino o trajeto da rua. Para onde quer que olhassem, eram surpreendidos por novas impressões. (BERG, 1995, p. 65-66).

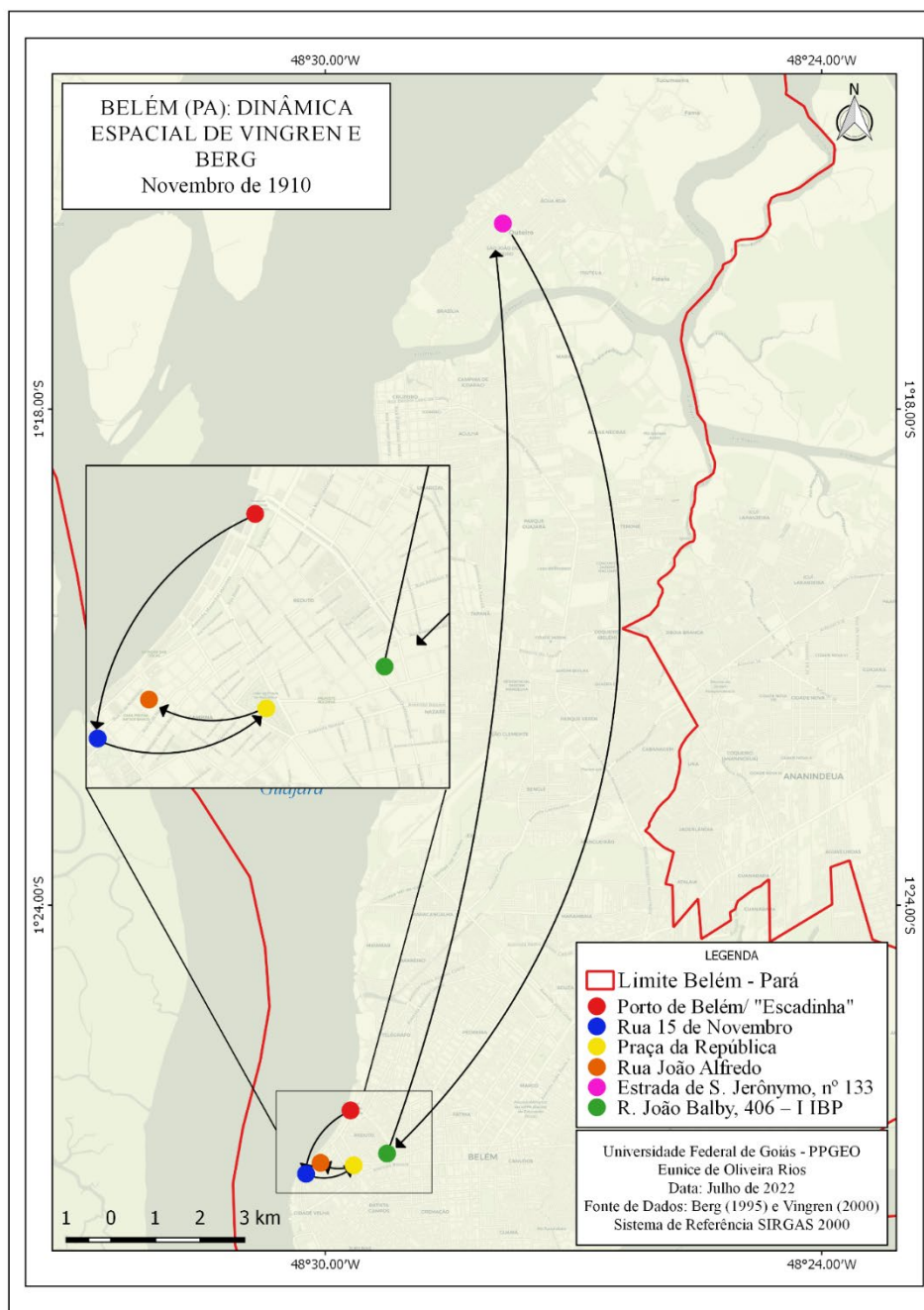
Ansiosos e curiosos, exploraram os arredores enquanto caminhavam. Em determinado momento, os dois jovens pararam para uma refeição. Logo após, reencontraram um casal que haviam conhecido no navio, que os conduziu a uma hospedaria no centro da cidade. No dia seguinte, após o café da manhã, saíram em busca de contatos, culminando com a chegada à Primeira Igreja Batista de Belém.

Berg e Vingren iniciam a trajetória partindo da “Escadinha da Estação das Docas”, no Porto de Belém. Seguiram a pé pela Rua 15 de Novembro, alcançaram a Praça da República e de lá, acompanhados pelos amigos do navio, foram para a hospedaria localizada na Rua João Alfredo, no centro comercial de Belém.

No dia seguinte, saíram em busca do endereço, encontrado em um jornal publicado por Justus Nelson, pastor metodista. De bonde, chegaram ao n. 133 da Estrada de São Jerônimo. O referido pastor os recebeu, ouviu o relato dos jovens e, a seguir, os acompanhou até a Primeira Igreja Batista de Belém, localizada à Rua Balby, n. 406 (BERG, 1995, p. 65-73).

O mapa a seguir (Figura 15) representa a dinâmica dos jovens missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren durante os dois primeiros dias após sua chegada, na cidade de Belém. Nele é possível verificar, por meio de simbologias gráficas pontuais e de setas, as diversas rotas percorridas pelos referidos missionários até chegarem ao seu destino principal, a Primeira Igreja Batista de Belém.

Figura 15 – Dinâmica dos jovens missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren ao chegarem em Belém-PA



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Nos primeiros meses de 1911, Berg e Vingren decidiram que Berg trabalharia e Vingren estudaria o idioma português. Dessa forma, teriam recursos financeiros para o sustento de ambos. Gunnar, ao estudar durante o dia, à noite repassaria a Berg os conhecimentos sobre a língua (BERG, 1995, p. 84).

A capacitação profissional de Berg em fundição, quando nos EUA, era agora de grande valia. Adriano Nobre, crente presbiteriano, mas pentecostal e amigo dos jovens suecos, era filho

de seringalistas e comandante de navio da *Port of Pará*. Por influência de Adriano Nobre, Berg foi contratado pela referida empresa, em sua fundição, “que estava procurando gente hábil. A documentação de Daniel recomendava-lhe para o emprego de capataz, proporcionando-lhe um salário fora do comum”, suficiente para sustentar a ambos e, ainda, investir na compra de Bíblias, Novos Testamentos e porções do Evangelho, nos EUA (BERG, 1995, p. 89).

Na função de capataz, Daniel Berg recebia “12 mil réis por dia, aproximadamente duas vezes o que era pago a um trabalhador comum”. Ele também recebeu constantes aumentos salariais devido a seu empenho e competência profissional (BERG, 1995, p. 108).

Tempos depois, Berg deixou o seu emprego na *Port of Pará* e se dedicou integralmente ao trabalho evangelístico através da colportagem. Berg visitou casa por casa, rua por rua, o que lhe permitiu um amplo conhecimento sobre a cidade de Belém.

Os jovens suecos sentiam-se abençoados e agradecidos, tinham sido protegidos das diversas doenças tropicais: “Na quentíssima capital paraense, além de lepra e malária, havia a febre amarela, que já havia causado muitas vítimas” (BERG, 1995, p. 89).

O primeiro contato com a cidade, no dia do desembarque, havia marcado as suas mentes. Ao sair do restaurante, decidiram continuar a caminhada exploratória rua acima. Atingiram um cume e, admirados, mal podiam acreditar no que seus olhos contemplavam à frente, “um imenso parque com um enorme monumento em mármore que se constituía num gritante contraste com as construções pobres e miserável da população” pelos quais tinham acabado de passar. Os assentos e pavilhões eram imponentes e ricamente ornamentados com o mesmo material caro, como verdadeiros monumentos-miniatura. Bem ao centro se encontrava uma “estátua muito alta”, em cuja legenda lia-se “Praça da República”. Era triste, em tão pouco tempo tinham presenciado “muita miséria, como jamais haviam imaginado existir”. A sensação era de que as pessoas estavam abandonadas e, “como se não bastasse tanta pobreza”, tinha ainda a malária, a febre amarela e a lepra. À frente deles transitavam “mendigos e maltrapilhos, gradativamente consumidos por chagas em todos os estágios: sem nariz, orelhas, dedos nos pés, pernas e braços; e com feridas espalhadas por todo o corpo mutilado”, era a lepra que assolava a população paraense (BERG, 1995, p. 68).

Durante algum tempo, os jovens Berg e Vingren moraram no porão da Primeira Igreja Batista de Belém. Devido a divergências teológicas, referida naquele tempo como “incompatibilidade doutrinária” a respeito da ação do Espírito Santo, surgiram discordâncias. Duas membras da referida igreja, Celina Albuquerque e Maria de Jesus Nazareth, creram na mensagem pentecostal, buscaram em oração pelo batismo no Espírito Santo e o receberam. Diante desse fato, iniciou-se a divergência entre o dirigente da denominação e parte do grupo

batista, que creram na doutrina carismática. Diante desses fatos, os dois jovens suecos e os membros batistas favoráveis ao Pentecostalismo acabaram sendo desligados da referida instituição, conforme Ata n. 222, de 13 de junho de 1911, da Primeira Igreja Batista de Belém (BERG, 1995, p. 93-98).

Após a separação, o novo grupo pentecostal deu início ao movimento carismático em terras brasileiras, agora com liberdade para expressarem a sua nova crença, seja por não estarem mais sob o domínio de uma instituição estabelecida, contrária à fé pentecostal, seja pela liberdade religiosa garantida pelo governo brasileiro.

O dia 18 de junho de 1911, um domingo, se tornou a data oficial da fundação da Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira, denominada **Missão da Fé Apostólica** e, posteriormente, **Igreja Evangélica Assembleia de Deus** (novembro de 1914).

Os pioneiros do novo movimento cristão, relacionados de forma mais abrangente, uma vez que existem divergências quanto ao número de pessoas, são: Daniel Berg, Gunnar Vingren, Henrique Albuquerque e Celina Albuquerque, Maria de Jesus Nazareth de Araújo, José Plácido da Costa, sua esposa Maria Piedade da Costa e sua filha Maria dos Prazeres Costa, Manoel Maria Rodrigues e sua esposa, Jerusa Dias Rodrigues, José Batista de Carvalho e sua esposa Maria José Batista de Carvalho, Joaquim Silva, sua esposa Benvinda Silva e as três filhas – Ana Silva, Teresa Silva de Jesus e Isabel Silva –, Emília Dias Rodrigues, Manoel Dias Rodrigues, João Domingues, Antônio Mendes Garcia, João Dias Rodrigues, Lourenço Domingos, Alberta Ribeiro Garcia, Adriano Nobre e Maria Joana. Da referida lista, 17 eram membros e os demais, menores de idade (CONDE, 2005).

O primeiro local de reunião foi a residência do casal Albuquerque, Henrique e Celina, cito à Rua Siqueira Mendes, n. 67, bairro Cidade Velha, Belém, Pará (Figura 16).

Figura 16 – Residência de Celina e Henrique Albuquerque



Residência de Celina e Henrique Albuquerque onde 18 irmãos, liderados por Gunnar Vingren e Daniel Berg, iniciaram a primeira Assembleia de Deus

Fonte: EBAD (2011).

Por aproximadamente três meses, as reuniões aconteceram na residência dos Albuquerque e também em outros pontos da cidade. Eram pequenos grupos que se reuniam nos lares para momentos de oração, louvor e adoração, sob a direção dos jovens suecos Vingren e Berg, auxiliados por Adriano Nobre, enquanto aprendiam o idioma português. Havia o cuidado de se encontrarem em locais próximos para evitarem gastos com transportes, além de que, dessa forma, as crianças também poderiam comparecer.

Segundo David Berg (1995, p. 102),

[e]sses grupos cresciam com pessoas que haviam tido a oportunidade de aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal. Parte delas se aproximava, pois eram tocadas pelo testemunho de Daniel em suas batidas de porta em porta pela cidade, ocasiões em que ele tinha a oportunidade de fazer-lhes o convite. A outra parte era composta por membros de outras igrejas evangélicas, que vinham aos cultos com o objetivo único de estudar mais de perto os novos ensinamentos que os seus pastores tanto repudiavam e censuravam. (BERG, 1995, p. 102).

Berg e Vingren divulgavam a “obra pentecostal”, expressa, principalmente, no batismo no Espírito Santo e na cura divina. Logo surgiram manifestações contrárias e perseguições, engendradas tanto pelos protestantes históricos como pelos católicos romanos. As perseguições, de diversas formas e amplitudes, são relatadas nas obras de Berg e Vingren, em várias edições

do jornal sueco *Evangelii Hærold* e em jornais nacionais editados pela denominação ou pela imprensa local. Vingren (2000, p. 65) registrou:

Naquele tempo escreviam-se muitos artigos contra os crentes, mas havia também jornais que nos defendiam. As ondas de discussão iam bem altas. Um dia o redator de um jornal de Belém veio à nossa igreja para pesquisar o assunto. Porém, para alegria de todos nós, o redator nos defendeu contra os que nos criticavam. Entre outras coisas, esse redator escreveu: “Os que pertencem a esta Missão de Fé Apostólica [Era o nome da igreja naquele tempo] só permitem manifestações do Espírito Santo. Não têm nenhum contato com os espíritos de falecidos!”.

Em Belém, as perseguições acabaram por exercer um papel de divulgação da “obra pentecostal”, pois muitos não a conheciam, mas a partir da leitura dos artigos difamatórios em jornais da cidade de Belém sobre os “pentecostistas”⁴⁰ ficaram curiosos sobre a “nova religião” e procuraram conhecê-la de perto. Logo a residência dos Albuquerque não comportava mais as pessoas que afluíam aos cultos, motivando a mudança para um novo endereço, Rua São Jerônimo (atual José Malcher), n. 224, residência do senhor (irmão) José Batista de Carvalho.

O número de membros da nova denominação crescia rapidamente e Gunnar Vingren registrou esse fato em uma estatística de próprio punho, conforme a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Belém – Missão de Fé Apostólica (1911-1914)

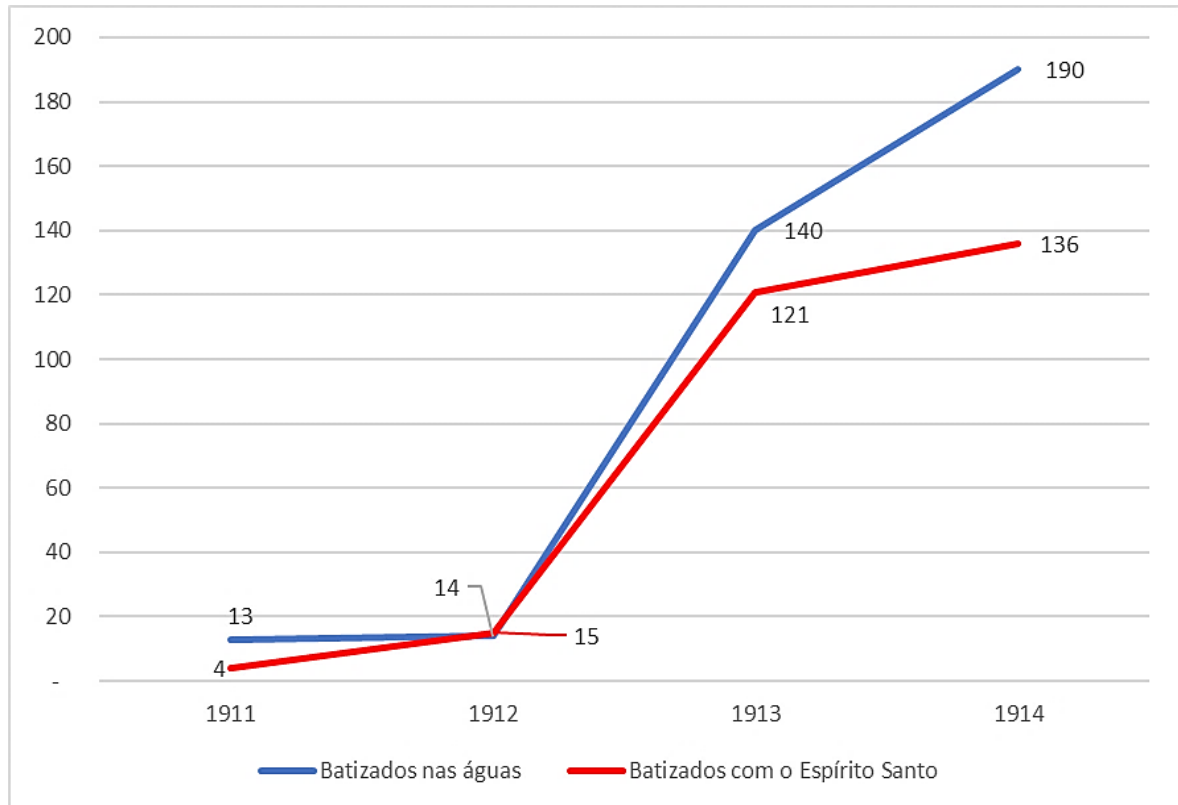
Ano	Batizados nas águas	Batizados com o Espírito Santo
1911	13	4
1912	14	15
1913	140	121
1914	190	136

Fonte: Vingren (2000, p. 71), organizado pela autora (2022).

A partir dos dados registrados por Gunnar Vingren foi confeccionado um gráfico, que dimensiona o crescimento dos adeptos à “obra pentecostal”, pela missão da fé apostólica entre 1911 e 1914, seja por forma de batismo na água, seja por batismo com o Espírito Santo (Figura 17).

⁴⁰ “Pentecostismo: termo utilizado pelos antipentecostais, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, no início do século 20, em tom depreciativo, no sentido de ‘erro’, ‘desvio’, ‘enfermidade’ e ‘heresia’, por considerarem que o Movimento Pentecostal se desenvolveu à margem do protestantismo tradicional” (ARAÚJO, 2015, p. 632).

Figura 17 – Belém – Missão da Fé Apostólica (1911-1914)

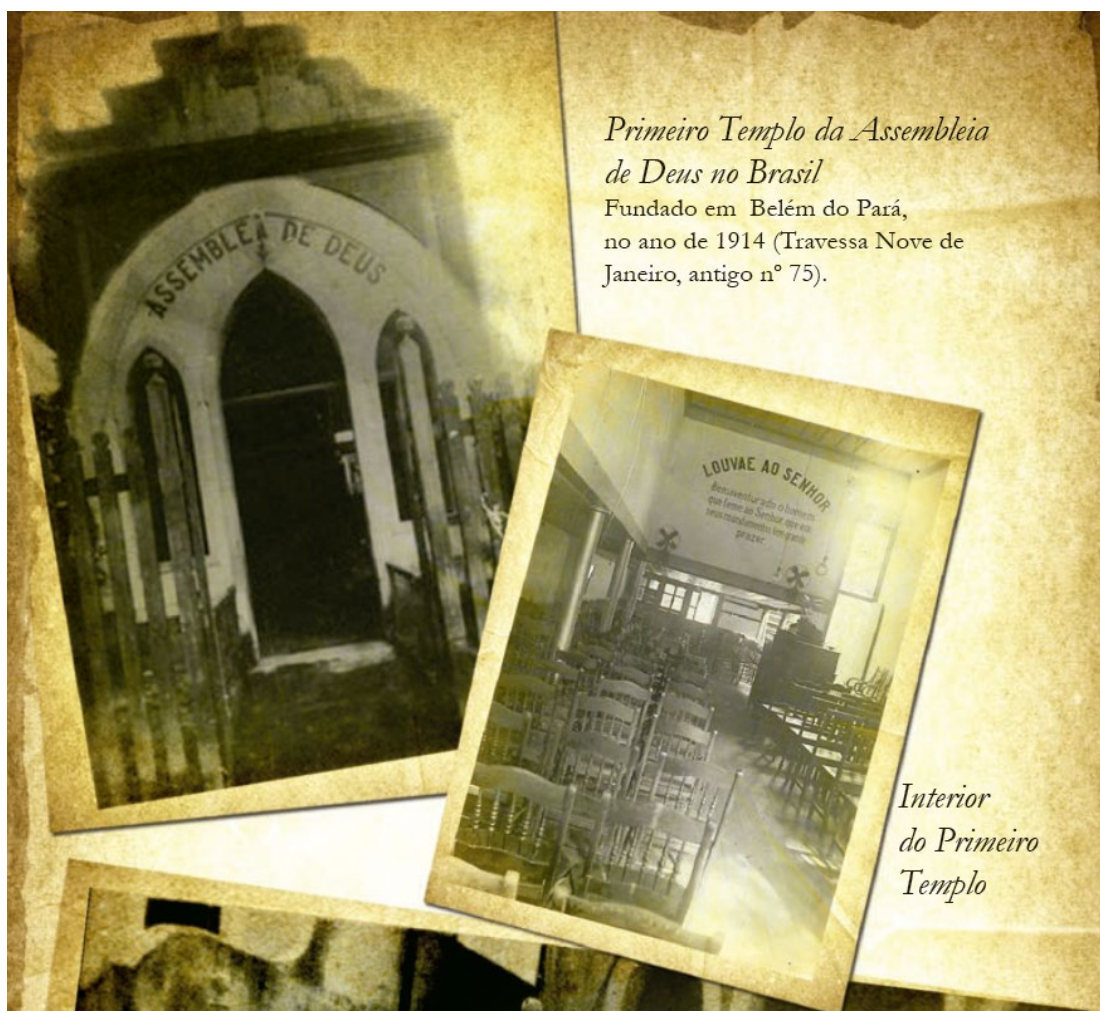


Fonte: elaborado pela autora a partir de Vingren (2000, p. 71).

O número de novos adeptos foi se expandindo⁴¹ e, com isso, a necessidade de mudança dos espaços de reunião (cultos). O primeiro templo livre localizava-se na Travessa Nove de Janeiro, n. 75 (CADB, 2017, p. 27) e era um imóvel alugado (Figura 18).

⁴¹ “Esses grupos cresciam com pessoas que haviam tido a oportunidade de aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal. Parte delas se aproximava, pois eram tocadas pelo testemunho de Daniel em suas batidas de porta em porta pela cidade, ocasiões em que ele tinha a oportunidade de fazer-lhes o convite. A outra parte era composta por membros de outras igrejas evangélicas, que vinham aos cultos com o objetivo único de estudar mais de perto os novos ensinamentos que os seus pastores tanto repudiavam e censuravam” (BERG, 1995, p. 102).

Figura 18 – Belém: primeiro templo das Assembleias de Deus (1914)



Fonte: CADB (2017, p. 27).

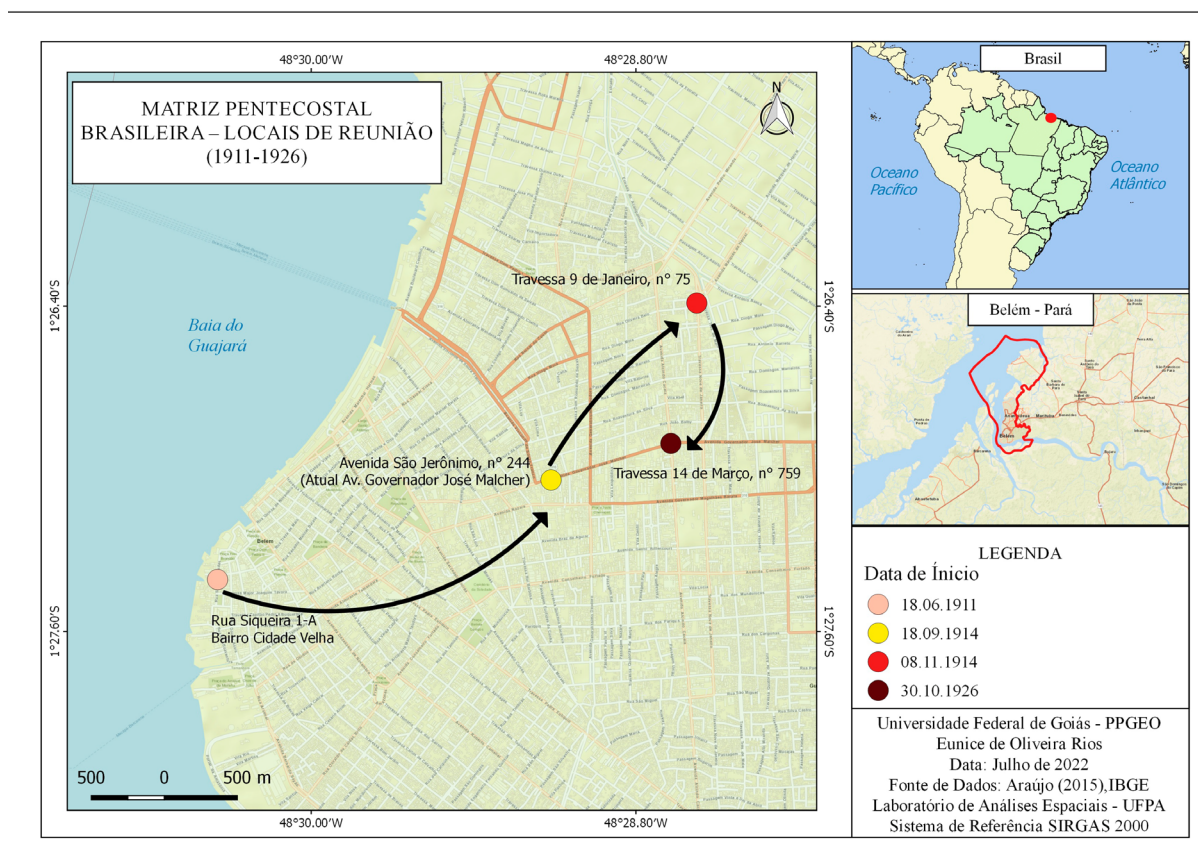
As atividades tiveram início no dia 8 de novembro de 1914. Em 17 de setembro de 1917, o referido imóvel foi adquirido através de compra, e, posteriormente, as reuniões se expandiram para outros pontos da cidade (CADB, 2017, p. 28).

Conforme carta de Samuel Nyström, publicada no *Evangelii Härold*, Nyström, referindo-se à cidade de Belém-PA, explica que:

Temos cultos em 11 diferentes lugares dentro da cidade, na igreja temos cinco cultos por semana, além da reunião de oração, entre as 5.00 e as 6.00 horas, cada manhã [...]. O preço de compra do terreno para a construção da capela aqui é decidido, o terreno fica numa das melhores ruas, um terreno de esquina, com duas linhas do bonde na frente e, a um quarteirão de distância, mais cinco linhas do bonde. O preço é de 5.000 coroas, mas com o registro no cartório sobe a 6.000 coroas, o que é muito barato por um lugar daqueles. (EH_1925/2 s. 17).

Os diferentes locais ocupados para as reuniões dos novos pentecostais estão representados no mapa da Figura 19, considerando-se a evolução das mudanças de locais, motivada pelo número crescente de congregados.

Figura 19 – Belém: Assembleia de Deus (1911 a 1926)



Fonte: elaborada pela autora (2022).

No mapa é possível observar um fluxo de movimento da borda costeira de Belém, bairro conhecido como Cidade Velha, ponto inicial das reuniões, para outros endereços. À medida em que o número de congregados aumentava e os salões não comportavam mais as pessoas, a opção era buscar uma construção maior, sempre alugada. Assim foi até o momento em que puderam adquirir o imóvel próprio e realizar as ampliações necessárias.

Nelson (2008) relata o crescimento do número de conversos e a necessidade de um novo templo, culminando na compra de um terreno na Travessa 14 de Março. No dia 1º de fevereiro de 1926, foi lançada a pedra fundamental. Iniciou-se a construção no dia 13 de fevereiro de 1926 e a inauguração ocorreu no dia 20 de outubro de 1926.

Conde (2005), ao referir-se a esse período inicial do movimento pentecostal em Belém, compara a jovem igreja a uma “colmeia de atividades evangelizadoras. Cada membro era um evangelista a testificar a parentes, amigos e vizinhos”. Vingren se firmava como o “pastor da

igreja, pois essa era a sua vocação”. Berg já comprovava sua habilidade na evangelização pessoal, chegara a hora de estender sua ação laborativa para além dos limites do município de Belém.

Daniel Berg (1917), em uma de suas cartas (EH_1917/42 s. 170), informou que

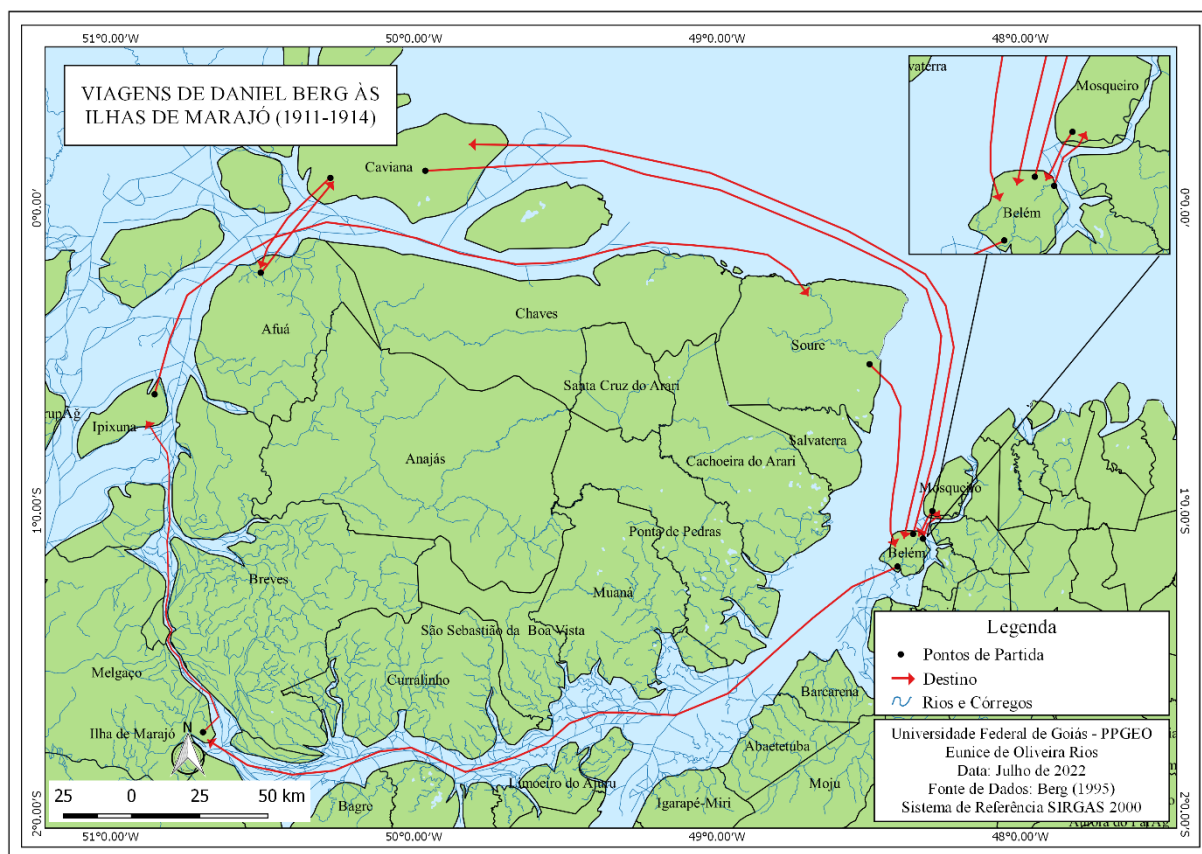
[e]u pude batizar nas águas 60 almas que vieram à fé em Jesus, e muitos delas têm sido batizadas no Espírito Santo. Também enfermos têm sido curados pela oração da fé. Acabo de chegar aqui no Pará depois de ter viajado nas ilhas por mais de dois meses e testemunhado do Senhor. O Senhor tem sido bom comigo e me tem sustentado com saúde nos muitos lugares que visitei. Visitamos dois novos lugares, que agora têm uma congregação. O primeiro lugar se chama “Rio Commarão”. Lá tem agora 29 almas que chegaram à fé em Jesus. Dezesete delas são já batizadas nas águas, e sete Jesus batizou no Espírito Santo. Quando estávamos lá, tivemos uma vigília de oração e, depois, no culto de domingo de manhã, cinco almas conseguiram o seu batismo pentecostal. Em outro lugar, chamado “Rio Caloan”, tem agora 25 almas, convertidas em pouco tempo. Louvado seja o nome do Senhor! [...] Visitamos também Charapucú, onde tivemos alguns cultos. Todos os amigos lá estão felizes e louvam a Deus pela vitória. Também agora temos dividido os recursos financeiros nos enviados aqui por vós com Chrispiniano. Deus vos recompense por tudo.

Através da colportagem Berg evangelizava, conhecia os lugares e promovia cultura, pois, para além do “valor espiritual que continham, havia ali um valor cultural inestimável”, já que, quando as pessoas se convertiam, criam na palavra do evangelho e, por conseguinte, procuravam conhecer a Bíblia, o que as motivava a aprender a ler (BERG, 1995).

Dessa forma, o movimento pentecostal se expandiu, Berg alcançou Soure e Mosqueiro, na ilha de Marajó (1911), Bragança (1912), Xarapucu e Quatipuru (1913) e Ilha Caviana (1914). Numa ação conjunta, Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Afuá, em 1914, ponto estratégico no arquipélago de Marajó (ARAÚJO, 2014a, p. 26).

Na Figura 20, mapa “Viagens de Daniel Berg às ilhas de Marajó-PA, 1911-1914”, estão representadas as viagens realizadas pelo pioneiro Berg ao longo do referido período. Os dados foram levantados a partir do livro *Daniel Berg – enviado por Deus*, de autoria de seu filho, David Berg (1995).

Figura 20 – Mapa: Viagens de Daniel Berg às ilhas de Marajó-PA, 1911-1914



Fonte: elaborado pela autora (2019) a partir de Berg (1995).

Apesar das adversidades, os pioneiros pentecostais continuaram a divulgar sua crença carismática. Primeiro foi Belém, depois as ilhas de Marajó e a região da Estrada de Ferro Belém-Bragança, logo mais se expandiram para além dos limites do estado do Pará, alcançando as regiões Norte e Nordeste e, também, Portugal.

Em carta enviada ao jornal *Evangelii Härold* (EH_1917/50 s. 202-203), Nyström (1917) relata sobre uma viagem realizada junto com Daniel Berg em um barco à vela, adquirido especialmente para a evangelização nas ilhas de Marajó:

Eu e o irmão Daniel temos acabado de chegar em casa de uma viagem que fizemos nas ilhas do rio Amazonas onde Jesus nos acompanhou e nos guardou de todo perigo por mar e por terra. Fizemos essa viagem em um barco a vela, que temos agora por conta da missão, um barco prático e completamente coberto, apto para enfrentar as altas ondas do oceano na boca do Rio Amazonas, quando fazemos nossas visitas às grandes ilhas que lá se encontram [...] A rota que um barco a vela vai, um barco a motor ou a vapor não consegue fazer, por causa das ondas muito altas. O Senhor nos acompanhou e abençoou nosso trabalho e muitos chegaram à fé e podemos batizar nas águas 90 almas, e Jesus, até na última hora, batizou com o Espírito Santo [...]. Quando chegamos a Charupucú, Daniel foi para três novos lugares onde ele batizou 66 almas nas águas e cerca 20 delas são agora batizadas no Espírito Santo [...]. Eu continuei a viagem com o barco a vela até dois outros lugares, e o Senhor se fez presente salvando os pecadores, e eu pude batizar 24 almas [...]. Quando eu estava

num lugar, Camarão, onde Deus fez uma maravilhosa obra em pouco tempo, veio um homem com toda sua família e queria falar comigo. Ele insultava e falava muito contra mim e a Palavra de Deus e ficou completamente fora de cabeça. Então, começamos a cantar um hino, “O sangue de Jesus me salvou”, e toda aquela família fugiu da casa em que estávamos. Quando voltou, estava com seu rifle e deu cinco disparos. Mas o Senhor nos guardou [...]. Agora estamos em casa na cidade faz uma semana e encontramos o irmão Vingren, que chegou durante a nossa ausência, e foi para nós uma grande alegria podermos encontrar nosso irmão e receber ajuda na obra.

Os livros de Berg (1995) e Vingren (2000) apresentam uma diversidade de relatos sobre a expansão da “obra pentecostal” nas primeiras décadas do século XX. À exceção da estatística, registrada por Gunnar Vingren, sobre os batizados (nas águas e no Espírito Santo) em Belém, no período de 1911 a 1914, não foram encontrados, até o momento, dados quantitativos absolutos que permitissem mensurar esse fenômeno. Há, apenas, menção à quantidade de pessoas ora se convertendo, ora batizadas, mas de forma esparsa.

Gunnar Vingren, ao retornar de sua visita à Suécia, em 1916, registrou a seguinte informação no *Evangelii Härold* (EH_1917/48 s. 195):

Sou grato ao Senhor, que tem me acompanhado e dado uma viagem feliz até aqui, por ter eu felizmente retornado ao meu querido campo de trabalho aqui no Brasil. Senti, assim que cheguei, que eu estava agora no lugar que Deus escolheu para mim [...]. Foi precioso ouvir como o Senhor está desenvolvendo um maravilhoso trabalho nesse país. Muitos novos lugares têm sido abertos para o Evangelho durante a minha ausência, e o número dos membros das congregações nesse estado é de cerca de 1.000. Temos membros até ao sul, nos estados do Ceará e Alagoas [...]. Até aqui, no Pará, temos muitos novos convertidos, e muitas pessoas ouvem o Evangelho. Especialmente nos domingos à noite, nossas casas de culto aqui se enchem de ouvintes, e Jesus se faz presente ... Temos cultos todos os dias da semana, exceto o sábado. Domingo de manhã, às 8.00 h, temos a escola dominical, às 9.00 h a pregação, e o culto público à noite às 7.00. De segunda temos o culto público em um de nossos postos avançados na cidade Villa Garanee. Às terças, culto de oração no templo local. Quarta-feira, culto público no templo. Quinta-feira, culto em um de nossos pontos avançados em outra parte da cidade e às sextas-feiras, de novo culto de oração no nosso templo sede. (VINGREN, G., 1917, p. 195).

Da referida carta de Vingren, apreende-se que a nova fé se expandiu, agora também através de uma ação dos novos adeptos. Nela também há referência à organização das atividades da igreja ao longo da semana, em sua sede e nos diversos pontos de reunião, dispersos pela capital paraense.

Em menos de dois anos de existência do movimento, os pioneiros perceberam a necessidade de novos “obreiros”, pessoas que cuidassem das novas igrejas e congregações. Para tanto, foram consagrados cinco pastores entre 1912-1916, conforme Araújo (2014a, p. 38-40):

- **Isidoro Filho**, ordenado pelo missionário Gunnar Vingren (1912) para pastorear a igreja em Soure, arquipélago de Marajó. Isidoro Saldanha de Oliveira, também conhecido como Isidoro Filho ou o “Caboclo”, nasceu na Freguesia de Amarração (Província do Ceará), em 29 de novembro de 1879. “Por volta do ano de 1895, migrou com sua família para a cidade do Soure, na Ilha do Marajó, Província do Grã-Pará, acompanhado de outros familiares”. Isidoro era alfabetizado, fez o curso de guarda livros, tinha uma “personalidade forte”, casado com Maria de Nazaréth Oliveira, com quem teve 15 filhos. Em Soure, dedicava-se à pesca, “utilizando a técnica de captura de peixes em curral” nas praias do Mata-Fome e do Pesqueiro (ARAÚJO, 2014a, p. 37);
- **Absalão Piano** foi ordenado por Gunnar Vingren em Rio Preto, Tajapurú do Norte, no dia 3 de outubro de 1913. Absalão Piano nasceu em Araúna, Paraíba, no dia 31 de outubro de 1877. Não se sabe quando ele chegou ao Pará, o que se tem conhecimento é de que, na primeira viagem de Berg e Vingren à Tajapurú, em 1910, encontraram Absalão, um presbiteriano que creu na fé pentecostal (ARAÚJO, 2014a, p. 38);
- **Crispiniano Fernandes de Melo** nasceu em agosto de 1885. Proprietário da vila Juputi, Afuá, Ilha de Marajó, se converteu em maio de 1912, quando Berg e Vingren visitaram Juputi. Crispiniano divulgou sua fé entre os seus funcionários, que também se converteram, fundando a igreja de Juputi. Ele trabalhava com a borracha, viajava pelos rios da região, evangelizando, em pouco tempo havia um grupo de sessenta conversos, que foram batizados pelo próprio Crispiniano (ARAÚJO, 2014a, p. 38-39);
- **Pedro Trajano Pinheiro** era presbiteriano que, ao ouvir falar sobre o movimento pentecostal, procurou conhecê-lo e acabou por convencer-se de que “o Espírito Santo era uma realidade viva e atuante entre os pentecostais”, ao retornar à sua igreja testemunhou sobre a nova doutrina; a partir de maio de 1913, várias pessoas se tornaram pentecostais. Em 1914, foi consagrado a pastor, trabalhando, por vários anos ao longo da Ferrovia Belém-Bragança (ARAÚJO, 2014a, p. 39) e,
- **Adriano Nobre de Almeida** nasceu em Pacatuba, Ceará. Trabalhou como comandante de navio da *Port of Pará Co.* Vingren o consagrou a pastor em 1916, era presbiteriano quando aceitou a doutrina pentecostal (1911), foi professor de inglês

de Berg, Vingren e Frida Vingren. Atuou em várias regiões do Norte e do Nordeste (ARAÚJO, 2014a, p. 40).

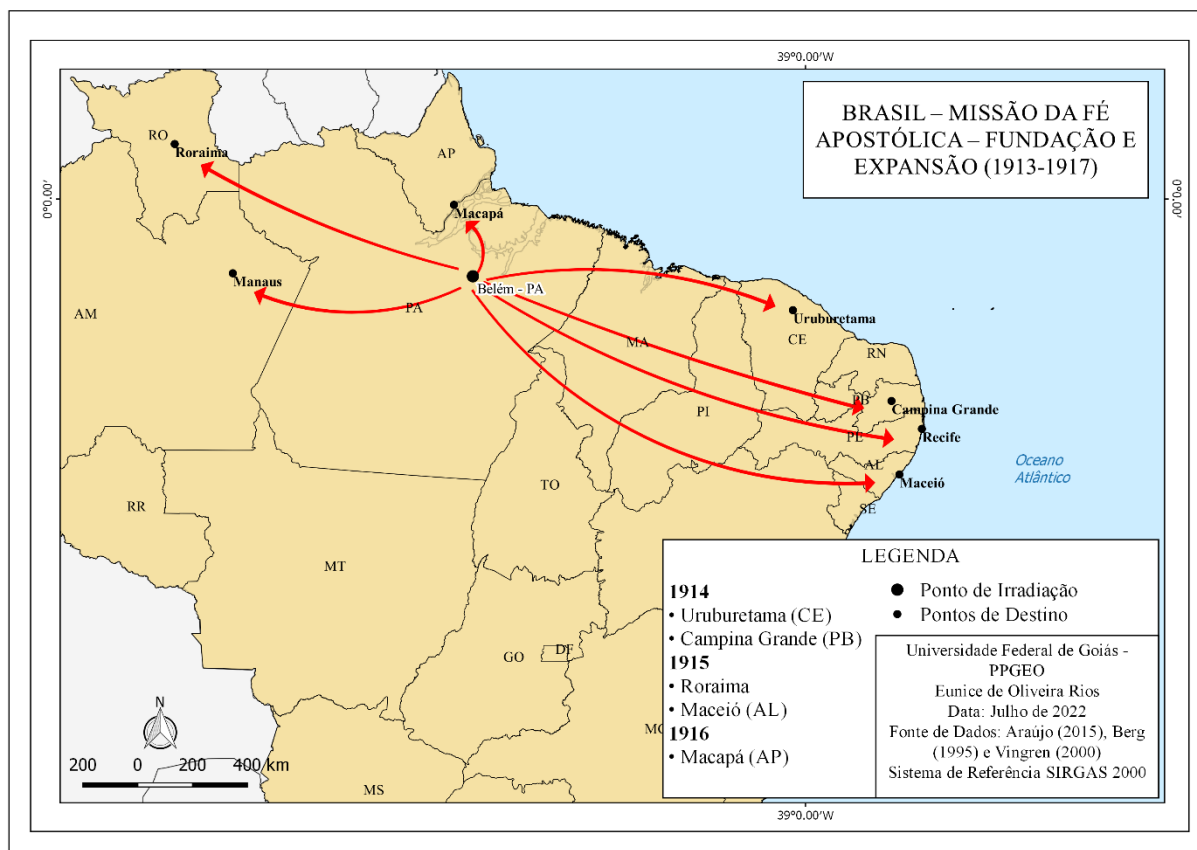
A realidade acabou demonstrando que os cinco novos pastores eram insuficientes para assistir a todos os novos grupos que surgiam dentro do movimento pentecostal.

4.3 Para além de Belém do Pará: Nordeste e Portugal – o movimento pentecostal se expande (1913-1917)

O nome **Missão da Fé Apostólica** perdurou até 1917, ano em que recebeu a nova denominação a partir do registro oficial do movimento, passando a se chamar **Igreja Evangélica Assembleia de Deus**.

A partir de Belém, centro irradiador do “fogo” pentecostal, nos primórdios do movimento, o Norte e o Nordeste receberam a mensagem pentecostal em épocas diferentes, sendo o fato representado no mapa da Figura 21, demonstrando a dinâmica dos evangelizadores e o alcance espacial da nova mensagem cristã. Nessa época, o movimento ainda era denominado **Missão da Fé Apostólica**.

Figura 21 – Brasil: Missão da Fé Apostólica (1913-1917)



Fonte: elaborado pela autora (2022).

A missão em Portugal ocorreu através do senhor José Plácido da Costa, que nasceu em 25 de novembro de 1909, em Valezim, Portugal. Converteu-se na Primeira Igreja Batista de Belém, em 1909, depois de um acurado exame de uma Bíblia Católica, era um “operoso e dedicado estudante” do livro sagrado.

Em 1911, ao conhecer os jovens suecos (Berg e Vingren) novamente, se debruçou sobre a Bíblia, agora pesquisando sobre as doutrinas pentecostais. Seguro sobre a nova fé, José Plácido apoiou o movimento carismático e acompanhou o grupo que organizou o movimento pentecostal em Belém.

Batizado no Espírito Santo, regressou a Portugal em missão de evangelização, no dia 4 de abril de 1913, tornando-se, então, o primeiro missionário da nascente **Missão da Fé Apostólica** e pioneiro do movimento carismático em seu país natal, Portugal (ARAÚJO, 2014a, p. 43-45).

Segundo Araújo (2014a), os primeiros pentecostais no Rio Grande do Norte foram Manoel Luiz de França e seu irmão Florêncio Luiz, de uma propriedade cujo nome era Cuité, município de Pedro Velho. De acordo com a família, ambos se converteram (novembro de 1910) no seringal Boca do Ipixuna, às margens do Rio Tajapuru, arquipélago de Marajó, quando

da visita de Berg e Vingren à família de Adriano Nobre, na ocasião realizaram reuniões de oração e louvor. Um ano após esse evento, Manoel e Florêncio retornaram a Cuité, acompanhados por Vingren e um homem que o interpretava. Desde então, as celebrações aconteciam na varanda do casarão. Posteriormente, construíram um casebre para os cultos com a família e os empregados da olaria, localizada na propriedade. Manoel, sua esposa, seus 22 filhos e seu irmão Florêncio foram batizados nas águas do rio Cuité, dentro da propriedade, que passou a ser conhecida como “Cuité dos Crentes”. Tempos depois, Florêncio retornou ao seringal, no Pará.

Ainda conforme Araújo (2014a), em 1916, lavradores que buscaram “melhor sorte” no Pará se tornaram pentecostais, retornaram para o Rio Grande do Norte e evangelizaram seus familiares.

Em 1918, Joaquim Batista de Macedo, lavrador paraense, ao ser batizado no Espírito Santo, se tornou evangelista nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Sobre Joaquim Batista, escreveu Gunnar Vingren, no *Evangelii Härold* (EH_1920/18 s. 67-68):

O evangelista Joaquim Baptista de Macedo [...] é agricultor, mas o Senhor o tem chamado [...] para sair para a obra [...] duas vezes em especial. A primeira vez, nosso irmão teve uma visão maravilhosa de Deus, na qual o Senhor lhe mostrava o destino de sua viagem. Isso aconteceu algum tempo depois de ele ser batizado no Espírito. Ele partiu assim enviado pelo Espírito Santo, em direção ao sul, e viajou através dos estados Paraíba e Rio Grande do Norte, testemunhando de Jesus. Além de viajar em trem e de cavalo, ele andou cerca de 1200 quilômetros a pé, sempre seguindo o itinerário lhe mostrado pelo Senhor [...] Outro irmão, Josino Galvão de Lima, o acompanhou [...] O irmão Joel Carlson tem batizado, nesses estados, muitas pessoas, como resultado do trabalho comissionado por Deus a estes dois irmãos. (VINGREN, 1920, p. 67-68).

O soldado Luiz de França recebeu, em sua casa, o primeiro culto pentecostal, na cidade de Natal, em 13 de janeiro de 1918. Nessa época, alguns batismos nas águas foram realizados pelas madrugadas, para evitar as perseguições. No dia 24 de maio de 1918, realizou-se a fundação oficial da Assembleia de Deus na cidade de Natal-RN, sob a responsabilidade do pastor Adriano Nobre, o cearense que residia no Pará (ARAÚJO, 2014a).

No estado do Ceará, a mensagem pentecostal foi levada por Maria de Jesus Nazaré Araújo que, ao ser batizada no Espírito Santo, quis que seus familiares também conhecessem essa fé. Viajou para Serra de Uruburetama, município de São Francisco, em junho de 1914. No Ceará, Nazaré, foi rejeitada por uns e aceita por outros, mas deixou a mensagem pentecostal em vários lugares, Itapajé, Sítio Trapiá, Sítio Teia Preta e Fazenda Lagoinha, quando então retornou à Belém. Em dezembro do mesmo ano, Vingren visitou o Ceará e, ao regressar, enviou

Adriano Nobre à Serra de Uruburetama, dando continuidade à missão iniciada por Maria de Jesus Nazaré (ARAÚJO, 2014a).

No estado da Paraíba, a fé pentecostal chegou através de Manoel Francisco Dubu. Era jovem ainda quando migrou da Paraíba para o Pará. Em 1907, aderiu à igreja Presbiteriana de Belém. Em 1912, aceitou a fé pentecostal e retornou à Campina Grande (PB), sua terra natal, no dia 17 de dezembro de 1914, sendo então o primeiro evangelista do estado da Paraíba (ARAÚJO, 2014a).

Em Alagoas, a mensagem pentecostal chegou através da atuação do missionário Gunnar Vingren. Quanto à data, há um conflito, pois Araújo (2014b) registra ao ano de 1914 e Vingren (2000) confirma 1º de maio de 1915. Gunnar Vingren viajou para Maceió, sendo hospedado pelo senhor Simplício. Sua estadia no estado alagoano foi de 23 de abril a 13 de julho de 1915. O missionário sueco Otto Nelson desembarcou em 21 de agosto de 1915, sendo recebido por um pescador, Balbino Gomes, em sua humilde casa, no bairro do Trapiche Barra. No dia 25 de agosto de 1915 foi realizado, em caráter oficial, o primeiro culto pentecostal (ARAÚJO, 2014a).

Em Roraima, a mensagem pentecostal chegou em 1915 através do cearense Cordolino Teixeira Bastos, migrado do Pará, juntamente com sua família, fixando residência na fazenda Altamira, na ilha de Maracá, nas proximidades do rio Uraricuera. Cordolino evangelizou a região. Em 1918, Samuel Nyström, missionário sueco baseado em Manaus, visitou Roraima, encontrando uma família portuguesa, “crente em Cristo”, e a batizou em águas. Outra pessoa que também levou a mensagem pentecostal à Roraima foi Vicente Pedro da Silva, que evangelizava, mas não era obreiro oficial, o que não conferia ao grupo o *status* de igreja. Somente em 1946 a igreja de Belém enviou o pastor Quirino Pereira Bastos, que encontrou um grupo de crentes que se reuniam em um “templo de taipa, coberto com palha de anajá à luz de carbureto”. A igreja recebeu seu registro oficial no dia 9 de setembro de 1946 (ARAÚJO, 2014a).

Macapá, capital do Amapá, recebeu a visita do primeiro pentecostal em 1916. Era o evangelista e colportor Clímaco Bueno Aza, imigrante colombiano. Perseguido por religiosos locais, teve suas bíblias queimadas em praça pública, se retirou, mas tempo depois retornou e sua estadia foi sem incidentes. Essa experiência deixou várias pessoas interessadas no evangelho. Em 1917, o trabalho pentecostal foi instalado pelo evangelista José de Matos, que também se retirou; a partir de então, ficou sob a responsabilidade da igreja de Belém, que enviava obreiros em visita à região (ARAÚJO, 2014a, p. 87-90).

Adriano Nobre de Almeida chegou a Recife em 1916, enviado pela igreja de Belém com o objetivo de “verificar as possibilidades de estabelecer um trabalho de evangelização na

capital de Pernambuco” (ARAÚJO, 2014a, p. 100). O início das atividades pentecostais foi difícil, já que poucas pessoas se interessavam pelo novo movimento religioso. Adriano retornou a Belém e, nesse ínterim, José Domingos, membro da igreja em Belém-PA, mudou-se para Recife a trabalho. Por decisão própria, prestou assistência ao pequeno grupo organizado por Adriano Nobre até que, em 20 de outubro de 1918, chegou a Recife o casal de missionários suecos Joel e Signe Carlson. Eles também tiveram muitas dificuldades, pensaram até em desistir de Pernambuco e se mudarem para o Rio Grande do Norte, mas permaneceram e, em 1919, conseguiram comprar um “mocambo”, designação de uma casa pequena coberta por palhas. Foi quando a nascente igreja tomou impulso, com a adesão de novos adeptos. Dentre eles, uma senhora mudou-se para a cidade de Palmares, levando consigo a nova fé e evangelizando o local de sua nova morada.

Sobre o “mocambo” e o desenvolvimento das ações missionárias, assim como as dificuldades vivenciadas, escreveu Carlson (1920, p. 219),

[...] [t]emos tido uma temporada difícil com as despesas, porque agora temos quitado completamente nosso pequeno salão que usamos para os cultos. Estávamos agora pagando de aluguel cerca de 90 ou 100 coroas todo mês [...] Agora, temos celebração de batismos todos os meses. Muitas centenas vêm para observar, porque fazemos a cerimônia dos batismos bem no meio da cidade, num rio que atravessa a cidade. Nossos cultos são muito visitados, e têm muitos que não conseguem nem ouvir a Palavra de vida [...]. Se fosse possível explicar qual necessidade, qual escuridão, qual pobreza e ignorância estão imperando aqui, então a missão no exterior e, especialmente, a missão aqui no Brasil, teriam outra velocidade de ação. É doloroso, uma vez atrás da outra, ter que dizer não, quando chega uma carta do interior do país pedindo ajuda e visita para conduzir o povo a toda a verdade. Tem que escrever que, de novo, não é possível investir em uma viagem dessas por causa da falta de recursos. O ano passado, eu pude fazer seis longas viagens e batizar quase 200 pessoas. Esse ano, temos recebido menos recursos e eu pude fazer apenas uma viagem, e o evangelista que tem trabalhado na Paraíba tem agora começado a trabalhar com suas próprias mãos para poder sobreviver. Como seria abençoado se alguma igreja ou pessoa particular quisesse dar o sustento para algum evangelista aqui no Brasil Central. Cerca de 150 coroas por mês seriam certamente suficientes, porque a vida no interior é sempre menos cara do que nas cidades [...] O nome do evangelista é Victalino Silva. (EH, 1920/52 s. 219).

O último estado a ser alcançado pela ainda **Missão da Fé Apostólica** foi o Amazonas. Severino Moreno de Araújo, oriundo de Belém (PA), levou a fé pentecostal à cidade de Manaus, em 1917. O missionário sueco Samuel Nyström chegou a Manaus no primeiro dia de janeiro de 1918, organizou e construiu a sede da igreja, e, após quatro anos, foi substituído por um pastor brasileiro, Manoel José da Penha (ARAÚJO, 2014a).

Da exposição, que cobre o período de 1911 a 1917, percebe-se que a expansão da então **Missão da Fé Apostólica**, também conhecida como **Assembleia de Deus**, foi intensa e de uma abrangência que cobriu toda a região Norte e Nordeste do Brasil.

Os jornais, editados pelo movimento também, contribuíram com a divulgação da nova doutrina. O primeiro jornal pentecostal do Brasil, edição independente, foi a *Voz da Verdade* (1917), tendo como redator o Reverendo Almeida Sobrinho e auxiliar João Trigueiro da Silva, publicado em Belém-PA. *Boa Semente* (1919) foi o primeiro, em caráter oficial, lançado em Belém-PA, sob a responsabilidade de Gunnar Vingren. No Rio de Janeiro, fundou-se o *Som Alegre* (1929), cujo diretor também era Gunnar Vingren. Em 1930, por decisão da Convenção Geral da Assembleia de Deus, os dois jornais são extintos e um novo passou a circular, o *Mensageiro da Paz* (CONDE, 1960).

A mensagem pentecostal foi levada, a princípio, pelos missionários pioneiros, Berg e Vingren, pelos obreiros credenciados pela sede de Belém, mas, principalmente, por pessoas sem vínculos ministeriais, mas que nutriam o desejo de divulgar uma experiência de fé, nova para o contexto social e religioso no período referido.

A esse grupo dinâmico somou-se, a partir de 1916, missionários suecos, enviados pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, movimento que seria formalizado em 1924, com a denominação Missão Livre Sueca.

4.4 Belém do Pará: Base da Missão Livre Sueca no Brasil

O avivamento pentecostal chegou à Suécia, em 1906, através de Anders Gustaf Johansson, primeiro missionário a ser enviado pela Missão da Azuza Street, com a incumbência de “difundir as novas do batismo no Espírito e despertar o povo para a busca de uma vida espiritual mais profunda”. Johansson teve “boa aceitação da parte de seus conterrâneos”, mas, para tanto, foi fundamental a análise sobre o novo movimento, realizada pelos pastores batistas suecos, no início de 1907, Carl Viktor Hugo e John Ongman, respectivamente, das cidades de Skövde e John Ongman (BONAITA, 2012).

John Ongman era diferente dos demais pastores batistas suecos, desde a “sua cosmovisão até sua teologia”, fundando a *Örebromissionen* (Missão de Örebro) e a *Örebromissionsskola* (Escola de Missões de Örebro), que se tornou o Örebro Teologiska Högskola (Seminário Teológico de Örebro), que preparou muitos evangelistas e missionários, que atuaram tanto na Suécia como em diversos países pelo mundo (VALÉRIO, 2020).

No início do século XX, a crise econômica que abalava a Suécia desde meados do século XIX⁴² provocou o êxodo rural em direção à capital Estocolmo, que, em 1850, contava com 93.000 habitantes e, no ano início do século XX, chegou a 300.000 habitantes. Distantes dos familiares, muitas pessoas procuraram apoio junto às igrejas livres, sentindo-se apoiados, “cuidados, valorizados e reconhecidos”. Em 1907, quando ocorreu a “explosão pentecostal”, nessa altura, a igreja batista era composta por pessoas da classe média, pois, com o avivamento, a classe operária se avolumou nessas igrejas. Esse fato acabou por motivar um próspero comerciante, A. Engzell, a implantar um projeto de apoio aos “novos avivados” e, com esse objetivo, adquiriu um imóvel, denominado *Filadelfiasalen* (Sala Filadélfia), o mesmo nome da igreja de Ongman, em Örebro (BONAITA, 2012).

Aos poucos, a *Filadelfiasalen* passou a ser frequentada também pelos novos pentecostais, que não se sentiam à vontade em suas igrejas, devido à rejeição das lideranças ao Pentecostalismo, e ansiavam por uma “igreja aberta aos dons espirituais”. Assim surgiu a Igreja Filadélfia de Estocolmo, fundada em 30 de agosto de 1910, por um grupo composto por “21 mulheres e 8 homens”, oriundos de seis diferentes igrejas batistas, da capital sueca e do interior (BONAITA, 2012, p. 23).

O avivamento pentecostal se expandiu, sendo de caráter supraconfeccional, contudo, existia uma insatisfação por parte dos pentecostais, por serem oprimidos, discriminados e, em alguns casos, era lhes vedado exercerem atividades em suas igrejas. Diante desses fatos, acabaram por desejarem uma igreja livre pentecostal, processo esse que acabou culminando com a exclusão da Igreja Filadélfia da Convenção Batista Sueca. Nesse contexto, o jovem Lewi Pethrus, pastor da Sétima Igreja Batista Sueca, se tornou o primeiro pastor da Igreja Filadélfia e líder do *Pingströrelsen* (Movimento Pentecostal da Suécia).

A separação da Igreja Filadélfia da Convenção Batista Sueca resultou na ausência de um canal de divulgação do movimento, levando à criação do Jornal *Evangelii Härold*, conforme relatou Pethrus (2004, p. 153-156): “[...] depois de sermos excluídos da Sociedade Batista, nossos fiéis órgãos desde 1907, o *Svenska Tribunen* (A Tribuna Sueca) e o *Nerike-Bladet* (A Folha Nerike), mostraram-se contra nós; sendo assim, não tínhamos mais onde registrar nossas mensagens”. Pensou-se em várias possibilidades, isso porque era primordial divulgar as notícias sobre as ações missionárias, contudo, havia um problema recorrente: a falta de recursos financeiros. Pethrus escreveu que suas propostas foram rejeitadas pela diretoria da igreja; sua angústia era intensa, a ponto de perder o sono, e acreditava que, por falta de fé, criariam um

⁴² Valério (2020) discute sobre as Igrejas Livres, o Pentecostalismo e o contexto social (sueco e brasileiro), em fins do século XIX e princípio do século XX, em sua obra *Uma nova origem do Pentecostalismo* (2020).

“difícil obstáculo no caminho para o despertar pentecostal, que mostrou poderosos sinais para uma expansão e sucesso”. Nessa altura, convocou novamente a diretoria da igreja, apresentou novas propostas e elas foram aceitas. Assim nasceu o *Evangelii Härold* e, em dezembro de 1915, publicaram o primeiro número, com periodicidade semanal; no caso de excedentes, estes deveriam ser “enviados para a Missão Livre dentro e fora do país”. Lewi Pethrus foi eleito para redator, Hulting, como vice-diretor, e o pastor Gustafsson era o editor responsável. Trabalhavam até altas horas da noite e se renovavam com as “novas e inspiradas experiências, e as informações tanto da Suécia como do exterior também eram fontes de alegria e entusiasmo para nós” (PETHRUS, 2004, p. 156).

O *Evangelii Härold* tornou-se um canal de divulgação e de apoio para o envio de ofertas para o movimento pentecostal no Brasil, tanto no âmbito da religião quanto no da assistência social.

O Movimento Pentecostal Sueco passou por vários embates, principalmente teológicos e políticos, quanto à atividade missionária ao longo dos anos. A *Svenska Fria Missionen* (Missão Livre Sueca), criada em 1924, foi dissolvida em 1929, quando a Igreja Filadélfia passou a gerenciar seu próprio campo missionário, conforme decisão tomada na Conferência missionária de Estocolmo, ocorrida entre 30 de julho e 1º de agosto de 1929 (BONAITA, 2012).

Daniel Berg realizou sua primeira viagem à Suécia, como missionário no Brasil, no ano de 1914, contactando Lewi Pethrus, seu amigo de infância e líder da Igreja Filadélfia de Estocolmo e da obra missionária no exterior. Esse contato resultou na formalização de Daniel Berg e Gunnar Vingren como missionários da Igreja Filadélfia, no Brasil, passando, a partir de então, a receber o apoio e o respaldo de uma instituição missionária de renome internacional. Esse suporte, se concretizou através da preparação e do envio de missionários ao Brasil, bem como de ofertas para o sustento dos missionários suecos no País, como se pode aferir dessa publicação no jornal *Evangelii Härold* (EH_1917/36 s. 147-148), assinada por Lewi Pethrus:

Círculo de oração pelo Brasil da Filadélfia, Estocolmo, 200.00 coroas, O.L. Björk 35.00, Blomqvist, St. Tuna 40.00, Hellström, Smedjebacken 5.00, Anônimo, Snyten 85.75, Anônimo, Filadélfia 20.00, A.Fröberg, Norberg 10.00, Senhora Larson, Nynäshamn 10.00, Strömberg, Nälden 30.00, I. Lindkvist, Stjärnholm 10.00, Culto pentecostal, Linderas 85.00, Igreja Betania, Adelöv 44.00, Para Nyström, Charlotta Anderson, Blidsberg 25.00, Helga Gustafson, Blidsberg 10.00, Para Nyström, Kias Mondén, Dalum 10.00, Da viagem do 25/11, anônimos 28.31, Senhora Snyten, “Um voto ao Senhor” 100.00, Knut Kvist, Mjölby 10.00, Anônimo 21.00, Um irmão de Bunn 10.00, Anônimo, Manasen 15.00, H. S. 10.00, E. E., Rogsta 5.00, A. Berggren, Hökmora, Karbenning 10.00, Salem, Göteborg 155.00, Igreja Betania, Snyten 240.00, Amigos em N. F. 10.00, Igreja Salem, Eskilstuna 40.00, Os dez do Senhor 10.00, Igreja dos Irmãos, Nyköping 52.53, Igreja Batista de Fornasa 62.85, D. Erikson 2.50. Agradecemos a todos. (PETHRUS, 1917, p. 147-148).

Daniel Berg e Gunnar Vingren já eram missionários independentes desde 1910. Após o contato de Berg com Pethrus, ambos foram oficialmente integrados ao campo missionário sueco. Logo após, foram enviados ao Brasil, pela Igreja Filadélfia de Estocolmo, cinco missionários, entre junho de 1916 e outubro de 1917. O casal Otto Nelson e Adina Nelson aportaram em Belém-PA em 25 de outubro de 1914, oriundos dos EUA. Samuel Nyström e Lina Nyström chegaram em 18 de agosto de 1916. Frida Maria Strandberg desembarcou em 14 de julho de 1917 (BONAITA, 2012, p. 73).

A respeito do movimento pentecostal no Brasil, o desgaste emocional e físico dos missionários frente às condições climáticas da região Norte e o envio de novos missionários suecos para a missão brasileira, Tallbacka (1920, p. 188-189) escreveu:

Pouco mais de dez anos atrás, os primeiros missionários livres batizados no Espírito chegaram ao Brasil, na América do Sul, os irmãos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Desde então, mais missionários tem seguido seu caminho [...] Uma centena de brasileiros atrás da outra têm entregado seus corações a Deus, batizada nas águas e recebido a benção do batismo no Espírito Santo, e têm se unido às congregações que, uma depois da outra, surgiram tanto no continente como nas ilhas existentes na boca do rio Amazonas. O insalubre clima para os norte-europeus, junto com as dificuldades naturais que existem lá, operaram para que os missionários não pudessem resistir muito tempo. Precisou que os missionários, frequentemente, voltassem para casa para descansar. Mas o muito trabalho tem, às vezes, colocado obstáculos no caminho [...] Temos agora a alegria de comunicar que [...] uma multidão de forças jovens tem agora deixado a pátria para assumir o trabalho ao serviço da missão lá embaixo. Quinta-feira passada à noite, uma parte deles partiu com o trem para Kristiania, onde encontrará com alguns dos outros que precedentemente tinham viajado para lá, para depois, juntos no navio a vapor “Fiorde de Stavanger”, viajar para Nova Iorque. Nossos irmãos ficarão um curto tempo nos Estados Unidos, de onde, a seguir, continuarão a viagem ao campo de trabalho na América do Sul. (EH, 1920/47 s. 188-189).

Em carta publicada no jornal *Evangelii Härold* (EH_1921/28 s. 131), assinada por vários missionários, há um comunicado sobre a chegada do referido grupo a Belém, sobre o estado de saúde de Vingren, Nyström e Joël Carlson e sobre a realidade do povo em Belém:

O Senhor nos direcionou maravilhosamente em nossa viagem até aqui no Pará, e nos regozijamos por estar agora aqui no nome precioso de Jesus. No dia 6 de março, subimos a bordo do navio “Uberaba”, em Nova Iorque, e no dia 21 atracamos no Pará depois de uma viagem sobremaneira tempestuosa [...] Foi também uma consolação poder ver os irmãos Vingren, Nyström e Joël Carlson no cais do porto, quando chegávamos perto, e em seguida poder ouvir seus “bem-vindos”. Tínhamos visto eles na Suécia, gordos e em forças, agora estão curvos e magros, mas de seus olhos brilhava aquela paz que o mundo não pode dar...

Quando tudo foi resolvido com nossa bagagem, fomos até a base missionária, onde fomos também saudados de coração pelas irmãs Vingren e Nyström e pelos muitos irmãos e irmãs nativos, que fervorosamente esperavam para poder ver os novos missionários, e logo depois fomos à igreja para agradecer e louvar ao Senhor que nos

conduziu tão maravilhosamente a essa terra e a esse povo, aos quais ele nos ordenou ir para pregar a alegre mensagem de liberdade para os cativos.

O exército do Senhor, aqui no Pará, é realmente grande e composto de almas salvas e batizadas no Espírito [...]. A necessidade e a escuridão aqui são grandes. Toda cabana tem enfermos não cuidados, crianças órfãs de pai e mãe sem educação e atenção, o desemprego e a fome imperam em muitos lugares no país, a febre amarela arrasa e, mais a sul, a peste bubônica. Que possamos, nós que acabamos de chegar, logo sermos fluentes na língua local, para poder ajudar nesse grande desafio aqui. Não nos esquecem nas orações! (BERG, 1921, p. 131).

Samuel Nyström, em missiva publicada em Estocolmo (EH_1921/31 s. 142), relata o envio de um missionário a Portugal, sob a responsabilidade da igreja de Belém, a presença de um polonês no movimento e, ao final, descreve parte da dinâmica de preparação dos novos missionários, antes de serem enviados aos locais em que exerceriam suas atividades:

Temos enviado o nosso primeiro missionário. Ele foi separado no começo do mês passado e no dia 21 de junho viajou para Portugal, ele se chama José de Mattos e é português de nascimento, e trabalhou aqui por cerca de quatro anos, pregando o Evangelho. Eu tenho um irmão polonês trabalhando comigo aqui na igreja. O irmão Daniel Berg está atualmente nas ilhas com sua esposa. Os outros irmãos estão ocupados com o estudo da língua; fora disso, algumas das irmãs saem em visita junto com minha esposa, todo dia, para se acostumarem à situação daqui. Maravilhoso é o nosso Deus, graça e louvor, nós o louvamos por tudo. (NYSTRÖM, 1921, p. 142).

Os missionários aportavam em Belém (PA), eram recebidos pelos missionários da igreja, passavam por um período de adaptação e aprendizagem do idioma, só depois eram enviados aos locais em que desenvolveriam suas atividades missionárias.

A respeito escreveu Bonaita (2012, p. 57), referindo-se a Daniel Berg, que, “por sua experiência e resistência nas viagens ao longo do rio Amazonas”, se tornou o “instrutor dos demais missionários, que, sucessivamente, chegaram da Suécia no período em que ele esteve na obra no Pará”. Destacou Samuel Nyström e Joël Carlson, que o “acompanhavam em sua odisséia fluvial” enquanto aprendiam o idioma e também testemunhavam nos “vários pontos de pregação” (BONAITA, 2012, p. 57) (ver Quadro 3):

Quadro 3 – Missionários suecos no Brasil (1910-1930)

Ano	Nomes	Procedência
1910	Daniel Berg e Gunnar Vingren	EUA
1914	Adina e Otto Nelson	EUA
1916	Lina e Samuel Nyström	
1917	Frida Strandberg	Suécia
1918	Signe e Joel Carlson	
1921	Sara Berg, Nels Julius Nelson (EUA), Tora e Samuel Hedlund, Anna Carlsson, Augusta Andersson, Ester Andersson, Ingrid Andersson e Elisabet Johansson	Suécia
1922	Nina Englund (EUA), Agnes e Simon Sjögren, Anna e Viktor Jansson	Suécia

(Continua)

(Conclusão)

Ano	Nomes	Procedência
1923	Hedvig e Gustav Nordlund	Suécia
1924	Linnea e Simon Lundgren	Suécia
1927	Beda Palm	Suécia
1928	Eufrosyne, Nils Kastberg, Rosali e Algot Svensson	Suécia
1930	Cecília e Anders Johansson	Suécia

Fonte: Bonaita (2012, p. 73).

As contribuições dos missionários suecos foram inestimáveis na expansão das Assembleias de Deus, influenciando, sobremaneira, a construção da identidade assembleiana no Brasil, como se pode conferir na afirmação de Bonaita (2012, p. 10) sobre o

[...] movimento das igrejas livres da Suécia, o Pingströrelse. Este nasceu da institucionalização do avivamento pentecostal sueco, a partir da ação de Lewi Pethrus, pastor da igreja Filadélfia de Estocolmo, a maior igreja livre daquele país. Pethrus foi, igualmente, o ator principal nos bastidores da missão pentecostal da Suécia no Brasil, enviando e sustentando muitos dos missionários que vieram do país nórdico, além de ajudar os que procederam dos EUA e alguns dos obreiros nacionais. Ele foi, também, o pregador da conferência de Natal 1930, durante a qual expressou sua opinião favorável à entrega da direção dos trabalhos originados da missão sueca aos líderes nordestinos.

A Matriz Pentecostal Brasileira, iniciada em Belém, agora avançava em todas as direções do território brasileiro, o próximo passo seria dado em direção à cidade do Rio de Janeiro.

Após quatro décadas de existência, o movimento tinha se consolidado no território brasileiro. A expansão das Assembleias de Deus, considerando-se os pioneiros em cada estado e seus respectivos fundadores, podem ser conferidos no quadro a seguir.

Quadro 4 – Brasil: implantação e expansão da Matriz Pentecostal Brasileira (1911-1956)

Estado	Evangelificação		Fundação	
	Ano	Responsável	Ano	Responsável
Pará	1911	Gunnar Vingren e Daniel Berg	1911	Vingren e Berg
Ceará	1914	Maria de Jesus Nazaré de Araújo	1915	Adriano Nobre
Rio Grande do Norte	1914	Joaquim Batista de Macedo	1918	Adriano Nobre
Paraíba	1914	Manoel Francisco Dubu	1923	Simon Sjögren
Alagoas	1914	Gunnar Vingren	1915	Otto Nelson
Roraima	1915	Cordulino Teixeira Bastos	1946	Quirino Pereira Peres
Amapá	1916	Clímaco Bueno Aza	1917	José de Matos Caravela
Amazonas	1917	Severino Moreno de Araújo	1918	Samuel Nyström
Pernambuco	-	-	1916	Adriano Nobre
Maranhão	-	-	1921	Clímaco Bueno Aza
Rondônia	1922	José Marcelino da Silva	1922	Paul John Aenis

(Continua)

(Conclusão)

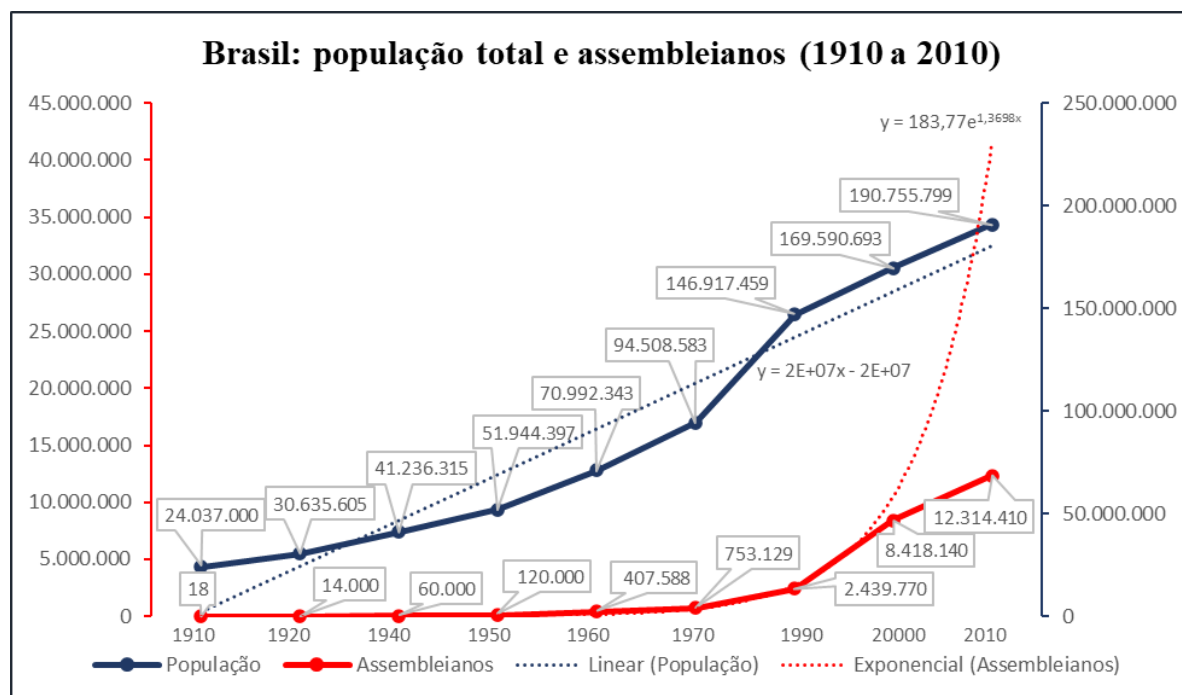
Estado	Evangelização		Fundação	
	Ano	Responsável	Ano	Responsável
Espírito Santo	1922	Galdino Sobrino e esposa	1924	Daniel Berg
Rio de Janeiro	1923	Diversos crentes do Pará (migrantes)	-	-
São Paulo	1924	Daniel Berg	1927	Daniel Berg
Rio Grande do Sul	-	-	1924	Gustav Nordelund
Bahia	1926	Joaquina de Souza Carvalho	-	-
Sergipe	1927	Sargento Ormínio	-	-
Piauí	1927	Raimundo Prudente de Almeida	-	-
Minas Gerais	-	-	1927	Clímaco Bueno Aza
Paraná	-	-	1928	Bruno Skolimowski
Santa Catarina	-	-	1931	André Bernardino da Silva
Acre	1932	Manoel Pirabas dos Santos	-	-
Goiás	-	-	1936	Antônio do Carmo Moreira
Mato Grosso	-	-	1944 Cuiabá	Juvenal Roque de Andrade
Mato Grosso do Sul	-	-	1944 Campo Grande	Juvenal Roque de Andrade
Tocantins	-	-	1952	Armando Chaves Cohen
Distrito Federal	-	-	1956	Antonio Inácio de Freitas Divino Gonçalves dos Santos Lázaro Maléu de Oliveira Jaime Antônio de Souza Antônio Carneiro

Fontes: Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB, 2017), Araújo (2014a, 2015).

Desses dados, e para uma melhor visualização espacial das informações, Araújo (2015) representou o crescimento das ADs em um mapa reelaborado e apresentado a seguir.

publicados por Read (1967) e de dados dos Censos Demográficos do Instituto de Geografia e Estatística (2010).

Figura 23 – Brasil: População total e assembleianos (1910 a 2010)



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados de Alencar (2013), Fajardo (2017) e IBGE (2010).

Percebe-se, pelo gráfico Brasil: População total e assembleianos (1910 a 2010), que a população brasileira segue uma tendência de crescimento linear ($y = 2E+07x - 2E+07$),⁴³ enquanto o crescimento do número de assembleianos tende a aumentar exponencialmente ($y = 183,77e1,3698x$). Isso significa dizer que houve uma explosão no crescimento de assembleianos a partir dos anos 1970 em relação à população total do Brasil.

O movimento pentecostal, após anos de trabalho e dedicação por parte de missionários suecos e adeptos brasileiros, tinha se consolidado na região Norte e Nordeste do Brasil. De Belém, nova frente de trabalho partiu em direção à capital federal do País, que, na época, era a cidade do Rio de Janeiro, e este será o tema abordado no próximo capítulo desta tese.

⁴³ A função $y = 2E+07x - 2E+07$ está em notação científica e por isso se encontra assim, contudo, poderíamos escrevê-la de outra forma: $y = 20.000.000x - 20.000.000$.

CAPÍTULO 5 – CARTOGRAFIA DE FLUXO: ORIGEM E DESTINO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL ASSEMBLEIANO NO BRASIL, RIO DE JANEIRO (1924 A 1932)

A Matriz Pentecostal Brasileira, em 1924, já estava consolidada na região Norte e no Nordeste; foi quando Gunnar Vingren entendeu que era hora de ampliar a ação do movimento para outras regiões do Brasil. Para tanto, ele se organizou objetivando uma viagem de observação, nos estados do Sudeste e do Sul do Brasil.

5.1 De Belém (PA) para o Rio de Janeiro: a “Chama Pentecostal” alcança o “Sul” (1924)

No verão de 1920, Gunnar Vingren idealizou ampliar a evangelização pentecostal em direção às regiões Sudeste e Sul do Brasil. Seu projeto fundamentava-se no fato de que “grandes cidades, com centenas de milhares de habitantes, ainda não haviam sido evangelizadas. Um fundamento firme fora posto no Norte do Brasil”. Chegara o momento em que “o Sul necessitava de ouvir a Palavra de Deus” (VINGREN, 2000, p. 111).

Gunnar Vingren embarcou em Belém, com destino ao Rio de Janeiro, para a primeira etapa de sua viagem, no dia 24 de junho de 1920. O navio atracava nas capitais e foi nessa oportunidade que ele visitou as igrejas Assembleias de Deus, já estabelecidas, começando por Fortaleza, em sequência Natal, Paraíba, Recife, Salvador, Vitória. O desembarque, no seu destino final, ocorreu no dia 7 de julho de 1920.

Sobre suas impressões a respeito da cidade do Rio de Janeiro, Gunnar escreveu: “aqui não faz calor nem frio; o clima é agradável. A entrada do porto é maravilhosa, e a cidade também é muito linda. Parece com os Estados Unidos. Há fartura e muito luxo também [...]. Caminhei bastante neste trânsito terrível, mas no meio de tudo senti o poder de Deus” (VINGREN, 2000, p. 113-114).

No Rio de Janeiro, dirigiu-se a um orfanato, cito à Rua Leopoldina, n. 28, bairro de São Cristóvão. A referida instituição era dirigida pelo missionário inglês Robert (Jaime Roberto), com quem Vingren já havia trocado correspondências. Nela havia uma igreja. Foi no dia 11 de julho que ele dirigiu o seu primeiro culto na cidade. A respeito desse evento, ele escreveu: “o salão estava cheio, e dezesseis pessoas se entregaram ao Senhor. Senti liberdade no Espírito Santo e a força do seu poder durante o culto”. Além desse evento, realizou outros cultos em vários endereços, sempre divulgando a doutrina pentecostal (VINGREN, 2000, p. 114).

No dia 18 de julho, empreendeu viagem com destino à Santa Catarina, passando por Santos-SP, tendo relatado que havia andado “pela cidade para ver se encontrava crentes pentecostais, mas não encontrei nenhum. Só um local de reunião dos espíritas [...] depois fui a uma igreja batista” (VINGREN, 2000, p. 114-115). Seguindo viagem, chegou a Tubarão-SC, cidade em que, por vários dias, caminhou, de manhã até a noite, visitando famílias evangélicas, divulgando o batismo com o Espírito Santo.

Sobre a cidade de Tubarão, Gunnar comentou que “aqui tudo é muito barato. Aqui há mel grosso que se corta com faca e se come como manteiga. O clima é muito saudável também, e não há enfermos. O povo é de grande estatura e vem da Lituânia, Estônia e também da Rússia” (VINGREN, 2000, p. 115).

Alguns dias depois, em companhia de alguns “irmãos” viajou a cavalo com destino a uma localidade denominada “Rio Mãe Luísa”, a uma distância de 72 km de Tubarão. Após um dia de viagem, chegava a Criciúma, onde conheceu um grupo religioso lituano, foi convidado a participar de um culto religioso cujo ritual lhe causou estranhamento e fez um comentário crítico que resultou em sua expulsão da reunião. A prática observada levou-o a concluir que as manifestações não eram pentecostais (VINGREN, 2000, p. 115-116).

Araújo (2015) informa que, nessa primeira viagem de Gunnar à Santa Catarina, ele visitou as cidades de Tubarão, Criciúma e Itajaí.

Em sua viagem de retorno, chegou à cidade de São Paulo, conhecendo então a Congregação Cristã do Brasil. Sobre essa visita, Gunnar Vingren (2000, p. 117) relatou:

Senti a liberdade do Espírito Santo entres esses crentes. Eles testificavam de maneira gloriosa e falavam em línguas pela operação do Espírito Santo. O irmão Luiz Francesconi falou-me sobre todos os milagres que Deus havia realizado, quando enfermos haviam sido curados. O Senhor curara paralíticos, cegos, tuberculosos e aqueles que havia quebrado pernas e braços.

De São Paulo, Gunnar dirigiu-se ao Rio de Janeiro, visitando novamente a igreja do orfanato de São Cristóvão, quando soube que os fiéis estavam buscando o batismo no Espírito Santo, em oração, ficou animado e feliz.

O retorno ao Pará iniciou-se no dia 27 de agosto, com destino a Recife, quando visitou novamente a igreja dirigida pelo missionário Joel Carlson.

No dia 19 de setembro, deu continuidade à sua viagem de retorno a Belém, desembarcando no dia 24 de setembro, num final de viagem marcado por enfermidade e acidentes, pois o navio chocou-se com bancos de areia, várias vezes, nas proximidades de Salina-PA.

A viagem de Gunnar ao Sul do Brasil durou três meses e percebe-se, dos relatos, que a viagem tinha um cunho exploratório, visando uma nova fase de expansão da “obra pentecostal”, no Brasil.

Dias após a chegada, precisou empreender nova viagem, desta vez pelo rio Amazonas: a missão era dar assistência a uma pequena congregação, cujos membros tinham sido “espancados e torturados”. Iria buscar, junto às autoridades, garantias de segurança para os trabalhos de evangelização.

Recém-chegado de uma longa viagem, atividades intensas na direção da igreja de Belém, problemas climáticos e carências diversas, dentre outros fatores, minaram a saúde de Gunnar Vingren. Nesse cenário, do final do ano de 1920 a maio de 1921, enfrentou uma “séria enfermidade”, que o obrigou a se afastar das atividades na igreja. A solução encontrada foi um período para descanso e recuperação da saúde em sua terra natal. Viajou, então, para a Suécia com a família, no dia 8 de maio de 1921, retornando a Belém somente a 1º de fevereiro de 1922 (VINGREN, 2000).

Em meados de outubro de 1923, Gunnar Vingren realizou sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, aportando na cidade no dia 21 de novembro. No trajeto, dedicou alguns dias às reuniões nas igrejas de Maceió e Vitória. Essa viagem foi uma resposta aos pedidos do pequeno grupo pentecostal que se reunia para orar, cantar e ler a Bíblia sem a direção de um pastor (CONDE, 2005).

Ao chegar ao Rio de Janeiro, foi recebido por alguns pentecostais paraenses migrados, Adriano Nobre, velho conhecido seu, e Heráclito Menezes. Durante sua estadia no Rio de Janeiro, ficou hospedado na casa de um também migrado paraense, o “irmão” José Vicente.

Segundo Conde (2005, p. 199), os paraenses haviam migrado para o Rio de Janeiro “em busca de trabalho, outros transferidos pelo governo em razão de serem funcionários públicos, e ainda outros em visita a parentes”.

O senhor Eduardo de Souza Brito, residente à Rua Senador Alencar, n. 17, bairro São Cristóvão, era um migrante e em sua casa havia um grande porão, onde ocorreram as reuniões que deram origem à primeira igreja pentecostal na capital federal de então. Foi ali que “começou o fogo que depois se espalhou” por todo o estado do Rio de Janeiro. Nessa mesma época, a cidade de Niterói e uma localidade denominada Mendes, onde existia um pequeno grupo de crentes sem igreja, foram visitadas por Vingren, dando início à novas congregações (VINGREN, 2000, p. 130).

Vingren retornou a Belém, no dia 14 de dezembro de 1923, deixando um grupo ativo na evangelização pentecostal. Em 21 de maio de 1924, mudou-se, com sua família, para o Rio de Janeiro, chegando à cidade no dia 3 de junho de 1924.

No capítulo “Zelo pela obra de Deus”, do livro de Vingren (2000), encontra-se um relato histórico, do pastor Paulo Macalão, sobre os primeiros tempos da Assembleia de Deus e sua expansão no Rio de Janeiro (Anexo A).

5.2 Frida Vingren, a missionária sueca pioneira do movimento pentecostal no Brasil

Dentre os vários imigrantes suecos que aportaram no Brasil, enviados pela missão pentecostal de Estocolmo, Suécia, destaca-se a missionária Frida Vingren (Figura 24).

Frida Maria Strandberg Vingren nasceu na região norte da Suécia, em 1891. Filha de pais luteranos, foi criada dentro da doutrina protestante e ingressou no movimento pentecostal, no ano de 1916, em Estocolmo. Preparou-se intelectualmente, cursou enfermagem no Hospital de *Vänerborg* e em uma Casa Infantil em Estocolmo; posteriormente, ingressou no Instituto Bíblico de Götabro. Foi chefe de seção de enfermaria do Hospital *Sabbatsbergs*, além de se dedicar à arte fotográfica (ARAÚJO, 2014b).

Figura 24 – Frida Maria Strandberg Vingren



Fonte: Araújo (2014b, p. 18).

Em maio de 1917, foi ordenada missionária pela Igreja Filadélfia de Estocolmo e designada a trabalhar no Brasil, como *bibelkvinna* (palavra antiga da língua sueca, que significa “mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas” (ARAÚJO, 2014b).

Frida partiu de Oslo, na Noruega, em 31 de maio de 1917, no navio *Bergensfjord*, com destino à *New York*, aonde chegou em 12 de junho. Nove dias depois, no dia 21, embarcou no navio *Rio de Janeiro*, com destino ao Pará, Brasil. Sua chegada à Belém se deu no dia 3 de julho de 1917, tendo, na época, 26 anos (ARAÚJO, 2014b).

Uma jovem à frente de sua época, tempo em que as mulheres não detinham o direito ao voto e nem o de trabalhar fora de casa, viajou sozinha, numa trajetória longa e desconhecida para ela, da Suécia para os EUA e, depois, para o Brasil, sem ainda dominar a língua portuguesa, idioma que aprendeu logo depois, com o brasileiro Adriano Nobre (ARAÚJO, 2014b).

Ao chegar ao Brasil, Frida encaminhou carta (EH_1917/36 s. 145) informando sobre a sua viagem, bem como a sua nova realidade, em missão longe de seu país.

Glória a Jesus! Hoje, dia 7 de julho, tenho finalmente chegado ao Pará. É bom, depois de uma longa, às vezes cansativa viagem, chegar ao destino. “Somos os ceifeiros de Deus, enviados com a sua mensagem”, canta o hino, o último que eu ouvi dos irmãos queridos lá na estação. Quando o trem partiu, eu fiquei sozinha. Todavia, não estava só, Jesus estava comigo. Cheguei a Kristiania (atual Oslo, n.d.t.) e lá encontrei um irmão da igreja pentecostal. Quinta-feira dia 31 de maio, às 4.00h, deixamos Kristiania. A viagem no Atlântico foi boa, com tempo calmo e silencioso. É fresco e maravilhoso no alto mar. Sentada lá, dia depois dia, admirando o imenso oceano, uma imagem da infinidade. Quase se esquece o passar do tempo. Somos colocados diante do infinito, diante de Deus, e nosso ser se torna tão pacífico. É solene, se algo vindo do mar não nos atinge. Os pensamentos se tornam frescos e claros. Toda pequenez desaparece. Organizávamos reuniões toda noite, a bordo, durante as quais um pregador sueco, um irmão norueguês e eu testemunhávamos de Jesus [...]. Em Nova Iorque, aonde chegamos o dia 12 de junho, encontramos o irmão Vingren, que tinha acabado de voltar de uma viagem na parte ocidental daquele país. Deus me deu muitos amigos em Nova Iorque. Morei na casa da igreja pentecostal sueca. Os amigos lá organizaram uma festa de despedida antes da viagem. O mesmo fizera os amigos noruegueses do Brooklyn, que nós visitamos. Deus trabalha maravilhosamente entre eles. No dia 20 de junho, o navio saía de Nova Iorque para o Brasil. O navio era brasileiro, como também a comida. Eu adoeci e não comi, às vezes sentia mal de mar. Quando chegamos à passagem de nordeste, se levantou um forte vento. Terça-feira dia 3 de julho, chegamos ao porto. Uma noite escura com temporal e chuva. A manhã seguinte, pudemos descer e andar, o sol do verão brilhava nas verdes e bonitas praias em volta; longe, eu pude ver duas pequenas ilhas e depois a cidade, grande, estendida por uma milha ao longo da costa, com suas casas brancas e seus belos jardins. Tem cerca de 200 mil habitantes. Eu estava um pouco apreensiva por aquilo que iria encontrar. Sim, realmente, lá no cais, entre as pouca crescidas, morenas brasileiras, consegui ver um homem loiro, com sua cabeça por cima das demais. Era o irmão Nyström, e com ele estava Adriano Nobre e dois outros irmãos da igreja. Fomos até a segunda classe de um bonde (aqui tem bonde de primeira e segunda classe), e a irmã Lina Nyström nos esperava na casa, com comida sueca preparada. Estou agora morando na casa dos irmãos Nyström. Quero descrever a “nossa casa”: uma casa de barro, rebocada com cal dentro e fora. O telhado consiste

de vigas, colocadas cruzadas, sobre as quais são colocadas as telhas. O pavimento é de madeira, apesar de grosseiro. O apartamento consta de três cômodos, um maior, mobilhado com algumas cadeiras, uma pesada e grosseira mesa, a mesa de escrever do irmão Nyström e sua biblioteca, uma caixa atravessada, e dois quartos de dormir menores, nos quais só tem a cama e a indispensável rede contra os pernilongos, pendurada no telhado acima. Temos também animais de estimação: um cachorrinho branco, com o bonito nome Svea (nome dum antigo povo da Escandinávia, n.d.t.), e uma galinha preta. As coisas da cozinha são muito simples. Um pouco de carvão em uma panela, onde cada um coloca a sua marmitta. O fogão é coisa de ricos. À noite do mesmo dia, tivemos uma reunião. Era escuro, mas nós fomos. As reuniões começam sempre às 7.00 horas. Às 6.00 horas, quando o sol desce, aqui é já escuro. A casa é situada numa rua bonita, plantada de árvores dos dois lados. Na entrada está escrito: Assembleia de Deus. Eles já tinham começado a cantar. O irmão Adriano e o irmão Nyström falaram, e depois teve um período de oração. Era tão gostoso entre eles. Depois, eles saudaram os recém-chegados. Daqueles moreninhos de cabelo crespo, eu me tornei logo amiga. Aqui, está começando a ficar quente agora. Os seis meses da longa estação de chuva, que começou em janeiro, têm acabado. Comecei o estudo da língua e estou ansiosa pelo dia em que poderei começar a trabalhar [...]. Oraí pelo Brasil, pelo Pará, para que o Senhor de novo derrame do seu Espírito aqui, para salvação das almas! (STRANDBERG, 1917, p. 145).

No dia 16 de outubro do mesmo ano, Frida e Gunnar se casaram, em Belém. O casamento foi celebrado pelo missionário Samuel Nyström. Frida, agora casada, se dedicou ao trabalho com crianças, às ações sociais além do trabalho na igreja, principalmente música e ensino. “Com os conhecimentos de enfermagem que possuía, ela também fazia o trabalho de parteira. Era então, o começo de sua longa e fiel atuação missionária juntamente com seu marido” (ARAÚJO, 2014b, p. 42). Na foto a seguir (Figura 25), o casal nos primeiros anos de casados.

Figura 25 – Casal Vingren (1917)



Fonte: Araújo (2014b, p. 34).

As atividades do casal eram intensas e, em uma de suas cartas, escritas de Belém, a agora Frida Vingren descreve algumas situações vivenciadas pela população que a sensibilizaram a uma intercessão em prol dessas pessoas (EH_1919/13 s. 51). Nesse sentido, relata o cotidiano em sua casa e uma visita a um leprosário. Passados dois anos de sua chegada ao Brasil, em seu texto percebe-se, no final da missiva, uma expressão de nostalgia, desamparo e, também, esperança no futuro:

Aqui em casa tem vida e movimento. Aqui, não tem muito o costume de pegar no pesado como na Suécia. Temos um cômodo na frente do templo, com telhado, mas aberto dum lado, onde as pessoas penduram as suas redes, e temos um lugar para isso também no quarto onde moramos. Quando são muitos, eles mesmos preparam a sua comida, e quando são poucos, comem junto conosco. São pobres, muitos nem têm roupa para vestir, e muitos chegam aqui doentes. A influenza espanhola tem arrasado aqui também. Muitos morreram. Três de nossos membros aqui no Pará morreram. O Senhor nos tem guardado até aqui, assim nós estamos sadios [...].

A cidade tem muitos leprosos. Fora da cidade tem uma pequena aldeia para leprosos. Eles se casam lá e vivem nas suas pequenas cabanas. Os outros doentes têm duas casas de material, onde os que estão pior na casa são cuidados pelos menos enfermos, mas o serviço não é essa grã coisa lá. A sujeira e a catinga são abomináveis. Fomos lá uma vez, distribuimos folhetos e conversamos com os enfermos. Estávamos por cantar um hino, quando um homem entrou tão irado que disse que ali não era permitido cantar hinos. Eu desci então até o padre e lhe perguntei se isso era verdade. Ele respondeu que, segundo as leis do país, ninguém podia proibir. Então, ele começou a falar do Luther, que ele era um homem ruim com caráter ruim, etc. Eu lhe respondi que meu negócio não era com Luther, mas com Jesus Cristo. Esse padre é italiano, também leproso, mas parece ser um bom homem. Ele mora lá fora na mata, sozinho em uma pequena casa tomada pelas flores, tanto fora como dentro. Oh, que Jesus possa-lo salvar, junto com algumas outras daquelas pobres pessoas sofridas lá fora. “Eu lanço tudo isso sobre Jesus!”

É tão bom que aqui em uma terra estrangeira, com costumes estrangeiros, possamos confiar em Jesus. De vez em quando vai um pensamento à minha querida Norrland. Mas é mais frequente meus pensamentos ir à verdadeira pátria, de onde esperamos o Salvador. (VINGREN, F., 1919, p. 51).

Frida Vingren, em atitudes concretas e diretas em caridade aos enfermos, lança um apelo à comunidade pentecostal na Suécia, em carta publicada no jornal *Evangelii Härold* (EH_1920/14 s. 53b):

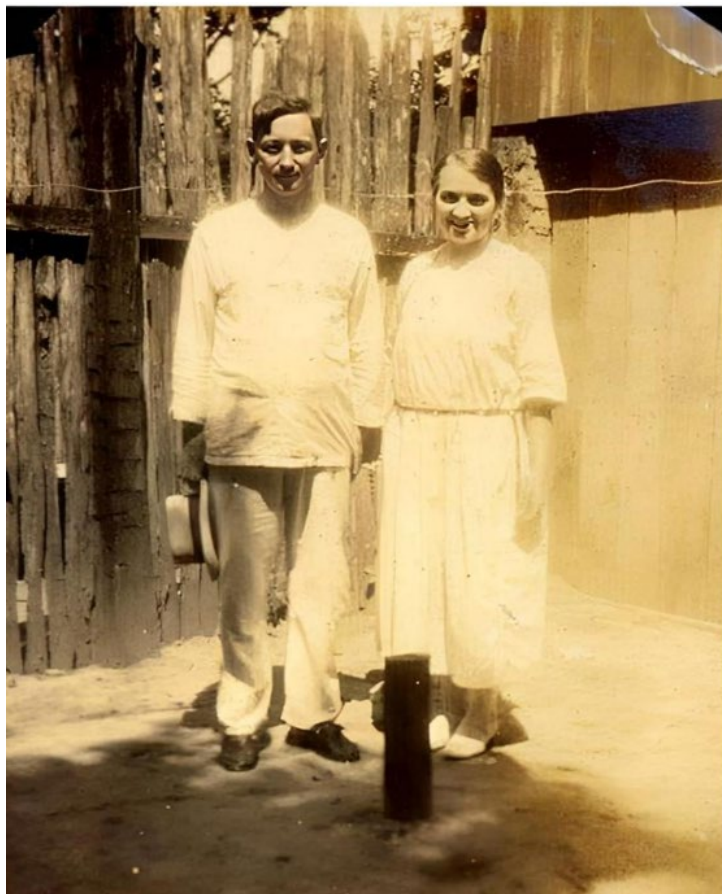
Eu não sei se é a vontade de Deus, mas tenho pensado muito em ter uma casa onde acolhermos os enfermos e orar com eles. Tudo é tão caro aqui neste país, mas nosso Pai é rico e, se for da sua vontade, ele colocará isso no coração de alguém. Teve outra coisa, para que o Senhor chamasse alguma irmã para nos ajudar na base missionária. Aqui é muito povo, muito trabalho. Não podemos pagar zeladoras profissionais, porque é muito caro, assim temos que pegar no pesado em tudo, cuidar de cada detalhe, fazer economia. Aqui tem domingos em que temos dado comida para 30 pessoas. Estamos quase sempre sozinhas e sempre tem todo esse povo. Se for agora da vontade do Senhor, ele chamará alguém para nos ajudar. (VINGREN, F., 1920, p. 53b).

Gunnar Vingren, em carta de 1921 (EH_1921/43 s. 195), descreve as condições de vida de muitos brasileiros na região Norte do Brasil. Dessa escrita apreende-se que o casal Vingren, paralelamente à sua missão espiritual, também desenvolvia uma ação de cunho social. Suas cartas ajudam a compreender o contexto econômico e social vigente naquela época na região em que desenvolviam seu trabalho missionário:

Cerca de 12-15 anos atrás, os trabalhadores da borracha no norte do Brasil estavam em condições econômicas bastante boas (a colheita da borracha é um dos setores econômicos típicos do norte do Brasil). Em seguida, o preço desse produto tem caído tanto que a existência de tais trabalhadores está ameaçada. O trabalhador tornou-se quase um escravo de seu patrão. No interior do distrito da borracha, podem-se ver homens meios nus, sem chapéu, vestindo somente um par de calças de algodão, que o mais das vezes cobre só até os joelhos, e as mulheres, sim, muitas delas têm que ficar nas pequenas casas de palmeiras juntas com suas crianças pequenas, porque não têm roupa para cobrir seu corpo. E a comida! Sim, tem algo para comer? Essa é a questão. Aquela farinha ruim, que eles comem junto com peixe seco salgado e malcheiroso, às vezes com um pouco de feijão, e o café preto sem creme de leite. Sim, na regra essa é a alimentação do povo em geral. É um milagre, que eles consigam se manter em vida [...]. Por causa dessas dificuldades e de outras circunstâncias, é comum um grande número de homens e mulheres estar acometidos por chagas terríveis, nos pés e nas pernas. E na sua fraqueza, fogem do norte do Brasil por causa dos terríveis febres que grassam ali. Desse mal todo, pode-se tirar algo bom. Com a ajuda que lhes fornecemos em comida e outro, conseguimos que abram seu coração para o Senhor Jesus... As pessoas que vivem em outros países, como a Suécia, e conhecem essa necessidade, não podem comer seu pão com a consciência tranquila sem dividir o bocado com seu irmão aqui no Brasil. Um dos trabalhadores da borracha, um irmão crente, ocupado em preparar a borracha, com muita fadiga podia nos contar, chorando, suas dificuldades econômicas, como ele tinha que manter sua numerosa família [...]. (VINGREN, G., 1921, p. 195).

Na foto a seguir (Figura 26), um instantâneo do cotidiano de Gunnar e Frida Vingren, no estado do Pará. Nota-se que a fisionomia de ambos já está “calejada” depois de meses na missão em terras paraenses.

Figura 26 – Gunnar e Frinda Vingren no Pará



Fonte: Araújo (2014b, p. 40).

Devido à enfermidade de Gunnar Vingren e ao esgotamento físico do casal, a família Vingren viajou para a Suécia, objetivando um período de repouso e recuperação de suas forças. Permaneceram em sua terra natal no período de oito de maio de 1921 a 1º de fevereiro de 1922, quando então voltaram a Belém-PA e reassumiram suas funções como missionários (VINGREN, 2000).

No retorno, Frida e Gunnar Vingren assinam conjuntamente uma carta, que foi enviada a publicação em Estocolmo (EH_1923/24 s. 285). Dentre as diversas informações, novamente descrevem a situação de pobreza e doenças em que vivia o povo em Belém, assim como as dificuldades enfrentadas pelos mensageiros na expansão da “obra pentecostal”:

Estamos aqui há quase um mês e estamos de novo inseridos no trabalho, pela graça do Senhor. Chegamos aqui durante o período mais difícil, a temporada de chuvas. Durante essa temporada, a malária arrasa. Existem muitos doentes de febre malárica aqui, assim vamos de casa em casa e oramos por eles e vemos como Jesus cura um atrás do outro. Por causa desse clima tropical estressante que impera aqui, tomamos verdadeiros banhos de suor quando andamos pelas ruas debaixo do sol escaldante, depois de entrar nas cabanas de barro, nas quais nos sentimos como se fôssemos em uma sauna. Mas tudo é por Jesus! Quando vemos quão agradecidos esses crentes

brasileiros são, como agradecem a Deus pela nossa visita, como seus rostos se iluminam de alegria, e quando podemos experimentar que o Senhor Jesus está conosco, manifestando seu poder e curando os enfermos e enchendo nossos corações com felicidade, então somos mais incentivados a nos lançar na luta pelo nosso Emanuel [...]. Orai por uma ilha, chamada Sapputicaia, situada perto da costa aqui. A perseguição nesse lugar foi dura. Tínhamos lá cerca de 40 crentes, que tiveram que fugir das casas e dos lares e deixar tudo para não serem mortos. Mas os crentes de outros lugares os acolheram. O Senhor os protegeu e ninguém foi morto. Todavia, não puderam ainda retornar. Orai por esses crentes! Existem muitos exemplos parecidos, irmãos, de expansão da nova sobre Jesus no meio das aflições. Tais irmãos são dignos de serem apoiados. (VINGREN; VINGREN, 1923, p. 285).

Ainda sobre as atividades no Pará, Frida relata a inauguração de um templo em um local na região da Ferrovia Belém-Braga (EH_1923/48 s. 572), dentre as várias informações, uma se destaca: o batismo pentecostal de uma menina, pois a maior parte dos relatos geralmente se referem ao batismo espiritual de adultos:

Domingo passado, estivemos na inauguração de uma capela num lugar ao longo da ferrovia, que se chama Timbotena. Lá, os nossos irmãos, ainda que pobres, têm construído eles mesmos um templo para o Senhor, que pode conter cerca de 250 pessoas. A alegria era grande entre a multidão que se juntou de diversos lugares ao longo da ferrovia [...]. Na igreja em Guajará, Jesus batizou 17 no Espírito Santo e 14 foram batizadas nas águas. A maioria eram crianças, entre as quais uma menina de 5 anos que, com as mãos estendidas, louvou a Deus em novas línguas. (VINGREN, F., 1923, p. 572).

Esta foi a última referência escrita por Frida a respeito do Pará, integrante da coleção de cartas publicadas no *Evangelii Härold*, a que se teve acesso neste trabalho. As missivas a seguir se referem à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que a família Vingren tinha se transferido para essa cidade para dar continuidade à obra pentecostal, ao “Sul”, iniciada por migrantes do “Norte”. É recorrente, nos textos escritos na época, a diferenciação entre a missão do “Norte”, referente às regiões Norte e Nordeste do Brasil, e a do “Sul”, inclusive, a maior parte dos escritos refere-se às regiões Sudeste e Sul do Brasil. Há algumas referências ao “Sul” designando cidades e estados ao sul da capital paraense.

De Belém, o casal Vingren, agora com três filhos, mudou-se para o Rio de Janeiro, aonde chegaram no dia 3 de junho de 1924. Frida, então, dando continuidade ao seu ministério, assumiu a responsabilidade “pelas atividades evangelísticas em diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro”, bem como pelo trabalho de intercessão (oração) e de visitas. No desenvolvimento dos cultos, realizava a “leitura bíblica com a igreja” além de cantar e tocar instrumentos (órgão e violão).

Quando Gunnar se ausentava, ora em viagens, ora enfermo, era “Frida quem pregava a mensagem nos cultos e também cuidava de outras atividades da igreja”. Ela tinha um dom

especial, assim como uma preferência pessoal, a ministração de “estudos bíblicos” (ARAÚJO, 2014b, p. 76).

Em sua missão em território brasileiro, Frida desempenhou diversas ações, como as de ser esposa, mãe, missionária, enfermeira, escritora, poetisa, tradutora, redatora, pregadora (em espaços sagrado e profano), ensinadora e comentarista pentecostal,⁴⁴ além de organista, violonista, compositora e evangelista em presídios e praças públicas.

O que movia a intensa e agitada vida de Frida? Qual era a origem de tanta energia? Os sonhos? A fé? Parte das respostas a tais indagações pode ser encontrada em um dos cânticos de sua autoria (*Harpa Cristã*, 1998, n. 515):

*Se Cristo comigo vai, eu irei,
E não temerei, com gozo irei; Comigo vai;
É grato servir a Jesus, levar a cruz;
Se Cristo comigo vai, eu irei.*

Segundo Araújo (2014a), a respeito de Frida Vingren, afirma que ela “era enérgica em tudo, tendo desprendimento para compreender e resolver todas as situações num só momento”, fato que desagradava a muitos. Frida possuía o dom de ensinar e pregar, o que lhe ensejou muitas perseguições.

Entre os missionários suecos comentava-se que ela foi a missionária que mais rápido aprendeu o idioma – em apenas dois meses de estudos realizou sua primeira preleção na igreja em português.

Araújo (2014a, p. 40) acrescenta ainda que Frida possuía uma noção admirável sobre a “palavra escrita”, o que a tornou notável entre os “colaboradores dos jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*”; na década de 1930, foi “comentadora das *Lições Bíblicas* da Escola Dominical”, redigiu “profundas mensagens evangelísticas, doutrinárias, e de exortação”, além de compor e traduzir cânticos, que se encontram publicados no hinário oficial da denominação, a *Harpa Cristã*, num total de 24 canções, sendo oito de sua autoria e dezesseis versões.

⁴⁴ Até a atualidade, Frida foi a única mulher comentarista da Escola Bíblica Dominical (EBD) das IEADs, o que se é de admirar sendo plena década de 1920, cujo contexto sociocultural era muito diferente do atual (ALENCAR, 2013, p. 121).

5.3 A Assembleia de Deus no Rio de Janeiro e a fase Vingren-Vingren

Segundo Fajardo (2017), a principal característica desse período é o de uma “igreja descentralizada”, liderada por missionários suecos, que sempre se mostraram contrários à “institucionalização” e entendiam a igreja como um movimento. Ao longo do período 1911 a 1932 mudanças surgiram e, paulatinamente, foram se solidificando.

Em 1932, os líderes das Assembleias de Deus estavam ligados a uma convenção e a liderança fragmentada: de um lado, os missionários suecos e, do outro, os pastores brasileiros, que buscavam mais autonomia.

A igreja era agora uma instituição estruturada, havia desenvolvido um jornal, uma convenção, uma editora, um hinário e um planejamento de expansão aos estados brasileiros sem o movimento. Alinhado a essa nova estrutura de ação, o “centro do poder” foi transferido de Belém para o Rio de Janeiro, nessa altura, capital federal.

Em relação à liderança, a força maior ainda era dos Vingren, embora já estivessem ocorrendo divergências entre Gunnar Vingren e Samuel Nyström, que lideraria a igreja no período seguinte de 1932 a 1946, quando então dividiu a gestão com o pastor potiguar Cícero Canuto de Lima, um migrado no Pará, que se converteu em Timboteua-PA e depois retornou ao Rio Grande do Norte (ARAÚJO, 2015).

Em 1924, mais precisamente no dia 3 de junho, os Vingren deixaram Belém e se transferiram para a capital federal. No dia 22 de junho de 1924, deu-se, de forma oficial, a inauguração das Assembleias de Deus, na cidade do Rio de Janeiro.

Gunnar Vingren e Frida Vingren se dedicaram com afinco à prática da evangelização na capital federal, período este que marcou intensamente o estilo denominado por Alencar (2010) de “Vingren-Vingren”⁴⁵ no contexto das Assembleias de Deus.

Assim como Frida descreveu as suas primeiras impressões sobre Belém, ao chegar pela primeira vez ao Brasil, ela também retratou a cidade do Rio de Janeiro. Em uma carta publicada no *Evangelii Härold* (EH-1925/3 s. 32), inicia informando sobre a sua chegada e o trabalho

⁴⁵ “A história da AD sempre é contada a partir do Berg e Vingren, mas poderia também ter uma versão Vingren-Vingren: Gunnar e Frida. Nos vinte primeiros anos é este casal quem lidera a igreja. Berg inexistiu ou apenas realiza um trabalho de colportagem nas periferias. Samuel Nyström e Nels Nelson, que chegam em 1916 e 1921, respectivamente, são os que mais se destacam, inclusive por assumirem igrejas e a liderança das convenções nos primeiros anos. No entanto, não imprimiram suas marcas pessoais ou assumiram qualquer *status* a mais. A pergunta agora é: **quem estabelece o modelo de liderança?** Entre 1911 a 1932, quando Vingren retorna à Suécia, já chegaram ao Brasil quase 30 suecos [...]. Alguns destes nomes [...] só aparecem uma única vez [...]. Como Berg é inexpressivo na liderança e Vingren doente, este ficou pouco tempo efetivamente na liderança. Fica a dúvida sobre quem de fato dirigia e ditava as normas nesta igreja em seus primeiros anos: Frida Vingren?” (ALENCAR, 2010, p. 59-60).

desenvolvido. A seguir descreve a paisagem da “Cidade da Luz” e o contexto religioso. Relata as dificuldades a respeito do salão de reuniões, os preços dos aluguéis e a crise de moradias da população:

Deixamos o Pará no dia 21 de maio, e chegamos aqui no dia 3 de junho. Estamos aqui há mais de três meses, e durante esse tempo o Senhor tem executado sua obra, e agora temos 25 batizados nas águas e quatro que receberam o batismo do Espírito, porque “os ouvimos falar em línguas e louvar a Deus”. Um deles foi batizado na indústria onde ele trabalha. O povo, então, acreditou que ele tinha ficado doido, por ele falar em línguas e cantar no Espírito [...].

Rio de Janeiro, a Cidade da Luz, como é chamada, é propriamente uma cidade dos vícios e da vaidade, no mais alto grau. A natureza aqui é muito bonita, e o clima bastante bom. A cidade é situada em parte entre e em parte sobre os declives de altos topos de montanhas. No cume de uma das montanhas mais altas, os católicos planejam a construção de uma imagem de Cristo, e para esse fim, eles têm juntado mais de um milhão de mil-réis. Além dos católicos, existe aqui um grande número de igrejas evangélicas, mas nenhuma que pregue o Evangelho Pleno, ao contrário: aqui, como nos outros lugares do Brasil, elas na grande totalidade são inimigas. O Exército da Salvação trabalha aqui seguindo seus princípios costumeiros. Entre seus oficiais existem suecos [...]. Oraí também para que o Senhor nos ajude a encontrar um novo local para os cultos, porque a sala que temos é pequena demais. O que é difícil aqui são os aluguéis, que são incrivelmente altos. Por causa da grande população e da falta de moradias, os aluguéis cresceram enormemente, assim para essa pequena “casa das bonecas” onde moramos, em que não cabe o necessário, estamos pagando 250 mil-réis por mês. A cozinha tem um metro de comprimento, sem dispensa. Outra casa com uma sala maior, onde cabem sete pessoas, ou um pequeno apartamento está custando cerca de 280 mil-réis por mês. E tem muita gente procurando [...]. Oraí também por nós [...]. Lembro bem de um culto de oração ao meio-dia na Filadélfia, quando a metrópole do Rio de Janeiro foi apresentada em oração diante de Deus [...]. Agora, o fogo foi aceso, e nós esperamos que esse fogo santo se espalhe maravilhosamente. Quem quer participar dessa obra, através das orações? (VINGREN, F., 1925, p. 32).

Desafio lançado, Gunnar e Frida se dedicaram à missão pentecostal na cidade do Rio de Janeiro, contexto natural e social bem diferente do que haviam vivido na região Norte do Brasil, a começar pelas condições climáticas.

O casal Vingren, agora mais velho e marcado pelas experiências, febres e doenças do Norte, retoma a atividade de pioneiro, ou seja, o de se lançar uma nova mensagem em um ambiente hostil, no que diz respeito aos adeptos de outras religiões e denominações cristãs.

Assim, a Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, no período Vingren-Vingren, experimentou um dinâmica singular, pois caracterizava-se pelo trabalho em equipe, com várias pessoas dedicadas.

Além dos cultos nos espaços separados para essa função e as visitas, uma nova ação foi estabelecida, conhecida como “culto ao ar livre”. Eram reuniões breves, realizadas em espaços públicos. As praças mais utilizadas com esse objetivo na cidade do Rio de Janeiro foram: Praça da Bandeira, Estação Central, Praça Onze e Largo da Lapa.

A seguir, a própria Frida Vingren descreve uma reunião em espaço público na cidade do Rio de Janeiro, a reação das pessoas e a dificuldade de transporte e deslocamento:

Irei descrever nosso culto de ontem à noite na “Placa da República”. É um grande espaço aberto, perto da Estação Central. Bem ao lado, estão um centro de controle e cruzamentos para muitas linhas dos bondes, por isso que o ir e vir da multidão é grande. São as sete em ponto da noite quando começamos a cantar nosso hino, bem no meio do barulho ensurdecedor dos carros e do povo que passam na rua. Somos eu, o evangelista Sylvio Brito, um músico e 3 ou 4 irmãos e irmãs. Improvisadamente, o povo se aglutina ao nosso redor. Um na multidão pergunta o que é aquilo. Um outro responde: “Eles proclamam uma nova doutrina”. No instante que o evangelista está pregando, um homem começa, no meio da grande multidão reunida, cerca de 300 pessoas, a falar alto e criticar. Eu vou até ele e lhe peço cordialmente e amigavelmente para falar “um pouco mais baixo”. Também, esclareço para ele que temos a permissão da autoridade de polícia para fazermos cultos. “Sim, sim” responde ele e se retira um pouco confuso [...]. A seguir, eu dei testemunho. Alguns jovens rapazes ao redor da multidão reunida começam a se perguntar que tipo de nacionalidade é a “madame que está falando”, e um outro grita alto: “Viva a França, madame, é o melhor país na Europa”. Depois, fica de novo todo mundo silencioso, e o culto pode continuar, no então que a multidão reunida vai aumentando mais e mais. É bastante interessante interagir com as pessoas, quando se está pregando. Muitos rostos demonstram desafio e outros curiosidade. Em uma parte dos rostos, todavia, pode-se ver um profundo interesse e alguns até choram. No momento do convite que fazemos aos pecadores, quatro jovens homens vêm para frente. Um dele ajoelha na rua, durante nossa oração. Um jovem homem na multidão não consegue ficar calado e explica que ele pertence a Jesus desde seu nascimento, por isso ele não precisa orar na rua. O que parece que deixou ele mais irado é “que nós oramos no meio da rua”. Suas palavras me deram a oportunidade de dar mais um testemunho para explicação, e quando eu ofereço para ele uma apostila, ele a recebe com um sorriso irônico [...]. Fora o culto aos domingos, temos três cultos desses durante a semana, em diversas partes da cidade. Durante esses cultos, 4 ou 5 pessoas vêm para frente e pedem oração. Especialmente na Lapa, no centro da cidade, temos orado por muitos, e há muito desejamos alugar um salão lá embaixo. Fica a mais de uma hora de viagem de bonde. (VINGREN, F., 1931, p. 270).

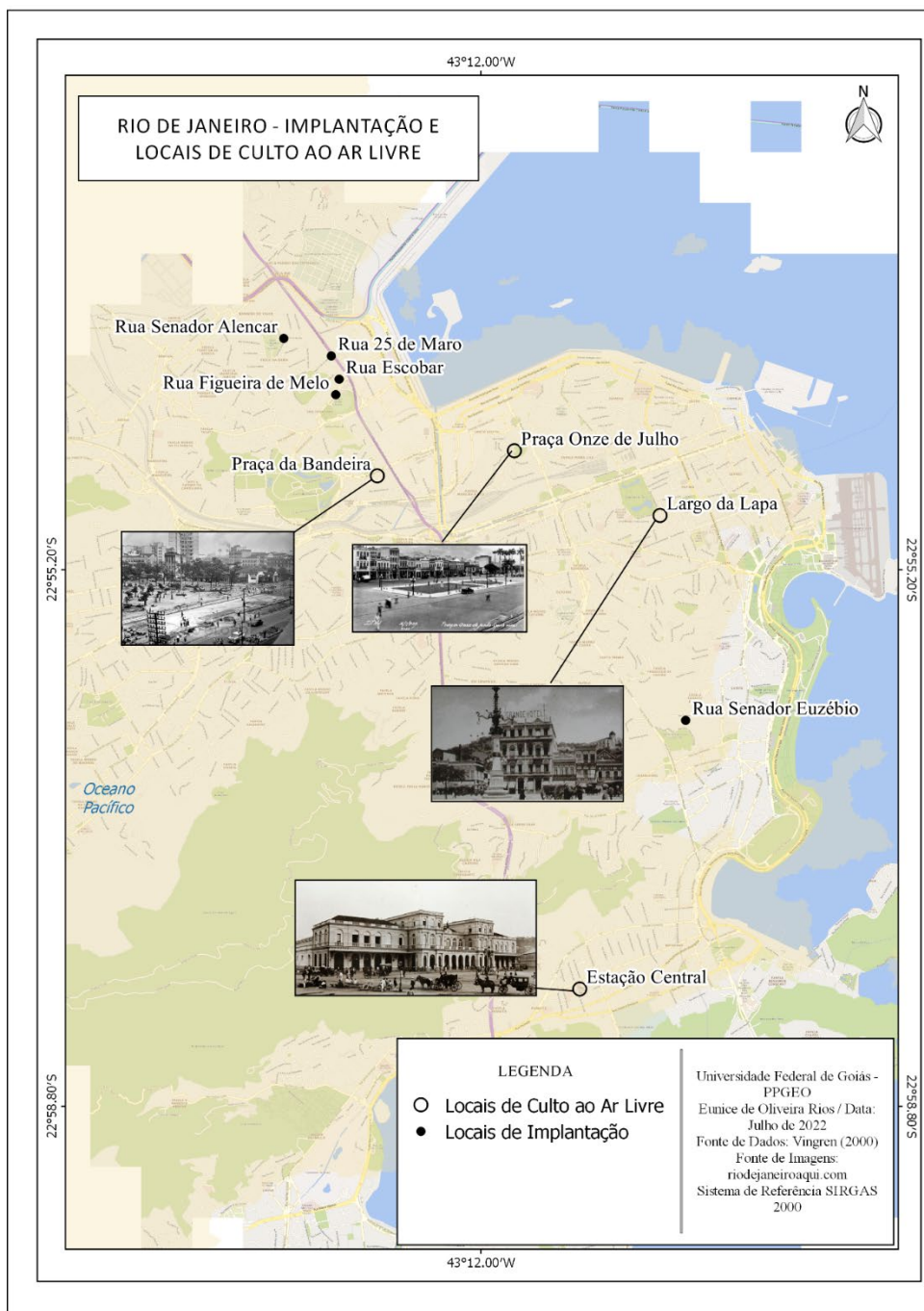
A outra frente de trabalho em destaque foi a Casa de Detenção,⁴⁶ relatada por Gunnar Vingren. A motivação foi uma carta escrita pelos detentos, encaminhada “ao diretor pedindo licença para que realizássemos uma Escola Dominical”. Aos “domingos nós lhe prestamos uma grande assistência espiritual. A minha esposa realiza um culto para as mulheres na parte feminina da prisão, na própria capela católica” (VINGREN, 2000, p. 207).

Segundo Conde (2005, p. 207), o trabalho desenvolvido pelo casal Vingren e os seus companheiros teve resultados positivos, afirmando que “muitos presos se converteram, alcançaram a liberdade e tornaram-se úteis à sociedade”.

A seguir, mapa (Figura 27) localizando os pontos de reunião da Assembleia de Deus sob a direção de Gunnar Vingren, no Rio de Janeiro:

⁴⁶ Em pesquisa realizada, considerando o período, tudo indica ser a Penitenciária Lemos de Brito (SILVA, 2014).

Figura 27 – Assembleia de Deus: Rio de Janeiro – locais de reunião (1924-1932)



Sobre a igreja no Rio de Janeiro, Conde (2005, p. 207) afirma que ela “cresceu muito mais do que qualquer outra no Brasil em igual período”, fato atestado pela multiplicação constante de batismos nas águas. Prossegue o autor, referindo-se à igreja:

O progresso acentuado e a posição privilegiada que lhe permitia atuar na capital da República deram à igreja, sem que essa o buscasse, uma situação de destaque e de importância, que seria conservada durante muitos anos. O fato de estar situada no Rio de Janeiro conferiu-lhe as responsabilidades de centro coordenador de todos os

grandes movimentos, e assegurou-lhe um conceito elevado no cenário nacional. (CONDE, 2005, p. 207).

Episódios interessantes são relatados por Conde (2005), a respeito dos anos 1925 e 1926, tais como:

- A “colméia divina”, analogia para o intenso movimento de expansão da fé pentecostal, na cidade do Rio de Janeiro e no interior do estado. Interessante notar que, além dos “novos convertidos” ao evangelho, muitos crentes de denominações tradicionais, que não conheciam a doutrina pentecostal, aderiram a ela quando informados sobre ela; é o caso das igrejas de São Pedro, Terra Fria e São Joaquim e das implantações de congregações nos “subúrbios distantes”, na zona Oeste do Rio de Janeiro como Realengo, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz.
- A Primeira Convenção Internacional (17 a 25 de julho de 1926), com a presença dos suecos em missão no Brasil e na Argentina e um representante da missão sueca, Dr. Franklin.

A seguir, no Quadro 5 são apresentados alguns informes sobre a convenção internacional, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1926, sob a coordenação de Gunnar Vingren. Os dados foram levantados a partir da publicação de Conde (2005), sendo então organizados por nome, origem e função dos participantes que atuaram no evento:

Quadro 5 – Rio de Janeiro: convenção internacional da Assembleia de Deus (1926)

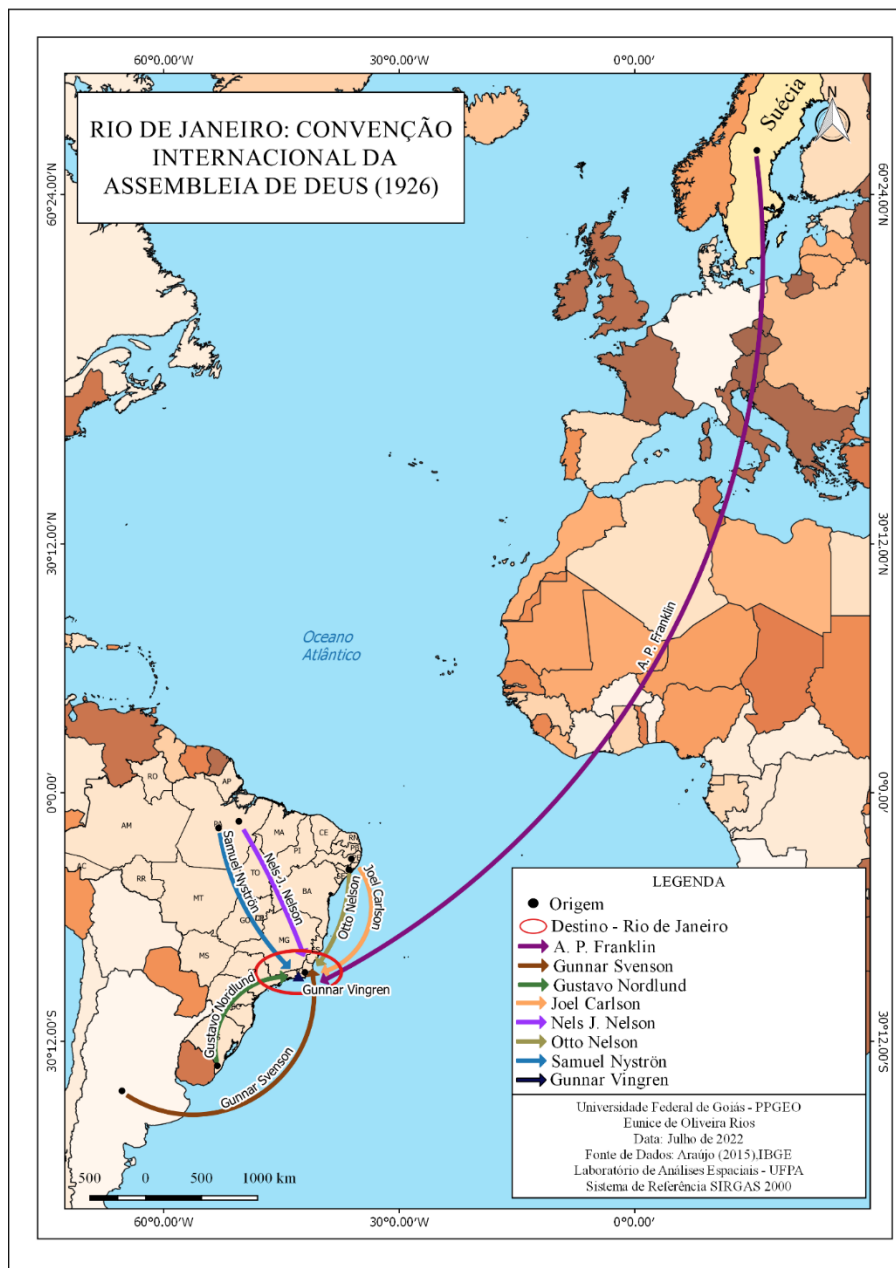
Nome	Origem	Função
A.P. Franklin	Suécia	Representante da <i>Svenska Frie Missionen</i>
Gunnar Svenson	Argentina	Missionário
Gunnar Vingren	Rio de Janeiro	Missionário
Gustavo Nordlund	Rio Grande do Sul	Missionário
Joel Carlson	Pernambuco	Missionário
Nels J. Nelson	Pará	Missionário
Otto Nelson	Alagoas	Missionário
Samuel Nyström	Pará	Missionário

Fonte: Conde (2005, p. 207).

O mapa “Fluxo de missionários na Convenção Internacional da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, em 1926”, ilustrado na Figura 28, expõe a dinâmica dos participantes, considerando-se as localidades de origem de cada um, no momento da realização do referido evento, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro em 1926, caracterizando uma dinâmica de intercâmbio de informações entre os missionários suecos da capital, missionários suecos

provenientes do Norte, Nordeste e Sul do País, da Argentina e, também, dos oriundos da própria Suécia.

Figura 28 – Fluxo de missionários na Convenção Internacional da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, em 1926



Fonte: elaborado pela autora (2022), a partir dos dados Conde (2005, p. 207).

Nesse evento, apesar de sua importância, não houve a participação dos pastores brasileiros. Segundo Correa (2013), os pastores nacionais executavam as decisões e as resoluções definidas pelos suecos. Os dirigentes brasileiros não tinham participação decisória

no Movimento Pentecostal, apesar da extensão e grandiosidade da obra: tudo se concentrava nas mãos dos missionários suecos.

No contexto geral, a Assembleia de Deus continuou sua expansão por todo o território nacional, mas uma mobilização, em busca de autonomia, por parte dos pastores nacionais, estava em gestação.

Em 1921, os obreiros nacionais se reuniram na casa do pastor João Pereira de Queiroz, residente na Vila São Luiz, município de Igarapé-Açu-PA, que nessa época era uma pequena vila situada em um “ponto estratégico de ligação entre a igreja-mãe, em Belém, e os demais trabalhos que foram erguidos ao redor da antiga Estrada de Ferro Belém-Bragança” (DANIEL, 2004, p. 19).

Na reunião da Vila São Luiz compareceram os seguintes obreiros nacionais: João Pereira de Queiroz; Isidoro Filho (primeiro pastor a ser ordenado pelo missionário Gunnar Vingren, em 1912, para pastorear a igreja em Soure); Luiz Higino de Souza Filho; Almeida Sobrinho; José Felinto; Manoel Zuca; Manoel Cesar e Pedro Trajano. Esse encontro foi presidido pelo missionário sueco Samuel Nyström. Daniel (2004, p. 19-22) escreve que o “principal assunto tratado parece ter sido a evangelização, o esclarecimento de pequenas dúvidas teológicas e o andamento dos trabalhos”.

Relata ainda que os obreiros nacionais, depois de 18 anos do Movimento Pentecostal no Brasil, sentiram a “necessidade de terem maior liberdade na condução dos trabalhos já estabelecidos nas regiões Norte e Nordeste” (DANIEL, 2004, p. 23). Para elucidar essa situação, ocorreu uma reunião em Natal-RN, nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1929, com a presença dos seguintes pastores: Cícero Canuto de Lima, Francisco Gonzaga da Silva, Antônio Lopes, Ursulino Costa, José Amador, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa Francisco Cêzar, Natanael Figueredo e Pedro Costa (DANIEL, 2004, p. 23).

A primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil ocorreu no período de 5 a 10 de setembro de 1930, em Natal-RN. Esse evento é descrito por Daniel (2004) apresentando a pauta, definida em quatro temas: i) o relatório do trabalho realizado pelos missionários; ii) a nova direção do trabalho Pentecostal do Norte e Nordeste; iii) a circulação dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* e, iv) o trabalho feminino na igreja.

Nesta tese, não se pretende discutir as razões e as consequências da Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. A temática pode ser pesquisada na publicação de Daniel (2004) e em outras publicações voltadas ao assunto. A menção se deve ao fato de que as questões discutidas na referida convenção influenciaram, sobremaneira, a vivência do casal

Vingren no Brasil. A principal consequência foi o ministério feminino na Assembleia de Deus, abordado por Gunnar Vingren:

Em razão de haver diferentes opiniões sobre o trabalho da mulher na igreja, a conferência também tratou deste assunto. No final dos debates, foi oficializada a seguinte declaração: “As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar. (VINGREN, 2000, p. 179).

De acordo com Daniel (2004), Gunnar Vingren e Samuel Nyström há tempos tinham opiniões antagônicas com relação ao trabalho feminino na igreja. Daniel apresenta alguns trechos de cartas trocadas entre ambos. O diálogo entre eles demonstra posições fortes, definidas e conflituosas, o que poderia levar a uma separação entre os dois líderes e seus partidários, causando graves perdas ao movimento pentecostal assembleiano no Brasil.

Gunnar Vingren defendia o papel da mulher na igreja, em pé de igualdade ao do homem, como era de se esperar, pois é notória a relevância do trabalho de sua esposa Frida na história da denominação.

O ano de 1930 é um marco na história das Assembleias de Deus, pois novos tempos e nova organização se estabeleceu após a Primeira Convenção Geral, de 1930. Para o Brasil, também foi um ano marcante. Os diversos eventos ocorridos nesse período evidenciavam a situação de crise no País nos vários níveis – econômico, político e social –, definida por pesquisadores como a transição do fim da Velha República e o início da Nova República.⁴⁷

Os missionários suecos no Brasil, de regiões diferentes, registraram suas percepções sobre o ocorrido, em cartas enviadas ao jornal *Evangelii Härold*, como se pode observar a seguir.

Rosalie Svensson, residente em Maceió-AL, informou aos leitores do jornal sueco (EH_1930_50 s. 842-843) que

[a] situação foi e ainda é bastante perigosa no Brasil, por causa da revolução que está acontecendo em todo o país. Em muitos lugares tem sido derramado muito sangue. Ainda não sabemos o que aconteceu com os outros missionários, porque fomos impedidos de corresponder pelos correios há muito tempo. Todavia, temos esperança e fé que todos estejam bem. Aqui em Maceió, Deus nos guardou maravilhosamente. O governador fugiu e entregou tudo para os revolucionários, antes que as tropas federais chegassem na cidade. Ninguém ficou ferido, exceto um policial. O que a revolução vai resultar para o sucesso do evangelho aqui no país, ainda não sabemos. (SVENSSON, 1930, p. 842-843).

⁴⁷ Fausto (1986), Cano (2012) e Oliveira (s/d).

Na publicação de (EH_1931_1 s.1), Paul Ongman descreve a situação do Brasil a partir das cartas encaminhadas pelos missionários suecos, alocados no território brasileiro. Ele introduz o artigo, intitulado “A revolução no Brasil e os nossos missionários”, informando que

[a]s agitações no Brasil terminaram, e todas as coisas parecem estar voltando para seus trilhos. No então, os nossos missionários tiveram que passar por um período bastante emocionante, durante o qual tiveram que fugir para proteger tanto suas vidas como seu patrimônio, mas Deus os tem guardado de uma maneira maravilhosa. Queremos aqui publicar alguns breves extratos de suas cartas, que podem nos permitir uma pequena compreensão sobre o que nossos irmãos e irmãs enfrentaram e como o Senhor os tem protegidos.

Segundo relatos de Gunnar Vingren, em carta datada de 9 de novembro de 1930, da cidade do Rio de Janeiro,

[d]urante a revolução, nossas vidas ficaram em real perigo aqui [...]. Teremos uma nova constituição federal agora. Nos ajudem a pedir em oração, para que possamos ter liberdade de poder trabalhar na obra de Deus sem algum impedimento [...] não tivemos que adiar nenhum culto da nossa congregação durante a revolução, somente os cultos de rua que tivemos que parar durante todo esse tempo, mas que vamos recomeçar daqui em diante. Logo vamos pedir permissão, com a ajuda do Senhor, para recomeçarmos com eles. Orem para que possamos ter sucesso nesse propósito! Orem para que, com a nova Constituição Federal, não nos venha ser tirada a liberdade de religião [...]. (ONGMAN, 1931, p. 18).

De Niterói, escreveu Samuel Hedlund, no dia 30 de outubro de 1930, “saques, explosões de bombas e incêndios de casas têm acontecido aqui. Os bancos fecharam no mesmo dia que eu recebi a tua carta, no 4 de outubro, e as lojas também têm ficado fechadas nesse mesmo período [...] Deus seja louvado, tudo voltou à calma aqui” (ONGMAN, 1931, p. 18).

Em carta do dia 9 de outubro de 1930, informou Carlsson, de Pernambuco, “muito sangue tem sido derramado e teve muita destruição. Casas perto de nossa igreja foram derrubadas, mas somente uma bala atingiu nossa igreja [...] Muitos de nossos vizinhos tiveram que fugir, deixar as casas e todos seus pertences para salvar suas vidas”. Carlsson prossegue, em outra missiva, datada de 7 de novembro de 1930.

Não pudemos trabalhar regularmente durante o mês passado, mas não por isso Deus deixou de andar no meio do povo aqui para salvar almas e batizar no Espírito Santo. Louvado seja Jesus! Durante a revolução ouvíamos os tiros de canhões e espingardas por dois dias e duas noites. Muitos perderam suas vidas, mas os revolucionários venceram. Temos a esperança de que as coisas melhorem para o povo nesse país agora. Isso não irá acontecer rapidamente, mas aos poucos irá ficar melhor [...]. Todo o país está livre para o Evangelho e cremos que, através da revolução, as portas estarão ainda mais abertas. (ONGMAN, 1931, p. 18).

A missionária Frida Vingren também relatou suas impressões a respeito da Revolução de 1930, no Rio de Janeiro:

Talvez possa interessar aos amigos, quero contar o que nos aconteceu nesses últimos tempos no Brasil. Muitas coisas têm acontecido em breve tempo, e agora estamos vivendo em um novo Brasil. Dia 24 de outubro, de manhã, faltavam apenas cerca de quinze minutos para o Rio de Janeiro ser bombardeado. Tudo estava preparado, todas as elevações da cidade estavam tomadas pela artilharia, e as tropas revolucionárias tinham circundado a cidade. O presidente já estava preso, mas o chefe da polícia resistia com seus 10.000 homens. No último minuto, ele, porém se rendeu e foi preso, depois disso os revolucionários a cavalo ocuparam os lugares mais importantes e suas máquinas de voar orbitavam acima da cidade. As pessoas correram para fora de suas casas, porque entenderam que algo tinha acontecido. A boa notícia correu logo e a alegria foi grande. “Os vermelhos” fizeram passeada da vitória pela cidade entre as homenagens e os gritos do povo. Mulheres, crianças, homens, todos participaram e ficaram bêbados de alegria. O Rio foi tomado pelos soldados, tropas vindas de toda direção, norte e sul, e no 15 de novembro aconteceu uma grandiosa parada, durante a qual os vencedores marcharam em triunfo pela cidade. Um batalhão de 100 jovens garotas, comandadas por uma mulher tenente, participou também. Elas eram do estado de Minas Gerais e carregavam suas armas e até tinham participado das batalhas. Eu fiquei pensando naquela grande parada, que haverá quando Jesus voltar, quando os eleitos, os vencedores, marcharão até Sião em triunfo e júbilo. Será uma gloriosa, maravilhosa parada [...]. Que uma grande multidão possa estar também, deste enorme país, o Brasil! Oh, que seja assim! Se você também, irmão e irmã, deseja isso, então ore pelo Brasil! Ore como nunca antes! Oh, eu sei que amo esse país e esse povo com toda minha alma não posso fazer diferente [...] Uma parte de nossos irmãos foram também alistados, mas voltaram ilesos. Louvado seja Deus! Agora, tudo está em paz. Um programa de boas reformas tem sido proposto pelo novo governo, outras são esperadas. Estamos esperando tempos melhores para os pobres nesse país. Referentemente à religião, temos a mesma liberdade de antes. Temos recomeçado com os cultos de rua, e o Senhor nos abençoa. (VINGREN, F., 1931, p. 25-26).

Nos depoimentos transcritos, percebe-se que os missionários e os membros da igreja se encontravam integrados à sociedade e, juntos com os brasileiros, vivenciaram as angústias e incertezas do momento.

5.4 Gunnar Vingren e Frida Vingren – dedicação à missão pentecostal no Brasil

A seguir procuraremos traçar a trajetória de Frida Maria Strandberg, nome de solteira e, após o casamento, Frida Vingren, como é conhecida no Brasil, e de seu esposo Gunnar Vingren.

Os dados foram levantados a partir da leitura de cartas e artigos, a maior parte elaborados por ela e publicados no jornal *Evangelii Härold*, semanário da Igreja Filadélfia, em Estocolmo, Suécia.

Em edição de 1917 (EH_1917/22 s. 8), os editores registraram:

Um dia depois de Pentecostes à noite, um novo trabalhador viajou para o campo da missão livre no Brasil. A irmã Strandberg tinha originariamente pensado ir para o serviço de uma sociedade missionária, mas a questão do batismo pentecostal foi crucial para ela. Depois de ser batizada nas águas, ela buscou e recebeu o batismo no Espírito. Não foi tão fácil para ela romper as relações com o ambiente ao qual tinha pertencido, para sair no caminho da fé pentecostal antes desprezada, mas Deus lhe deu graça para obedecer. A nossa irmã tem frequentado um curso de oito semanas no Seminário Bíblico Sueco, um curso de dois anos no hospital de Vänersborg e um curso de três meses na Maternidade de Estocolmo. A sua tarefa no Brasil será primeiramente servir como “mulher da Bíblia” nas congregações que surgiram entre a missão livre por lá. Que Deus abençoe e proteja a irmã Strandberg em sua viagem e a use para Jesus e sua causa. (apud PETHRUS, 2004, p. 155).

Parte do mesmo artigo é de lavra da própria Frida Vingren, relatando a sua “chamada” ao Brasil:

É primavera, no reino da natureza agora. Primavera é tempo de semear. É lançada no chão uma pequena semente, que um dia brota e no tempo certo, dá uma seara dourada. O lavrador tem pressa. É importante se esforçar nos dias primaveris, semeando a semente, para saber se poderá colher quando é tempo de outono. É primavera e Pentecostes no reino de Deus, também. E a lei que rege a natureza, vale também aqui [...]. O Senhor tem me chamado para o Brasil [...]. Eu tinha pensado em outro caminho. A chamada à missão estrangeira sempre foi clara para mim, e nos últimos três anos eu me preparei com o propósito de ser enviada a serviço da Fundação Evangélica pela Pátria. Mas o Senhor me direcionou diferentemente. Primeiro, a verdade sobre o batismo foi esclarecida para mim. Fui batizada nas águas na Filadélfia numa quarta-feira, dia 24 de janeiro de 1917. Logo depois, Deus me batizou no Espírito Santo [...]. Desde então, paulatinamente se fez claro para mim que o Senhor me chamava ao Brasil, e agora tem me aberto uma porta para lá, e eu posso começar minha caminhada para ver a glória de Jesus Cristo naquele lugar. Glória a Deus! (apud PETHRUS, 2004, p. 155).

Gunnar Vingren, tendo organizado a igreja na cidade do Rio de Janeiro, empreendeu viagens ao interior do estado. Na carta a seguir (EH_1925/32 s. 398) ele inicia o texto agradecendo à igreja Filadélfia de Estocolmo, pelas ofertas enviadas para o seu sustento e para o andamento da obra, enumera várias situações de oração, milagres e batismos nas águas e espiritual, além de relatar sua experiência e observação da paisagem ao “subir as montanhas”:

Pelo fato de os cristãos nativos daqui ajudarem com o que podem, a atividade de evangelização pode ser levada adiante, como está acontecendo. Apesar dos amigos serem em maioria pobres, todavia eles fazem o que podem. Os pobres aqui são extremamente pobres, e os ricos extremamente ricos [...]. Enormes latifúndios estão na mão dos ricos aqui, e os outros só têm pouco para poder viver na base do duro trabalho, e nada mais que isso. Depois, continuamos subindo as montanhas, onde tivemos um culto e oramos por uma mulher. (As montanhas aqui são cobertas de matas, mas na maior parte já foram cortadas e os moradores plantam cana de açúcar, uma espécie de feijão preto e uma raiz, com a qual eles fazem uma espécie de farinha, que o povo come misturada com o feijão, e que é sua comida costumeira. Eles plantam também milho e banana) [...]. Depois, continuamos na manhã de domingo a subir as serras [...]. É maravilhoso como a obra de Deus avança entre esse povo pobre no Brasil [...]. Durante essa viagem, tivemos que posar em pequenas cabanas com paredes de barro, agüentando as picadas das muitas espécies de insetos que nos atacavam de dia

e de noite, dentro e fora das casas, e minha perna e mão incharam muito, pelo que ontem tive que voltar para casa. A minha cama durante essa viagem eram, o mais das vezes, umas tábuas grosseiras. (VINGREN, G., 1925, p. 398).

No Rio de Janeiro, em 1927, Gunnar e Frida, prosseguem na missão a eles destinada, mas, na carta a seguir (EH_1927/45 s. 577-578), dentre as várias informações, como era comum em seus textos, já se percebe um indício de esgotamento físico, consideração que se pode apreender ao se lerem expressões como “luta árdua”, “a obra está avançando, mas não como desejaríamos”, “oposição das potestades do mal é tão terrivelmente grande”, além da questão sobre a mobilidade em visitas a enfermos e outras atividades inerentes à missão desenvolvida, considerando-se a extensão territorial do estado e as difíceis condições de transporte:

Sim, ousamos dizer que se em algum lugar na terra está precisando de um automóvel para o trabalho de evangelização, esse lugar é o Rio de Janeiro, que se estende sobre 1.167 quilômetros quadrados de superfície. Então, muito tempo seria ganho, e muito mais poderia ser feito agora, no momento em que a obra está se estendendo mais e mais. A partir do 1º de outubro, as passagens ferroviárias subirão significativamente e seria assim importante ter um carro para poder visitar alguns dos lugares no interior do estado. Para se chegar de uma parte da cidade até a outra é preciso viajar muitas horas no bonde. Durante as visitas aos enfermos e às casas tem que sair de casa de manhã para voltar à noite. Pedimos, portanto, as orações dos amigos para esse assunto. (VINGREN; VINGREN, 1927, p. 577-578).

Em carta escrita no Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1928, e publicada em Estocolmo (EH_1928/11 s. 166), Frida relata uma viagem a Belo Horizonte. Nela descreve o trajeto e a cidade, a situação de um marinheiro sueco que procurou a igreja e, outra viagem, dessa feita para um local denominado Terra Fria, interior do Rio de Janeiro, onde, segundo ela, andaram “a pé o mesmo caminho que o irmão Franklin fez a cavalo. Foi muito trabalhoso subir 500 metros em duas horas e meia. Mas foi grato vermos a alegria dos amigos pela visita. É abençoado lá em cima”. Prossegue informando que a “obra pentecostal” no Rio de Janeiro conta com cinco evangelistas e “12 igrejas no interior, com cerca de 500 membros, fora a igreja aqui na cidade, que tem cerca de 200”, e reitera o pedido de oração tendo como objetivo a compra de um automóvel, informando que estão com uma quantia em caixa para esse fim. “Pedimos orações para a obra do Senhor nessa cidade. Não se esqueçam do carro missionário para o Rio de Janeiro! Temos arrecadado cerca de 300 coroas” (VINGREN, F., 1928, p. 166).

Gunnar Vingren enviou, do Rio de Janeiro, uma carta, datada de 14 de maio de 1928, publicada em Estocolmo (EH_1928/26 s. 408-410), relatando sua viagem pelos “estados do Brasil Central” juntamente com Frida. Era desejo deles uma visita desse teor, que se tornou possível devido à inauguração de um novo templo, da Assembleia de Deus, em Recife. Registra

ainda a gratidão a Deus, pela “sua graça para com a igreja no Rio, que se fortaleceu o bastante para suportar minha ausência da atividade por um mês, partimos em viagem no dia 10 de abril”. Chegaram a Recife no dia 16. Após uma semana de reuniões e reencontro com amigos, seguiram viagem, por “horas de caminho ao interior”, para um local denominado Cabo. Prosseguindo, depois de “10 horas de viagem de trem, chegamos a uma cidade chamada Campina Grande, um centro agrícola importante”, local em que foram recepcionados por um “grande grupo de nossos preciosos irmãos”, que os esperavam “na estação, alegres pela visita. Alguns deles tinham viajado mais de três mil milhas suecas para estar presente naquele culto que celebramos naquele lugar” (VINGREN, G., 1928, p. 408-410).

No dia seguinte, seguiram em direção à cidade de Paraíba, onde havia uma igreja com um “excelente dirigente”, cujo nome era Cícero Lima. A igreja nesse local tinha caído, devido às chuvas e por ter paredes de barro. Estavam em um local alugado, mas que não comportava as pessoas:

Em nenhum outro lugar, temos visto tanto povo. Quão grande multidão estava reunida do lado de fora [...]. Nunca tínhamos visto nesse país tamanha miséria, casa que não são dignas do nome de moradas para seres humanos; os animais lá na Suécia passam melhor. O povo vive de “plantar batata doce e fazer bonecas”, nos disse um homem no trem. Em cada estação, o trem é circundado por cegos e coxos em multidão. (VINGREN, G., 1928, p. 408-410).

Da Paraíba, seguiram para uma cidade “pequena e simpática”, Guarabira, local em que existia um grupo de conversos, mas não tinham dirigente.

A próxima cidade a ser visitada foi Natal (RN) e, sobre a obra pentecostal, Vingren escreveu, informando que o dirigente se chama “irmão Gonzaga” e o campo é “muito vasto. Existem grupos de crentes que esperam sua visita até 300 quilômetros de distância. A necessidade de um carro para a obra do Senhor nesse lugar é grande”. Acrescenta ainda que o “irmão Gonzaga não é forte de saúde, mas é um servo do Senhor zeloso e fiel. Ele tem orado por muito tempo por um carro para a atividade. Quem quer participar da resposta à sua oração? Faça o que puder! [...] Envie os recursos à Missão Sueca Livre.” (VINGREN, G., 1928, p. 408-410).

As próximas visitas foram a duas localidades, Nova Cruz e Vila Nova. Nessa missão “trabalha o irmão Antonio Lopes”, que “caminha a pé até 60 quilômetros. O Senhor nos ajudou e conseguimos juntar um dinheiro para um cavalo, e ele louvou a Jesus em lágrimas” (VINGREN, G., 1928, p. 408-410).

De volta a Recife, passaram por Catende: “a igreja daqui tem seu próprio templo, belamente decorado com palmeiras”. Seguiram para Maceió e, “depois de uma viagem bem tempestuosa, chegamos em casa”, no Rio de Janeiro (VINGREN, G., 1928, p. 408-410).

Novamente brota um pedido de intercessão e o desejo por um repouso. “Faz agora cinco anos e meio desde que chegamos aqui ao Brasil pela última vez. Estamos bastante cansados e sentimos que precisaríamos de um tempo de repouso, mas o Senhor, na sua graça, nos ajudará a resistir ainda por um tempo” (VINGREN, G., 1928, p. 408-410). E encerra, referindo-se aos seus filhos: “as crianças são diligentes e sadias, três delas frequentam a escola, e o Senhor, na sua graça, nos tem ajudado até esse momento. Temos recebido um carro da América” (VINGREN, G., 1928, p. 408-410).

Nova carta, enviada por Gunnar Vingren, foi publicada em Estocolmo (EH_1928/33 s. 520-521). Ele inicia a mensagem com um agradecimento e, logo após, nova solicitação por recursos financeiros:

Obrigado de coração pela carta do dia 20 de junho de 1928, com os incluídos recursos para o sustento, o carro missionário e a missão de evangelização (para Bruno Skolimowsky). O Senhor abençoe todos os ofertantes com medida dobrada! Mais e mais lugares estão sendo abertos no interior do país. O número dos evangelistas continua aumentando. Orai para que o Senhor me ajude com as grandes despesas pelos evangelistas! Serei grato se a Missão Sueca Livre pudesse continuar a enviar as 100 coroas para o evangelista Bruno Skolimowsky, sobretudo agora, que ele se sente chamado para ir para o Paraná para abrir o trabalho (não temos ainda nenhuma atividade naquele estado). São 100 coroas ao mês, fora o que é enviado de Hälsingborg e Skärsaträ para ele. De outro jeito, eu não sei como vai ser possível sustentar ele e sua família no estado do Paraná. Peço as orações dos amigos por esse novo estado, no qual pensamos começar a atividade.

Na carta escrita por Frida Vingren (EH_1928/49 s. 775-776), ela tece agradecimentos pelos recursos enviados, informa sobre novos batismos; sobre um ponto de pregação bem distante, aberto por um casal de membros da igreja do Rio de Janeiro, que migraram para essa região, divulgaram a doutrina pentecostal e já tinham uma congregação com 100 membros, sendo 40 batizados no Espírito Santo.

A seguir, relata uma conferência, a qual foram convidados e compareceram. Escreve que “o famoso Stanley Jones, da Índia, esteve aqui um tempo atrás em visita e foi recebido com grande entusiasmo pelos batistas e pelos outros. Eles celebraram cultos em comum”. Segue informando sobre a temática da primeira palestra: “ele pregou sobre os discípulos atrás das portas fechadas, pois ele entendia que os cristãos em geral estão atrás de portas fechadas, porque lhes faltam o Pentecostes e o poder do alto” (VINGREN, F., 1928, p. 775-776).

Ato contínuo, informa sobre a família, que as “crianças estão sadias. Três vão à escola. O grupo dos pequenos tem aumentado com mais uma menininha, que se chama Gunvor” (VINGREN, F., 1928, p. 775-776).

Finaliza referindo-se ao evangelista Bruno Skolimowski, sobre estar “pronto para viajar para o estado do Paraná para começar a atividade naquele lugar”; também informa sobre dois irmãos do Rio de Janeiro que “foram para um lugar no estado da Bahia. Eles celebraram um culto num teatro daquele lugar, e umas cinquenta pessoas se entregaram a Deus”; eles próprios dirigem os cultos, aguardando “até chegar algum outro obreiro por lá” (VINGREN, F., 1928, p. 775-776).

Em carta (EH_1929/11 s. 165-166) datada de 19 janeiro de 1929, Gunnar Vingren escreve do Rio de Janeiro. Agradece, primeiramente, pelos recursos enviados, descreve o avanço do trabalho pentecostal, usando a expressão “a obra de Deus avança em todos os lugares, sim, o fogo arde em todo lugar”, relata sobre um jovem de 16 a 17 anos, com habilidades para “pregar” em praça pública, “pequeno de estatura, mas cheio do Espírito Santo. Quando ele testemunha nos cultos de rua, muito povo se reúne para ouvir” e informa sobre o andamento dos trabalhos no Paraná (VINGREN, G., 1929, p. 165-166):

O irmão Bruno Skolimowsky tem conseguido uma porta aberta na capital do estado do Paraná, Curitiba. Naquele lugar, existem brasileiros, alemães, russos e poloneses em grande quantidade. O irmão Bruno fala todas essas quatro línguas e pode, portanto, alcançar todas essas pessoas. Uma igreja alemã com seu pastor já tem aceitado a verdade sobre o batismo no Espírito. (VINGREN, G., 1929, p. 165-166).

Após os informes sobre a expansão da Assembleia de Deus, retorna aos antigos problemas: o problema financeiro da missão no Brasil e a saúde abalada pelo excesso de trabalho:

Seria uma grande economia se conseguíssemos encontrar uma pequena casa na periferia da cidade, com lugar para guardar o carro. Então, poderíamos comprar uma alimentação melhor para podermos aguentar aqui fora por mais tempo. Sentimo-nos bastante cansados e desgastados [...]. Pedimos oração para que o Senhor nos fortaleça para continuarmos a luta. Minha esposa pede oração especial. Seu coração e seus nervos estão sobrecarregados pelas muitas campanhas de oração e pelo trabalho. (VINGREN, G., 1929, p. 165-166).

Em uma carta escrita do Rio de Janeiro, em 12 de abril de 1929 (EH_1929/20 s. 310), Frida Vingren relata sobre a família, as dificuldades financeiras (provavelmente decorrentes da crise econômica de 1929), a falta de espaço para as reuniões e a enfermidade que assola a população:

Queremos aqui expor a gratidão do nosso coração pelo sustento trimestral. Estávamos completamente sem recursos, sim, endividados, e não tínhamos como pagar as dívidas e o aluguel do mês de abril [...] Durante os últimos meses, temos recebido menos recursos da América, pelo fato de que um irmão, que antes sempre ofertava, tem quase parado por causa de seus problemas financeiros. Isso vale também pelo lado material da obra aqui na cidade. Referentemente ao lado espiritual, a obra vai magnificamente. Parece que o Senhor agora começou a responder às nossas orações por avivamento [...]. Desde o ano novo, temos batizado um total de 30 pessoas e, durante um mês de tempo, Jesus batizou 27 irmãos e irmãs no Espírito Santo. Um deles é nosso filho Ruben. Nosso filho mais velho, Ivar, é batizado nas águas e conhece o poder de Deus, mas ainda não recebeu o batismo no Espírito. Muito povo participa dos cultos e tivemos que derrubar a parede da sala da oração. No sábado passado, compramos mais 50 cadeiras e as colocamos no local do culto, e no domingo o local estava lotado. Nosso local pode conter cerca de 330 pessoas [...]. A febre amarela está arrasando aqui na cidade já faz um tempo. Calcula-se que de 4 a 5 pessoas por dia morram por causa da doença e a maioria dos falecidos são estrangeiros. Também no nosso bairro e na nossa vizinhança têm acontecido casos de morte. O Senhor é poderoso para nos guardar. (VINGREN, F., 1929, p. 310).

Os efeitos da crise econômica eram sentidos de várias formas, no Brasil e no exterior, considerando-se os amigos e mantenedores da obra pentecostal que passaram a ter dificuldades em enviar recursos para o Brasil.

Em carta de 18 de junho de 1929 (EH_1929/30 s. 472), Gunnar Vingren faz um apelo ao “querido irmão Franklin!”, relatando sobre a ordem de despejo que receberam para a casa de reunião e a inexistência de outro salão maior que aquele que haviam acabado de reformar. A solução, pensada em assembleia, foi a da compra de um terreno e a construção de um salão simples, com possibilidade de reforma para ampliá-lo assim que fosse necessário. Embora tenham “4.000 coroas em caixa” estas não são suficientes, pois a projeção era a de que necessitariam de muito mais, aproximadamente “40.000 coroas para poder comprar um terreno e começar a construir e quitar a obra” (VINGREN, G., 1929, p. 472).

Da análise das cartas escritas pelo casal Vingren e publicadas no *Evangelii Hårold*, em uma sequência temporal, é notório o crescente desgaste físico e mental na busca por soluções de problemas de âmbito social e econômico. Não declaram, nesses textos publicados, a pressão dos pastores nacionais sobre eles e a aparente falta de cuidados por parte dos pentecostais da Suécia. Sem embargo, dos fatos relatados nos diários de Gunnar Vingren, percebe-se a existência de um mal-estar entre os líderes nacionais e os missionários Vingren,⁴⁸ principalmente a não aceitação, por parte dos líderes brasileiros, da capacidade feminina na direção de uma igreja.

⁴⁸ Tema abordado em “Gunnar e Frida Vingren: as relações entre a fé e o “poder” (LIMA, 2020, p. 219-291).

Além dessa questão relacionada à liderança brasileira, percebe-se que os Vingren se sentem “esquecidos” pelas pessoas e pela instituição que os enviou ao Brasil. Assim, pode-se pensar que os Vingren, no final dos anos 1920 e início dos 1930, viveram uma situação de pressão extrema entre lideranças nacionais e suecas que, certamente, afetou a saúde de ambos.

De forma ética, Frida Vingren, habilidosa no trato com as palavras, escreveu uma carta (EH_1929/32 s. 505-506), cujo título é “Ocasões perdidas dificilmente voltam”. O teor da mensagem nos leva a uma reflexão sobre os sentimentos que o contexto lhe compelia – tristeza profunda, lágrimas, desespero, impotência, humilhação, traição, perda da confiança em amigos e conterrâneos, preocupação com o esposo enfermo –, motivando um “texto-desabafo”, mantido, praticamente na íntegra, pela dificuldade de, ao ser resumido, manter a fidelidade do sentimento da autora:

Quando eu digo isso, estou pensando naquela grande terra chamada Brasil, com os muitos milhões de pessoas negras, brancas e morenas, esparramados pelas montanhas e pelos vales, cidades e aldeias, regiões selvagens e terras cultivadas. Um imenso país e uma imensa multidão de pessoas. Pensem: que Deus em sua graça escolheu um pequeno país lá em cima, chamado Suécia, para transmitir o Evangelho para essa terra, tão grande e rica, mas ainda tão miserável e pobre? É uma maravilhosa oportunidade para nós, não é? Temos sido fieis à comissão? [...] Eu somente sei que, às vezes, meu coração chora por uma grande e indizível tristeza, quando penso nas enormes necessidades que ainda restam. Grandes estados com milhões de pessoas, ainda pouco ou nada tocados pelo Evangelho pentecostal. O que isso significa? Que o trabalho está terminado, que tudo que tem que ser feito já foi feito, e que agora podemos voltar para casa? Julgai vós mesmos, vós que tendes o amor de Jesus nos vossos corações! E eu às vezes pergunto: “Senhor, onde estão os ceifeiros, onde estão os recursos de que precisamos?” [...] Uma comissão inauditamente grande requer uma resposta inauditamente grande e à altura! O que vamos responder ao Senhor naquele dia? Não digam que os missionários no Brasil são egoístas. Não foi plano do Senhor que o Brasil fosse esquecido. Toda essa terra está aberta, aberta como nunca antes. “Olhai, os campos brancos que esperam para ser ceifados. Quem quer ceifar e recolher essa semente?” Tu disseste não à chamada? Uma ocasião perdida, talvez perdida para sempre. Ainda mais, milhões de pessoas provavelmente perdidas, sem salvação e sem paraíso. Tu disseste não, quando foste mandado “lançar o teu pão sobre as águas?” Mais uma ocasião perdida. Sim, quem pode contar todas as ocasiões perdidas? Mas um dia elas serão todas cobradas de nós. Então, Deus nos ajude, e também me ajude! Todavia, ainda é tempo para cuidar das coisas que foram descuidadas. Tem lugar no pequeno contingente de trabalhadores da seara. É uma necessidade gritante por ajuda para a manutenção da obra [...]. Sim, o que direi mais, eu, uma humilde serva do Senhor? Porém, tenho chorado e lutado até me esgotar muitas vezes aqui fora. Por quê? O Senhor sabe. Arde uma chama na minha alma. Não diga que é exaltação. Podemos entender o que significa a palavra de Jesus: “Estou com sede”? Era bem mais do que uma sede natural. Tu tens pensado àquela sede que rói na tua alma, as almas para Cristo, sim, então tu sabes por que as lágrimas correm copiosamente nos rostos cansados dos trabalhadores da seara e porque as horas da noite são insuficientes para combater esses duros duelos contra as potestades do mal. O que me importa se o céu é azul e o dia luminosamente bonito e se eu vivo numa maravilhosa cidade chamada a “cidade das luzes”, quando aqui existem milhares de pessoas que necessitam de ser salvas de uma eterna perdição [...]. Sim, foram igrejas que deviam ser protegidas, plantadas, cuidadas, mas acabam que ninguém as assumiu. Por isso, algumas das tenras plantas morreram, o joio cresceu livremente e a sequeidão tomou conta, porque não teve ninguém que aguisse e cuidasse da plantação. Os perdidos não

valem a pena? É a plantação do Senhor, mas Ele a entregou a ti e a mim, para que cuidássemos [...]. Tem uma inaudita falta de pastores espirituais nesse país [...]. É notada uma grande falta de ensino espiritual nas assembleias em geral, e não estou querendo dizer falta de capacidade de ensino [...]. Foram tantos “se” e, “mas”, e por fim foi fechada a porta para a obra. Pensem, somente, que um missionário deve tomar conta de dezessete igrejas. Pensem, também, que o missionário, depois de sete anos de trabalho sem férias, está esgotado e cansado. As viagens são compridas, ele deve cavalgar por cima e para baixo de montanhas. Ele deve dormir no duro chão ou, no melhor dos casos, sobre um banco, comendo somente farinha e feijão. Digam, ele não precisaria de novos reforços para ajudar no trabalho? Mas vós, alguém pode dizer, tendes os obreiros nativos. Mas a coisa é que eles não têm a maturidade e força necessárias para esse trabalho. Em geral, eles são bons evangelistas, mas os pastores são poucos. Sim, existe lugar de trabalho até para as irmãs, também se elas não têm a mesma predisposição para poder trabalhar como os irmãos. Esclarecendo antecipadamente que elas são humildes e flexíveis, podem, portanto, fazer tudo que o Espírito Santo lhes mostrar. Elas podem orar, testemunhar, pregar, cantar, fazer visitas nas casas e muito outro trabalho prático e bom para o Senhor. Sim, existe lugar para homens e mulheres cheios do Espírito Santo e fé, nos grandes campos da seara brasileira. Saudações de paz das testemunhas do Senhor no Rio de Janeiro. (VINGREN, F., 1929, p. 505-506).

Os textos relatando dificuldades e preocupação com os evangelistas e suas famílias nos “campos da seara” continuam a afligir os Vingren. Assim como Frida relatou na carta anterior, Gunnar reforça o contexto que estão vivenciando ao enviar uma longa carta (EH_1929/39 s. 615-617) ao povo sueco, cujo teor lembra um relatório, justificando os recursos enviados e o trabalho desenvolvido na região Sudeste e Sul, sob a sua responsabilidade. Inicia informando “quando eu estava no culto de rua, na segunda-feira passada, me veio um desejo de escrever algo para casa, aos nossos amigos que, com seu coração estão conosco aqui e pelas cujas orações e recursos somos apoiados” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

A seguir informa sobre o tempo de estadia no Brasil, sem um período de descanso em sua terra natal. “No próximo janeiro, vai fazer sete anos desde que viemos para esse país pela última vez e, apesar de nos termos sentidos muitas vezes cansados”, buscamos “reunir nossas forças aqui para ficar mais um tempo” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

Apesar de aparentemente “conformado”, escreve como se tivesse sido negligenciado pelos seus compatriotas, “parece, porém, que os missionários são esquecidos, quando faz muito tempo que estão fora da pátria. Sim, essa carta trata dessas particularidades”. Prossegue, quanto “à atividade, as coisas vão magnificamente”, nos “últimos dois meses temos orado por uma centena de almas. O local de culto ficou totalmente pequeno; às vezes tem umas cinquenta pessoas fora, na rua” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

As atividades em espaços públicos foram intensificadas, decidiram por se reunirem também em espaços mais nobres da cidade. Descreve os locais de culto, que aconteciam nas segundas-feiras à noite, “numa esplanada diante da grande estação ferroviária”, depois em um “grande e aberto parque” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

Aos domingos à noite, sem citar o nome do local, menciona que se reúnem “onde muitas linhas de bonde se encontram, onde é muito frequentado pelas pessoas”. Nas terças e nas quintas, as reuniões aconteciam no “nosso local” e durante a semana, nas congregações. Gunnar Vingren, acrescenta, ainda, que nos domingos são realizados três cultos em locais diferentes: na rua, na escola dominical e o “culto vespertino no nosso local. Falo tudo isso, porque alguém pode estar interessado no que estamos fazendo”. Dando continuidade informa sobre a “semana de estudo bíblico”, que ele e a esposa coordenavam. Nesse evento, “um casal de evangelistas, marido e mulher, foram separados,⁴⁹ e também outro irmão”. O casal desenvolveu um relevante trabalho em um “novo lugar e, com um ano de tempo, uma nova igreja com duzentos membros surgiu no local”. Segundo ele, “cada um deles tem um cavalo e, às vezes, arroteiam até montanhas para testemunhar do Senhor. A esposa foi a primeira mulher brasileira separada para o Evangelho” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

Logo após, cita as cidades em que evangelistas, sob a responsabilidade da igreja do Rio de Janeiro, desenvolvem suas atividades, destacando Curitiba-PR, onde existe agora uma pequena congregação sob a direção de Bruno Skolimowsky, que realiza “cultos em alemão, polonês e português. Orai por ele!” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

É importante frisar, como já mencionado nesta tese, que foi na Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, na cidade de Natal-RN, que ocorreu a entrega da direção das igrejas do Norte e do Nordeste à liderança nacional, bem como a proibição à liderança feminina na denominação. Embora Gunnar Vingren tenha se dedicado à organização desse evento, não foi encontrada sequer uma publicação do casal no periódico *Evangelii Härold*, no ano de 1930, na coleção a que se teve acesso nesta tese.

A leitura do *Diário do Pioneiro Gunnar Vingren*, principalmente nos últimos capítulos, remete a um sentimento de “começo do fim”. Em suas cartas de 1931, Gunnar Vingren relata o sucesso na expansão da igreja para as regiões Sudeste e Sul do Brasil e, paralelamente, pontua o cansaço e as enfermidades, febre, gripe, pneumonia, dores no estômago. O espírito é forte, mas o corpo está abatido. Pede ajuda a Nyström, pois não consegue mais sozinho dar conta das viagens e dos estudos, enfim, das responsabilidades que lhe são inerentes, como líder da denominação. Na ocasião, convida Samuel Nyström para mudar-se para o Rio de Janeiro, para auxiliá-lo na “supervisão e visita às igrejas do Interior, e realizar estudos bíblicos, pois eu não tenho tempo para, sozinho, tornar conta de todas essas igrejas” (VINGREN, G., 1929, p. 615-617).

⁴⁹ Separados, aqui, é no sentido de consagrados a exercerem atividades ministeriais na igreja.

Desejava também que houvesse “paz e harmonia em todo o movimento pentecostal no Brasil” (VINGREN, 2000, p. 206). Nessa altura, é possível perceber que, de fato, conflitos estavam ocorrendo. Segundo Araújo (2014b, p. 103), existia sim “um desentendimento entre os missionários e os pastores nacionais envolvendo Frida, Vingren e a direção do jornal Mensageiro da Paz”.

Gunnar deixa claro o apoio recebido de Frida, escrevendo que “durante todo o tempo da minha última viagem ao Sul e depois, durante a minha enfermidade, a minha esposa, junto com os obreiros da igreja”, estiveram à frente das ações da igreja (VINGREN, 2000, p. 220).

Entretanto, Frida Vingren, a respeito dos últimos anos no Brasil, relata que, “durante todo este tempo, tenho-me sentido completamente esgotada dos nervos várias vezes, e também sofrido do coração”. A seguir, revela que, “depois que entregamos a direção do jornal Mensageiro da Paz, tenho sentido que o nosso tempo aqui no Brasil talvez esteja terminado, ou que o Senhor tenha alguma outra missão para nós” (VINGREN, 2000, p. 224).

A família Vingren deixou o Brasil poucos meses depois, quando embarcaram no navio Alabama, no dia 15 de agosto de 1932, com destino à Suécia (Figura 29).

Figura 29 – Retorno da família Vingren à Suécia



Gunnar Vingren, Frida Vingren e os filhos no navio Alabama em despedida no Porto do Rio de Janeiro.
Fonte: Araújo (2014b, p. 113).

Os filhos que os acompanharam foram Ivar, Rubem, Margit, Astrid e Bertil. A caçula Gunvor, com três anos e dez meses de idade, havia falecido, em 23 de julho de 1932, vitimada por uma doença respiratória infectocontagiosa (crupe), sendo sepultada no cemitério do Caju,

Rio de Janeiro (ARAÚJO, 2014b, p. 109). A imagem a seguir (Figura 30) ilustra a foto da pequena Gunvor Vingren, a “menininha” que tinha “aumentado o grupo dos pequenos”, citada na carta de Frida enviada ao *Evangelii Härold* em 1928 (VINGREN, F., 1928, p. 775-776).

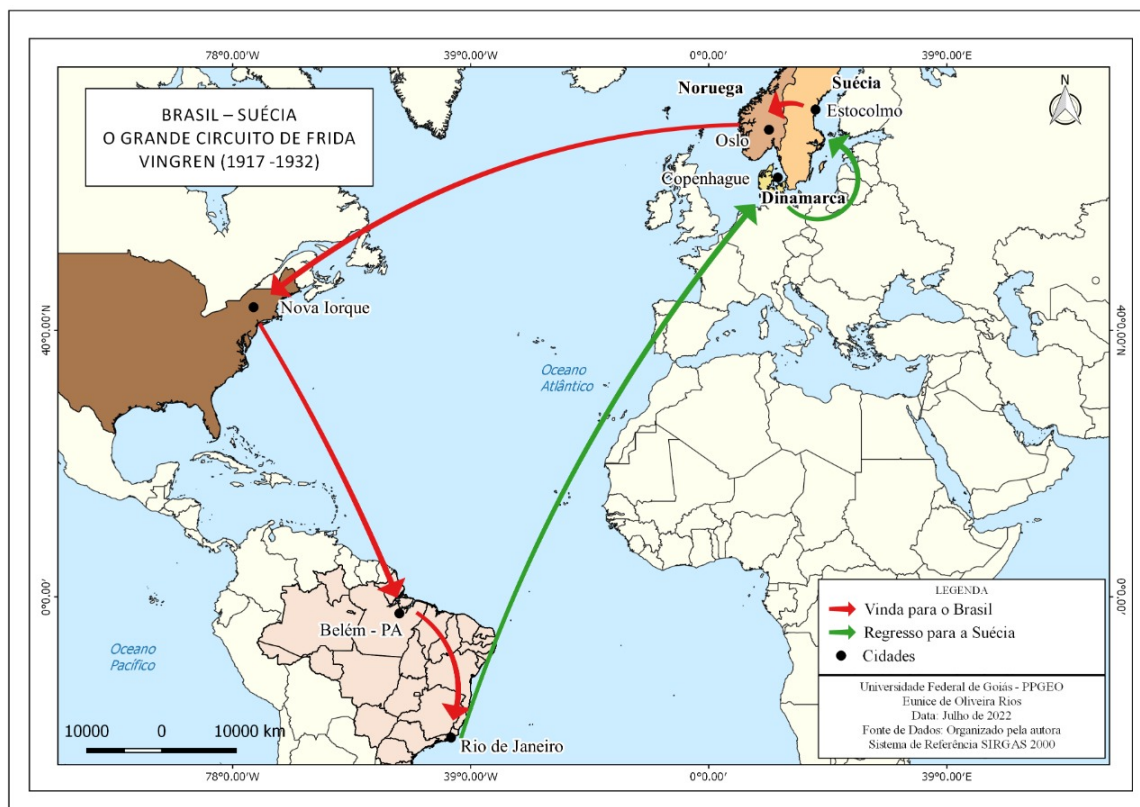
Figura 30 – Gunvor Vingren a caçula do casal Vingren



Fonte: Araújo (2015a, p. 109).

Com a partida dos Vingren, encerrava-se a trajetória de uma mulher notável para a implantação e expansão de um movimento religioso que marcou a sociedade brasileira. O mapa a seguir (Figura 31) mostra o “grande circuito” percorrido pela sueca Frida Maria Strandberg Vingren, sua saída da “pátria-mãe”, sua chegada ao Brasil e o deslocamento pela “pátria do coração”, culminando em seu retorno para a terra natal, a Suécia, em um movimento que perdurou por 15 anos, ou seja, de 1917 a 1932.

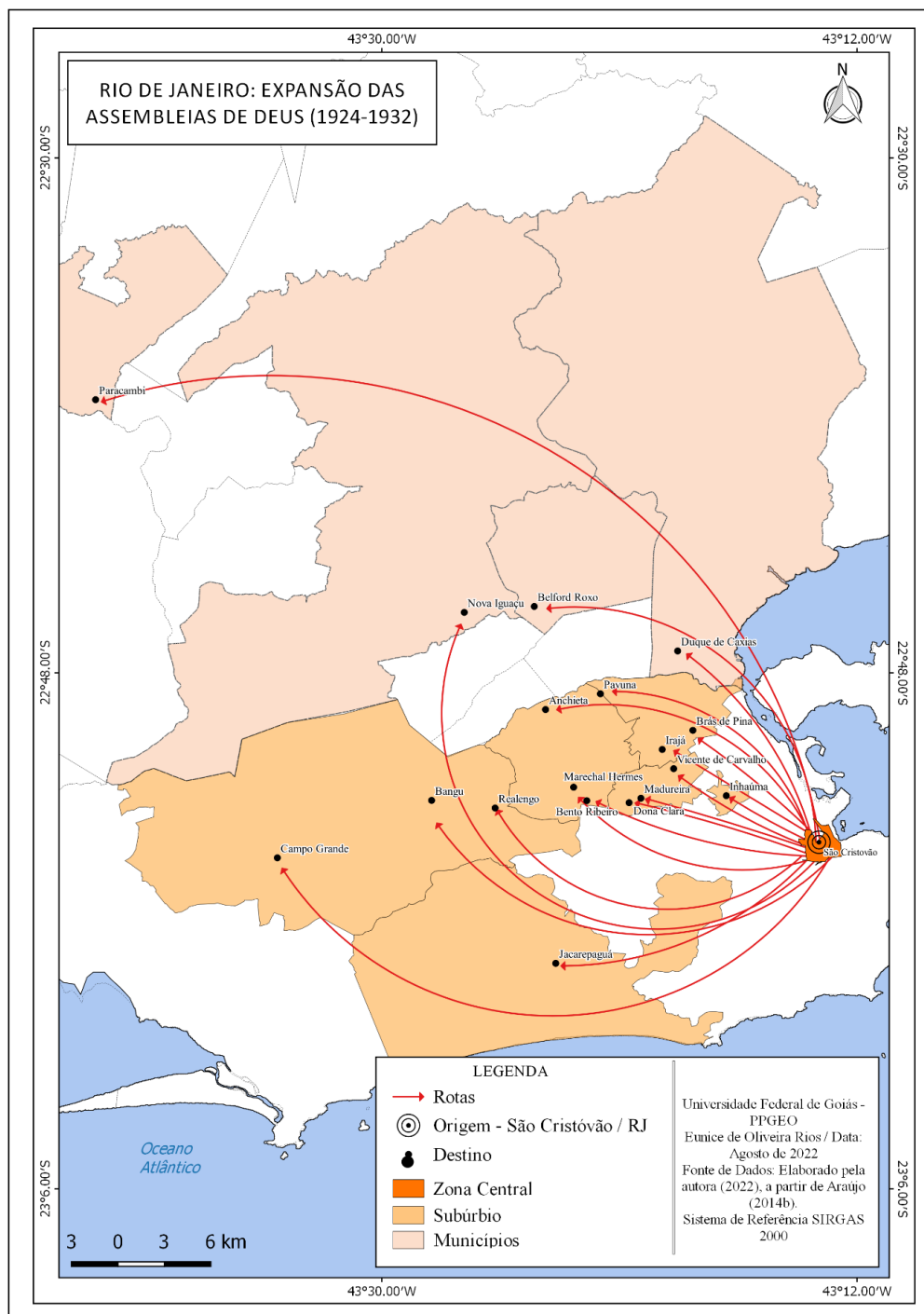
Figura 31 – Circuito de Frida Vingren como missionária enviada ao Brasil (1917-1932)



Frida Vingren, no ano de 1932 (EH_1932_46 s. 774), já na Suécia, publicou uma pequena comunicação, informando sobre as suas atividades no Brasil; dos 10 anos vividos entre os brasileiros, 15 meses foram no Pará, 8 anos no Rio de Janeiro e os meses restantes nos EUA. Informa que ela e o esposo iniciaram a obra pentecostal no Rio de Janeiro, com um pequeno grupo (10-12 pessoas), e deixaram, sob a responsabilidade do missionário Samuel Nyström, 2.000 membros, espalhados em 20 congregações (VINGREN, F., 1932, p. 774).

A expansão da Assembleia de Deus, sob a gestão dos Vingren, havia alcançado várias cidades do estado do Rio de Janeiro, relacionadas a seguir. Além da sede, em São Cristóvão, a Casa de Detenção e as praças, existiam, ainda, igrejas estabelecidas nos “subúrbios de Madureira, Marechal Hermes, Dona Clara, Sapé, Jacarepaguá, Bento Ribeiro, Realengo, Bangu, Campo Grande, Anchieta, Irajá, Vicente de Carvalho, Pavuna, Inhaúma, Braz de Pina, e também em Nova Iguaçu, Paracambi, Belford Roxo e Duque de Caxias (ARAÚJO, 2014b, p. 110). A expansão supracitada encontra-se representada no mapa a seguir.

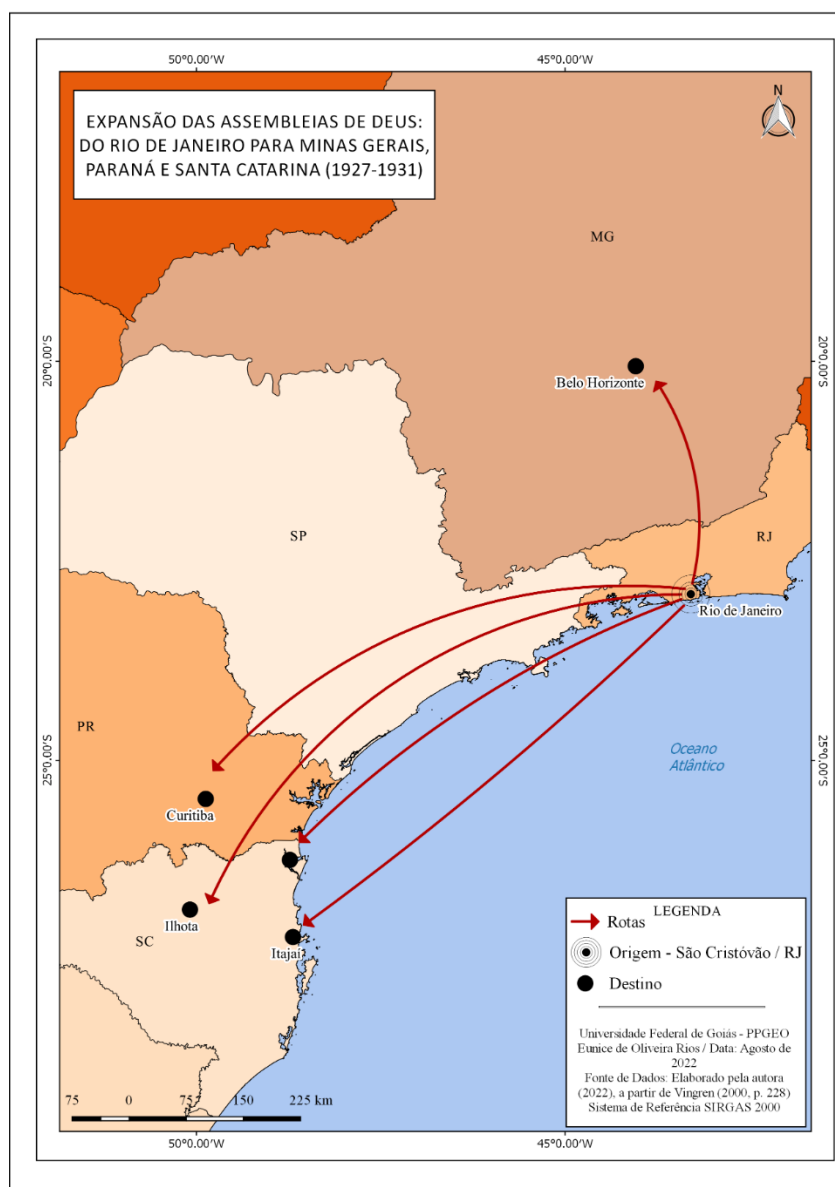
Figura 32 – Rio de Janeiro: expansão das Assembleias de Deus (1924 a 1932)



Fonte: Araújo (2014b), elaborado pela autora (2022).

O Rio de Janeiro também se constituiu no centro irradiador da missão pentecostal no Sudeste e Sul do Brasil, a saber, Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná.

Figura 33 – Expansão das Assembleias de Deus: do Rio de Janeiro para Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina (1927 a 1931)



Fonte: Araújo (2014b), elaborado pela autora (2022).

Sobre a dinâmica expansionista das ADs, sob a liderança dos Vingren, Conde (2005, p. 207) relata que “cada membro da igreja era um evangelista voluntário e eficiente. Parecia que não havia necessidade de separar obreiros para determinados fins”, consequentemente, a igreja no Rio de Janeiro crescia, mais do que qualquer outra no Brasil em igual período. Os batismos nas águas multiplicavam-se, sinal de prosperidade e de bênçãos”.

Adolph Gunnar Vingren faleceu no dia 29 de junho de 1933, em Estocolmo, Suécia. Frida Maria Strandeberg Vingren faleceu em 30 de setembro de 1940, também em Estocolmo, Suécia. Encerrava-se, assim, a trajetória de duas personalidades importantes para a constituição

da Matriz Pentecostal Brasileira, na atualidade identificada como Assembleias de Deus, movimento religioso que marcou a sociedade brasileira a partir de Belém, Pará, no ano de 1911.

Enfim, retomando-se os fundamentos teóricos desta tese, no âmbito da Geografia Histórica, ao relacionar-se as categorias **tempo** e **espaço**, foi possível uma melhor compreensão da difusão do fenômeno religioso em análise, à medida que a abordagem permitiu conhecer as suas origens, em um olhar ao passado, e como se processou a sua história no território brasileiro.

Na busca pela compreensão do “fenômeno religioso”, pentecostalismo, baseou-se na Geografia da Religião, considerando-se as múltiplas relações da religião com a sociedade e a sua cultura.

Ao se refletir sobre o processo de implantação e expansão da Matriz Pentecostal Brasileira, inicialmente **Missão da Fé Apostólica** e, posteriormente, **Assembleias de Deus**, percebe-se que os conceitos **espaço**, **tempo**, **religião**, **sagrado**, **profano** e **espaço sagrado** são inerentes ao movimento, seja pela definição do período (1911-1932, marcado pelo exercício do “poder”), seja pelo espaço geográfico (Brasil, do “Norte” e do “Sudeste”) ou pela religião cristã, mas numa “nova” doutrina (pentecostal) e/ou pelo **espaço sagrado**, percebido nos locais de reunião (templos, salões, residências, espaços públicos e até em ambientes naturais – lagos, rios e mar –, no ato dos “batismos nas águas”, ritual de reconhecimento do novo membro na denominação).

Assim, podemos afirmar que os fundamentos da Geografia Histórica e da Geografia da Religião foram impreteríveis para o entendimento do movimento pentecostal no Brasil. Com o arcabouço metodológico da Cartografia de Fluxos (Dinâmica) tornou-se possível a representação dos fluxos do pentecostalismo assembleiano, no território brasileiro, ao longo do período 1911 a 1932.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização da presente tese evidenciou-se a importância dos pressupostos da Geografia Histórica e da Geografia da Religião, bem como a sua aplicação a determinado fenômeno social, em uma pesquisa acadêmica, complementada pela Cartografia de Fluxos.

A divulgação dos resultados desta tese propicia a transferência de tais conhecimentos à comunidade religiosa em questão, bem como a possibilidade de se diversificar temas de cunho geográfico e resgatar aspectos histórico fundamentais de um dos maiores movimentos religiosos do País.

Na presente pesquisa, o objetivo foi entender o contexto geográfico em que o fenômeno do movimento pentecostal chegou ao Brasil e, em uma visão da Geografia Histórica, os processos sociais e econômicos que propiciaram a implantação e a expansão nos primeiros anos, 1911 a 1932, fase conhecida como a dos Vingren-Vingren.

Cidades como Belém e Rio de Janeiro foram cruciais como centros irradiadores da nova fé pentecostal. Outrossim, a partir do arcabouço científico supracitado, foi possível tornar conhecida a vida de um casal, que, assim como muitos emigrantes que aportaram no Brasil, deixaram sua terra natal, sua parentela, em busca de um sonho e, especialmente no caso de Frida Vingren, reconhecer, sua incontestável importância para a difusão e a consolidação do movimento em terras brasileiras.

A abordagem a respeito do Congresso Missionário no Panamá (1916) possibilitou analisar as condições históricas, geográficas e sociais dos povos latino-americanos, tendo em vista a expansão da missão protestante na América Latina; ademais, foram traçadas estratégias para que se concretizasse a evangelização protestante no referido continente. Paralelamente a essas ações, ocorreu no Brasil, a implantação do movimento pentecostal, dando origem às três denominações: Congregação Cristã do Brasil, Igreja Evangélica Assembleia de Deus e Igreja Batista Sueca.

Desse modo, é evidente que as Assembleias de Deus (ADs), através de métodos próprios de evangelização e expansão de sua fé, alcançaram significativa parcela da população brasileira, tornando-se, na atualidade, a maior denominação pentecostal do Brasil, sendo também considerada o “berço” do pentecostalismo brasileiro.

Para que se chegasse a essa importância, muitos missionários, notadamente de origem sueca, se dedicaram à expansão do “evangelho de Jesus Cristo” e ao fenômeno do “poder pentecostal”. Na abordagem aqui pretendida, é claro o “papel” que a missão europeia, liderada

pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, desempenhou em seu trabalho de evangelização cristã pentecostal dos brasileiros.

Dentre os missionários pentecostais, esta pesquisa foi dedicada ao estudo das atividades de Adolph Gunnar Vingren e de Frida Maria Strandberg Vingren em território brasileiro. As contribuições intelectuais e espirituais de ambos são um importante legado, a ser avaliado pela comunidade científica ao tratar de questões religiosas no Brasil.

O casal Vingren liderou o movimento pentecostal, ao longo dos primeiros vinte anos do movimento no Brasil, conhecido como a “Era Vingren” ou o “estilo Vingren-Vingren”, respectivamente, Gunnar Vingren e sua esposa Frida Vingren (ALENCAR, 2010, p. 59), cuja “atuação conjunta marcou as Assembleias de Deus no período de 1911-1932”, ou seja, durante a sua implantação (FARJADO, 2017, p. 132).

Num processo intenso de divulgação da fé, associado a fatores socioeconômicos, o movimento pentecostal assembleiano se expandiu pelas regiões Norte e Nordeste, alcançando o Sudeste, o Sul e, finalmente, o Centro-Oeste do Brasil.

As pessoas e as suas motivações para a dinâmica evangelizadora das ADs foram várias, desde acompanhar a construção da ferrovia Belém-Bragança, o alento às epidemias da época, a busca por um emprego em centro urbanos e até em visitas a parentes. Desse processo sabe-se, então, que a expansão da ADs ocorreu tanto pela ação dos missionários suecos quanto de pessoas da própria sociedade brasileira, que, motivadas, principalmente, por questões econômicas e sociais, se deslocavam pelo território brasileiro.

Dessa forma, podemos dizer que o casal Gunnar e Frida Vingren desenvolveu não só um profícuo trabalho religioso, mas também social e comunitário em várias cidades brasileiras, sendo as principais Belém e Rio de Janeiro, até o dia 15 de agosto de 1932, quando retornaram ao seu país de origem, a Suécia.

Entre as justificativas para a partida do casal, destaca-se a que faz referência à saúde debilitada de Gunnar Vingren, mas outros motivos podem ser observados, como o “*ethos* sueco-nordestino”.⁵⁰ Pesquisas comprovam que o “machismo dos líderes nordestinos, associado ao reacionarismo sueco”, boicotou a missão de Frida Vingren no Brasil. A exemplo tem-se as perseguições realizadas pelos líderes religiosos brasileiros e suecos, inclusive por seu conterrâneo Samuel Nystron, “o mais ferrenho inimigo de mulheres no ministério” (ALENCAR, 2013, p. 120).

⁵⁰ Conceito de Freston (1993) sobre o machismo sueco e nordestino presente nas ADs, citado por Alencar (2013, p. 121).

Além do mais, considerando-se os dados levantados nas pesquisas documentais, pode-se afirmar que Frida Vingren era uma mulher atuante e consciente de sua missão, cujas ações contribuíram para a expansão do Pentecostalismo e, conseqüentemente, das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus.

A atuação da referida missionária foi intensa, dinâmica e diversificada, “era na vida prática uma pastora, mais do que um complemento do ministério do marido”. Ela deixou um inquestionável legado às Assembleias de Deus, mas sua “tenacidade, iniciativa e autoridade gerou um indisfarçável desconforto entre a segunda geração de pastores da Assembleia de Deus, especialmente na elite nordestina” (ALENCAR, 2010, p. 16).

Os resultados da análise permitiram também esclarecer que o processo de evangelização se desenvolvia através da colportagem, dos testemunhos pessoais, das visitas às famílias, orações por enfermos e “perturbados”, ações assistencialistas (na medida do possível, financeiramente), além das preleções e cânticos nos locais de reunião, ora uma residência, ora um salão alugado para esse fim. Essas são as principais estratégias aplicadas nas regiões Norte e Nordeste, apreendidas a partir da leitura dos diários de Berg (1995), Vingren (2000) e artigos publicados no jornal sueco *Evangelii Härold* (1915-1932).

A respeito dos missionários suecos, existem vários relatos de dificuldades, sendo os mais recorrentes relativos à adaptação ao clima tropical, à alimentação brasileira, principalmente das camadas mais pobres, e às doenças e febres, das quais sofreu o missionário sueco Viktor Jansson, vítima de uma “febre brava” (malária), em 2 de dezembro de 1924, em Afuá, Marajó, conforme carta de Anna Carlson publicada no *Evangelii Härold* (EH_1924/3 s. 30-31).

Os mapas temáticos, construídos ao longo da pesquisa, representam a dinâmica espacial do movimento no território brasileiro, demonstrando a ocorrência de dois importantes polos irradiadores: Belém-PA e Rio de Janeiro-RJ. Em ambas o movimento pentecostal foi implantado e irradiado de conformidade com o contexto de cada uma. Nas regiões Norte e Nordeste, os rios comandaram o direcionamento da frente de evangelização, em primeiro plano, em seguida a ferrovia Belém-Bragança e, depois, os caminhos, trilhados a pé ou a cavalo. Nas regiões Sudeste e Sul, os registros indicam a navegação marítima, nas viagens interestaduais. Na cidade do Rio de Janeiro, a dinâmica se dava na utilização de bondes e caminhadas, enquanto o contato com o subúrbio era, preferencialmente, realizado através de trens. Há registro de expansão por regiões serranas e no interior, cujo acesso foi a cavalo ou a pé.

A dinâmica de evangelismo no Rio de Janeiro foi semelhante à de Belém. No estudo das cartas enviadas ao jornal *Evangelii Härold* não foi detectada a atividade de colportagem e as demais ações são semelhantes às aplicadas no Norte e Nordeste. Há, no entanto, uma

inovação: a realização de reuniões públicas, denominadas “culto ao ar livre”, em praças com fluxo intenso de pessoas. O ritual consistia em cânticos, acompanhados por alguns instrumentos (violino e violão), breves preleções e orações intercessoras.

Entretanto, foi possível constatar também que, para além das reuniões públicas, uma nova estratégia evangelística foi aplicada, no Rio de Janeiro – as reuniões na Casa de Detenção –, com resultados positivos para a difusão do movimento e a reabilitação dos detentos. Desse exposto, observa-se a relevância do movimento pentecostal no Rio de Janeiro, seja pela atuação expressiva, seja pelo número de adeptos, seja pela localização geográfica e pelo contexto socioeconômico.

Atestando essa hipótese, verificou-se que, dentre os fatores que elucidaram o crescimento das ADs no Brasil, citam-se a migração e a urbanização. O referido movimento teve origem no espaço urbano (Belém) e sua expansão se deu principalmente no Rio de Janeiro, capital federal na época. Com a industrialização, as cidades se tornaram atrativas e a migração rural se intensificou, porém intensificando também os problemas sociais já existentes. Assim, os espaços urbanos, por sua vez, repletos de contradições sociais, acabaram se tornando um espaço propício para a difusão da fé pentecostal, com as suas manifestações de cura, de conforto espiritual, de fé, de orientação divina e da pregação da “igualdade” entre “irmãos”.

Ademais, as dificuldades financeiras foram recorrentes em todo o período estudado. Elas se avolumaram no início dos anos 1930, o que sugere ser uma consequência da crise econômica mundial registrada na época. Dentre as dificuldades assinaladas, a crise da moradia se destaca. Falta de imóveis adequados às reuniões dos grupos e carestia no valor dos aluguéis era problema também enfrentado pela população carioca nessa fase.

Ainda em relação às atividades relacionadas à expansão da doutrina pentecostal, no Rio de Janeiro, como já mencionado, enfatiza-se a prática de reuniões públicas, além das outras comuns à denominação, o que leva a concluir que essa estratégia foi relevante na expansão do movimento na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, no interior do estado do Rio de Janeiro, sendo adotada em outros estados das regiões Sudeste e Sul.

Diversas foram as indagações no início desta pesquisa e, na busca pelas respostas, novas indagações foram se acumulando e ficaram sem respostas, uma vez que não faziam parte do projeto inicial. Elas requerem elucidações maiores e, para tanto, é crucial que este tema não se esgote neste documento. Na oportunidade, foi possível indagar: o que foi o movimento pentecostal brasileiro para a comunidade pentecostal sueca, no período de 1911 a 1932? O que ocorreu, de fato, com o casal Vingren, após o seu retorno à Suécia? Por que as lideranças das ADs por longo tempo silenciaram a respeito de Frida Vingren? Ela realmente foi uma mulher

“além do seu tempo”, que incomodou os homens da liderança da denominação? O casal Vingren decidiu deixar o Brasil ou foi expulso pelos líderes da denominação de sua época?

Nesse sentido, tem-se, de concreto, que os dois jovens pioneiros Adolf Gunnar Vingren e Daniel Gustav Höberg implantaram um novo movimento religioso na cidade de Belém. Gunnar e Frida Vingren oficializaram o movimento na cidade do Rio de Janeiro, tornando-se o mais expressivo, na época, se comparado às outras regiões do País. Os mapas de fluxos representam essa movimentação, em todas as direções do território nacional, tendo como polo as duas cidades acunhadas de *Paris Tropical* (Belém) e *Cidade Maravilhosa* (Rio de Janeiro).

Por fim, ao concluir a pesquisa, acredita-se ter sido possível conhecer a trajetória de uma imigrante europeia no Brasil – Frida Vingren. Vida e obra pouco conhecidas, até mesmo não reconhecida e com pouca divulgação na comunidade religiosa em que atuou, mas que a ciência geográfica, através de suas vertentes – Geografia Histórica e Geografia da Religião, bem como da Cartografia Temática –, permitiu conhecer, representar e compreender sua atuação no cenário social brasileiro, bem como o legado intelectual e espiritual herdado pelas Assembleias de Deus no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AHARONI, Yohanan et al. **Atlas bíblico**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011**. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.
- AGÊNCIA SENADO. **Jornal do Senado**, Brasília: Senado Federal, 2001. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/constituicoes-brasileiras>. Acesso em: 1º jun. 2021.
- ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A política de caridade, assistência e proteção à infância desvalida em Belém do Pará: do Império à República. **@rquivo Brasileiro de Educação**, v. 3, n. 6, p. 34-64, 12 set. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/P.2318-7344.2015v3n6p34>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- ARAÚJO, Isael de. **100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014a.
- ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren – uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014b.
- ARCHELA, Rosely Sampaio. Contribuições da Semiologia Gráfica para a Cartografia Brasileira. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 45-50, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19220659-Contribuicoes-da-semiologia-grafica-para-a-cartografia-brasileira.html>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- ARCHELA, Rosely Sampaio; THÉRY, Hervé. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. **Confins**, v. 3, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/3483>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- ARTUSO, Vicente. O evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão. **Contemplação – Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II**, n. 6, 2013. Disponível em: fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/39/39. Acesso em: 17 mar. 2019.
- ARRUDA, Euler Santos. **Porto de Belém do Pará: origens, concessão e contemporaneidade**. 2003. 237 f. Dissertação (Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://fauufpa.files.wordpress.com/2012/03/eulersantosarruda.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2022.

AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de. **A liberdade cristã em Calvino: uma resposta ao mundo contemporâneo**. 2v., 2007. Tese (Doutorado em Teologia) – Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp039446.PDF>. Acesso em: 21 mar. 2019.

BARBOSA, Pedro Henrique Batista. As Tarifas Alves Branco: entre o protecionismo e a preocupação fiscal. **Em tempo de História**, Brasília, n. 24, p. 60-82, jan.-jul. 2014. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3158412>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BAHOKEN, Françoise. Sur la première carte des flux réalisée avec des flèches (Ravenstein, 1885). **Confins**, v. 17, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/8187#quotation>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BEKEDORF, Rafael G. **A influência do avivamento da Rua Azusa na fundação da Assembleia de Deus no Brasil**. Disponível em: https://www.academia.edu/8875448/A_INFLU%C3%80NCIA_DO_AVIVAMENTO_DA_RUA_AZUSA_NA_FUNDA%C3%87%C3%83O_DA_ASSEMBLEIA_DE_DEUS_NO_BRASIL. Acesso em: 25 mar. 2019.

BERG, Daniel. Dos campos da seara, Pará – Brasil (tradução de Luigi Bonaita). **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 42, p. 170, 1917.

BERG, Daniel et al. Pará – Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 28, p. 131, 1921.

BERG, David. **Daniel Berg: enviado por Deus**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1995. Disponível em: <https://doceru.com/doc/188sesx>. Acesso em: 8 out. 2019.

BONAITA, Luigi. A influência de Lewi Pethrus, do pingströrelse e da missão sueca na identidade das Assembleias de Deus no Brasil. **Webartigos**, Pindamonhangaba, 2012. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-de-lewi-pethrus-do-pingstrorelse-e-da-missao-sueca-na-identidade-das-assembleias-de-deus-no-brasil/152527>. Acesso em: 2 abr. 2018.

CADB – Convenção da Assembleia de Deus no Brasil. **História Centenária da Assembleia de Deus no Brasil**. Disponível em: <http://portalcadb.com/wp-content/uploads/2017/12/ebook-historia-da-assembleia-de-deus-cadb.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos** – uma história da Igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995. Disponível em: <https://doceru.com/doc/x551vxc>. Acesso em: 15 mar. 2019.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

CAMPOS JÚNIOR, Luis de Castro. **Pentecostalismo** – sentidos da palavra divina. São Paulo, SP: Ática, 1995.

CANO, Wilson. Da década de 1920 à de 1930: transição – rumo à crise e à industrialização no Brasil. **Revista Economia**, Brasília (DF), v. 13, n. 3b, p. 897-916, set./dez. 2012. Disponível em: https://anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp897_916.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

CARLSON, Anna. Do Pará – Em memória do irmão Viktor Jansson. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 3, p. 30-31, 1924.

CARLSON, Joël. Pernambuco, Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 52, p. 219, 1920.

CARVALHO, Osiel Lourenço de. Fundamentalismo protestante e pentecostalismo: distanciamento e proximidade. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, ano X, n. 18-19, p. 349-358, 2013.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1960. Disponível em: <https://doceru.com/doc/5vxc0x>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.

CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício do poder**. São Paulo: Fonte Editoria, 2013.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. *In*: **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

CROCE, Marcus Antônio. A economia do Brasil no século XIX. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, XI., 2015, Vitória (ES). **Anais [...]**. Vitória: [s.n.], 2015. Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/2015_marcus_antonio_croce_a-economia-do-brasil-no-seculo-xix.pdf. Acesso em: 6 jun. 2022.

CUNHA, George Henrique de Moura; D'AZEVEDO, Regina Maris Pinheiro. Evolução Econômica do Brasil no Século XIX. **Revista Múltipla**, Brasília, ano XVII, v. 27, n. 35, p. 23-47, dez. 2013. Disponível em: https://upis.br/biblioteca/pdf/revistas/revista_multipla/multipla35.pdf. Acesso em: 8 jun. 2022.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os censos demográficos como fonte de dados. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XX, n. 39, p. 29-50, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/QpD98phFrQNdyXN7TzpqTcP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

DANIEL, Silas. **Armianismo: a mecânica da salvação**. CPAD, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em

https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpe&ref_=cm_sw_r_kb_dp_PSGXyb2MC8RPW&asin=B079YSHDW4&tag=tpltrs-20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=3FEPTAED5G9FFQNYRC0X&reshareChannel=system. Acesso em: 20 set. 2022.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Gera as Assembleias de Deus no Brasil: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal Brasileiro**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira (CPAD), 2004.

DEJEAN, Frédéric. **Les dimensions spatiales des Eglises évangéliques et pentecôtistes dans une commune de banlieue parisienne (Saint-Denis) et dans deux arrondissements montréalais (Rosemont et Villeray)**. Tese (Doutorado em Estudos Urbanos e em Geografia) – Centre Urbanisation, Culture, Société, Institut National de la Recherche Scientifique, Université du Québec e Ecole doctorale Milieux, cultures et sociétés du passé et du présent – UMR LAVUE, Université Paris Ouest - Nanterre-La Défense, Nanterre et Montreal, 2011. Disponível em: <https://espace.inrs.ca/65/>. Acesso em: 4 nov. 2018.

DOWLEY, Tim. **Atlas vida nova – da Bíblia e da história do cristianismo**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1997.

DUARTE, Paulo Araújo. Conceituação de cartografia temática. **GEOSUL**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 133-138, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12774/11946>. Acesso em: 20 jul. 2022.

EBAD – Escola Bíblica da Assembleia de Deus. **Lembrança do centenário da Assembleia de Deus no Brasil em 18 de junho de 2011**. Pindamonhangaba, SP: [s.n.], 2011. Disponível em: <https://ebad-escolabiblica.blogspot.com/2011/10/centenario-da-assembleia-de-deus-no.html>. Acesso em: 2 jul. 2022.

EHRMAN, Bart D. **Quem escreveu a Bíblia?** Porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

ELIAS, Márcia. A teologia de Jacó Armínio - tempo de revisar. In **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 46, n.01, p. 122-133, Jan./jun. 2020.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Onde a luta se travar**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/1095/1/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930%20-%20INTRODU%C3%87%C3%83O.%20CAP.%20III.%20%20FAUSTO%2C%20Boris..pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FBN – Fundação Biblioteca Nacional. **BNDIGITAL – Madeira Mamoré, a ferrovia do Diabo**. Rio de Janeiro, 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/madeira-mamore-ferrovia-diabo#:~:text=jpg&text=A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20estrada%20fazia,num%20prazo%20de%20quatro%20anos>. Acesso em: 1º jul. 2022.

FIGUEREDO, Luiz Orencio e ZANELATTO, João Henrique. Trajetória de migrações no Brasil. In **Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences**. Maringá, v. 39, n. 1, p. 77-90, Jan.-Apr., 2017. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/31426>> Acesso em 01.08.2022.

FRAIHA NETO, Habib. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Memória da vitoriosa campanha de profilaxia da febre amarela dirigida pelo sábio higienista em Belém em 1910 e 1911. Ananindeua, PA: Instituto Evandro Chagas, 2012.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. Agostinho Pereira, o Divino Mestre: um estudo de caso na perspectiva micro histórica. **Unicap**, 2017, p. 230-242. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/coloquiodehistoria/colhistoria2017/paper/viewPDFInterstitial/676/208>. Acesso em: 28 jul. 2022.

GENDREAU-ZUBRZYCKI, Nadrée. Réflexions sur la géographie historique. **Cahiers de géographie du Québec**, Québec, n. 18, n. 44, p. 353-356, 1974. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/cgq/1900-v1-n1-cgq2618/021200ar.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpx, 2008.

GILBERTO, Antonio. Os avivamentos através da história. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, CPAD, setembro de 2007. Disponível em: <https://pentecostalismo.wordpress.com/2007/12/19/os-avivamentos-atraves-da-historia/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GLABER, Louise. Lei Eusébio de Queirós. In: **MAPA: Memória da Administração Pública Brasileira**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/288-lei-euzebio-de-queiroz>. Acesso em: 12 jun. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa – Tipos Fundamentais. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio-jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfvVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2020.

GOMES, Marília Miranda Forte; CATALÃO, Igor de França. Migração, religião e a dinâmica urbana: um enfoque sobre o Pentecostalismo no Distrito Federal. **ResearchGate**, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Igor-Catalao/publication/228432779_Migracao_Religiao_ea_Dinamica_Urbana_um_enfoque_sobre_o_Pentecostalismo_no_Distrito_Federal/links/546ca4900cf2a80cf2e0e8ca/Migracao-Religiao-ea-Dinamica-Urbana-um-enfoque-sobre-o-Pentecostalismo-no-Distrito-Federal.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

GUIMARÃES, Leandro da Silva. O modelo de urbanização brasileiro: notas gerais. **GeoTextos**, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/14084>. Acesso em: 5 maio 2022.

GRATALOUP, Christian. Après l'empire le beau temps. **Espaces Temps**, v. 30, p. 40-66, 1985. Disponível em: www.persee.fr/doc/espat_0339-3267_1985_num_30_1_3269. Acesso em: 16 ago. 2017.

HANKO, Herman C. Reavivamento da Rua Azusa e Pentecostalismo. Trad. de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: https://cprc.co.uk/languages/portuguese_azusastreet/. Acesso em: 20 set. 2022.

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da igreja cristã**. São Paulo: Editora Vida, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Biblioteca**. Catálogo. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=42413&view=detalhes>. Acesso em: 1º jul. 2022.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. História – Encilhamento: crise financeira e República. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília/Rio de Janeiro, ano 8, edição 65, 5 de maio de 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2490:catid=28. Acesso em: 12 jun. 2022.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/publico/TESE_FRANCIANE_GAMA_LACERDA.pdf. Acesso em: 5 jan. 2022.

LIMA, Daniel Barros de. **Primórdios da doutrina pentecostal na imprensa: representações de fé e de práticas nos jornais da Assembleia de Deus (1919-1933)**. 2020. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo-RS, 2020.

LOPES, Augustus Nicodemus. Os Precursores do Moderno Movimento de Restauração Apostólica. **Fides Reformata**, v. XIX, n. Nº1, p. (2014):35-47, 2014. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_35/artigos/250.pdf. Acesso em: 24 mar. 2019.

MACIEL, Moisés Brasil. **Protestantismo brasileiro: a árvore, a teologia e o mosaico**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6989/2/DIS_MOISES_BRASIL_MACIEL_COMPLETO.pdf. Acesso em: 23 abr. 2019.

MARTINELLI, Marcelo. Cartografia dinâmica: tempo e espaço nos mapas. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 18, p. 53-66, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73972/77631>. Acesso em: 2 abr. 2019.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas de geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

MATOS, Alderi Souza de. A tua palavra é a verdade: a saga dos Irmãos Morávios. **Revista Ultimato**, Viçosa (MG), mar.-abr. 2004. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/287/a-tua-palavra-e-a-verdade-a-saga-dos-irmaos-moravios>. Acesso em: 21 mar. 2019.

MATOS, Alderi Souza de. Edward Irving: precursor do movimento carismático na igreja reformada. **Fides Reformata**, v. 1/2, 1996. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1_Edward_Irving_Precursor_do_Movimento_Carism%C3%A1tico_na_Igreja_Reformada_Alderisouza_Matos.pdf. Acesso em: 24 mar. 2019.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata XI**, n. 2, p. 23-50, 2006. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/100-movimento-pentecostal_alderi.pdf. Acesso em: 28 fev. 2019.

MATOS, Alderi Souza de. Zelo sem entendimento: os problemas do entusiasmo religioso na história do cristianismo. **Revista Ultimato**, Viçosa (MG), nov.-dez. 2003. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/285/zelo-sem-entendimento-os-problemas-do-entusiasmo-religioso-na-historia-do-cristianismo>. Acesso em: 21 fev. 2019.

MATOS, Ralfó. Migração e urbanização no Brasil. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 7-23, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13326/10558>. Acesso em: 10 out. 2021.

MENDIZÁBAL, Enric. ¿Hay alguna geografía humana que no sea geografía histórica? **Revista de Geografía Norte Grande**, [S.l.], v. 54, p. 31-49, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/rgeong/n54/art03.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. República e pluralidade religiosa no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 59, p. 144-163, set./nov. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13282/15100/16255>. Acesso em: 10 out. 2021.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set./nov. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455/15273>. Acesso em: 14 mar. 2019.

MENEZES, Maria Aparecida de. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana (orgs.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-40. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/migracoes2_ebook.pdf. Acesso em: 9 jun. 2021.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira. **Revista Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, p. 122-163, jul./dez. 2010. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2116/2354>. Acesso em: 3 abr. 2019.

MORENO FILHO, Alcir Pinto. **Os antecedentes históricos do movimento pentecostal do século XX e sua ênfase experimentalista contrária ao princípio reformado “Sola Scriptura”**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/36034121/Os_Antecedentes_Hist%C3%B3ricos_do_Movimento_Pentecostal_do_S%C3%A9culo_XX_e_Sua_%C3%8Anfase_Experimentalista_Contr%C3%A1ria_ao_Princ%C3%ADpio_Reformado_Sola_Scriptura. Acesso em: 20 mar. 2019.

NELSON, Samuel. **Samuel Nyström** – Pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

NOGUEIRA, Ruth E. **Cartografia**: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

NYSTRÖM, Samuel e BERG, Daniel. Maravilhoso despertar no Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 50, p. 202-203, 1917.

NYSTRÖM, Samuel. Mensagem de vitória do Pará – dez anos depois. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 31, p. 142, 1921.

OLIVEIRA, Ivanilton José de; ROMÃO, Patrícia de Araújo. **Linguagem dos mapas**: cartografia ao alcance de todos. Goiânia: Editora UFG, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/19766?mode=full>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal** – dos Atos dos Apóstolos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Revolução de 1930. **Verbetes** – FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolucao-de-1930-3>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ONGMAN, Paul. A revolução no Brasil e os nossos missionários. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 1, p. 18, 1931.

ONYINAH, Opoku. The Movement of the Spirit Around the World in Pentecostalism. **Transformation**, v. 30, n. 4, p. 273-286, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0265378813503234>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PALHARES, Ricardo Henrique. A mudança no cenário religioso brasileiro: o rearranjo espacial do movimento pentecostal. **Revista Verde Grande – Geografia e Interdisciplinariedade**, Montes Claros, Unimontes, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/742/734>. Acesso em: 28 set. 2021.

PEREIRA, Clevisson J. **Geografia da Religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

PETHRUS, Lewi. Prestação de conta das ofertas para a missão livre no Brasil, entradas durante o mês de julho desse ano. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Hårold**, Stockholm, n. 36, p. 147-148, 1917.

PETHRUS, Lewi. **Lewi Pethrus: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo**. Tradução de Samuel Nelson e Tommy Nelson. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

PFEIFER, Charles F. et al. Dorcas e Tabita. *In: Dicionário bíblico Wycliff*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 584 e 1876.

PIRES, Hindenburgo Francisco. Reflexões sobre a contribuição da geografia histórica e da Geohistória na renovação dos pensamentos geográfico e Histórico no século XX. *In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO*, I., 2008. **Anais [...]**. [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: http://www.cibergeo.org/artigos/ICBHG_2008_hindenburgo.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, v. II, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?oi=bibs&cluster=9997103186280196234&btnI=1&hl=pt-BR>. Acesso em: 28 jul. 2022.

RABUSKE, Irineu José. A igreja em suas origens: revisitando os Atos dos Apóstolos. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/teo/article/viewFile/11290/7699>. Acesso em: 20 mar. 2019.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. **Revistas USP**, Cadernos de Campo, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/49988/54120/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

RODRIGUES, Donizete. O antropólogo e o sagrado: trajetos etnográficos em contextos religiosos diferenciados. *In: SILVEIRA, Emerson Sena da. Como pesquisar religião: trajetórias, escolhas, estratégias e metodologias*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. (no prelo).

RODRIGUES, Donizete. **O que é religião?** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

RODRIGUES, Glauco Bruce. Geografia Histórica – notas sobre a metodologia. **Terra Brasilis** (Nova Série), v. 12, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/4578>. Acesso em: 22 fev. 2021.

RODRIGUES, Donizete; GUERREIRO, Tânia. O pentecostalismo na Serra da Estrela – conversão, batismo, e identidade religiosa na Assembleia de Deus da Covilhã (Portugal).

Observatório da religião, v. 2, n. 2, p. 108-129, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/Religiao/article/view/831>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

SCHAEFER, Fred K. O excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 13, p. 5-37, 1977.

SILVA, Ardemírio de Barros. **Sistemas de Informações Geo-Referenciadas: conceitos e fundamentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Ionaldo Pereira da. **Cro, noj e Kairo, j na du, namij do Espírito Santo, a partir da leitura de Atos 1,6-8**. 2007. 175 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Bíblica) – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039394.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SILVA, Marcelo Werner da. A construção de uma geografia histórica brasileira. **Terra Brasilis** (Nova Série), v. 12, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabilis/4598>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SILVA, Thiago Torres Medeiros da. Fundo da Casa de Detenção do Rio de Janeiro: pensando algumas possibilidades historiográficas. **Revista Ars Histórica**, n. 9, p. 196-216, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/45410>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SILVA JUNIOR, Dias da. A crise da lavoura. **Jornal do Agricultor**, ano IX, tomo XVIII, n. 470, p. 409-416, 30 de junho de 1888. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/709778/per709778_1888_00470.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUCHAUD, Sylvain; FUSCO, Wilson. População e ocupação do espaço: o papel das migrações no Brasil. **REDES: Revista Hispanaparael Análisis de Redes Sociales**, v. 17, n. 2, p. 5-17, 2012.

STAEVIE, Pedro Marcelo. Imigração estrangeira, economia e mercado de trabalho na Amazônia brasileira entre o final do século XIX e início do século XX. **Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 26, n. 1 [35], p. 153-172, jan./jun. 2018.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/download/8649751/17711/37024>. Acesso em: 8 jul. 2022.

STRANDBERG, Frida. Do Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 36, p. 145, 1917.

SVENSSON, Rosalie. Maceió, Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 50, p. 842-843, 1930.

SUZUKI, Júlio César; COSTA, Everaldo B. da. Aglomerações urbanas brasileiras dos séculos XIX e XX: significados na produção do território. *In: Anais do XII Colóquio Internacional*

de Geocrítica-Independencias y construcción de estados nacionales: poder, territorialización y socialización, siglos XIX-XX. Bogotá: [s.n.], 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/07-J-Suzuki.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

TALLBACKA, Edv. Missionários livres ao Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 47, p. 188-189, 1920.

TRINDADE, José Raimundo Barreto; OLIVEIRA, Wealey Pereira de. Borracha, nordestino e floresta: a economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos. **Cadernos CEPEC**, v. 1, n. 1-6, 2012. Disponível em: <http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/cepec/article/view/6773>. Acesso em: 10 maio. 2022.

TROCHET, Jean-René; BOULANGER, Philippe. Qu'est-ce que la géographie historique? **Le site de la Revue de Géographie Historique**. Disponível em: <http://rgh.univ-lorraine.fr/aboutinfos/about>. Acesso em: 16 ago. 2017.

ULTIMATO. Avivamento - o que é? **Revista Ultimato**, nov.-dez. 2003. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/285/avivamento-o-que-e>. Acesso em: 24 mar. 2019.

UNICAMP. Contexto histórico. In: **Literatura Infantil** (1880-1910). Campinas, SP: [s.n.], 2001. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/conthist.htm>. Acesso em: 10 out. 2021.

VALLA, Victor Vicent. Os Estados Unidos e sua influência estrangeira na economia brasileira: um período de transição (1904-1928). **Revista de História**, [s.l.], v. 42, n. 85, p. 147-174, 1970. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1971.129586. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129586>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo de Migração: terceira entrada do Pentecostalismo no Brasil**. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1905/1/Samuel%20Pereira%20Valerio.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2019.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Uma nova origem do Pentecostalismo**. A trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912. São Paulo: Ed. Recriar, 2020.

VINGREN, Frida. Carta do Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 13, p. 51, 1919.

VINGREN, Frida. Cultos de rua no Rio de Janeiro. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 15, p. 270, 1931.

VINGREN, Frida. Da missão no exterior. Carta do Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 11, p. 166, 1928.

VINGREN, Frida. Da missão no exterior. Carta do Rio de Janeiro. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 49, p. 775-776, 1928.

VINGREN, Frida. Da missão no exterior. Carta do Rio de Janeiro. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 20, p. 310, 1929.

VINGREN, Frida. Frida Vingren – uma saudação aos amigos da missão. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 46, p. 774, 1932.

VINGREN, Frida. Mensagem de vitória do Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 48, p. 572, 1923.

VINGREN, Frida. Pará, Brasilien (tradução de Luigi Bonaita). **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 14, p. 53b, 1920.

VINGREN, Frida. Ocasões perdidas dificilmente voltam. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 32, p. 505-506, 1929.

VINGREN, Frida. Rio de Janeiro. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 2 - Brasilien, p. 25-26, 1931.

VINGREN, Frida; VINGREN, Gunnar. Aos amigos da missão. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 45, p. 577-578, 1927.

VINGREN, Frida; VINGREN, Gunnar. Em terras estrangeiras, Pará – Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 24, p. 285, 1923.

VINGREN, Gunnar. A missão na América do Sul – carta de Gunnar Vingren. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 32, p. 398, 1925.

VINGREN, Gunnar. Da missão no exterior – Algumas informações do Rio de Janeiro. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 39, p. 615-617, 1929.

VINGREN, Gunnar. Da missão no exterior – carta do missionário Vingren. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 33, p. 520-521, 1928.

VINGREN, Gunnar. Da missão no exterior – Carta do missionário Vingren. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 30, p. 472, 1929.

VINGREN, Gunnar. Da missão no exterior – impressões de viagem. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 26, p. 408-410, 1928.

VINGREN, Gunnar. Pará, Brazil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 48 – Brasilien, p. 195, 1917.

VINGREN, Gunnar. Pará, Brazil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 18, p. 67-68, 1920.

VINGREN, Gunnar. Missão de resgate no Brasil. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Härold**, Stockholm, n. 43, p. 195, 1921.

VINGREN, Gunnar. Da missão no exterior – Ventos refrescantes no Brasil Central. Tradução de Luigi Bonaita. **Evangelii Hårold**, Stockholm, n. 11, p. 165-166, 1929.

VINGREN, Ivar. **Diário de um pioneiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. Disponível em: <https://doceru.com.br/doc/ncn1se>. Acesso em: 3 jun. 2022.

WESTIN, Ricardo. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. **Questão Agrária**, edição 71, 14 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios#:~:text=Em%2018%20de%20setembro%20de,e%20n%C3%A3o%20em%20pequenas%20propriedades>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004. Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/o_processo_migratorio_no_brasil.pdf. Acesso em: 8 jun. 2021.

ANEXOS

Anexo A – Relato do Pastor Paulo Leivas Macalão

Por ocasião da comemoração do cinquentenário do movimento pentecostal no Brasil, em 1961, Paulo Leivas Macalão – que foi pastor de uma das maiores igrejas no Brasil – escreveu um relato sobre o início da obra pentecostal no Rio de Janeiro, mostrando detalhes históricos de grande valor. O trabalho foi publicado na revista *O Semeador* do mês de maio de 1961. Eis o texto:

“Ao findar o ano de 1923 eu andava em plena busca da verdade. Foi quando achei um folheto da Igreja de Deus, conhecida como Igreja do Orfanato. Indo à sua sede, na Rua São Luís Gonzaga, 12, entrei em contato com seus membros e com alguns crentes da Assembléia de Deus que tinham vindos do Norte e freqüentavam essa igreja. Após o culto aos domingos de manhã, alguns crentes atravessavam o Campo de São Cristóvão falando de Jesus, e vinham até a Rua Senador Alencar, 17, residência do irmão Eduardo de Souza Brito, onde às vezes reuniam-se novamente para louvar o nome do Senhor.

Mais tarde chegou do Norte o irmão Heráclito Menezes, que estabeleceu à tarde, na casa do irmão Brito uma Escola Dominical, e oração nos sábados, à noite. A reunião de oração começava às 19 horas, com cânticos do ‘Salmos e Hinos’. Lia-se uma pequena passagem e se orava até as 23 horas, de joelhos. Numa dessas reuniões foi batizada com o Espírito Santo a irmã Antonieta de Miranda, causando entre as pessoas reunidas grande sensação e espanto! Ela foi a primeira crente no Rio de Janeiro a receber essa bênção.

Em janeiro de 1924, vários irmãos já haviam recebido o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais. No princípio, as irmãs mais usadas com o dom de profecia foram Maria Miranda e Amélia Monteiro. No dom de interpretação de línguas foram usados José Vicente e Etelvina do Nascimento.

No dia 30 de abril de 1924, estando os crentes reunidos na casa da irmã Florinda Brito, na Rua Senador Alencar, 17, depois de uma oração fervorosa, Deus falou: ‘Digno é o trabalhador do seu salário’. Resolveram então organizar a primeira Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, e assim, de comum acordo, e após a recusa de dois irmãos para o pastorado da igreja, Adriano Nobre, ausente, e João Nascimento, presente, elegeram Heráclito Menezes como pastor interino, João Nascimento, como diácono, e a mim, como secretário.

O irmão Heráclito, tomando a frente do trabalho, aumentou as suas atividades, abrindo dois novos pontos: na Rua Senador Euzébio, na quitanda da irmã Rosa Rodriguez, e na Rua 25 de Março, 12, casa da irmã Amélia Monteiro.

Também realizávamos cultos pelas casas de cômodos, à noite, iluminadas às vezes com lâmpadas de querosene, e visitávamos muitos novos convertidos, pois a maioria não queria ser batizada por imersão. Resolvemos alugar um salão na Rua Escobar, 57, para estabelecer a sede da igreja.

Soubemos que o missionário Gunnar Vingren havia embarcado para o Rio de Janeiro e estava prestes a chegar. Quando, alguns dias depois, ele chegou, desembarcando na Praça 15 de Novembro, nós o estávamos esperando.

O irmão Vingren, com toda a sua família, foi hospedar-se na casa do irmão Brito, onde ficaram até se mudarem para a Rua Tuiuti. O irmão Vingren, sabendo que os crentes vacilavam sobre a doutrina da segunda vinda de Jesus, reuniu-se numa sala da casa da irmã Florinda e, depois de ler muitas passagens provando a volta de Jesus para buscar a sua Igreja, perguntou: “Devemos crer no homem ou na Palavra de Deus?” Nós respondemos: “Na Palavra de Deus”, e assim alguns se firmaram mais na verdade.

Falamos ao irmão Vingren sobre a casa em vista na Rua Escobar, 57, a qual foi alugada, abrindo-se ao público o primeiro salão da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro.

O diácono João Nascimento ficou morando nos fundos. O salãozinho comportava umas 50 pessoas. O púlpito era uma mesinha, as cadeiras muito simples. Mas ali Deus continuou a sua obra. Nesse salão eu dei o meu primeiro testemunho.

Segundo as atas da Igreja do Rio, o missionário Gunnar Vingren, no dia 22 de junho de 1924, fundou essa igreja, e, no domingo seguinte, dia 29, realizou o primeiro batismo na praia do Caju. Foi manhã de sol e céu de um azul esplêndido. Foram imersas as seguintes pessoas: Maria Miranda, Antonieta de Faria Miranda, Rosa Rodriguez, Rosália Monteiro, Florinda Brito, Margarida Eugênia, Cristina Campos, Julieta Campos, Virgínia Nascimento e Paulo Leivas Macalão. Fui um dos primeiros a chegar à praia, mas deixei a irmã Rosa ser batizada na minha frente. Fui o segundo crente batizado nas águas.

Os batismos eram efetuados depois da Escola Dominical. Tomávamos o bonde Caju, no qual íamos e voltávamos cantando hinos.

Depois chegaram ao Rio de Janeiro Clímaco Bueno Aza e o missionário Samuel Nyström, que, juntamente com o irmão Vingren, resolveram alugar um salão maior, na Rua Figueira de Melo, 363. O irmão Vingren comprou um balde, vassouras e outros objetos de limpeza, mas vendo que ninguém queria levar esses objetos para o salão, ele mesmo os apanhou e lá se foi com o balde. A limpeza acabou tarde. Quando voltamos, resolvemos passar pelo local onde o culto estava sendo realizado. Havia um alvoroço na Rua Escobar. O que teria acontecido? Soubemos então que, enquanto o missionário Samuel Nyström orava, Jesus

batizara a irmã Zélia Brito com o Espírito Santo. O irmão Clímaco morava nos fundos. Alguns irmãos começaram a clamar no salão. O vizinho, como de costume, dera uns tiros de revólver e jogara as cápsulas para o pátio. A irmã Júlia dizia: ‘Não façam tanto barulho! Jesus não batiza mais ninguém, foi só a irmã Zélia’.

O salão da Rua Figueira de Melo foi inaugurado. Comportava cerca de 400 pessoas. Nos cultos, a irmã Frida tocava órgão, e eu, violino. Às vezes, o irmão Vingren e a irmã Frida cantavam hinos e tocavam violão. Depois, o irmão Varjão organizou o coro.

‘Realizei o primeiro culto ao ar livre no Campo de Santana. Nenhuma alma se converteu. A irmã Frida tomou a frente dos cultos ao ar livre. Faziam-se cultos na Praça da Bandeira, Estação Central, Praça 11 e Largo da Lapa. Dessa forma muitas pessoas ouviram a Palavra de Deus. Abrimos trabalho também na Casa de Correção. O irmão Palatino dos Santos, tornando-se membro da igreja, franqueou a sua casa para as célebres vigílias que se prolongavam até o nascer do sol. Muitos receberam a promessa nessas vigílias.

O irmão Palatino foi o primeiro diácono da Igreja do Rio. Com a vinda do irmão Silvério Campos, a doutrina pentecostal foi levada para o interior do estado do Rio e alguns pastores da Igreja Cristã aceitaram a verdade completa, como Manoel dos Santos, Manoel Leite, Belarmino Pedro Ramos e outros das Igrejas de Terra Fria e São Joaquim. Também se uniram a nós Adão Reis, Irineu Reis e as Igrejas em Encantos, Chacrinha, Avelar e outros lugares. O pastor Clímaco muito trabalhou no interior. Ele também iniciou depois o trabalho em Belo Horizonte, Minas Gerais. O trabalho de Belford Roxo foi iniciado pelos irmãos Varjão, Silvestre e outros.

Comecei também a levar a Palavra aos subúrbios da Central. Primeiro em Realengo e, depois, em Bangu, Campo Grande e Santa Cruz. De Bangu o trabalho se estendeu até Macaé, Estado do Rio, e, a conselho meu, o irmão Vingren mandou para essa povoação o irmão Archias de Oliveira. Várias outras igrejas se uniram à Assembleia naquelas zonas, como as de Parati, Seno, Trindade, Ilha Grande, Mambucaba, etc. Mais tarde o irmão Balbino da Silva mudou-se de Realengo para Madureira. Então, com os irmãos de Realengo, abri trabalho nessa localidade. O irmão João Evangelista e esposa sentiram a direção do Espírito Santo e, pela fé, seguiram para Rio Bonito, abrindo trabalho nessa cidade e em outras” (VINGREN, 2000, p. 137-143).

Anexo B – Carta do Missionário Gunnar Vingren (1929)

EH_1929/39 s. 615-617: Da missão no exterior

Algumas informações do Rio de Janeiro

Quando eu estava no culto de rua, na segunda-feira passada, me veio um desejo de escrever algo para casa, aos nossos amigos que, com seu coração, estão conosco aqui e por cujas orações e recursos somos apoiados.

No próximo janeiro, vai fazer sete anos desde que viemos para esse país pela última vez e, apesar de nos termos sentido muitas vezes cansados, queremos, todavia, reunir nossas forças aqui para ficar mais um tempo, até quando o Senhor nos der a graça. Parece, porém, que os missionários são esquecidos quando faz muito tempo que estão fora da pátria. Sim, esta carta trata dessas particularidades. Não estou dizendo isso para reclamar, mas se o Senhor colocar no nosso coração de vos enviar uma saudação, então queremos louvar ao Senhor por isso.

Apesar de toda a oposição, temos visto como o Senhor leva maravilhosamente adiante a sua obra nessa cidade. Aqui, não são as forças humanas que podem ajudar, mas somente o poder do Espírito Santo. Sim, o poder pentecostal ainda é o mesmo. Referentemente à atividade, as coisas vão magnificamente. Todas as orações que foram elevadas começaram a ser respondidas agora. Por um período de três anos, temos tido cultos de oração nas noites de segunda e quarta-feira especificamente para um avivamento nessa cidade. Durante um desses cultos, uma irmã teve uma visão. Ela viu um pequeno cesto, amarrado com uma corda, que era lentamente puxado para cima. Mais ele subia, mais ele crescia de tamanho. Por último, ela viu que o cesto cresceu enormemente e parecia tombar e esvaziar-se. Agora, parece que o cesto da bênção é derramado sobre nós, porque nos últimos dois meses temos orado por uma centena de almas. O local de culto ficou totalmente pequeno; às vezes tem umas cinquenta pessoas fora na rua. O Senhor nos tem tocado para celebrarmos cultos ao ar livre nos setores mais nobres da cidade. Numa esplanada diante da grande estação ferroviária nos reunimos nas noites de segunda-feira. Centenas de pessoas escutam assim o Evangelho. Na noite da segunda-feira passada, oramos por sete pessoas que desejavam seguir a Jesus. Dali, costumamos ir para um grande e aberto parque para termos um culto. Nas noites de domingo, temos culto ao ar livre em outro lugar importante, onde muitas linhas do bonde se encontram, e que é muito frequentado pelas pessoas. Aqui também muitas pessoas têm dado a saber que queriam ser salvas. Não são todas as pessoas que se entregaram a Deus nos cultos de rua permaneceram, mas algumas, sim. No domingo passado, celebramos uma magnífica cerimônia de batismo no oceano Atlântico, com 32 crentes batizados. Às terças e quintas-feiras, temos cultos públicos

no nosso local e, durante o decurso da semana, o mesmo nas congregações. Aos domingos, temos três cultos de rua, fora a escola dominical e o culto vespertino no nosso local. Falo tudo isso porque alguém pode estar interessado em que estamos fazendo.

Louvado seja Deus, por ainda termos a liberdade de pregarmos o Evangelho de Jesus Cristo nas ruas e praças para milhares de pessoas! Jesus vai voltar muito em breve. Isso pode ser sentido no ar, sim, é percebido claramente e significativamente no espírito que está faltando pouco, o Rei está voltando. Possa o Senhor em sua graça nos fortalecer, para que não venhamos a cansar ou desistir. Satanás está furioso. Experimentamos isso, às vezes, durante os cultos de rua, quando pessoas ruins e possuídas pelos espíritos querem nos perturbar. Mas Jesus nos dá vitória. Pedimos oração para o evangelista de dezessete anos Sylvio Brito, ao qual o Senhor tem dado uma maravilhosa graça para testemunhar nos cultos de rua e que, com grande ousadia, convida os pecadores para Jesus. Quando começamos aqui no Rio, ele era um garotinho, que brincava com pipas de papel. Filho de genitores crentes, ele foi logo salvo e batizado no Espírito Santo e, jovem como é, tem o dom de ser um bom evangelista.

Temos apenas terminado uma semana de estudo bíblico, que minha esposa e eu dirigimos, conforme a Graça que o Senhor nos tem dado. Um casal de evangelistas, marido e mulher, foram separados, e também outro irmão. Os primeiros tinham assumido a atividade num novo lugar e, com um ano de tempo, uma igreja com duzentos membros surgiu no lugar. Ambos trabalham. Cada um deles tem um cavalo e, às vezes, arroteiam até montanhas para testemunhar do Senhor. A esposa foi a primeira mulher brasileira separada para o Evangelho. Não podemos lembrar uma maravilhosa Ceia, como aquela em que aconteceu a separação desses obreiros. Foi uma maravilhosa decisão do Espírito. O poder de Deus caiu, alguns riam, outro choravam, outros ainda caíram debaixo do poder de Deus. Sim, nunca vimos algo parecido no Rio de Janeiro.

É bom, quando o Espírito Santo pode agir como Ele quiser. Alguns creem que o Espírito Santo vai se conformar com a tradição de seus pais, mas é errado. Podemos louvar ao Senhor por uma maravilhosa união e uma boa comunhão entre todos os obreiros, pastores e evangelistas. Sim, foi uma maravilhosa semana de estudo bíblico, durante a qual falamos da igreja de Deus e dos dons do espírito, da vida de Cristo e dos sinais que marcam um servo de Jesus Cristo, da oração e de algo sobre a vinda do Senhor.

Referentemente ao trabalho no estado do Paraná, onde o irmão Bruno Skolimowsky trabalha, o Senhor tem abençoado e nosso irmão agora tem uma pequena congregação. Ele tem cultos em alemão, polonês e português. Orai por ele!

Em Belo Horizonte, que é a capital do grande e populoso estado de Minas Gerais, o irmão Clímaco Bueno Aya trabalha com um bom sucesso. Fotografias do local de culto da cidade já têm sido incluídas no *Evangelii Härold*. O irmão Clímaco é um bom evangelista, enérgico, ativo e cheio de exortação. A igreja em Skövde e o irmão Oskar Larson têm sido os mantenedores de Deus para o sustento desse irmão e de sua atividade. O Senhor os recompensará por todas suas ofertas. “Vosso trabalho não é vão no Senhor”, pois que eu sei que esses irmãos e irmãs em Skövde têm se esforçado até o último para esse irmão. Então quero aqui recomendar esse trabalho, para que alguns dos dispenseiros do Senhor sejam tocados no coração para ajudar com o sustento para esse irmão e o importante campo de trabalho que ele tem. A ajuda pode ser enviada a Oskar Larson, Lote 40, Skövde.

Com a capital Belo Horizonte, Minas Gerais tem 6.000.000 de habitantes. Nosso irmão é o único obreiro, além de um colportor dos batistas, que trabalha aqui no norte de Minas e é batizado no Espírito e testemunha algo junto, ele deixou o seu lugar remunerado de colportor batista, mas nós o temos ajudado com um cavalo, 250 mil-réis.

Temos o irmão Bruno, no Paraná. Ele tem uma grande família. O trabalho é novo, todavia existe agora uma igreja, e nosso irmão tem cultos em alemão, polonês e português. Nós aqui no Rio não podemos ajudá-lo muito agora, porque o aluguel de nosso local de culto aumentou para 425 coroas por mês. Ele recebe uma ajuda de Skärsätra e Hälsingborg, mas não é suficiente. Os recursos podem ser enviados através da igreja Filadélfia de Estocolmo.

Um cartão da escola bíblica acompanha.

Vosso por Jesus e pelo Brasil

Endereço: Caixa 3053, Rio de Janeiro, Brasil.

Tradução: Luigi Bonaita/2019